

New York Times
Bestselling
Author

JENNIFER ESTEP

"An amazingly addictive
new series."
—*Fresh Fiction*



DARK FROST

A Mythos Academy Novel





DARK
FROS†

JENNIFER ESTEP

DARK FROS†

Mythos Academy

LIVRO 03

EU VI TANTAS COISAS ESQUISITAS desde quando eu comecei a frequentar a Mythos Academy no outono passado. Eu sei que eu deveria ser uma guerreira corajosa, mas na maior parte do tempo, eu me sinto como se estivesse esperando a próxima Coisa Muito Ruim acontecer. Como alguém tentar me matar – novamente. Todos na Mythos Academy me conhecem como Gwen Frost, a garota Cigana que usa sua magia psicométrica para encontrar objetos perdidos – e quem pode estar namorando Logan Quinn, o cara mais quente na escola. Mas eu também sou a garota que os Ceifadores do Caos querem matar nos piores dias. Os Ceifadores são os piores vilões, as pessoas que assassinaram minha mãe. Então o que eles querem de mim? Acontece que minha mãe escondeu um poderoso artefato chamado Adaga Helheim antes dela morrer. Agora, os Ceifadores farão qualquer coisa para consegui-lo de volta. Eles acham que eu sei onde a adaga está escondida, mas essa é uma coisa na qual eu não posso usar minha magia para encontrar. Tudo o que eu sei é que os Ceifadores estão vindo para mim – e eu estou entrando na luta da minha vida.



Biblioteca de Antiguidades

1 Galeria de Apoio

2 Balcao de registro

3 Caixas de Arquivos

4 Carrinho de Caf da Paven

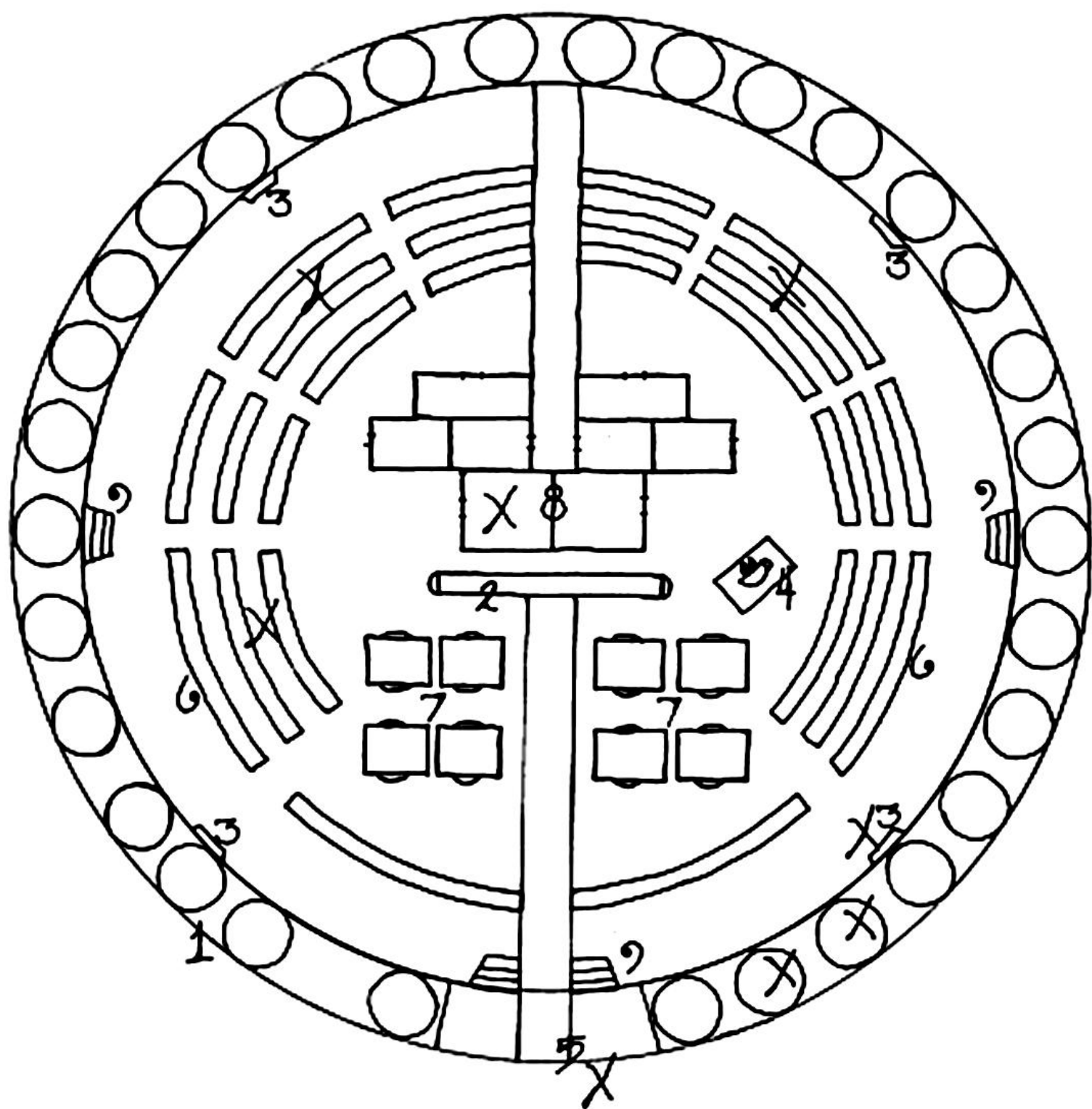
5 Entrada

6 Estantes de Livros

7 Area de Estudo

8 Escritorios

9 Escada



Papyrus

“Qui sait beaucoup ne craint rien.”

“Do muito saber vem o nada a temer.”



I

— OARA, SE VOCÊS NÃO PARAREM DE SE PEGAR, EU VOU VOMITAR.
Daphne Cruz riu e colocou outro alto beijo estalado no seu namorado, Carson Callahan. As faíscas de magia rosa choque Princesa dispararam das pontas dos dedos da minha melhor amiga e piscaram no ar entorno deles, o minúsculo arco-íris colorido quase tão brilhante quanto às bochechas em chamas de Carson.

Eu rolei meus olhos. — Seriamente, seriamente vomitar.

Daphne parou de beijar Carson o suficiente para se virar e me encarar.
— Oh, supere isso, Gwen. Nós não estamos nos pegando. Não nesse abafado museu velho.

Eu ergui uma sobrancelha. — Mesmo? Então por que Carson está usando mais do seu brilho labial do que você?

O rubor de Carson se aprofundou, sua pele morena assumindo um ardente tom de tomate. O nerd membro da banda empurrou os seus óculos pretos acima do seu nariz e enxugou uma mão sobre sua boca, tentando limpar os remanescentes do brilho labial, mas tudo o que ele de fato fez foi colocar glitter rosa por todos os seus dedos. Daphne riu, depois pressionou outro beijo nos lábios do nerd membro da banda.

Eu suspirei. — Tá bom, tá bom. Parem com isso, pombinhos. O museu fecha as cinco, e nós não vimos metade dos artefatos que deveríamos ver para a aula de história-mítica.

— Tudo bem, — Daphne fez beicinho, se afastando de Carson. — Seja uma desmancha prazeres.

Eu rolei meus olhos novamente. — É, bem, essa *desmancha prazeres* acontece que está preocupada sobre suas notas. Então, vamos à próxima sala. Devem ter algumas armas realmente legais lá dentro, de acordo com o panfleto de exibição.

Daphne cruzou seus braços sobre seu peito. Ela estreitou seus olhos pretos e olhou para mim interrompendo sua diversão, mas ela e Carson me seguiram enquanto eu atravessava o vão da porta e deixava a parte principal do museu para trás.

Eram poucos dias depois do Ano Novo, e nós três estávamos no Coliseu Crius, um museu localizado na periferia de Asheville, Carolina do Norte. Visitar um museu não era exatamente o topo da minha lista de coisas divertidas a se fazer, mas todos os alunos do segundo ano na Mythos Academy deveriam caminhar pesadamente até o coliseu algum dia durante o recesso do feriado de inverno para ver uma exposição especial de artefatos. Desde que as aulas voltariam a começar na academia pela manhã, hoje era nossa última chance de terminar nossa atribuição. Já era ruim o bastante que eu e todos os outros jovens guerreiros prodígios na Mythos estivéssemos treinando para lutar com Ceifadores do Caos. Mas dever de casa no feriado, também? Isso não era *nada* justo.

Daphne, Carson e eu chegamos aqui cerca de três horas, e nós

estivemos vagando pelo museu pelos últimos noventa minutos, indo de uma vitrine a outra. Do lado de fora, o Coliseu Crius parecia justo como outro prédio, justo como outro museu, um dos vários escondidos nas Montanhas Appalachian e por toda a cidade.

Do lado de dentro, entretanto, era uma estória diferente.

Atravessar a porta da frente do museu era como recuar no tempo para a Roma antiga. A sala principal tinha sido projetada para se assemelhar ao grande coliseu, e mármore branco se lançava até onde os olhos podiam ver, divididos em pilares de torres. Painéis de ouro, prata e bronze brilhavam aqui e ali nas paredes antes de se espalharem para cobrir todo o teto em deslumbrantes discos de cores. Safiras e rubis queimavam como carvão coloridos nos colares e anéis em exposição, enquanto que finas sedas e outras vestes brilhavam dentro das suas caixas de vidros, parecendo tão leves e delicadas quanto as teias de aranhas. Os funcionários do museu até mesmo vestiam togas longas, fluidas e brancas, acrescentando ao efeito.

Mas não era apenas a Roma antiga que estava à exposição. Cada sala tinha um tema específico e expunha uma cultura diferente, de Nórdica à Grega à Russa à Japonesa e todas as terras e pessoas no meio. Isso é o porquê do coliseu ser dedicado aos membros do Panteão. Deuses, deusas, guerreiros antigos, criaturas mitológicas – o Panteão era basicamente um grupo de caras com magias boas que uniram forças para salvar o mundo.

Voltando naquele dia, o malévolo trapaceiro deus Nórdico Loki tentou escravizar a todos e mergulhou o mundo em uma longa, sangrenta Guerra do Caos. Mas os membros do Panteão tinham se levantado para impedir Loki e seus perversos seguidores, os Ceifadores do Caos. Eventualmente, os outros deuses e deusas trancaram Loki em uma prisão mitológica, bem longe do domínio mortal. Agora, o coliseu mostrava os artefatos – joias, roupas, armaduras, armas, e mais – que ambos os lados usaram durante a Guerra do Caos.

Claro, o que a maioria das pessoas não percebia era que Loki estava *assustadoramente perto* assim de se libertar da sua prisão e começar outra

Guerra do Caos. Era algo sobre o qual eu pensava todo o tempo, porém – especialmente desde que eu de alguma forma deveria impedir o deus malévolo de escapar.

— Isso é legal, — Daphne disse.

Ela apontou para um arco curvo no interior de uma caixa de vidro. O arco era constituído de um único pedaço de ônix, incrustado com pedaços de arabescos dourados e amarrados com vários minúsculos fios de ouro. Uma aljava equivalente colocava-se perto do arco, embora apenas uma única flecha estivesse no interior do fino tubo.

Daphne se inclinou e leu a placa de bronze armada no pedestal abaixo da arma. — Aqui diz que o arco uma vez pertenceu à Sigyn, a deusa Nórdica da devoção, e que cada vez que você retirar uma flecha da aljava, outra aparecerá para substituí-la. Tudo bem, agora isso é *perversamente* legal.

— Eu gosto mais desse, — Carson disse, apontando para um curvo chifre de marfim que se assemelhava a uma pequena, tuba portátil. Pedacos de ônix brilhavam na lisa superfície. — Aqui diz que é o Chifre de Roland. Não estou certo do que seja, porém.

Eu pisquei. Eu estava tão perdida nos meus pensamentos sobre Loki, Ceifadores, e Panteão que eu só estive vagando por aí, ao invés de realmente olhar para os artefatos, como nós deveríamos fazer.

Nós estávamos em uma enorme circular sala cheia de armas. Espadas, varas, lanças, adagas, arcos, e estrelas de lançamento brilhando por de trás das caixas de vidro e em locais nas paredes, perto das pinturas a óleo de batalhas mitológicas. Toda a parede traseira era feita do mesmo mármore branco como o restante do museu, embora uma variedade de criaturas mitológicas tivesse sido esculpida na superfície. Grifos, gárgulas, dragões, quimeras, Górgones com cabelo de cobras e sorrisos cruéis.

Um antigo cavaleiro vestido com uma completa armadura de batalha estava empoleirado em um cavalo empalhado em um palanque no centro da sala. O cavaleiro tinha uma lança em suas mãos e pareceu que ele estava para atacar adiante e espetar a figura de cera do centurião Romano que

também estava no palanque, sua espada erguida para afastar o ataque do cavaleiro. Outras figuras estavam dispersas por toda a área, incluindo um Viking usando um elmo com chifres, que estava pronto para derrubar o seu machado de batalha em cima do circular escudo de bronze do Espartano em pé perto dele. Alguns metros de distância, duas figuras femininas representando uma Valquíria e uma Amazona seguravam espadas, e sem emoção observavam o Viking e o Espartano em sua eterna batalha épica.

Eu encarei o Viking e o Espartano, e por um momento, suas feições piscaram e pareceram se mover. Seus lábios de cera arrastaram-se em rosnados furiosos, seus dedos apertaram-se ao redor dos cabos das suas armas, todo o corpo deles ficou tenso com a antecipação da batalha que estava por vir. Eu estremeci e afastei o olhar. Meu dom Cigano, minha magia psicométrica, tinha estado agindo desde quando nós entramos no museu.

— Hump. Bem, eu não acho que esse arco seja tão sangrentamente especial, — uma voz com um altivo sotaque Inglês murmurou. — Eu acho que é bastante chato. *Comum*, até.

Eu olhei abaixo para a fonte da voz – Vic, a espada embainhada na bainha de couro preto pendurado na minha cintura. Vic não era uma espada típica. Para começar, ao invés de ter um cabo plano, a espada realmente tinha metade de um rosto incrustada no metal prateado ali. Uma única orelha, um nariz adunco, um rasgo de uma boca. Tudo isso se unia para formar o cabo da espada, junto com uma protuberância redonda de um olho. Sempre pareceu para mim como se houvesse um homem preso dentro do metal, tentando sair. Eu não sabia exatamente quem ou o que Vic era, além de rude, mandão, e sanguinário. A espada sempre continuava falando e falando e *falando* sobre como nós deveríamos encontrar Ceifadores para matar.

De fato, havia somente um Ceifador que eu queria matar – a garota que assassinou minha mãe.

Um acidente de carro. Uma espada cortando através da chuva. E

sangue – muito sangue...

As memórias do assassinato da minha mãe saltaram a superfície da minha mente, ameaçando me sobrecarregar, mas eu as empurrei para longe e me forcei a focar nos meus amigos, que ainda estavam olhando para o arco de ônix e para o chifre de marfim.

Eu tinha trazido Vic junto hoje por que eu pensei que ele poderia gostar de ver itens em exposição. Além disso, eu precisava de alguém para conversar enquanto Daphne e Carson estivessem rindo e lutando com línguas um com o outro. Eles dois estavam tão apaixonados que era um pouco repugnante algumas vezes, especialmente dado ao estado triste da minha própria vida amorosa.

— É só um arco, depois de tudo, — Vic continuou. — Não há nada importante. Não é uma arma de *verdade*.

Eu rolei meus olhos. Oh, sim. Vic falava, também – a maior parte sobre o quanto fantástico ele era.

— Bem, algum de nós acontece de gostar de arcos, — Daphne bufou, olhando abaixo para a espada.

— E é isso o que está errado com você Valquíria, — Vic disse.

A espada encarou-a. Vic só tinha um olho, e era de uma cor curiosa – não muito roxo, mas não muito cinza também. De fato, o olho de Vic me lembrava da cor do crepúsculo, aquela suave tonalidade que manchava o céu bem antes do mundo escurecer pela noite.

— E você, Celta, — Vic disse, virando sua atenção para Carson. — Gwen me contou que você prefere usar uma vara. Uma vara! Ela nem tem uma sangrenta *ponta* no seu fim. Vergonhosas, as coisas que eles estão ensinando vocês jovens guerreiros na Mythos nos dias de hoje.

Cada jovem que ia para a Mythos Academy era algum tipo de guerreiro, incluindo nos três. Daphne era uma Valquíria, Carson era um Celta, e eu era uma Cigana, nós três descendíamos de um guerreiro do Panteão que foram os primeiros a enfrentar Loki e seus Ceifadores. Agora, nós carregávamos essa tradição nos tempos modernos ao ir à academia e

aprender como usar as habilidades e magia que nós tínhamos para lutar contra Ceifadores do Caos. E nós não éramos os únicos. Vikings, Romanos, Amazonas, Ninjas, Samurais, Espartanos. Todos esses guerreiros e mais podiam ser encontrados na academia.

— Vergonhoso, eu digo, — Vic vangloriou-se novamente.

Carson olhou para mim. Eu apenas encolhi de ombros. Eu só tinha Vic há alguns meses, mas eu rapidamente aprendi que não havia como controlar a bombástica espada. Vic dizia qualquer coisa que ele gostasse, sempre que ele gostasse, tão alto quanto ele gostasse. E se você ousasse discordar dele, ele estava mais do que feliz em discutir mais profundamente— enquanto que a lâmina dele estivesse pressionada contra sua garganta.

Vic e Daphne se olharam fixamente antes da Valquíria se virar para Carson e começar a falar com o nerd membro da banda sobre como legal o arco era. Eu perambulei pelo resto da sala, espiando os outros artefatos. Vic continuou com o seu corriqueiro monólogo sobre como espadas eram as únicas armas de verdade, como ele, lógico, sendo a melhor espada, sempre. Eu fiz barulhos concordando quando apropriado. Era mais fácil do que tentar argumentar com ele.

Daphne e Carson continuaram olhando o arco, e Vic terminou seu discurso retórico e caiu em silêncio mais uma vez. Eu estava lendo sobre uma bola de fio de prata que tinha pertencido à Ariadne, a virgem Grega que ajudou Teseu encontrar seu caminho pelo labirinto onde o Minotauro era mantido, quando sapatos bateram no chão e alguém apareceu ao meu lado.

— Gwendolyn Frost, — uma maliciosa voz murmurou. — Gosto de ver você aqui.

Eu me virei e me encontrei cara-a-cara com um cara de quarenta e poucos com cabelo preto, olhos azuis, e pele que era tão branca quanto o piso de mármore. Ele vestia um terno azul escuro e um par de sapatos sociais que tinham um brilho maior do que a maior parte das caixas de vidros na sala. Eu o teria achado bonito se eu não soubesse exatamente o quanto

irritado e austero ele era – e quanto ele me odiava.

Eu suspirei. — Nickamedes. O que você está fazendo aqui?

— Supervisionando a exibição, lógico. A maior parte dos artefatos em exposição foi emprestada da Biblioteca de Antiguidades.

Nickamedes era o manda-chuva da Biblioteca de Antiguidades, a qual estava localizada no campus da Mythos Academy não muito longe na Montanha Cipreste, Carolina do Norte. Em acréscimo aos livros, a sólida biblioteca era famosa por sua inestimável coleção de artefatos. Centenas de centenas de caixas de vidros enchiam os sete andares da biblioteca, contendo itens que uma vez tinham pertencido a algum deus e deusa aos seus Campeões e aos Ceifadores com quem eles tinham batalhado.

Eu supus que fazia sentido que o Coliseu Crius pegasse emprestado alguns artefatos da biblioteca – que provavelmente era a razão pela qual os alunos da Mythos tinham sido atribuídos para virem aqui em primeiro lugar. Então eles seriam forçados a olhar e estudar os itens pelos quais eles passavam e ignoravam diariamente na biblioteca.

Nickamedes me olhou fixamente, não parecendo nenhum pouco feliz em ver mais do que eu estava em topar com ele. Sua boca se retorceu. — Eu vejo que você e seus amigos esperam até o último segundo possível para vir e completar sua tarefa de história-mítica, junto com um grande número dos seus colegas de classe.

Morgan McDougall, Samson Sorensen, Savannah Warren, Talia Pizarro. Eu localizei vários jovens que eu conhecia vagando pelo Coliseu. Todos com dezessete anos, como eu, Daphne, e Carson, e todos alunos do segundo ano na Mythos, tentando abarrotar uma visita ao museu antes das aulas de inverno começaram pela manhã.

— Eu estive ocupada, — Eu murmurei.

Nickamedes soltou um bufo de descrença. — Certo.

Raiva tomou conta de mim. Eu estive ocupada. Muito ocupada, na realidade. Não muito tempo atrás, eu aprendi que os Ceifadores estavam procurando pela Adaga Helheim, a qual, dizia-se, ser um dos Treze

Artefatos que foram usados durante a batalha final da Guerra do Caos. Todos os Treze Artefatos tinham muito poder, desde que eles tinham visto a ação durante a luta clímax. Mas o que fazia a arma tão poderosa – o que de verdade me assustou – era o fato de que a adaga poderia ser usada para libertar Loki do cárcere que ele estava aprisionado.

Eu estava determinada a encontrar a adaga antes dos Ceifadores, então durante o feriado eu li tudo que eu pude para colocar minhas mãos sobre a arma. Quem poderia tê-la feito, como ela poderia ser usada durante a Guerra do Caos, até mesmo que poderes ela poderia ter. Mas todos os livros e artigos que eu li não me contaram o que eu de fato queria saber: onde minha mãe, Grace, tinha escondido a adaga antes dela ter sido assassinada – ou como eu deveria encontrá-la antes que os Ceifadores encontrassem.

Claro, eu não contei a Nickamedes tudo isso. Ele não acreditaria que eu estivesse fazendo algo útil, algo importante, durante o recesso do feriado. Sem dúvida Nickamedes pensava que eu estava apenas sentada por aí lendo gibis e comendo biscoito como eu fiz tantas noites quando eu estava trabalhando para ele na Biblioteca de Antiguidades. É, tá bom, então talvez eu não fosse tão dedicada assim quando vinha a ser meu trabalho depois da aula. Me processe por querer vadiar e ter um pouco de diversão antes de eu ter que encarar outro Ceifador louco que pensava que eu era mais poderosa e importante do que eu realmente era.

Mesmo assim, apesar da atitude indiferente do bibliotecário, eu não pude evitar em olhar ao redor da sala, esperando que eu visse um cara da minha idade com ele – um cara com os olhos mais bonitos que eu já tinha visto e um astuto, sorriso provocador para combinar.

— Logan está aqui com você? — Eu não pude evitar em esconder a esperança da minha voz.

Nickamedes abriu sua boca quando uma voz o interrompeu.

— Bem aqui, Garota cigana. — Uma baixa voz causou arrepios na minha coluna.

Meu coração martelou, eu lentamente me virei. Logan Quinn estava em pé atrás de mim.

Grosso, ondulado, cabelo de coloração preta, gelados olhos azuis intensos, um sorriso confiante. Meu fôlego ficou preso na minha garganta enquanto eu olhava para Logan, e meu coração acelerou, batendo com tal força que eu estava certa que ele pudesse ouvi-lo.

Logan vestia jeans e suéter azul escuro coberto por uma jaqueta de couro preta. As roupas eram de marca, claro, desde que o Espartano era tão rico quanto todos os outros jovens na academia. Mas mesmo se ele estivesse vestido trapos, eu ainda teria notado a esguia força do seu corpo e seu amplo, ombro musculoso. É, Logan totalmente arrasava no visual bad-boy, e ele tinha uma reputação de galinha para combinar. Um dos rumores que continuavam repercutindo na academia era que Logan assinava os colchões de cada garota com as quais ele dormiu, apenas para que ele continuasse localizando todas elas.

Eu nunca bem descobri se esses rumores eram verdadeiros ou não, ou como Logan iria sequer conseguir fazer isso em primeiro lugar, mas eles não importavam tanto para mim por que o Espartano era apenas, de fato, de fato mesmo um cara legal. Esperto, forte, engraçado, charmoso, carinhoso. Depois, claro, havia a coisa de *salvando-minha-vida-múltiplas-vezes*. Meio que difícil não gostar de um cara quando ele continuava impedindo que você fosse morta por Ceifadores e comida por gatunos de Nemean.

Os olhos de Logan caíram para a minha garganta e ao colar que eu usava ali – aquele que ele me deu antes da escola fechar para o Natal. Seis fios de prata ao redor da minha garganta, criando o meu colar, enquanto que as pontas em forma de diamante se uniam para formar um simples, mas ainda elegante floco de neve no centro dos fios. O lindo colar pareceu como algo que uma deusa usaria. Eu achei que ele era muito bonito e delicado para mim, mas eu o amava do mesmo jeito.

— Você está usando o colar, — o Espartano disse em uma baixa voz.

— Todo dia desde quando você me deu, — Eu disse. — Eu

difícilmente o tiro.

Logan sorriu para mim, e foi como se o sol tivesse surgido do céu cheio de nuvens de tempestade. Por um momento tudo era apenas – *perfeito*.

Então Nickamedes limpou sua garganta, estourando a bolha de felicidade pela qual eu estava para sair flutuando. Uma ácida expressão contorceu o rosto do bibliotecário enquanto ele olhava para trás e para frente entre seu sobrinho e mim.

— Bem, se vocês me dão licença, o museu está fechando em breve, e eu preciso me certificar que os funcionários estejam prontos para começar a empacotar os itens para transportar de volta à academia pela manhã.

Nickamedes girou nos seus sapatos sociais e avançou para fora da sala de armas sem outra palavra. Eu suspirei. É, eu poderia não ser a trabalhadora mais dedicada, mas eu sempre senti como se houvesse outra razão para que Nickamedes me odiasse. Ele praticamente não gostou de mim à primeira vista, e eu não tinha ideia do motivo.

Eu afastei o bibliotecário e sua péssima atitude da minha mente e me foquei em Logan. Ele me mandou mensagens de texto algumas vezes durante o recesso do feriado, mas eu ainda sentia a falta dele como louca – especialmente desde que eu não tinha ideia do que estava rolando conosco. Não muito tempo atrás, nós compartilhamos o que eu achei que fosse o beijo para por fim em todos os beijos, mas ele não declarou exatamente o seu amor por mim enquanto isso – ou sequer me convidou para sair em um encontro de verdade. Ao invés disso, nós estivemos nessa estranha situação sem avanços por semanas – uma que eu estava determinada a por um fim.

Eu inspirei, pronta para perguntar a Logan como tinha sido o seu recesso de inverno e o que ia acontecer conosco agora.

— Logan, eu...

Gritos e berros romperam no ar, afundando minhas palavras.

Eu congelei, me perguntando se eu tivesse acabado de imaginar os ásperos, chocantes sons. Por que alguém estaria gritando no museu? Um segundo mais tarde, mais gritos cortaram o ar, seguidos por vários sons de

colisão e o pesado *thump-thump-thump* de passos.

Logan e eu olhamos um para o outro, depois disparamos para a porta. Daphne e Carson também tinham ouvido os gritos, e eles correram bem atrás de nós.

— Parem! Parem! Parem! — Daphne assobiou.

Ela conseguiu agarrar meu braço e a parte de trás da jaqueta de Logan bem antes do Espartano sair correndo para fora da sala. Com sua grande força de Valquíria, ela facilmente foi capaz de arrastar nós dois para trás e me dar uma torção no pescoço.

— Vocês não sabem o que está acontecendo – ou quem pode estar lá fora, — Daphne avisou.

Logan olhou para ela, mas depois de um momento, ele relutantemente assentiu. Eu fiz o mesmo, e Daphne afrouxou o seu aperto em nós. Juntos em um nó apertado, nós quatro nos arrastamos para o vão da porta e espiamos para o outro lado.

O Coliseu Crius tinha o formato de uma roda gigante, com um espaço principal no meio e os corredores e salas se ramificando como raios. O vão da porta onde nós estávamos se abria para a seção central do museu. Quando Daphne, Carson, e eu tínhamos atravessado alguns minutos atrás, pessoas tinham estado passeando ao redor das mostras, olhando para os artefatos e navegando através das caras réplicas de armas, armaduras, e joias na loja de lembranças. Além dos funcionários, a maior parte das pessoas aqui tinha sido alunos do segundo ano da Mythos, tentando terminar sua tarefa de dever de casa antes das aulas começarem amanhã, apenas como nós três.

Não mais.

Agora, figuras usando longas túnicas pretas com capuz invadiram o coliseu – e todos eles carregando espadas afiadas e curvas. As figuras atacando todos no seu caminho, suas lâminas cortando os alunos que estavam olhando a exposição apenas alguns segundos antes. Mais gritos e berros rasgaram o ar, ecoando tão alto quanto tiros de armas, enquanto as

peessoas percebiam o que estava acontecendo.

Mas já era muito tarde.

— Ceifadores, — Daphne sussurrou, vocalizando meu próprio pensamento horrorizado.

Os Ceifadores do Caos corriam suas espadas por qualquer um que eles conseguiram colocar suas mãos, depois empurravam os mortos e os feridos no chão. Os funcionários do museu, adultos, crianças. Não importava aos Ceifadores quem eles matavam. Figuras de ceras, estátuas, e caixas de exibição quebradas no chão, estilhaçadas em milhares de pedaços, sangue espalhado em todos os lugares, uma cascata de lágrimas escarlate deslizando nas paredes de mármore brancas.

Uma enjoada, enjoada sensação encheu meu estômago a todo o caos de sangue na minha frente. Eu tinha ouvido sobre os Ceifadores, sobre como perversos eles eram, sobre como eles viviam para matar guerreiros — sobre como eles viviam para *nos* matar. Eu tinha encarado dois Ceifadores sozinha, mas eu nunca tinha visto nada assim.

Alguns dos alunos da Mythos tentaram revidar, usando seus punhos ou o que quer que eles pudessem colocar suas mãos. Mas isso não funcionou, e um por um, os Ceifadores derrotaram os jovens. Samson Sorensen caiu no chão, gritando e apertando seu estômago, sangue jorrando de entre os seus dedos. Alguns alunos da Mythos tentaram correr, mas os Ceifadores apenas os agarravam por trás, apertavam suas espadas nas costas dos jovens, e depois descartavam-nos ao lado como lixo.

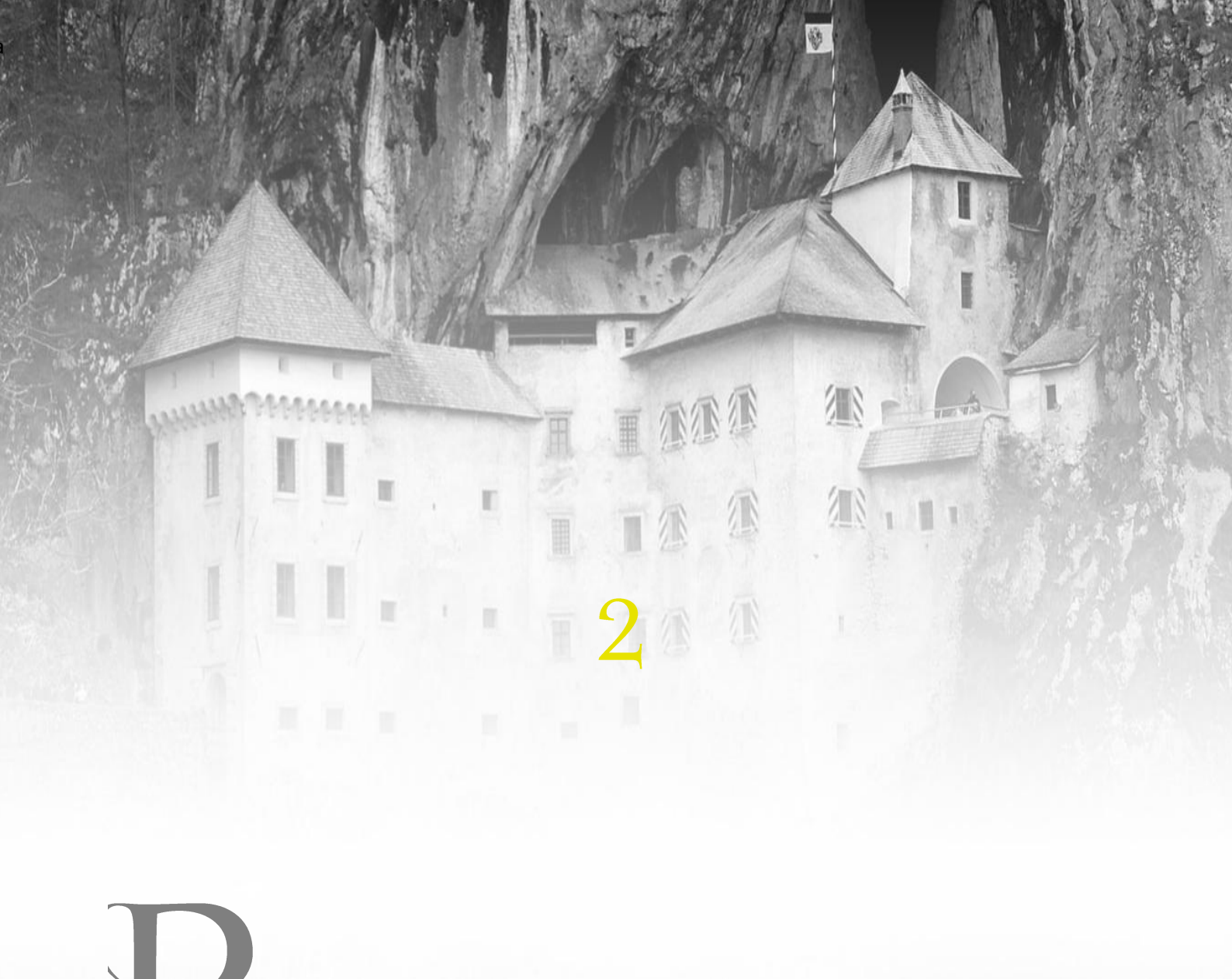
Fora do canto do meu olho, eu vi Morgan McDougall curvada e apertada entre um alto, amplo pedestal e a parede. Faíscas verdes de magia disparavam dos dedos de Morgan como raios, uma visão evidente da sua surpresa e pânico, e ela curvou suas mãos em punhos apertados e as enfiou sob suas axilas para tentar suprimir os flashes coloridos. Morgan sabia, assim como eu, que se os Ceifadores vissem as faíscas, eles a encontrariam e terminariam com ela. A bonita Valquíria me localizou observando-a e olhou de volta para mim, seus olhos amendoados cheios de medo.

— Fique ai! Esconda-se! Não tente correr! — Eu gritei, embora eu não achasse que Morgan pudesse me ouvir acima dos gritos e dos alarmes que tinham começado a soar.

Em menos do que um minuto, tudo estava terminado. Os Ceifadores se reagruparam no meio do coliseu, conversando um com o outro, mas eu não podia ouvir o que eles estavam dizendo sobre os gemidos, rosnados, e lamentos de jovens morrendo no chão ensanguentado.

— Ceifadores, — Daphne sussurrou novamente, como se ela não pudesse acreditar que ela estava vendo algo mais do que eu.

Era quase como se eles estivessem escutado o baixo murmúrio da Valquíria por que várias das figuras de túnica preta, se viraram e seguiram na nossa direção.



2

PELA SEGUNDA VEZ, EU CONGELEI. MINHA MENTE APENAS FICOU EM BRANCO, e tudo o que eu podia fazer era assistir aos Ceifadores seguirem na nossa direção, sangue pingando das extremidades das suas espadas curvas. Talvez fosse minha imaginação, mas pareceu como se eu pudesse ouvir cada única gota escarlate enquanto ela atingia o chão de mármore. *Plop-plop-plop*. Eu apertei minha mão sobre minha boca para impedir de gritar com o horrível barulho ecoando na minha cabeça.

— Para trás, para trás, para trás! — Daphne assobiou, mais uma vez usando sua força de Valquíria para puxar primeiro Carson, depois a mim, e finalmente Logan para longe do vão da porta. — Nós temos que sair daqui!

Nós nos viramos para correr – e percebemos que não havia lugar para

ir. Não havia saídas dessa sala para qualquer parte do museu.

— Presos, — Carson disse em uma voz amarga. — Nós estamos presos.

Thump-thump-thump. Do lado de fora, os pesados passos continuaram, ficando mais altos e mais altos enquanto os Ceifadores marchavam na nossa direção.

Desesperada, eu olhei ao redor, esperando que houvesse uma porta, uma janela, ou até mesmo uma escotilha que eu tinha perdido antes – ou que talvez uma fosse magicamente aparecer e nos deixar escapar. Isso não aconteceu, mas meus olhos aterrissaram nas figuras de cera do Viking e do Espartano e nos itens que eles estavam segurando – o machado do Viking e o escudo do Espartano.

Armas. Meu olhar cintilou ao redor da sala. Espadas, lanças, adagas, varas. Nós estávamos em pé em uma sala cheia de armas. As pontas mortais e bordas afiadas piscaram debaixo das luzes, e uma por uma, peças e pedaços de metal piscaram para mim, como se eles soubessem exatamente o que eu estava pensando – e o que nós tínhamos que fazer se nós quiséssemos passar por isso.

— Se nós não podemos correr, há apenas uma coisa que nós podemos fazer – ficar e lutar, — Eu disse em uma voz severa. — É pelo que nós estivemos treinando, certo?

Daphne e Carson me encararam, suas bocas entreabertas, mas Logan teve uma reação diferente. Ele realmente *sorriu*, e uma luz feroz começou a queimar em seus olhos. Espartanos eram um pouco singulares no fato que eles realmente amavam lutar, especialmente uma vez que eles eram os melhores guerreiros na Mythos – ou em qualquer outro lugar.

Não pela primeira vez, eu desejei que eu tivesse a confiança de Logan quando vinha a ser batalhar com Ceifadores. Com uma mão trêmula, eu tirei Vic da sua bainha presa a minha cintura e a estendi para o alto. O olho arroxado de Vic encontrou o meu.

— Você está pronta para isso, Gwen? — a espada perguntou em uma

baixa voz.

— Eu imagino que tenho que estar, não tenho? — Eu sussurrei de volta.

Se ele pudesse, eu pensei que Vic teria assentido sua meia cabeça em aprovação. — Eu estarei aqui com você, cada passo do caminho. Você é uma Campeã, Gwen. Você ficará bem. Todos vocês. Nike tem esperança em você, e eu também.

Eu acenei de volta, suas palavras me fazendo sentir apenas um pouco melhor. Eu fiquei em pé ali um segundo, e eu me forcei a respirar – dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora – apenas como minha mãe tinha me ensinado. Apenas como ela sempre me disse para fazer sempre que eu estava assustada, em pânico, ou chateada. É, eu estava todas as coisas agora – e algo mais.

Mas não havia hora para pensar no que eu estava fazendo, e sem tempo de ser cautelosa ou silenciosa. Eu corri até a caixa – aquela com o arco de ônix da deusa Sigyn e a aljava dentro dela – ergui Vic, afastei minha cabeça, depois trouxe a espada abaixo em cima do vidro.

CRASH!

A caixa quebrou com um gemido, e cacos de vidros zuniram pelo ar, furando minhas mãos e retirando sangue. Eu achei que um alarme soaria, berrando com todas as outras coisas saindo, mas eu já estava me movendo até a próxima caixa, uma que continha uma longa vara de madeira.

— Daphne! Carson! Logan! — Eu gritei. — Peguem as armas!

Meus amigos se embaralharam adiante, seus sapatos no vidro esvaado. Eu esmaguei outra caixa, essa contendo uma espada com um comum cabo em bronze. Eu usei Vic para quebrar as caixas de artefatos, uma a uma, enquanto Daphne, Carson, e Logan agarravam os itens no lado de dentro, assim como todas as armas que eles podiam alcançar nas paredes e algumas que as figuras de cera estavam segurando. Nós nos encontramos no meio da sala e rapidamente dividimos as armas.

— Nós temos que permanecer juntos e tomar uma posição desde o

início, — Carson disse, segurando sua lança em uma mão e enfiando o chifre de marfim e um par de adagas nos bolsos em sua calça cargo caqui. — Nós precisamos atacá-los primeiro. Caso contrário, eles irão nos superar.

Daphne prendeu a aljava com sua única flecha nas suas costas, depois testou as cordas douradas no arco de ônix. Satisfeita, ela mordeu seu lábio e olhou ao redor, o ar ao redor dela estalou e assobiou com faíscas rosadas de magia. — Bem ali, atrás do cavaleiro e do centurião. Os Ceifadores não nos verão imediatamente quando eles entrarem. Esperançosamente, eu posso perfurar uns dois deles antes que eles percebam o que está acontecendo.

— Vocês três façam isso, — Logan disse, amarrando o escudo que ele tinha roubado do Espartano de cera ao seu antebraço. — Eu irei me esconder ali atrás do Viking. Quando os Ceifadores se moverem para atacar vocês, eu aparecerei por trás deles. Dividir e matar, certo?

Eu assenti. Era um bom plano, mesmo embora meu estômago se revirasse com o pensamento de Logan sendo separado do resto de nós. Mas o Espartano era o melhor lutador na Mythos. Esse tipo de situação era pelo qual ele tinha sido treinado toda sua vida — pelo qual todos estavam treinando.

Nós escalamos o estrado e fizemos a volta para o lado distante. Daphne assumiu a posição entre o cavaleiro e o centurião, parecendo como outra figura orgulhosa em pé ali, a flecha dourada posta e pronta no arco de ônix. Carson se moveu para a sua esquerda, enquanto eu ficava à sua direita, nós dois flanqueando e protegendo nossa arqueira, apenas como Técnico Ajax nos ensinou durante todas as lutas de imitação que nós tínhamos nas aulas do ginásio. Do outro lado da sala, Logan escorregou para trás do Viking de cera.

— Nós vamos ficar bem, certo? — Carson disse, medo fazendo seus olhos parecerem mais pretos do que castanhos por trás dos seus óculos.

— Claro que nós vamos, — eu disse, tentando fazer minha voz leve. — Apenas pense o quanto ciumentos os outros ficarão quando eles ouvirem que nós pegamos um grupo de Ceifadores — e vencemos.

Carson tentou sorrir para minhas palavras de incentivo sem graça, mas seus lábios retorceram em uma careta ao invés. Eu sabia como ele se sentia. Depois do que eu tinha acabado de ver, eu não sabia se eu sequer seria capaz de sorrir novamente. Não haveria vencedores. Não hoje. Não com os outros jovens lá fora machucados.

Não com tantos mortos.

Além de nós, Daphne permaneceu em silêncio, embora faíscas rosadas crepitassem por todo o redor dela agora, estalando como fogos de artifícios, deixando Carson e eu sabermos que ela estava apenas tão assustada quanto nós estávamos. A Valquíria me encarou por um momento, depois para o nerd membro da banda, antes de voltar sua atenção para as portas abertas. Carson agarrou sua lança e empurrou seus óculos acima no seu nariz, enquanto eu intensificava meu aperto em Vic.

Eu olhei para Logan. Mesmo do outro lado da sala, eu podia ver a antecipação no seu rosto. A emoção fazia seus olhos brilharem como gelo. O Espartano estava pronto para os Ceifadores, pronto para por suas habilidades de luta em teste. Logan me deu um joia. Sua certeza em si mesmo, em nós, e no que nós estávamos para fazer, fez meu estômago se acalmar um pouquinho.

Nós agachamos e esperamos pelos Ceifadores virem.

Menos do que um minuto mais tarde, o primeiro Ceifador entrou na sala de armas. A figura vestia uma túnica negra sobre suas roupas e pesadas botas pretas, mas eu achei que ele fosse um homem, dado quanto alto, compacto, e forte seu corpo pareceu.

Mas a coisa mais assustadora sobre ele era a máscara.

Uma máscara de borracha cobria o rosto do Ceifador da sua testa por todo o caminho descendo até seu pescoço, escondendo completamente suas

feições. Aquilo era assustador o suficiente, mas me levou um segundo para perceber que a máscara realmente formava uma específica, aterrorizante forma – o rosto do deus malévolo Loki.

Uma vez, quando os outros deuses tinham aprisionado Loki pela primeira vez pelos seus muitos crimes, eles acorrentaram-no abaixo de uma gigante cobra que continuamente gotejava veneno sobre seu rosto, causando para ele uma dor inimaginável. O veneno corroeu as bonitas feições do deus, derretendo-as em algo distorcido, feio, e completamente grotesco. Esse era o rosto que o Ceifador orgulhosamente ostentava sobre si mesmo, e a visão me gelou até osso – até mesmo mais do que a ensanguentada espada balançando na sua mão.

Um por um, os Ceifadores entraram na sala, até sete deles se agruparem perto do vão da porta. Sete deles, quatro de nós. Não as melhores perspectivas, mas não terrível também, considerando que tinha parecido como se houvesse perto de vinte Ceifadores armados na região principal do coliseu. Além disso, nós tínhamos Logan. Com suas habilidades de luta, o Espartano valia uma dúzia de Ceifadores.

Eu me agachei atrás do cavalo empalhado, meu coração martelando, um aperto forte em Vic, esperando por mais deles encherem a sala, mas ninguém apareceu. Eu me perguntei o que os outros Ceifadores estavam fazendo, mas eu não ia reclamar. Eu estava tão feliz que todos eles não tinham decidido vir aqui de uma vez. Nós teríamos sido mortos com certeza. Agora, ao menos nós tínhamos uma chance lutando.

Um dos Ceifadores pisou adiante. — Espalhem-se.

Eu pisquei. Essa – essa era a voz da garota. Eu não deveria ter estado surpresa, uma vez que Ceifadores poderiam ser qualquer um, desde pais a professores a alunos e todos entre eles. Os dois Ceifadores com os quais eu batalhei antes tinha sido jovens da minha própria idade. Mesmo assim, algo sobre a baixa, voz gutural me incomodou. Quase soou... familiar. Como se eu a tivesse ouvido antes —

— Peguem algo que pareça interessante ou que tenha magia atado a

ele, — ela disse.

Eu franzi o cenho. Eu pensei que Ceifadores poderiam nos ver em pé na entrada da porta, que talvez essa fosse a razão deles terem seguido nessa direção, mas pareceu que eles só tinham entrado aqui procurando artefatos.

— E comece a procurar pela Adaga Helheim, — a garota continuou. — Eles poderiam ter mudado para cá, de acordo com nossos cálculos.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. A Adaga Helheim? Como ela sabe sobre isso? E porque ela acha que isso estava aqui no museu? Minha mente começou a se agitar. A garota latiu algumas ordens a mais, mas eu não estava realmente escutando suas palavras. Ao invés disso, eu me concentrei na sua voz, comparando-a com outra – a voz que eu ouvi na noite em que minha mãe morreu.

A voz da assassina da minha mãe.

Onde está a adaga? Onde ela escondeu?... Tola. Não há lugar que você possa esconder isso que nós não encontraremos. É apenas questão de tempo... A voz de escárnio soou na minha cabeça, as palavras tocando repetidamente.

Graças a minha magia psicométrica, eu nunca esquecia nada que eu visse, ouvisse, ou sentisse quando eu tocava um objeto. Não apenas isso, mas eu podia convocar essas memórias sempre que eu quisesse e examiná-las da maneira que alguém poderia olhar as cenas do seu DVD favorito. Eu imagino que era minha própria versão de memória fotográfica, apenas com uma perfeita reprodução toda única vez.

Há algumas semanas atrás, minha mentora, Professora Metis, me pediu para usar meu dom Cigano em um garoto Ceifador chamado Preston Ashton. Eu obtinha vibrações bastante vívidas de objetos, mas eu podia obter importantes maldições, muito importantes clarões de sensações ao tocar outra pessoa. Eu podia ver tudo o que uma pessoa tinha feito, desde a infância até a velhice, todas as sensações que ela mantinha afastada na parte mais profunda, mais sombria do seu coração, e todos os segredos que ela queria tão desesperadamente esconder de todos os outros – até mesmo dela própria.

Professora Metis quis saber o que Preston e seus amigos Ceifadores estavam planejando, qual seu próximo movimento poderia ser contra o Panteão. Então eu peguei a mão de Preston na minha e usei meu dom Cigano para mergulhar na sua mente.

Eu apenas nunca esperei ver o assassinato da minha própria mãe.

Por meses eu pensei que minha mãe tinha sido morta por um motorista bêbado, vindo para casa do trabalho uma noite, mas ao investigar na mente de Preston me mostrou o que realmente tinha acontecido. Como Preston esteve ali. Como ele tinha causado o acidente ao acertar seu SUV no carro de minha mãe. Como ele seguiu as ordens de uma misteriosa garota Ceifadora – uma garota que era a Campeã de Loki e estava procurando a Adaga de Helheim que minha mãe tinha escondido anos atrás. E em seguida, como a garota Ceifadora mergulhou sua espada no coração da minha mãe, matando-a.

A mesma garota Ceifadora que estava de pé na minha frente agora.

A terrível dor daquele momento, ao revelar o assassinato da minha mãe, esfaqueou meu coração, estilhaçando-o em centenas de quebrados, ensangüentados cacos. Eu soltei um barulho que era algo entre um choramingo e um rosnado. Mas junto com a dor veio a raiva – mais raiva do que eu jamais senti antes. A raiva rapidamente engoliu a dor, queimando para longe tudo mais exceto minha necessidade por vingança.

— Gwen? — Daphne sussurrou, sentindo a mudança em mim. — O que está errado?

Por um momento, eu não podia falar; eu não podia me mover; eu não podia sequer pensar. Não havia nada além da raiva que preenchia cada célula do meu corpo. Finalmente, eu forcei as palavras para fora através de dentes cerrados.

— É ela, — eu murmurei. — A garota Ceifadora. A Campeã de Loki. É ela bem ali.

A garota que matou minha mãe.

— Hei, — um dos outros Ceifadores disse, olhando para baixo ao

vidro que enchia o chão. — Por que todas essas caixas aqui já estão esmagadas—

— Agora, Daphne! — Eu gritei. — Agora!

Tudo pareceu acontecer em câmara lenta. Daphne levantou de onde ela estava localizada atrás do cavalo empalhado, já arrastando sua flecha dourada e alinhando seu disparo, mirando na garota. Mas a Ceifadora viu o que ela ia fazer, agarrou o homem perto dela, e o empurrou na frente dela, usando-o como um escudo humano. Daphne largou a corda do seu arco.

Thwang!

A mira da minha melhor amiga era certa, mas a flecha zuniu no coração do homem ao invés da garota Ceifadora.

Uma Valquíria, eu pensei, fazendo uma nota mental no fundo da minha mente. A garota Ceifadora tinha que ser uma Valquíria, tinha que ter a força de uma Valquíria, para empurrar um homem adulto como se ele não pesasse nada.

Além de mim, um sopro de fumaça dourada encheu o ar, e outra flecha apareceu na almeja de ônix amarrada as costas de Daphne. Minha amiga estava certa – era perversamente legal. Daphne me viu olhando-a. Ela assentiu, alcançando atrás, e agarrando a flecha.

— Matem eles! — a garota Ceifadora berrou sobre o barulho de alarmes ainda tocando. — Matem todos eles!

Os outros Ceifadores não hesitaram. Cindo deles dispararam adiante enquanto a garota Ceifadora ficou onde ela estava. Dois dos Ceifadores correram para o Viking de cera.

Com um alto choro de batalha, Logan saltou do seu ponto escondido e colidiu sua espada no Ceifador mais perto dele, ferindo seu inimigo. Por um momento, houve uma confusão imensa, antes deles dois se virarem para lutar com Logan; os outros três correram na nossa direção, um indo para a direita e os dois restantes para a esquerda.

Carson e eu saímos de trás do cavalo empalhado para encontrá-los, ainda mantendo Daphne entre nós. Ela colocou uma flecha em um dos

caras à esquerda, sentindo-o justo antes dele alcançar Carson. Isso foi tudo o que eu vi antes do Ceifador ao meu lado do estrado atacar.

Swipe-swipe-swipe.

O Ceifador oscilou sua espada na minha cabeça, mas eu defendi seus golpes. Eu não estava indo à Mythos Academy por muito tempo, e eu não tinha tido um vitalício treinamento de armas que os outros jovens tiveram, mas eu tive um curso intensivo aprendendo em como permanecer com vida nesses últimos meses. O Ceifador ergueu sua espada para outro golpe, mas eu mergulhei por trás da figura do centurião Romano, colocando-o entre nós. O Ceifador não foi muito rápido o bastante ao fazer seu golpe, e sua espada prendeu na cera que constituía o peito do Romano. Ele freneticamente puxou sua arma, tentando libertá-la para outro golpe em mim.

Eu não hesitei. Era matar ou ser morta, e se a situação tivesse sido reversa, o Ceifador teria feito o mesmo comigo. Ainda assim, aquele conhecimento, aquela fria lógica, não me fez sentir nada melhor enquanto eu disparava adiante e empurrava Vic no peito do Ceifador com toda a minha força. O Ceifador gritou e arranhou a lâmina de prata, tentando arrancar Vic das minhas mãos. Eu intensifiquei meu aperto, arrastando a espada para fora, depois enfiando no seu estômago. O Ceifador gritou novamente e tropeçou para trás. Ele se alastrou a uma parada no chão debaixo do estrado, e ele não se levantou.

— Muito bem feito, Gwen! — Vic gritou, sua boca movendo-se debaixo da minha mão suada.

— Cale a boca, Vic! — Eu gritei de volta para ele.

No outro lado do estrado, Carson batalhava com outro Ceifador, aparando a espada do Ceifador com a lança que ele tinha pego mais cedo. Daphne estava a alguns centímetros atrás dele, seu arco para cima e pronto, apenas esperando para colocar uma flecha no Ceifador assim que ela tivesse uma oportunidade. Do outro lado da sala, Logan tinha matado o Ceifador que ele apunhalou antes e estava batalhando com o segundo.

Minha cabeça rodopiou para a sétima e última Ceifadora – a garota que tinha assassinado minha mãe. Ela estava no mesmo local de antes, uma longa, curva espada na sua mão com luvas negras. Ela me encarou, e através das fendas na sua máscara, eu vi o mais fraco brilho dos seus olhos – e a faísca de vermelho que cintilou nas suas profundezas. A raiva, queimada com brilho cheio de ódio como um fósforo sob a distorcida borracha cobrindo seu rosto.

— Bem, bem, bem, — a garota Ceifadora assobiou. — Se não é a Campeã de Nike, arremessando uma espada como se ela realmente soubesse como usá-la. Eu estava com esperanças que eu pudesse tropeçar em você aqui.

Suas palavras fizeram meu estômago revirar com medo, mas eu empurrei a sensação para o lado. Eu sabia que a garota Ceifadora queria me matar. Ela tinha ameaçado fazer isso na memória que eu tive dela apunhalando minha mãe. Eu imagino que eu não deveria ter me surpreendido que ela soubesse quem eu sou e como eu parecia. Professora Metis tinha uma vez me dito que Campeões podiam reconhecer outros Campeões, que nós éramos inevitavelmente atraídos um para o outro, atraídos e repelidos como ímãs.

— É, sou eu. Gwen Frost, — eu vociferei. — A Campeã de Nike em carne e osso. Eu sei o que você fez com minha mãe.

A garota lançou sua cabeça para trás e gargalhou. Ela apenas – riu. Baixo, duradouro, e alto. Como se fosse engraçado que ela tivesse matado minha mãe a sangue frio. Como se fosse a coisa mais hilária *do mundo* que ela e seus amigos Ceifadores tivessem acabado de fazer a mesma coisa no museu cheio de pessoas inocentes.

— Bem, eu devo certamente esperar que você saiba, — ela disse. — Matar sua fraca, lamurienta mãe foi a maior diversão que eu tive em séculos.

Raiva mais uma vez preencheu meu coração, bloqueando todo o resto. Todas as minhas dúvidas, todas minhas preocupações, todos os meus medos. Havia apenas eu e ela e meu desejo por vingança, essa latente necessidade

que eu tinha que fazê-la pagar, que fazê-la sofrer por afastar minha mãe de mim.

Com um rosnado, eu saltei do estrado, ergui minha espada, e corri para frente – e a garota Ceifadora veio adiante para me encontrar.



3

EU OSCILEI VIC EM UM ARCO CRUEL NA GAROTA CEIFADORA, TENTANDO separar sua cabeça dos seus ombros com um golpe, tentando vingar minha mãe com um rápido ataque, tentando fazer algo, algo que amenizasse essa dor intensa no meu coração.

Não funcionou.

Ela facilmente bloqueou meu ataque e soltou outra risada de escárnio. — É isso que você tem de melhor, Cigana? Patético. Sem surpreender que o Panteão esteja condenado à queda, como você como a Campeã de Nike.

Em seguida, a garota Ceifadora disparou sua mão enluvada para cima e me atingiu no rosto. *Sim*, eu pensei, cambaleando para trás enquanto a dor explodia na minha mandíbula. *Definitivamente uma Valquíria com um soco assim.*

Eu mal tive tempo de afastar as estrelas brilhantes dos meus olhos antes que a garota Ceifadora viesse para mim com sua própria espada. Eu capotei para um lado, apenas gerenciando sair do caminho da lâmina assobiando. A arma prendeu na base de madeira de uma das caixas de artefatos que eu tinha esmagado. A súbita, parada chocante fez a garota Ceifadora afrouxar seu aperto na sua arma e tropeçar.

Olhos amplos, eu encarei abaixo para a espada da garota, a qual estava uns três centímetros de distância de onde minha cabeça tinha estado um segundo antes. Estranhos símbolos brilharam na superfície da lâmina, bem abaixo do cabo, cada um deles delineado com sangue enegrecido já revestindo a espada ali.

Metis havia me dito que todos os deuses e deusas davam aos seus Campeões uma arma, uma vez que os Campeões eram aqueles escolhidos pelos deuses para carregar seus desejos aqui no mundo mortal. A professora também disse que apenas uma Campeã podia ler as palavras nas suas armas específicas. *Vitória sempre* estava esculpido na lâmina de Vic. Eu me perguntei o que a espada da garota Ceifadora dizia. De alguma forma eu sabia que tinha algo a ver com sangue, dor, e morte.

Mas essa não foi a única coisa que eu reparei. Metade de um rosto estava disposto no cabo da espada – um rosto de mulher com um único olho carmesim que estava olhando para mim. Ódio fazia a órbita arder tão brilhante quanto o sol ensanguentado.

Eu mordi um grito e trouxe Vic para cima, para que ele pudesse ver a outra espada.

— Lucretia, — Vic rosnou, aparentemente reconhecendo-a.

— Vic, — a outra espada rosnou de volta em uma baixa, voz feminina. — Eu estava com tantas esperanças que alguém tivesse finalmente derretido você e usado você para sucata de metal.

— Sucata de metal! — Vic zombou. — Eu vou mostrar a você a sucata de metal, seu palito de dentes manchado!

Tudo bem, então a garota Ceifadora tinha uma espada falante,

também, uma que pareceu ter tanta atitude quanto Vic. Super, super arrepiante, mas agora, eu estava mais preocupada sobre não ser apunhalada à morte do que o fato que sua arma era uma imagem espelhada da minha.

A garota Ceifadora surgiu aos seus pés, arrancando livre a sua espada da base de madeira, e virou o rosto para mim mais uma vez. Atrás de mim, eu podia ouvir o *clang-clang-clang* da espada do Ceifador atingindo o escudo de Logan. Acima no estrado, Carson ainda lutava com o último Ceifador, enquanto Daphne gritava para o nerd membro da banda sair do caminho para que ela pudesse colocar uma flecha através do coração do Ceifador.

— Se apronte para morrer, Cigana, — a garota Ceifadora rosnou, enquanto ela vinha para mim novamente.

Clash-clash-clash.

Nossas espadas vibraram juntas, e vidro esmagou como cereal debaixo dos nossos pés enquanto nós batalhávamos para frente e para trás através da sala. A força de Valquíria da outra garota dava a ela uma grande vantagem, e cada um dos seus golpes ameaçaram arrancar Vic do meu suado, trêmulo aperto. Sem mencionar que a garota Ceifadora sabia *exatamente* o que ela estava fazendo quando vinha a ser lutar. Ela se movia de uma posição de ataque à outra, e ela nunca parou de vir para mim – nem mesmo por um segundo.

Desesperada, eu tentei convocar minhas memórias de Logan e da façanha de luta do Espartano, tentei explorar aquelas memórias e as habilidades de luta de Logan com minha magia psicométrica. Mas havia tanta coisa acontecendo, e eu não podia me focar no que eu precisava.

Swipe-swipe-swipe.

A garota Ceifadora gargalhou novamente, sua espada se aproximando centímetros da minha garganta com cada passo, e eu tive a sensação que ela estava apenas brincando comigo. Que ela poderia ter me matado qualquer hora que ela quisesse mas queria arrastar a luta por tanto tempo quanto possível para sua própria diversão louca—

— Carson! — Daphne gritou, sua voz frenética penetrando minha

raiva. — Carson!

Eu olhei para o estrado apenas em tempo de ver o Ceifador ali saltando para frente e colidir sua espada no peito de Carson.

— Não!

Eu não sabia se eu gritei ou se Daphne gritou ou se nós duas gritamos juntas, mas Carson se dobrou no estrado, sangue jorrando em todo o lugar. Logan intensificou seus ataques no segundo Ceifador com quem ele estava lutando para que ele pudesse terminar com ele e correr até lá para ajudar Carson, mas eu sabia que já era muito tarde.

— Aww, um dos seus amigos se feriu, Cigana? Que pena, — a garota Ceifadora zombou de mim.

Raiva, medo, e adrenalina encheram meu coração, e eu não pensei — eu só agi. Eu me lancei na garota Ceifadora, abordando-a e a jogando no chão. O movimento a surpreendeu, e ela perdeu seu aperto na sua espada, a qual tiniu para longe. Eu podia ouvir Lucretia gritar para a garota, mas eu não parei meu ataque. Mesmo embora eu não tivesse sua força de Valquíria, eu ergui Vic e esmaguei o cabo da espada no rosto da garota Ceifadora, esperando que eu pudesse quebrar o seu nariz sob aquela hedionda máscara de Loki.

— Essa é a minha garota! — Vic resmungou. — Continue, Gwen!

Mas a garota Ceifadora não estava deixando. De alguma forma ela colocou seus braços entre nós e me empurrou de cima dela. Eu tropecei para trás e aterrissei de bunda, vidro enfiando em minhas mãos e mais até cortando através dos meus jeans.

A garota Ceifadora lutou para ficar de pé. Na urgência de pegar sua espada, algo suave e branco flutuou para fora das dobras da sua túnica negra e caiu no chão. A garota esticou sua mão, fazendo uma frenética tentativa para pegá-lo, mas eu cambaleei aos meus pés, me lancei para frente, e oscilei Vic nela novamente, fazendo-a afundar para trás.

A garota Ceifadora olhou para mim, seus olhos piscando como rubis por trás da sua máscara de borracha, e soltou um cruel xingamento. Em

seguida, ela fez a coisa mais estranha de todas – ela se virou e fugiu da sala.

— Onde ela está indo? Por que sangrentamente ela está se retirando?

— Vic vociferou, ecoando meus próprios pensamentos.

— Eu não tenho ideia, mas ela não vai se safar, — eu rosnei.

Eu dei um passo para frente, pronta para persegui-la, quando Daphne gritou novamente. Dessa vez, não foi um grito de medo – era um de raiva.

Minha cabeça estalou ao redor. Enquanto eu estive batalhando com a garota Ceifadora, Daphne avançou para lutar com o atacante de Carson, usando seu arco de ônix como um escudo para bloquear seus golpes e a última flecha da aljava mágica como uma espada improvisada. Repetidamente, a Valquíria apunhalou o Ceifador com a flecha, provocando que o homem recuasse. Seu pé prendeu em algo que eu não podia ver, e Daphne avançou e empurrou a flecha no peito do Ceifador. O homem gritou e tropeçou para trás, a flecha saindo do seu coração como um dedo dourado.

Daphne não se importou, entretanto. Ela se virou e caiu de joelhos ao lado de Carson. Lágrimas manchando seu rosto bonito enquanto ela embalava o nerd membro com suas mãos. Eu corri em direção a ela. Do outro lado da sala, eu vi Logan matar o último Ceifador e fazer o mesmo.

— Pare, Gwen, pare! — Vic berrou comigo.

Eu parei bruscamente no estrado, e Logan derrapou a uma parada ao meu lado.

— O que? O que está errado? São mais Ceifadores? — Logan perguntou, sua cabeça virando para trás em direção a porta.

— Não, é a Valquíria, — Vic disse. — Sua magia finalmente está despertando. Apenas olhe e dê a ela um pouco de espaço.

Nós fizemos como ele pediu. Se Vic estava certo, então o poder escondido de Daphne – latente até agora – estava para entrar em erupção de uma forma grande, bem grande.

Eu apoiei Vic contra a lateral do cavalo empalhado para que ele pudesse ver o que estava acontecendo. Enquanto nós assistíamos, mais e

mais faíscas rosadas começaram a cintilar ao redor de Daphne, até um córrego contínuo de magia fluir da ponta dos seus dedos. Daphne chorou o tempo todo, lágrimas caindo do seu rosto e misturando com a magia no ar. Cada vez que uma das lágrimas da Valquíria atingia o córrego, a magia desencadeava e estalava, assumindo um brilho rosado manchado com dourado. Esse brilho rosado apenas continuou crescendo e crescendo, até ele cobrir todo o corpo de Daphne – e o de Carson também.

— Carson, — Daphne suplicou, encarando para baixo ao nerd membro da banda. — Por favor, *por favor*, não morra. Você não pode morrer. Eu não vou deixar você. Você me ouviu?

Eu não sabia se a Valquíria fez isso sozinha ou se era apenas a sua magia assumindo o controle, mas algo mudou nas suas palavras. A magia se uniu a ela, não mais desencadeando ou estalando, mas ao invés disso enchendo toda a sala com seu caloroso poder. Mesmo embora eu estivesse exausta da minha luta com a garota Ceifadora, algo sobre aquele brilho me suavizou, me fez sentir mais forte, mais vibrante, mais viva.

Pela primeira vez, eu notei que sangue não estava mais escorrendo da ferida escancarada do peito de Carson. Ao invés, o caloroso, brilho róseo-dourado da magia de Daphne tinha se firmado em cima do seu coração, bem ali onde o Ceifador tinha apunhalado-o. O brilho parecia como – como se estivesse ajudando Carson. Eu assisti enquanto as bordas irregulares da ferida retraíam e depois perfeitamente se curavam. Em alguns segundos, era como se Carson nunca tivesse sido apunhalado.

— Cura, — eu sussurrei. — O poder da Daphne é cura.

— Parece que ela está fazendo um trabalho muito bom com isso, também, — Vic disse. — Eu acho que o Celta pode conseguir.

Carson começou a tossir, quase como se ele estivesse ouvido as palavras de Vic. Por um momento, os olhos de Carson flutuaram abertos, e ele olhou para Daphne e sorriu.

— Você jamais mais faça isso de novo, — Daphne sussurrou em uma voz feroz.

Carson abriu sua boca como se ele quisesse dizer algo, mas seus olhos fecharam novamente antes que ele saísse com as palavras.

— Você pegue Daphne, — Logan disse. — Eu vou certificar que Carson esteja bem.

Nós subimos no estrado. Logan ajoelhou perto de Carson e gentilmente colocou seus dedos na garganta do nerd membro da banda, verificando seu pulso. Logan assentiu para mim, e eu me agachei ao lado de Daphne e alcancei a sua mão.

Meu dom Cigano engatilhou no segundo que meus dedos se fecharam sobre os dela.

Eu tinha tocado Daphne muitas, muitas vezes antes. Eu tinha visto suas memórias e sentido suas emoções, mas eu nunca experimentei nada assim. Quase pareceu como se eu... *caísse* dentro da Valquíria, escorregasse para dentro do seu corpo de uma maneira que eu nunca fiz com ninguém antes, nem mesmo com Logan. Sua aura, sua alma, seu espírito, qualquer maneira que você quisesse chamá-la, minha magia psicométrica me deixou ver o coração de Daphne – a brilhante, faísca rosada pulsante que fazia a Valquíria a forte guerreira e pessoa vibrante que ela era.

Era *lindo* – tão lindo que eu não podia evitar. Eu estendi minha própria magia, querendo de alguma forma tocar aquela adorável partícula, querendo apoderar do poder de Daphne e senti-lo por mim mesma.

E eu fiz.

O caloroso, puro poder de cura da magia de Daphne fluiu dentro de mim, derretendo todos os sofrimentos e dores que eu tinha conseguido durante minha luta com a garota Ceifadora, curando os cortes nas minhas mãos e braços e as escoriações no resto do corpo. Quanto mais tempo eu segurava aquela faísca, melhor eu me sentia – mais forte e mais viva do que antes. Em alguns segundos, eu estava completamente bem, e todas as minhas injúrias se foram, como se eu nunca tivesse lutado com a garota Ceifadora.

Daphne estremeceu, como se ela tivesse subitamente percebido que eu

estava ali segurando a sua mão. Seus dedos deslizaram dos meus, quebrando nossa conexão, e a tranquila sensação da sua magia desapareceu.

Um segundo mais tarde, o brilho rosado ao redor do seu corpo apagou também, e Daphne soltou um longo, suspiro cansado. Sua pele âmbar quase pareceu tão pálida como a minha, e sua mão tremeu quando ela corria pelo seu cabelo loiro.

— Daphne? — eu perguntei com uma baixa voz. — O que você fez?

— Eu não tenho ideia, — ela murmurou.

Em seguida, a Valquíria desmaiou, seu corpo se lançando para frente e se espalhando em cima do de Carson.

Por um segundo, eu não sabia o que fazer. Então, eu me lancei para frente e agarrei o ombro da minha amiga.

— Daphne! Daphne! — Eu disse, sacudindo a Valquíria.

Ela não respondeu. Nem Carson, embora a ferida no seu peito estivesse agora completamente curada.

Logan se inclinou para frente e colocou suas mãos nos meus braços. — Relaxe, garota Cigana, relaxe. Eles dois estão bem. Apenas inconscientes. Carson porque se feriu muito mal, e Daphne porque sua magia finalmente despertou. Está tudo bem.

As palavras de Espartano penetraram meu pânico, e eu olhei para meus amigos. Seus rostos estavam pálidos, mas seus peitos moviam-se para cima e para baixo com um ritmo contínuo. Eu os observei por alguns segundos para me certificar, mas Logan estava certo. Eles dois estavam bem. É, o que tinha acabado de acontecer era tão assustador, mas meus amigos estavam vivos. Isso era o que era importante.

Pela primeira vez, eu percebi que o coliseu estava completamente, estranhamente quieto. Os alarmes tinham parado de berrar, as pessoas tinham parado de gritar, e eu não ouvi mais o *thump-thump-thump* dos passos dos Ceifadores.

Os Ceifadores tinham partido? Eles tinham encontrado a Adaga Helheim e desaparecido com ela? Alguém ainda estava respirando no

museu além de nós? Logan e eu estávamos bem, mas Daphne e Carson precisavam de ajuda. Com um solavanco, eu percebi que também precisariam os jovens feridos do lado de fora – se alguns deles sequer estivessem ainda com vida. Eu esqueci sobre os outros alunos e todo o resto enquanto eu estive lutando com a garota Ceifadora.

— Você acha que os Ceifadores se foram? — Eu perguntei para Logan em uma baixa voz.

— Eu não sei, mas nós precisamos ir ver o que está acontecendo no resto do museu com os outros jovens. — Ele inspirou um fôlego. — E com Nickamedes, também.

Nickamedes e Logan eram tão diferentes que era fácil para eu esquecer que o bibliotecário era o tio de Logan e que o Espartano se importava com ele apenas tanto quanto eu me importava por Vovó Frost.

— Está tudo muito bem, — Vic saltou de seu local contra o cavalo empalhado. — Mas primeiro você não acha que precisa checar os Ceifadores aqui? Nunca vire suas costas a um inimigo ao menos que ele ou ela não seja mais uma ameaça. Você deveria saber disso, Espartano.

— Ele está certo, — Logan disse, recolhendo sua espada novamente. — Nós precisamos nos certificar que essa sala esteja segura antes de ir ver os outros.

O Espartano foi para um caminho, e eu fui para o outro, ambos movendo-se pela sala, espadas na mão, verificando os Ceifadores deitados no chão.

Todos eles estavam mortos. Eu podia dizer pelos estranhos ângulos dos seus braços e pernas, e pela completa rigidez dos seus corpos, e pela forma com que seus olhos cegos devidamente brilharam através das fendas das suas máscaras de borracha.

Eu olhei ao redor da sala pela última vez para certificar que eu não tivesse negligenciado qualquer um dos corpos, e meu olhar captou algo pequeno e branco deitado no meio do vidro e sangue. Eu caminhei até lá e agachei para dar uma melhor olhada nisso.

Um pedaço de papel dobrado em espesso quadrado descansava no chão. Então era isso o que tinha caído da túnica da garota Ceifadora enquanto nós estávamos lutando. Estranho. Eu teria esperado que ela tivesse uma adaga ou duas enfiadas em seus bolsos ao invés disso.

Uma vez que eu não estava certa de que vibrações estavam atadas ao papel e o que eu poderia ver se eu o tocasse com minhas próprias mãos, eu puxei a manga do meu casaco com capuz para baixo e usei a beirada do tecido para recolher o quadrado. Eu não podia abri-lo, não sem tocar nele com meus dedos, então eu decidi por deslizar o papel dentro do bolso do meu jeans.

— O que é isso? — Vic perguntou.

— Eu não tenho certeza, — eu disse. — Mas eu estou imaginando que seja importante já que eu quase arranquei a cabeça da garota Ceifadora enquanto ela estava alcançando isso.

Vic bufou. — E mais pena ainda é você não ter conseguido.

Uma vez que os corpos estavam verificados, eu encontrei Logan no meio da sala. Daphne e Carson ainda estavam deitados no estrado, mas já que não havia outra porta que conduzia até aqui, eles estariam bastante seguros enquanto nós descobríamos o que estava acontecendo ao resto do museu.

— Você está pronta para isso, garota Cigana? — Logan perguntou em uma voz suave. — Porque não vai ser bonito lá fora.

Não foi bonito aqui, mas eu não tinha que falar isso para ele. Ele podia ver o sangue e corpos assim como eu podia.

— Eu não sei se eu alguma vez estarei pronta, mas se há pessoas ali fora que nós podemos ajudar, nós temos que tentar.

Logan me encarou, seus olhos prendendo os meus. Ele colocou seu braço ao meu redor e me abraçou. Eu fechei meus olhos e escutei o firme *thump-thump-thump* do seu coração sob meus dedos. Eu poderia ter ficado ali e escutado àquele som para sempre.

— Nós estamos bem, — ele sussurrou. — Nós sobrevivemos.

Um soluço ergueu na minha garganta com o pensamento das coisas horríveis que tinham acontecido, as coisas horríveis que todos nós havíamos feito, mas eu o reprimi.

— Eu sei, — eu sussurrei de volta. — Eu sei.

Logan me abraçou por outro segundo. Em seguida, ele me largou, ergueu sua espada, e facilmente foi até o vão da porta. Eu intensifiquei meu aperto em Vic e o segui. Juntos nós espreitamos na parte principal do coliseu.

Corpos espalhavam de um lado ao outro do chão, parecendo como grandes pedaços de detritos perto dos artefatos quebrados. Vidro, cerâmica, metal, e madeira cobriam o mármore como um tapete desigual. Tudo que poderia ser quebrado foi, e até mesmo as pinturas tinham sido arrancadas das paredes e pisoteadas. Pareceu como se um tornado tivesse devastado o museu — era apenas completo, ensanguentado caos.

Mas havia alguns sobreviventes. Alguns alunos tinham se empurrado em posições de sentados, segurando suas mãos sobre suas feridas para tentar reduzir a perda de sangue. Outros despencados contra as pilastras, confusos, com olhares vagos em seus olhos. Ainda mais deitados onde eles tinham caído e silenciosamente choravam, seus ombros tremendo e as lágrimas derramando nos seus rostos e misturando com os restos de sangue no chão.

— Você verifica os jovens ali, — Logan disse em uma voz baixa. — Eu vou para as outras salas ver se há outros sobreviventes — e esperançosamente encontrar Nickamedes.

Eu assenti. O Espartano seguiu um dos corredores abaixo enquanto eu fiquei para trás no espaço principal do museu. Alguns metros de distância, eu localizei Morgan MacDougall agachada sobre um corpo. Uma vez que ela era a aluna mais próxima de mim, eu segui na sua direção, segurando Vic e mantendo um olho atento para quaisquer Ceifadores que pudessem ainda estar na espreita no coliseu.

— Morgan? — eu perguntei em uma voz baixa. — Você está bem?

A Valquíria olhou para cima com o som da minha voz, e eu percebi

sobre quem ela estava agachada – Samson Sorensen. O Viking era um dos caras mais bonitinhos da academia, mas agora ele estava morto, seu bonito rosto comprimido com dor, seus olhos vazios olhando para cima ao teto e refletindo o brilho negro dos discos de metal ali.

— Está tudo bem, — eu sussurrei. — Eu estou aqui para ajudar. Os Ceifadores se foram?

— Sim, — Morgan disse em uma voz trêmula. — Um deles correu para fora da sala na qual você estava. Uma garota, eu acho. Ela gritou algo para os outros, e todos eles correram um dos corredores abaixo. Eles partiram. Eles apenas partiram. Como se eles finalmente tivessem conseguido o que quer que eles tinham vindo procurar.

Eu franzi o cenho. Eu não tinha visto a Campeã do Loki pegar quaisquer armas ou artefatos, e os outros Ceifadores que tinham entrado na sala estavam mortos, então eles não estariam levando nada com eles. A Adaga Helheim estava em outra parte do coliseu? Era por isso que a garota Ceifadora e seus amigos tinham saído em tal pressa? Minha cabeça começou a doer de todas as perguntas que eu apenas não sabia como responder.

Morgan virou-se de volta para Samson, alisando o cabelo arenoso do Viking para trás do seu rosto ensanguentado. — Eu realmente o amava, sabia? Mesmo embora ele fosse o namorado da Jasmine e nós estávamos nos esgueirando por trás das costas dela, eu o amava todo o tempo.

De volta ao outono, Morgan tinha estado ficando com Samson apesar dele estar namorando com a melhor amiga de Morgan, Jasmine Ashton. O que ninguém sabia era que Jasmine era de fato uma Ceifadora. Jasmine esteve tão chateada quando ela descobriu que Morgan estava escondendo-se com seu namorado que Jasmine tentou sacrificar Morgan para Loki. Ela teria conseguido, também – se eu não a tivesse impedido naquela noite na Biblioteca de Antiguidades.

Eu comecei a responder a Morgan, dizer que estava tudo bem, que eu entendia como ela se sentia sobre Samson, quando eu percebi uma sombra no chão ao nosso lado – uma que estava rastejando mais perto e mais perto.

Talvez os Ceifadores não tivessem partido depois de tudo. Medo inundou meu corpo com o pensamento.

Eu esperei um segundo, deixando a sombra ficar ao alcance, depois eu intensifiquei meu aperto em Vic, rodopiei, e ergui a espada sobre minha cabeça, pronta para trazer a lâmina abaixo em quem quer que fosse que estava à espreita atrás de mim.

— Gwendolyn! Pare! — Nickamedes latiu, dando um passo para trás e estendendo sua mão. — Sou somente eu.

Demorou um segundo para eu me focar no bibliotecário –e outro para perceber todo o sangue nas suas roupas e a espada na sua mão. O terno de Nickamedes estava rasgado e despedaçado, sua camisa estava para fora da calça e sua gravata tinha sido cortada em dois, deixando apenas o nó pendurado ao redor da sua garganta. Cortes e arranhões entrecruzavam suas mãos como Xs e Os, e o lado direito do seu rosto tinha inchado com o início de um olho roxo.

Eu olhei ao redor da sala novamente e notei que vários corpos com túnicas negras enchiam o chão, junto com aqueles alunos da Mythos. Nickamedes deve ter ouvido a comoção quando os Ceifadores invadiram o coliseu e saiu lutando. Ele poderia também, uma vez que ele era um Espartano como Logan, com a mesma habilidade de luta e instinto assassino de guerreiro. Nickamedes provavelmente deve ter perseguido os Ceifadores quando eles partiram.

O bibliotecário pareceu apenas tão selvagem e desfigurado como eu me sentia, mas preocupação enchia seu rosto enquanto ele encarou o sangue nas minhas roupas e em Vic. Pela primeira vez, eu percebi que talvez Nickamedes se importasse pelos alunos da academia depois de tudo – até mesmo eu.

— Gwendolyn? — Nickamedes perguntou novamente. — Onde está Logan?

— Ele está bem. Ele foi procurar por você.

Eu lentamente abaixei minha espada ao meu lado, exaustão enchendo

meu corpo como água gelada sendo derramada em um copo. Eu encarei os alunos mortos e todos os outros que ainda estavam sangrando e chorando.

— Você está bem? — Nickamedes perguntou em uma voz suave.

— Eu não estou ferida, se é o que você quer dizer, — Eu neguei com minha cabeça. — Mas eu não sei se alguma vez eu irei estar bem novamente.



4

BU NÃO ME LEMBRO MUITO DO QUE ACONTECEU DEPOIS DISSO. BEM, isso não é exatamente a verdade. Eu lembrei – eu sempre *relembalaria* – mesmo se tudo o que eu quisesse fazer era esquecer.

Nickamedes ligou para Os Poderosos Que Eram da Mythos Academy, e trinta minutos mais tarde, outras pessoas começaram a chegar. A maior parte deles eram professores da academia, como Sr. Llew, meu professor de cálculo. Sra. Banda, a professora de economia, e Técnico Lir, quem supervisionava os times de natação da academia. Ninguém chamou os tiras. O policial mortal comum não entenderia o que tinha acontecido, e eles apenas não estavam equipados para lutar com Ceifadores – ou para lidarem com a destruição mortal que eles causaram.

Vários outros adultos apareceram também, homens e mulheres

vestidos em pesados macacões pretos. Eles abriram as portas do coliseu e empurraram carrinhos de metal cobertos com sacos pretos no interior. Eu sabia para o que eles estavam aqui – para carregar os corpos e levá-los para o necrotério da academia. Eu estremeci e mantive meu olhar longe deles.

Professora Metis e Técnico Ajax apareceram, também, uma vez que eles eram parte do conselho de segurança da academia. Metis e Ajax, junto com Nickamedes, eram responsáveis por manter os alunos em segurança enquanto eles estavam na Mythos. Mas nós não estávamos na academia nesse momento – e ninguém tinha sido salvo hoje.

O que me surpreendeu mais foi o fato de que Raven veio ao museu. Raven era a mulher que abastecia o carrinho de café na Biblioteca de Antiguidades, uma das muitas obrigações que ela pareceu ter na academia. Ela era uma mulher velha com cabelo branco, olhos negros, e um rosto que estava riscado com rugas. Raven ostentava um vestido fluido branco apenas como aqueles que os funcionários do coliseu usaram, embora um par de botas pretas de combate espreitou por debaixo da sua longa saia.

Raven saiu de um lado do museu, olhando a destruição. Seus braços estavam cruzados sobre seu peito, e eu podia ver antigas, falhadas cicatrizes na sua pele ali, junto com manchas marrons escuras localizadas. Ela percebeu que eu estava olhando-a, e nossos olhos se encontraram. Por um momento, sua imagem hesitou, como se houvesse outra, um rosto mais jovem, mais bonito por baixo das suas rugas. Mas a coisa realmente estranha foi que eu senti algo quando eu olhei dentro dos seus olhos – uma dolorida onda de dor e tristeza tão intensa que fez com que lágrimas começassem a escorrer nas minhas bochechas. Como se de alguma forma o ataque hoje fosse tudo culpa dela...

Eu pisquei, e ela era apenas Raven mais uma vez, a velha mulher que vendia salgadinhos na biblioteca. A dor e a tristeza se foram e se foram também as lágrimas que eu pensei que estivesse escorrendo no meu rosto. Eu estendi a mão, mas minha pele estava completamente seca. Estranho. Muito estranho.

Eu olhei para Raven, mas ela me ignorou, passou por mim, e começou a falar com uma mulher que estava carregando o corpo de Samson em cima do carro de metal. Raven se moveu através da multidão, falando com os adultos que estavam ali para abrir passagem para os corpos de detritos. Supervisioná-los deveria ser outro dos seus estranhos empregos na academia. Eu imagino que eu não deveria estar surpresa, uma vez que ela estava no conselho de segurança com Metis e os outros.

Depois de outro minuto, eu empurrei Raven para fora da minha mente. Seu rosto oscilante não foi a coisa mais horrível que eu tinha visto hoje. Meus olhos demoraram-se na mancha de sangue no piso branco de mármore.

Nem mesmo perto.

Uma hora depois do ataque, eu estava em um escritório nos fundos do coliseu, observando Metis examinar Carson. A professora tinha feito o cara nerd membro da banda se sentar à mesa e tirado sua camisa. Ela gastou vários minutos espiando seu peito, mesmo embora nenhuma marca permanecesse onde o Ceifador tinha apunhalado-o. Depois disso, Metis correu seus dedos através do cabelo marrom escuro de Carson, procurando por qualquer injúria na cabeça. Agora, ela estava reluzindo uma pequena lanterna nos seus olhos castanhos, observando-os reagirem ao brilho.

— Ele vai ficar bem? — eu perguntei.

Eu me encostei contra a parede perto de Logan. Nickamedes estava no outro lado do Espartano, enquanto Técnico Ajax estava em pé no vão da porta, preenchendo o espaço aberto com sua maciça moldura.

Metis desligou a lanterna. — Ele vai ficar bem. Eles dois vão.

Os olhos verdes da professora se arrastaram para Daphne, que estava despencada na cadeira. A Valquíria tinha acordado no momento em que eu

levei Nickamedes para a sala da armas, mas ela ainda parecia exausta. De vez em quando, uma faísca rosa tremeluzia fracamente na ponta dos seus dedos, como se ela tivesse usado sua energia pelo dia e essa era toda a magia que ela podia convocar. Eu imagino que ela tinha, curando Carson da maneira como ela curou.

Metis acenou para Daphne. Ela tinha terminado de examinar a Valquíria alguns minutos atrás. — Você salvou a vida do Carson hoje com sua magia.

— Eu imagino que isso signifique que eu terei que comprar para você algo extra especial para o Dia dos Namorados, — Carson brincou.

Daphne tentou sorrir, mas dor encheu seus olhos negros. Ela tinha ficado tão perto de perder Carson – ela não podia apenas esquecer isso, mesmo se o cara nerd membro da banda estivesse vivo e sentado bem na frente dela. Eu conhecia a sensação porque eu tinha passado isso com Logan algumas semanas atrás. Logan olhou para mim, e eu podia dizer que ele estava pensando a mesma coisa – sobre como Preston Ashton tinha vindo para nos matar, junto com nosso amigo Espartano, Oliver Hector.

Uma vez que Metis terminou com Carson, o nerd membro da banda colocou sua camisa de volta, mesmo embora ela estivesse rasgada e ensanguentada como o resto das nossas roupas estavam.

— O que você imagina que eles estavam atrás? O que os Ceifadores querem? — Técnico Ajax perguntou, cruzando seus braços sobre seu amplo, musculoso peito. As luzes ao alto faziam sua pele ônix brilhar como azeviche polido.

A boca de Nickamedes se retorceu. — Você quer dizer além de matar seis alunos, cinco dos membros de funcionários do museu, e ferir uma dúzia de mais? Você não acha que isso foi o bastante para eles?

Ajax encolheu seus amplos ombros. Pela primeira vez, eu percebi um estranho olhar no seu rosto. Normalmente, o grande, corpulento Técnico Ajax me lembrava de uma estátua de granito mais do que qualquer coisa, algo sólido e inquebrável, mas hoje ele pareceu pequeno e desinflado, apesar

da sua alta estrutura.

— A Adaga Helheim, — eu disse em uma silenciosa voz. — É do que eles estavam atrás, é isso o que a garota Ceifadora disse aos outros para procurar. Era ela, a Campeã de Loki. Ela entrou na sala de armas procurando pela adaga. Ela foi aquela com quem eu lutei.

Metis me encarou. — Você tem certeza disso? E que ela estava atrás da adaga?

Eu assenti. Metis sabia tudo sobre a adaga e o fato de que minha mãe tinha escondido-a dos Ceifadores. Ela e minha mãe tinham sido melhores amigas anos atrás quando elas iam à Mythos Academy.

— Bem, isso certamente explicaria o ataque completo de frente, — Nickamedes disse em um tom sombrio. — Os Ceifadores farão qualquer coisa para colocar suas mãos naquela adaga.

Ninguém disse nada. Todos nós sabíamos que a adaga era o ultimo selo restando na prisão mitológica de Loki. Se os Ceifadores alguma vez encontrassem a adaga, eles podiam usá-la para libertar o deus e pô-lo solto no mundo mortal mais uma vez. Eu estava muito confusa de *como* eles deveria usar a adaga para fazer isso, mas eu sabia que as pessoas morreriam se Loki alguma vez ficasse livre – muitas pessoas.

— Eu me pergunto por que eles achavam que a adaga estava aqui? — Metis perguntou. — O Coliseu Crius não é conhecido por sua coleção de artefatos. São os objetos de cerâmica e arte, certamente, mas não os poderosos artefatos magicamente de ponta e especialmente não as armas.

— Talvez isso irá ajudar. — Eu usei a extremidade da manga do meu casaco com capuz para tirar o quadrado de papel do bolso do meu jeans. — A garota Ceifadora deixou cair isso enquanto nós estávamos lutando. Eu não o toquei ainda, então eu não sei que tipos de vibrações possam estar atados a ele. depois – depois do que aconteceu hoje, eu não sei se eu quero tocar nisso.

Metis, Ajax e Nickamedes olharam um para o outro, depois Metis pisou adiante e pegou o papel de mim. Carson ficou de pé, e ela espalhou na

mesa onde ele estava sentado. Todos nós nos reunimos e olhamos o papel.

Ele tinha sido dobrado várias vezes e quase cobria toda a mesa no momento em que Metis terminou de abri-lo e alisá-lo pela bordas. O papel apresentava um mapa detalhado de – de algo. Eu não podia dizer o que, exatamente. Algo com uma cúpula, a julgar pela forma redonda no canto esquerdo superior do mapa. Pequenos Xs tinham sido desenhados por todo o papel no que pareceu como posições fortuitas. Não havia padrões nas marcas que eu podia ver. Tudo reunido, pareceu como rabiscos sem nexos. O que era tão importante sobre isso para a garota Ceifadora quase me deixar arrancar sua cabeça do que deixá-lo para trás?

Ajax soltou uma maldição e se afastou do papel. Metis suspirou e esfregou sua cabeça, como se ela estivesse subitamente coçando. Nickamedes ficou onde ele estava, embora, ainda encarando o papel, um olhar pensativo no seu rosto.

— O que é? — Eu perguntei. — O que está errado?

— É um mapa, — Nickamedes disse.

Eu rolei meus olhos. Bem, tá, eu podia *ver* isso. Mas um mapa do que? Onde? E porque era tão importante?

Como se ouvisse meus pensamentos sarcásticos, o bibliotecário olhou para mim. — É um mapa da Biblioteca de Antiguidades.

— A biblioteca, — eu sussurrei. — Os Ceifadores pensam que a Adaga Helheim está escondida em algum lugar na Biblioteca de Antiguidades?

— Aparentemente sim.

Eu olhei para Nickamedes. — Bem?

— Bem o que?

— Bem, ela *está* escondida em algum lugar ali dentro? — Eu exigi. — Você sabia onde ela estava escondida todo o tempo?

Minha voz ficou mais alta e mais afiada com cada palavra. Logan se aproximou e colocou sua mão no meu ombro, dizendo-me para manear, mas muitas coisas ruins tinham acontecido hoje para eu fazer isso.

Nickamedes enrijeceu, depois endireitou-se em toda sua altura e perscrutou seu nariz para mim. — Eu asseguro a você que a adaga *não* está na biblioteca. Eu conheço cada centímetro do lugar, e eu teria descoberto isso há muito tempo.

— Jura? Como quando você soube que Jasmine Ashton estava escondida em um quarto de depósito no quarto andar com a Tigela das Lágrimas no semestre passado? — Eu provoquei. — Se eu me lembro bem, você pensava que algum vilão Ceifador anônimo tinha roubado a tigela e a contrabandeado da biblioteca. Mas as coisas não aconteceram dessa maneira, não foi?

As bochechas de Nickamedes coraram um vermelho zangado, e ele abriu sua boca, pronto para argumentar mais comigo. Metis pisou na frente dele, colocando sua mão no seu peito.

— Já chega, — ela disse. — É o bastante, vocês dois. Brigas entre nós não irão resolver nada. Eu tenho certeza de que Nickamedes esteja certo e que a adaga não está escondida na biblioteca. Caso contrário, alguém teria tropeçado nela anos atrás.

— Mas é por isso que os Ceifadores estiveram aqui hoje, não foi? — Técnico Ajax retumbou sua profunda voz. — Porque a maior parte das armas e artefatos em exposição era emprestada da biblioteca. Por alguma razão, os Ceifadores acham que a adaga está escondida na biblioteca. Eles devem ter pensado que Nickamedes não a reconheceu, que talvez ela estivesse classificada como outra coisa e ele a empacotou e a trouxe ao coliseu para ser exposta. Por último, os Ceifadores sabiam que seria fácil para eles invadirem aqui do que seria na biblioteca.

— Bem, quem sabe o que pode surgir na grande mente de Grace Frost, — Nickamedes murmurou em um tom provocador. — Ou onde ela escondeu a adaga para começar. Eu nunca entendi algumas das escolhas que ela fez. Grace era uma tola, se você me perguntar, sobre muitas coisas.

Raiva explodiu como fogos de artifícios no meu peito com suas palavras ásperas. — E o que você saberia sobre a minha mãe? — Eu

vociferei, minhas mãos curvando-se em punhos. — Ela está morta, se lembra? Assassinada pelos Ceifadores porque ela estava tentando manter a adaga segura deles. Então você não ouse em dizer outra palavra sobre ela!

Nickamedes me olhou, seu olhar azul sombrio. Logan intensificou seu aperto no meu ombro, seus dedos pressionando minha pele através do tecido da minha roupa. O bibliotecário me olhou outro segundo antes do seu olhar pular para o seu sobrinho. Os lábios de Nickamedes recuaram em uma careta.

— A adaga não está na biblioteca, — ele insistiu mais uma vez. — Eu nem sequer sei por que nós estamos nos incomodando em discutir isso. Eu vou ver se os pais dos alunos feridos já chegaram.

O bibliotecário agarrou a porta do escritório e a bateu atrás dele enquanto ele espreitava para fora da sala e corredor abaixo.

— O que acontece com ele e sua má atitude? — eu murmurei.

Metis negou com sua cabeça. — É uma longa história.

A professora olhou para o mapa novamente, olhando para todos os Xs marcados nele. Agora que eu sabia que era o mapa da biblioteca, eu reconheci alguns dos pontos cobertos pelos Xs. O balcão de registro onde eu trabalhava, o local onde a Tigela das Lágrimas uma vez tinha estado, o carrinho de café criado para prover salgadinhos para os alunos. Estranho. Centenas de jovens esbarravam nesses lugares todos os dias. Eu teria pensado que os Ceifadores teriam marcado mais locais fora-do-caminho, lugares mais prováveis para minha mãe ter escondido a adaga e por ela ter permanecido segura todos esses anos.

Nós olhamos para o mapa por alguns minutos a mais antes de Metis levá-lo para uma máquina de cópia no canto e fazer várias cópias dele, provavelmente para dar aos Poderosos Que Eram a academia. Uma vez que estava feito, a professora esticou o papel original para mim, uma pergunta evidente nos seus olhos.

Eu suspirei. Eu não estava com vontade de usar meu dom Cigano. Não agora, não depois de tudo o que tinha acontecido, mas eu não tinha uma

escolha. Eu precisava encontrar a adaga antes dos Ceifadores, e minha magia psicométrica era a melhor chance que eu tinha para fazer isso.

Então eu me sentei na cadeira, fechei meus dedos ao redor do papel, e esperei pelas memórias associadas com o mapa preencherem minha mente.

A primeira imagem que pulou dentro da minha cabeça era uma da garota Ceifadora. Ela vestia a mesma túnica negra e máscara de borracha que ela usou hoje, e ela estava em uma opulente sala de estar. Mobília de madeira escura, pesados, sofás antigos, largas pinturas nas paredes, vasos de cristal cheio de rosas vermelhas e negras. Eu observei enquanto a garota Ceifadora se inclinou sobre o mapa, o qual estava aberto na mesa na frente dela.

— Você tem certeza que a adaga está na biblioteca? — ela perguntou.

Ela virou sua cabeça, e eu percebi que ela estava falando com um homem. Ele não estava vestindo uma túnica e máscara como ela estava, então eu podia ver seu rosto, mas ele não era um dos professores da academia ou membros dos funcionários, então eu não tinha ideia de quem ele era.

— Eu tenho certeza, — ele disse. — Todos os feitiços de localização que nós fizemos confirmam isso. A Adaga Helheim está escondida em algum lugar na Biblioteca de Antiguidades.

A garota Ceifadora olhou para cima para a pintura na parede, uma que mostrava um Roc Negro. Eu tinha visto gravuras de pássaros gigantes no meu livro de história-mítica antes, mas essa pintura mostrava exatamente quanto grande e feroz ele era. O Roc era grande, apenas tão grande quanto outra criatura mitológica como gatunos de Nemean e lobos Fenrir, com talões curvos e negros que eram capazes de arrancar um homem do chão – ou rasgá-lo em pedaços. Todo o seu corpo era preto brilhante, embora essa pintura enfatizasse a coloração vermelho sangue nas penas da criatura e a faísca vermelha que ardia nas profundezas dos seus olhos líquidos.

A garota Ceifadora olhou para o resto da sala, e eu percebi que

praticamente cada peça da mobília e ornamentação tinha uma imagem de um pássaro pintado nele ou esculpido nele. As cadeiras, as mesas, vários vasos, um par de suportes de livros, até mesmo a estátua de mármore no canto. Alguém era um pouco obcecado.

— Bem, então, — a garota Ceifadora disse em uma voz afetada. — Se a adaga está na biblioteca, eu imagino que nós deveríamos ir lá pegar, não deveríamos?

Eles dois começaram a discutir onde a adaga poderia estar escondida e como eles poderiam ir tipo localizar sua localização exata. Aparentemente, qualquer que fosse o feitiço de segurança que Nickamedes colocou dentro e em torno da biblioteca estava bloqueando a magia do vilão, o qual era porque ele não podia ser mais específico sobre a localização da adaga.

Eu franzi o cenho. Talvez eu não estivesse me concentrando forte o bastante, mas pareceu como se houvesse algo ligeiramente fora do comum sobre as memórias atadas ao mapa. Algo óbvio que eu estava perdendo. Algo que não pareceu muito... real, como se não fosse uma memória genuína ou sensação. Mas por mais que eu tentasse, eu não podia descobrir o que era.

Lentamente, os vislumbres e os clarões de imagens e sensações desapareceram, dizendo-me que eu tinha obtido todas as memórias que eu podia do mapa. Eu abri meus olhos e olhei para os outros.

— Os Ceifadores usaram algum tipo de magia surreal para rastrear a adaga, — eu disse. — Eles não podem aproximar a sua localização exata, mas eles limitaram para algum lugar na biblioteca.

— Se eles acham que está escondida na biblioteca, então eles irão fazer o que quer precise para violar a segurança do campus para que eles mesmos possam procurar por ela, — Ajax disse. — Eu preciso contar a Nickamedes sobre isso. Raven, também.

Metis assentiu, e Ajax deixou o escritório para ir procurar pelos outros. Em seguida, a professora soltou um cansado suspiro, soando apenas tão cansada quanto Ajax pareceu alguns minutos atrás.

— O que está errado? — Daphne perguntou. — Isso é bom, certo? Que nós sabemos onde a adaga está?

Um sorriso severo curvou nos lábios de Metis. — Sim e não. É bom que nós tenhamos um lugar para começar a procurar pela adaga, mas a biblioteca é enorme, e pode estar em qualquer lugar no interior. Mesmo se você tivesse um exército de pessoas a sua disposição, ainda levaria anos para cuidadosamente, completamente procurar em todos os sete andares, sem mencionar os pátios e a sacadas externas e os terrenos circundantes.

— Há algo mais, não há? Algo ruim? — Carson perguntou.

Metis olhou para ele e assentiu. — O ruim é que não apenas nós sabemos onde a Adaga Helheim está, mas os Ceifadores também – e eles farão o que for preciso para encontrá-la primeiro.

Eu pensei em todas as coisas horríveis que eu tinha visto hoje. Os Ceifadores invadindo o coliseu e matando todos dentro do alcance dos seus braços; Carson sendo apunhalado; Daphne gritando; Morgan agachada sobre o corpo morto de Samson; o sangue que agora parecia cobrir tudo no interior do museu.

Metis estava certa. Os Ceifadores queriam a Adaga Helheim, e eles não se importavam com o que eles tinham que fazer ou com quem eles tinham que matar para encontrá-la.

O que significava que todos na Mythos Academy estavam em sério, sério perigo.



5

NÓS PARTIMOS DO ESCRITÓRIO E VOLTAMOS PARA O PISO PRINCIPAL. Os corpos tinham sido removidos, mas os alunos da Mythos que sobreviveram ao ataque se reuniram em pequenos grupos, observando os homens e mulheres em macacões pretos fotografarem e fazerem outras coisas tipo forense. Raven estava perto de um dos pilares, supervisionando a coleta das evidências e limpeza.

Alguns dos jovens que moravam na cidade ou perto dela estavam esperando pelos seus pais virem pegá-los e levá-los para casa, enquanto os outros estavam indo direto para a academia. Eu liguei para minha Vovó Frost e contei a ela o que tinha acontecido, e ela estava a caminho daqui. Ela tinha largado Daphne e eu no coliseu mais cedo, onde nós encontraríamos Carson, que pegou um taxi da academia.

Logan, Daphne, Carson, e eu escorregamos para um lado do coliseu, não permanecendo com os outros jovens, mas não muito distante deles também. Alguns alunos ainda estavam chorando ou apenas sentados no chão com olhares atordoados nos seus rostos. Uns poucos, como Abigail Rose, uma astuta Valquíria que estava na minha aula de literatura Inglesa, estava tentando ajudar os outros. Abigail se movia pela multidão, distribuindo garrafas de água e lenços e mantendo todos calmos. Ela me percebeu olhando-a e me deu um pequeno sorriso, o qual eu retribuí.

Meus olhos exploraram os alunos. Para minha surpresa, mais do que alguns olharam de volta para mim, e eu percebi que as pessoas estavam encarando meus amigos e a mim.

Por agora, todos sabiam que nós tínhamos lutado com um grupo de Ceifadores e matamos vários deles. Para os outros, eu imagino que nos fazia heróis, embora o que todos nós estivéssemos tentando fazer era apenas sobreviver. Nós quatro tivemos sorte que nós estávamos na sala de armas. Se nós estivéssemos aqui fora no saguão principal, nós teríamos nos ferido como os outros jovens se feriram – ou pior.

Uma garota em particular continuou me encarando. Ela era da minha altura, com um corpo que era magro e forte. Seu cabelo era de uma rica, coloração de ruivo e frisado como louco, apenas como o meu fazia, mas ela tinha os olhos dourados mais impressionantes, como se dois perfeitos topázios tivessem sido esculpidos no seu rosto. Mesmo com um nariz vermelho com secreção nasal e um rosto manchado, e lágrimas escorrendo nas suas bochechas, ela era bastante bonita. Ela vestia roupas de marca como todos os jovens na Mythos, mas ela continuava puxando suas mangas, como se sua camisa estivesse muito curta, mesmo embora ela pendesse frouxamente nos seus ombros. A garota percebeu que eu estava olhando-a. Suas bochechas coraram, e ela afastou o olhar.

— Quem é aquela? — Eu perguntei, arrastando minha cabeça na direção da garota.

Daphne olhou sobre meu ombro. — Oh, aquela é Vivian Holler. Ela é

uma aluna do segundo ano, também. Uma Amazona, eu acho. Ela é amiga da Savannah e Talia.

— Eu não acho que alguma vez a vi antes.

Daphne encolheu de ombros. — Vivian é do tipo quieta pelo que eu sei. Não fala muito, lê muito, tem boas notas, mas não é tão boa com armas. Tipo como você, Gwen.

— Caramba. Obrigada, — Eu disse em um tom seco.

Daphne rolou os olhos e deitou sua cabeça no ombro de Carson. Ela não tinha deixado o nerd membro da banda chegar mais do que alguns passos de distância dela desde o ataque. Carson aninhou Daphne no seu peito, e umas poucas faíscas de magia dispararam da ponta dos seus dedos e cintilaram no ar entre eles. Seja lá o que acontecesse hoje, ao menos Carson estava bem. Eu não sei o que Daphne teria feito se ele morresse. Eu não sei o que *eu* teria feito.

Logan apertou meu ombro e me puxou para longe dos outros.

— Você sabe, isso não é como eu queria que a escola começasse, — Logan disse. — Ou como eu imaginei vendo você de novo depois do feriado, garota Cigana.

Ele me deu um pequeno, sorriso triste. Não, nada sobre hoje tinha sido da forma como eu esperava que fosse.

— Nem eu. — Eu mordi o lábio. — Você acha – você acha que isso foi culpa minha?

Logan franziu o cenho. — Por que você diria isso?

Meu estômago revirou, mas eu inspirei um fôlego e me forcei a colocar as palavras para fora. — Porque eu não encontrei a Adaga Helheim ainda, como Nike quer que eu encontre. Talvez se eu tivesse encontrado-a agora, nada disso teria acontecido. Talvez ninguém tivesse se ferido hoje. Talvez Carson não teria quase morrido. Talvez – talvez Samson e os outros ainda estivessem vivos.

O Espartano colocou suas mãos nos meus braços. O calor do seu corpo amenizou o frio que tinha se afundado nos meus ossos. — Isso é

loucura e você sabe disso, garota Cigana. Nada disso é sua culpa. Isso é como tem sido desde quando os deuses prenderam Loki na prisão real. Os Ceifadores têm tentado libertá-lo, e eles têm matado guerreiros como nós desde então. Mesmo se eles não estivessem procurando a adaga, eles provavelmente teriam vindo até aqui hoje de qualquer jeito, para que eles pudessem atacar os outros alunos e roubar os artefatos. Então nem sequer pense por um segundo que algo disso seja sua culpa.

Eu assenti, embora eu realmente não acreditasse nele. Sem importar o que ele dissesse, eu não podia evitar em pensar que se eu fosse apenas mais esperta, eu teria encontrado a adaga agora. Se apenas eu fosse mais rápida, eu teria impedido Carson de ser apunhalado. Se apenas eu fosse mais forte, eu teria matado a garota Ceifadora e teria vingado minha mãe.

Se apenas...

Algumas vezes eu pensava que essas eram as duas palavras mais horríveis no mundo.

Logan me arrastou no forte círculo dos seus braços. Eu coloquei minha cabeça no seu ombro, e ele envolveu seus braços ao meu redor, apenas me segurando...

— Piranha — uma voz atrás de mim murmurou.

Ainda nos braços de Logan, eu ergui minha cabeça e virei ao redor para ver Savannah Warren olhando fixamente para mim de alguns metros de distância. Savannah era uma adorável Amazona, com maravilhosos olhos verdes e cabelo vermelho que despencava pela suas costas como uma cachoeira acobreada. Ela também vinha a ser a ex-namorada de Logan, aquela com quem ele rompeu antes do feriado.

Savannah agarrou as garrafas de água em suas mãos, e seus dedos se apertaram ao redor delas, como se ela quisesse jogá-las em mim. Com sua velocidade Amazona, ela podia me acertar na cabeça com a garrafa antes que eu sequer percebesse que ele tinha jogado – ou podia sequer pensar sobre me abaixar.

Graças às fofocas que tinham rodeado pelo campus antes do feriado,

eu sabia que Savannah me culpava pelo rompimento de Logan com ela. Eu imagino que ela tinha o direito de se sentir dessa forma. Depois de tudo, eu exigi que o Espartano me beijasse ou me deixasse em paz, durante a viagem do Carnaval de Inverno que os alunos tiraram antes do feriado.

Eu achei que nada me faria sentir pior hoje do que eu já me sentia, mas então eu vi a mágoa que preencheu o rosto de Savannah enquanto ela olhou para Logan me abraçando. Eu conhecia essa dor – era a mesma aguda, saudosa dor que eu tinha sentido sempre que eu via Logan beijando outra garota. Eu apenas queria que o Espartano se importasse comigo como eu me importava por ele. Eu nunca tive a intenção de magoar Savannah – mas ela se magoou.

Mas que bagunça eu tinha feito com tudo. Eu saí dos braços de Logan, apesar de que já era muito tarde.

— Savannah? — Vivian perguntou em uma voz suave do seu lugar no chão há vários metros de distância.

A Amazona me olhou outro segundo, depois caminhou até sua amiga. Ela entregou à Vivian uma garrafa de água, a qual a outra garota abriu com mãos trêmulas e começou a beber. Parte da água derramou em cima da camisa de Vivian, e Savannah entregou à sua amiga um par de lenços para conter. Em intervalos de poucos segundos, entretanto, os olhos com raiva de Savannah cortavam para mim.

Logan suspirou. — Eu vou falar com ela.

Eu neguei com minha cabeça. — Não, ela tem o direito de ficar zangada comigo.

— Oh, sim, ela tem, — outra voz derrapou até mim. — Por que todos sabem o quanto louco Logan é por você, Gwen. Porque, é quase uma lenda na Mythos. Como a garota Cigana domesticou o selvagem bad-boy Espartano.

Passos soaram atrás de mim, e Morgan se moveu para ficar ao meu lado. Ela olhou para Savannah, que ainda estava olhando para mim enquanto ela conversava com Vivian em uma baixa voz.

— Cuidado, Cigana, — Morgan murmurou. — Savannah pode parecer doce e inocente, mas a Amazona tem um temperamento. Ela não é alguém com quem você quer mexer. Você sabe, se você continuar com isso, você irá se transformar em mim muito em breve. A piranha da escola que vai por aí roubando os namorados das garotas.

A Valquíria soltou uma áspera, feia gargalhada, e umas poucas faíscas verdes assobiaram no ar ao seu redor. Morgan tinha uma reputação de ficar com qualquer cara que o seu olho prendesse, uma que só tinha piorado depois de todos descobrirem que ela estava se esgueirando com o namorado da sua melhor amiga.

Eu nunca descobri quanto Morgan se lembrava da noite que Jasmine tentou sacrificá-la para Loki. Jasmine usou um poderoso artefato chamado de Tigela das Lágrimas para basicamente transformar Morgan em um mísero fantoche, e Morgan afirmou não saber o que tinha acontecido. Mas eu tinha a impressão que ela se lembrava de tudo que Jasmine tinha feito com ela, porque Morgan tinha mudado desde então. Ela não parecia mais tão fria e cruel, e ela até mesmo me ajudou durante o Carnaval de Inverno quando eu decidi me esgueirar dentro do quarto de outro aluno. Agora, a Valquíria era quase alguém com quem eu pensava que pudesse ser amiga, porque ela passou por algumas das mesmas coisas terríveis que eu passei.

— Eu não acho que você seja a piranha da escola, Morgan, — Eu disse em uma silenciosa voz. — Eu acho que você se manteve firme hoje quando os Ceifadores atacaram. Você sabia que não podia lutar com muitos deles, então você se escondeu ao invés. Eu acho que isso faz de você realmente corajosa e realmente esperta.

A Valquíria me encarou com surpresa. Depois de um segundo, seus olhos se estreitaram, mas havia um vislumbre de sorriso no seu rosto. — Você sabe o que? Você de fato está bem, Gwen.

Morgan saiu para o outro lado do coliseu. Um suave bufar prendeu minha atenção, e eu percebi que Savannah ainda estava olhando para mim. Ela deve ter ouvido o comentário de Morgan sobre Logan ser louco por

mim, porque raiva retorceu o rosto da Amazona mais uma vez.

Mas a coisa mais estranha era que os olhos da Savannah estavam brilhando vermelho.

Tudo bem, tudo bem, então eles não estavam *realmente* brilhando, mas pareceu para mim como se um pouco de fogo cintilou nos seus olhos pelo mais breve segundo, o tipo de cor carmesim estranha que eu vim a associar com Ceifadores.

Eu pisquei. Tão subitamente quanto apareceu, a faísca vermelha se foi, e o rosto de Savannah estava mais uma vez normal, fazendo-me perguntar se eu tivesse acabado de imaginar a coisa toda. Eu esfreguei minha cabeça, a qual estava subitamente doendo...

— Gwen! — uma voz familiar gritou. — Gwen!

Eu fiquei na ponta dos pés. Uma mulher mais velha seguiu seu caminho através da multidão de pessoas no coliseu. Ela parecia fora do lugar com sua camisa de seda lavanda, calças pretas, e sapatos negros com dedões que se curvavam para cima, como um gênio que de alguma forma tinha escapado da sua garrafa. Echarpes de seda cobriam seu corpo, fluindo ao seu redor em ondas de roxo, cinza, e verde. Moedas de prata tiniam como franja musical nas extremidades das echarpes, o barulho ecoando no teto e voltando. Um casaco pendia dos seus ombros. Ele combinava com a cor de ferro cinzento do seu espesso cabelo, embora seus olhos fossem de um violeta brilhoso no seu rosto enrugado – o mesmo violeta que os meus eram.

É, minha avó, Geraldine Frost, pode ter parecido fora do lugar no ensanguentado caos do museu, mas a visão dela não poderia ter me feito mais feliz.

Vovó me localizou e se apressou na minha direção.

Eu me afastei de Logan e me lancei nos seus braços abertos. — Vovó!

Ela me abraçou apertado. — Está tudo bem, chuchuzinho. Eu estou aqui agora. Tudo vai ficar bem.

Eu não sabia se alguma vez ficaria bem, mas eu fechei meus olhos e a abracei mais forte ainda, fingindo que fosse apenas por um momento.

Vovó me abraçou por vários minutos antes de finalmente me soltar. Em seguida, ela olhou para Logan, que estava em pé atrás de mim.

— Eu imagino que esse seja o garoto Espartano sobre o qual você esteve falando tanto? — Ela sorriu. — Porque, ele é até mesmo mais bonito do que você me disse. Você esteve se contendo comigo, chuchuzinho.

Um ardente rubor inundou minhas bochechas. — Vovó!

Ela me deu um olhar divertido. — Ele ia me conhecer mais cedo ou mais tarde, chuchuzinho. Acredite em mim com isso. Eu só não achei que fosse ser hoje – nesse dia tão terrível.

Ela estava certa, e não havia nada que eu podia fazer agora além de fazer as apresentações. — Logan Quinn essa é minha avó, Geraldine Frost, esse é Logan. Meu, uh, amigo.

Eu estremeci enquanto disse a última palavra. Eu não sabia se nós éramos apenas *amigos*, mas Logan não tinha exatamente declarado para mim se verdadeiro amor também. Ou nem mesmo sua namorada. Nós não tínhamos sequer saído em um encontro ainda.

Eles dois se cumprimentaram. Logan começou a partir, mas Vovó Frost entrelaçou suas duas mãos nas dele. Depois de um segundo, seus olhos violetas assumiram um olhar vazio e vítreo, como se ela estivesse olhando para algo muito longe, e eu senti essa presença agitando-se no ar ao seu redor – algo velho, alerta, e sábio.

Vovó Frost era uma Cigana como eu, o que significava que ela tinha um dom apenas como eu. No caso de vovó, ela era psíquica e podia ver o futuro. Agora, pareceu como se ela estivesse tendo um vislumbre do de Logan.

— Não é sua culpa, Logan, — Vovó murmurou para o Espartano. — Não era naquela época, e não será no futuro.

O rosto de Logan empalideceu com suas palavras, como se ele soubesse exatamente sobre o que ela estava falando. Ele abriu sua boca como se ele quisesse fazer à minha avó uma pergunta mas então fechou seus lábios.

Depois de um momento, a força invisível rodopiando ao redor de Vovó desapareceu e também o olhar vago nos seus olhos. Ela largou a mão de Logan e se recuou.

— O que você viu? — Eu perguntei a ela.

Por um momento, eu não achei que ela fosse me responder, mas Vovó finalmente se virou para mim e sorriu.

— Nada com o que se preocupar, chuchuzinho, — ela disse. — Além disso, você sabe que eu não compartilho o futuro das pessoas. Confidencialidade do cliente e tudo isso.

Confidencialidade do cliente? Vovó era uma vidente, não uma advogada. Ela quase sempre me contava sobre suas visões psíquicas – ao menos que elas tivessem algo a ver comigo. Era difícil para Vovó ter visões sobre membros da família e amigos, desde que quanto mais perto ela fosse da pessoa, mais seus sentimentos por elas confundiam e influenciavam o que ela via. Mesmo quando ela visse algo sobre mim, ela nem sempre compartilhava o que era. Vovó sempre dizia que ela queria que eu tomasse minhas próprias decisões e seguisse meu próprio caminho, ao invés de confiar em um futuro que poderia ou não vir a acontecer. Mesmo assim, algo sobre a tensão no rosto da Vovó me fez querer saber exatamente o que ela tinha visto – e quanto terrível tinha sido.

Logan encarou minha avó, um cauteloso, quase magoado olhar nos seus olhos, como se ela tivesse acabado de compartilhar seu mais profundo e sombrio segredo com todo o mundo. Eu me perguntei se Vovó tinha visto o que eu tinha quando toquei Logan algumas semanas atrás – o Espartano em pé sobre os corpos de uma mulher e uma garota. Eu estive concentrada nas suas habilidades de luta quando eu o beijei, mas eu tinha visto aquela imagem também, apesar de eu não ter realmente procurado por ela. Eu me perguntei se o que Vovó Frost tinha dito para Logan tinha algo a ver com essa memória, se talvez ela tivesse descoberto que segredo ele estava escondendo de mim, a coisa terrível que ele pensou que mudaria a forma como eu me sentia por ele. O segredo que eu estava obrigada a descobrir

quando meus dedos, quando minha pele, tocavam a dele.

Eu não tive a chance de descobrir o que ele estava escondendo de mim desde que nós nos separamos depois disso. Carson seguiu de volta para Mythos Academy com Logan e Nickamedes, enquanto Vovó Frost dirigiu com Daphne e eu para sua casa a algumas ruas do centro da cidade de Asheville. A separação não seria por muito tempo, entretanto, uma vez que as aulas começariam pela manhã, apesar da tragédia de hoje. Aparentemente, os Poderosos Que Eram a academia tinham decidido que estando no campus era a coisa mais segura para os alunos agora. Depois do que tinha acontecido no coliseu, eu não podia culpá-los. Pela primeira vez, eu estaria feliz em ver as esfinges de pedra que guardavam os portões da escola.

Vovó estacionou seu carro na rua, e nós três subimos os degraus cinza de concreto da sua casa pintada de lavanda. Uma placa de bronze ao lado da porta da frente lia-se LEITURA PSÍQUICA AQUI, o qual era como Vovó usava seu dom Cigano para fazer dinheiro extra. Trabalhos secundários eram tipo um hábito na família Frost, e eu usava minha magia psicométrica para encontrar coisas que os outros jovens na Mythos perdiam – laptops, celulares, chaves, bolsas, carteiras, joias, sutiãs, cuecas e cuecas samba canção.

Com meu dom Cigano, não era muito difícil encontrar objetos perdidos. Claro, uma vez que algo estivesse perdido, eu não podia realmente *tocá-lo*, mas as pessoas deixavam vibrações psíquicas em todos os lugares que elas iam e em quase tudo que elas tocavam. Normalmente, tudo o que eu tinha que fazer para encontrar telefones celulares perdidos era correr meus dedos sobre as mobílias no quarto do dormitório da pessoa, para ter uma ideia de onde ela, tinha colocado seu telefone pela última vez. E se eu não obtivesse clarões imediatamente da localização do celular então eu apenas continuava tocando as coisas no dormitório dela – ou onde quer que a imagem me conduzisse – até eu encontrar.

Enquanto Daphne foi para a sala de estar para ligar para seus pais e

contar a eles o que tinha acontecido, Vovó Frost e eu seguimos para a cozinha. Com suas paredes azuis celestiais e azulejos brancos, a cozinha era o lugar mais brilhante e alegre da casa. Mas hoje, até mesmo ela parecia fria, escura, e triste. Eu arrastei uma cadeira e me debrucei sobre a mesa.

— Eu fiz uma torta de maçã enquanto vocês estavam no coliseu, — Vovó disse. — Você quer um pedaço, chuchuzinho?

Ela gesticulou para uma lata que ela tinha colocado no balcão para esfriar. A torta estava entre um par de frascos de biscoito – um com formato como um gigante cookie com gotas de chocolate e o outro como um floco de neve azul. O frasco de floco de neve tinha sido meu presente de Natal para Vovó, conforme a nossa tradição do feriado de dar para cada uma algo com floco de neve nele. Parece uma coisa natural a se fazer quando o seu último nome era Frost. Esse ano, Vovó comprou para mim um longo, cinza escuro cachecol de lã, luvas, e um trenó combinando, tudo estampado com flocos de neve prateados brilhosos.

— Chuchuzinho? A torta? — Vovó perguntou novamente.

— Não, obrigada. Eu não acho que posso comer algo nesse momento.

Vovó Frost tinha umas loucas habilidades de padeiro e eu tinha uma gula por doce, mas até mesmo a morna, torta doce não podia me seduzir hoje. Parecia apenas errado. Fazer algo tão simples quanto comer uma sobremesa depois do que tinha acontecido.

— Eu sei, chuchuzinho, — ela disse. — Eu não sinto vontade de comer também.

Vovó sentou-se na mesa da cozinha e entrelaçou minha mão na dela, apenas da maneira que ela tinha feito com Logan mais cedo. Eu fechei meus olhos e deixei o ardor do seu amor me preencher e lavar para longe o horror do dia.

— Alguma vez isso fica mais fácil? — eu perguntei com uma voz suave, abrindo meus olhos. — Sabendo como os Ceifadores machucam os outros guerreiros? Vendo... o que eles fazem com as pessoas? Depois de encarar Jasmine e Preston Ashton, eu pensei que eu soubesse do que os

Ceifadores eram capazes. Mas hoje no coliseu, era tão... horrível.

Vovó negou com sua cabeça. — Eu gostaria de lhe dizer que isso fica mais fácil, que você se acostuma com o sangue e a violência, mas eu estaria mentindo. Tudo o que eu posso fazer é estar aqui para você, Gwen. Eu sempre estarei aqui para você, sem importar o que — você pode contar com isso.

Eu pensei sobre minha mãe e como ela me disse a mesma coisa. Que ela me amava sem importar o que acontecesse e que ela sempre estaria aqui para mim, também. Mas minha mãe tinha sido levada para longe de mim, brutalmente assassinada pela garota Ceifadora.

A morte da minha mãe não ia ficar impune.

Eu não me importava com o que eu teria que fazer, mas eu ia descobrir quem a garota Ceifadora era — e depois eu ia matá-la. Talvez isso não me fizesse nada melhor do que os Ceifadores, mas eu não me importava. Não depois do que eu tinha visto hoje, não depois da garota Ceifadora ter gargalhado na minha cara sobre o assassinato da minha mãe.

Mas eu me forcei a afastar esses pensamentos sombrios, ao menos por agora. Hoje, eu estava na cozinha da Vovó Frost, e era no que eu queria me focar. Amanhã, eu voltaria para a Mythos Academy e começaria minha procura pela Adaga Helheim, mas por hoje, nós estávamos em segurança. Eu ia aproveitar a calma enquanto ela durasse.

Vovó e eu sentamos ali na cozinha, apenas dando as mãos, por um longo, longo tempo.

6

DAPHNE TERMINOU SUA LIGAÇÃO PARA SEUS PAIS E VEIO PARA A cozinha, mas nenhum de nós se sentia falante ou com vontade de comer. A Valquíria ainda estava cansada do despertar da sua magia e ao curar Carson, então ela tomou um banho quente e foi para a cama mesmo embora não fossem nem oito horas ainda. Vovó fez o mesmo, e eu fiz também.

Eu enxuguei o vapor do espelho do banheiro e encarei meu reflexo. Molhada, cabelo ondulado castanho, umas poucas sardas na minha pele branca invernal, e olhos que eram de uma estranha tonalidade de violeta. Eu tinha lavado todo o sangue que tinha respingado em mim durante o ataque, e joguei minhas roupas no lixo, mas as terríveis memórias ainda estavam ali, espreitando bem abaixo na superfície da minha mente. Eu

estremeci e abaixei meu olhar do espelho.

Desde que eu não podia dormir, eu me envolvi em um roupão de flanela roxo e me arrastei pelos degraus ao terceiro andar. De fato, era um sótão, embora Vovó tivesse colocado algumas mobílias aqui em cima para mim. Depois de minha mãe ter morrido, eu gastei horas aqui em cima, apenas olhando pela janela, chorando, e me perguntando por que minha mãe tinha sido levada de mim tão subitamente, tão cruelmente. Eu devo ter me perguntado *por que* uma centena de vezes, mas nunca houve qualquer resposta.

Não era nada mais fácil agora que eu sabia a razão real do por que.

Eu acendi uma lâmpada. Pilhas e pilhas de caixas de papelões desgastadas formavam um labirinto em ziguezague através do sótão, se estendendo de um lado da casa ao outro. A maior parte das caixas continha a sua desorganização habitual, revistas velhas que Vovó nunca tinha sido persuadida a jogar fora, roupas usadas que não serviam mais, enfeites de Natal que nós guardávamos até o ano seguinte.

Mas havia algumas caixas novas na mistura – caixas cheias com as coisas da minha mãe. Suas roupas, seus livros, suas joias, até mesmo sua maquiagem e uma garrafa do seu favorito perfume lilás. Tudo que minha mãe tinha deixado para trás na sua antiga casa quando ela foi assassinada ano passado. Todas as partes da sua vida cotidiana que ela nunca usaria novamente, graças à garota Ceifadora.

Eu não tinha olhado as caixas desde a sua morte, mas agora era uma necessidade. Durante a pausa do feriado, eu estive passando pelas caixas e pelos itens internos, um por um, tentando encontrar algo, qualquer coisa que me diria onde minha mãe tinha escondido a Adaga Helheim. Eu usei minha psicomетria e toquei cada item em cada caixa, esperando que minha mãe tivesse deixado uma pista em algum lugar, que eu pegaria algo, conseguiria uma vibração, e veria exatamente onde ela tinha escondido a adaga.

Tinha sido uma das coisas mais difíceis que eu já fiz.

Tudo o que eu tocava, cada suéter que eu segurava ou colar que eu roçava meus dedos traziam de volta uma memória da minha mãe. De uma maneira, era como se eu estivesse vendo uma versão condensada da sua vida e todas as coisas que ela tinha visto, feito, e sentido ao longo do caminho. Era engraçado vislumbrar seus brinquedos favoritos quando criança e vendo-a brincar com eles, seu cabelo castanho trançado, e sardas salpicando no seu rosto apenas como elas faziam no meu. Mas isso também me lembrou de quanto eu sentia a sua falta – e como eu nunca a veria sorrir ou gargalhar ou falar com ela novamente.

De uma forma, tocar suas coisas era como perder minha mãe tudo de novo – uma dúzia de pequenas mortes embaladas em cada uma das muitas caixas.

Mas eu estava determinada a fazer isso. Minha mãe tinha escondido a adaga no passado quando ela ia para a Mythos e tinha sido a Campeã da Nike, a deusa Grega da vitória. Agora, como a atual Campeã da deusa, era meu trabalho encontrar a adaga – antes que os Ceifadores encontrassem.

Minha esperança lentamente reduziu enquanto eu abria caixa após caixa e não encontrava o que eu estava procurando, até agora havia restado apenas uma caixa que eu não tinha tocado. Eu a encostei em uma antiga, cinza namoradeira no canto, abri a tampa, e comecei a vasculhar os itens internos. Roupas, um usado chinelo, alguns marcadores ressecados, uns livros, um maço de 25 centavos que minha mãe tinha se esquecido de levar ao banco. Era uma estranha mistura de itens.

Um por um, eu toquei tudo na caixa, envolvendo meus dedos nos itens e alcançando minha magia psicometria, esforçando-me a ver tudo que eu possivelmente podia, com meu dom Cigano. Tudo o que consegui foram alguns flashes fracos da minha mãe comprando roupas em uma loja ou sacudindo os marcadores e resmungando porque eles estavam sem tinta. Coisa bastante normal. Na maior parte do tempo, eu não obtinha muita vibração de objetos comuns do cotidiano que tinham propósitos específicos ou funcionais ou aqueles que toneladas de pessoas usavam todo dia como

canetas, computadores, ou cliques de papel. Eu só obtinha um grande clarão em alta definição, das principais urucubacas de memórias e sensações, quando eu tocava algo com o qual uma pessoa tinha uma profunda conexão emocional, algo pelo qual ela imprimia uma parte de si, como um anel de herança estimado pela família ou um enfeite favorito de Natal que alguém tinha feito quando era uma criança.

Mesmo assim, um por um, eu vasculhei os itens na caixa, olhando dentro dos bolsos das roupas e sacudindo os livros no caso de algo ter escorregado entre as páginas. Nada. Eu retirei o último suéter da caixa e o coloquei de lado, pronta para desistir, quando eu percebi que havia algo por baixo dele – uma velha caixa de sapato. Eu a apanhei e abri a tampa, esperando encontrar um par de botas de inverno que minha mãe não tinha usado em dez anos.

Ao invés disso, um pequeno diário com capa de couro abrigado em papel de seda dentro da caixa.

Curiosamente, eu alcancei e puxei o diário. Do papel de seda, eu obtive uma pequena cintilação da minha mãe embalando o livro, mas era tudo. O diário com capa de couro estava usado e desbotado, e as bordas das páginas pareciam ondulantes e enrugadas, como se alguém tivesse derramado água nelas. Moedas de prata brilhavam devidamente na capa, rodeadas com arabescos em formatos de vinhas e folhas que corriam em direção à lombada e depois fluíam sobre a parte de trás do diário.

Eu nunca soube que minha mãe manteve um diário, mas agora que eu tinha encontrado-o, eu não podia esperar para ver que memórias ele continha – e que segredos minha mãe poderia ter deixado para trás. Então eu inspirei fundo, empurrei o papel seda para o lado, acariciei meus dedos sobre a suave capa de couro, e fechei meus olhos.

Minha magia psicométrica imediatamente engatilhou, e as imagens da minha mãe inundaram minha mente. Na maior parte, as memórias mostraram-na sentada na mesa em um dormitório, rabiscando e escrevendo no diário. Ela era nova naquela época, cerca da minha idade, dezessete ou

por aí, seu cabelo castanho puxado para trás em um frouxo rabo de cavalo, e eu percebi que ela deve ter mantido o diário quando ela estava participando da academia. Uma por uma, as imagens da minha mãe piscaram diante dos meus olhos, mostrando-a escrevendo no diário em vários lugares no campus – no gramado quadrilátero superior, na sala de jantar luxuosa, mesmo enquanto ela estava sentada nos degraus do lado de fora da Biblioteca de Antiguidades.

Eu me concentrei naquela última imagem, agarrando-a e realmente focando nela, colocando tudo sobre detalhes nítidos, esperando ver algo que me diria onde a Adaga Helheim estava. Mas a memória apenas mostrou-a sentada nos degraus principais da biblioteca entre os dois grifos de pedra que guardavam a entrada. Minha mãe virou sua cabeça e encarou o grifo no lado direito dos degraus, depois abruptamente afastou o olhar. Nada estranho ali. As estátuas sempre me assustaram, também. Aparentemente, a imagem não tinha sido tão importante quanto ela tinha parecido.

Eu deixei aquela memória ir e surfei através das outras ligadas ao diário, mas não houve nada fora do extraordinário. Apenas minha mãe escrevendo e rabiscando.

Depois de alguns minutos, as imagens e sensações começaram a falhar, dizendo-me que eu tinha aprendido tudo o que eu podia do diário – ao menos ao usar meu dom Cigano. Eu abri meus olhos e passei pelas duas primeiras páginas, meus dedos roçando sobre a fluida escrita à mão bonita da minha mãe. Mesmo se não houvesse uma pista sobre onde minha mãe tinha escondido a adaga, ainda era uma parte dela, e eu queria lê-lo. Eu queria saber o que ela tinha feito quando ela esteve na Mythos, como ela se sentia sobre a escola, quem seus amigos e inimigos eram, os caras mais bonitos pelos quais ela era apaixonada, e mais especialmente como ela encontrou a coragem para ser a Campeã de Nike e lutar com Ceifadores. Eu queria saber, bem, tudo – todos os seus segredos.

Uma vez que não havia mais nada na caixa, eu embalei todas as roupas e outros itens estranhos de volta. Bem, exceto pelo quarto de dólar.

Eu gastaria esses.

Embalando o diário na curva do meu braço, e eu apaguei a luz e desci a escada do sótão ao meu quarto no segundo andar. Daphne já estava dormindo, e eu ergui as cobertas e rastejei para a cama perto dela. A Valquíria murmurou algo no seu sono, depois rolou para longe de mim. Um pouco de faíscas rosadas estalaram das pontas dos dedos dela com o movimento antes de tremeluzir. Eu deitei imóvel, e Daphne soltou um silencioso suspiro e se afundou ainda mais no sono. Eu coloquei o diário da minha mãe na mesa de cabeceira de fácil acesso. Depois eu me aconcheguei mais fundo sob as cobertas, determinada a cair no sono para que eu não estivesse totalmente exausta amanhã.

Lentamente, meu corpo relaxou, minha mente começou a vagar, e a reconfortante escuridão começou a se erguer, afogando os horrores do dia. Eu estava quase dormindo... quando um baixo, rosnado zangado soou do lado de fora da minha janela.

Meus olhos estalaram abertos.

Eu tinha ouvido rosnados como esse antes, e eles normalmente significavam uma coisa – que algo estava tentando me comer.

Eu deitei ali na cama, cobertas puxadas até meu queixo, distorcendo meus olhos e meus ouvidos, mal ousando respirar, mas tudo o que eu ouvi foi Daphne. A Valquíria roncava como se ela tivesse uma motosserra presa na sua garganta, o que era super, super irritante. Eu estava começando a achar que eu tinha acabado de sonhar com o rosnado e estava começando a mergulhar de volta no sonho...

Quando eu ouvi novamente.

Dessa vez, eu não podia fingir que eu tinha acabado de imaginar. Eu escorreguei para fora da cama, alcancei abaixo, e apanhei minha bacia. Eu tirei Vic do couro com um sussurro e me arrastei até a janela.

— O que está acontecendo? — Vic murmurou, a metade de uma boca esticando em um amplo bocejo de rachar a mandíbula.

— Eu acho que há algo do lado de fora, — Eu disse.

A espada piscou seu um olho, o que brilhou como uma lua cheia na escuridão do meu quarto. — Você *acha*? Você não sabe? Cigana, quantas vezes eu tenho que dizer a você? Apenas me acorde quando houver um problema – ou Ceifadores espreitando por aí, que eu possa matar.

Vic fechou seu olho e voltou a dormir. Eu olhei para a espada, tentada a sacudi-lo para acordar, mas eu aprendi que não havia nada que eu poderia fazer para conseguir que Vic se comportasse. Ele poderia ser um objeto inanimado na maior parte, mas ele definitivamente tinha vontade própria.

Eu me certifiquei que eu tinha um bom aperto na espada, depois puxei a cortina para trás e espiei lá fora.

Eu não vi nada – nem uma coisa.

Não, não foi bem assim. Eu vi algo *suspeito*. A janela dava vista para o jardim dos fundos, onde um alto carvalho silvestre ficava de guarda, os galhos da árvore alcançando todo o caminho até tocar a janela. Quando eu era criança, eu costumava escalar, sentar na árvore, e ler meus gibis. Eu tinha assustado minha mãe até a morte. Vovó, também. Elas duas tinham imaginado que eu escorregaria, cairia, e quebraria meu pescoço, mas nunca aconteceu. Escalar era algo que eu era boa. Graças ao meu dom Cigano, eu sempre fui capaz de vislumbrar os galhos e dizer quais eram mais fortes e quais quebrariam devido ao meu peso.

Agora, entretanto, os galhos balançavam para frente e para trás como se um vento com força de um tornado tivesse acabado de bater neles. Estranho. Nada mais estava se movendo, e o vento não estava chocalhando os galhos no quintal, mas a árvore parecia com se um bando de pássaros tivesse subitamente emergido de cima dela.

Talvez fosse a ideia dos pássaros, mas eu olhei para cima em tempo de ver uma sombra se mover sobre o céu em um padrão preguiçoso – quase como se estivesse circundando a casa.

Minha mente relembrou de todos aqueles entalhes e ilustrações da Roca Negra¹ que eu tinha visto quando eu peguei o mapa da garota

¹ Pássaro Roca é um pássaro fictício, conhecido no livro *As viagens de Sindbad*.

Ceifadora. Era possível que ela tivesse enviado uma roca para me espionar? Espiar pela minha janela? Talvez até mesmo bicar seu caminho para dentro da janela, agarrar o mapa que ela tinha derrubado, e me matar? Eu estremeci e intensifiquei meu aperto em Vic.

Eu espiei a noite, meus olhos deslizando para a direita, depois esquerda, para cima, e depois para baixo, procurando por uma roca, um gatuno de Nemean, ou qualquer outra criatura mitológica que talvez estivesse espreitando nas nuvens acima ou nas sombras abaixo. Eu não vi nada. Não era tarde assim, mas uma geada escura já tinha pintado a paisagem com frios, fragmentos prateados. Eu teria achado a visão bonita, se eu não conhecesse o quanto as sombras podiam esconder –

O rosnado soou novamente.

Eu congelei, esperando pelo som se interromper como tinha feito antes. Mas dessa vez, ele apenas continuou, roncando como um carro em marcha lenta no meio-fio. Então eu me foquei, dessa vez de fato escutando o rosnado ao invés de me deixar ser assustada por ele, e eu percebi que não era um gatuno de Nemean como eu temia. Por outro lado, o som teria que ser mais como um assobio de uivo. Não, esse uivo soou mais como... um cão. Um cão muito grande e muito zangado.

Uma sombra destacou-se da garagem atrás da casa, escapulindo para dentro dos arbustos, e desapareceu por uma abertura na cerca de piquete. Além disso, a paisagem cedia a um morro coberto por um emaranhado selvagem de sarças e silvas, mas meus olhos travaram na direção daquela única sombra, tentando descobrir exatamente o que era.

Algo com quatro patas e uma cauda escorregou para dentro do matagal e desapareceu de vista. Poderia ter sido um cão vadio – ou um lobo Fenrir.

Não muito tempo atrás, eu ajudei um lobo Fenrir quando ele tinha se machucado; mais tarde, ele pareceu me considerar quase como uma amiga. Mas eu não tinha visto o lobo desde que eu parti do resort de esqui Powder. Metis e os outros professores tinham procurado por ele, mas o lobo escapou

dentro das montanhas circundantes. De uma forma, eu estava contente. Mesmo embora Preston tivesse treinado, espancado, e ordenado que ele me matasse, o lobo não era tão ruim. Eu esperava que ele encontrasse um bando de lobos Fenrir selvagens para correr e brincar e viver no abismo das montanhas.

Mas porque o lobo estaria do lado de fora da minha janela? Como ele teria me rastreado até aqui, todo o caminho do resort de esqui? E por que agora?

Depois outro, mais arrepiante pensamento entrou na minha mente. E se não fosse o *meu* lobo, aquele o qual eu ajudei, mas ao invés disso outro enviado pelos Ceifadores para me matar? Daphne havia me dito que uma vez que você irritasse os Ceifadores, eles não parariam de vir até que você estivesse morto. Eu fiz muito para irritá-los no curto intervalo de tempo que eu estou na Mythos Academy.

Agachei ali na janela e observei, mas nada mais se moveu na árvore, no céu, ou nas sombras abaixo. Eu respirei um suspiro de alívio. O que quer que estivesse ali fora, parecia que tinha partido, ao menos por essa noite.

Mesmo assim, demorou bastante até que eu voltasse para a cama – e mais tempo ainda até eu finalmente cair no sono.



7

CEDO NA MANHÃ SEGUINTE, VOVÓ FROST LEVOU DAPHNE E EU PARA A Mythos Academy. Normalmente, eu teria somente pego um ônibus que transportava turistas de Asheville lá para cima ao chique subúrbio da Montanha Cipreste, onde a academia estava localizada. Mas depois do ataque de ontem, Vovó insistiu em nos levar – e ela me fez prometê-la que eu não sairia do campus para vê-la durante a semana como eu normalmente fazia. Uma vez que eu não queria que ela se preocupasse, eu relutantemente concordei.

Vovó nos largou no estacionamento atrás do ginásio, se unindo a uma longa fila de limo e motoristas que estavam fazendo o mesmo. Jovens saíam dos carros e apanhavam suas malas de grife antes de pularem em carrinhos de golfe e zunirem em direção aos seus quartos nos dormitórios do outro

lado do campus. Na hora em que eu e Daphne pegamos nossas malas da caminhonete, todos os carrinhos estavam cheios, então nós tivemos que esperar para alguém voltar com um vazio.

— Todos estão tão silenciosos, — Daphne murmurou, segurando suas três malas abarrotadas em uma mão como se elas não pesassem mais do que a bolsa rosa pendurada no seu outro braço. — É estranho.

Ela estava certa – todos estavam sendo muito silenciosos. Estranhamente. Normalmente, os jovens estariam gargalhando, mandando mensagens de texto, e fofocando sobre quem ficou e terminou com quem durante o feriado de inverno, mas essa manhã, todos os jovens tinham seus queixos enfiados na parte superior das suas caras jaquetas e suas mãos empurradas profundamente em seus bolsos, ao invés de mexer em seus celulares. Mesmo os jovens que não estavam no coliseu ontem, estavam sentindo o medo e a dor do ataque dos Ceifadores. Tinha sido uma lembrança brutal do porque todos nós estávamos aqui na Mythos para começar.

Finalmente, uns dois carrinhos de golfe voltaram, e nós fomos capazes de partir. Daphne e eu colocamos nossas coisas nos nossos quartos nos dormitórios, e às sete e trinta da manhã, eu mais uma vez me encontrei lutando pela minha vida. Mas dessa vez, era apenas no ginásio com Logan e seus dois amigos Espartanos, Oliver Hector e Kenzie Tanaka.

Slash-slash-slash.

Eu movi Vic através de uma série de manobras rápidas oscilando minha espada um pouco mais perto da cabeça de Logan toda a vez.

— Ha! — Eu gritei enquanto eu piscava a lâmina nele.

— Tome isso!

Logan sorriu, seus olhos azuis praticamente brilhando no seu rosto. Nada fazia o Espartano mais feliz do que luta com espadas – especialmente uma vez que ele quase sempre vencia.

— Nada mal, garota Cigana, — ele disse. — Você finalmente está aprendendo como atacar ao invés de apenas defender. Mas o que você vai

fazer contra algo assim?

Clang-clang-clang.

O Espartano se lançou em uma série de movimentos até mesmo mais rápidos e mais complicados, e dez segundos mais tarde, sua espada pairou sobre minha garganta.

— E as coisas estavam indo tão bem até agora, — Vic resmungou.

— Cale a boca, Vic, — eu disse com um sorriso no meu rosto.

Tudo bem, Logan tinha acabado de me matar novamente, mas pela primeira vez desde quando ele começou a me treinar, havia um bocado de cor nas suas bochechas. O Espartano não estava respirando forte, mas ele realmente teve que colocar um pouco de esforço para me derrotar dessa vez. Eu estava começando a defender meu terreno contra ele, e isso significava algo, considerando que ele era o melhor lutador na Mythos.

Claro, quando eu beijei Logan algumas semanas atrás, eu o vislumbrei e basicamente absorvi todas as suas habilidades de luta. Usando minha magia psicométrica para ver e explorar as memórias de Logan e torná-las minhas foi como eu impedi Preston de nos matar, mas eu nunca usei minha magia ou a valentia de Logan contra ele enquanto nós estávamos duelando. Eu queria desenvolver algumas habilidades de luta por conta própria, algo que finalmente parecia que eu estava fazendo.

Eu olhei para Kenzi e Oliver, que estavam esparramados sobre os bancos do ginásio.

— Tempo? — eu perguntei.

Kenzie verificou seu celular. — Dois minutos, um segundo. Mais do que um minuto da nossa última sessão antes do feriado.

— Parece bem, Cigana, — Oliver disse, sorrindo e dando-me um joia.

Eu sorri de volta. Logan e eu seguimos para os bancos. Nós estávamos lutando com espadas por meia hora agora, e era hora de continuar com armas variadas, como arcos, algo como Kenzie e Oliver usavam mais do que Logan. Enquanto Kenzie e Logan arrumavam o alvo do tiro ao arco e decidiam com que tipo de arco nós treinaríamos hoje, eu caminhei até onde

Oliver estava sentado mandando mensagem de texto no seu celular.

— Então, — eu perguntei ao Espartano. — Como foi o seu feriado?

— Bom, — ele disse. — Muita comida, muita coisa de família, sabe, o de sempre.

— E você conheceu alguém bonitinho durante o feriado?

Oliver olhou abaixo para o seu celular, e um rubor começou a manchar suas bochechas. — Talvez.

Eu sorri. — Jura? Isso é ótimo! Você vai ter que me contar todos os detalhes sórdidos.

Oliver negou com sua cabeça e correu seus dedos pelo seu cabelo loiro arenoso. — Eu acho que é muito cedo para isso. Eu quero dizer, eu não estou namorando o cara ainda nem nada. Além disso, eu ainda tenho sentimentos por Kenzie.

Oliver olhou para o seu melhor amigo, que estava debatendo os méritos dos diferentes tipos de arcos com Logan. Kenzie não fazia meu coração bater como Logan fazia, mas ele era bonitinho a sua maneira, com seu cabelo negro brilhoso e olhos escuros. Antes da pausa do feriado, eu aprendi que Oliver tinha uma séria, muito séria paixão por ele, embora Kenzie, que não era gay, não tivesse ideia.

— Você quer falar sobre isso? — eu perguntei em uma voz suave.

Oliver negou com sua cabeça. — Não. Eu vou superar Kenzie, juro, eu vou. Só vai levar um tempo. — Outro sorriso se enrugou no seu rosto. — Talvez *you* queira conversar, digamos, sobre esse novo lindo colar que você está usando? Como estão as coisas entre você e Logan?

Eu corri meus dedos sobre as correntes prateadas envoltas ao redor da minha garganta. Meu olhar foi para Logan, que ainda estava conversando com Kenzie. — É complicado. Eu quero dizer, nós não tivemos exatamente uma chance de conversar ontem, sabe?

O rosto do Oliver se escureceu. — Eu sei. Logan ligou para Kenzie e para mim na noite passada e nos contou o que aconteceu. Eu não posso acreditar que os Ceifadores atacaram o coliseu daquele jeito só porque eles

pensaram que a Adaga Helheim poderia estar ali. Isso é perverso, até mesmo para eles.

Eu estava para respondê-lo quando uma das portas da extremidade distante do ginásio estalou aberta e três jovens entraram – duas garotas e um cara.

Eles ficaram de pé na entrada da porta, olhos grandes, espiando o ginásio como se eles estivessem esperando ver algo realmente legal no interior. Eu olhei ao redor, me perguntando no que eles poderiam estar tão interessados, mas o caro ginásio parecia o mesmo de sempre. Pôsteres de campeonatos em esgrima, arco e flecha, e outros esportes pendurados do alto teto, bancos de madeira se projetando de duas das paredes, várias prateleiras de armas empilhadas umas contra as outras.

Mas os jovens devem ter visto o que eles estavam procurando porque os três andaram adiante, seus sapatos se arrastando nos grossos tapetes que cobriam a maior parte do piso.

— Quem são eles? — eu perguntei. — E o que você acha que eles estão fazendo aqui?

Oliver olhou para eles. — Alguns alunos do primeiro ano. Eu não tenho certeza dos nomes deles, mas eu os vi pelo campus.

Na Mythos, os alunos variavam do primeiro ano, aqueles que tinham dezesseis, a todo o caminho ascendente até o sexto ano, aqueles que tinham vinte e um. Os alunos das aulas avançadas misturavam-se e se socializavam, mas ninguém tinha muito o que fazer com os do primeiro ano, nem mesmo os jovens das minhas aulas, que tinham apenas um ano a menos ou um ano a mais.

Os três jovens andaram nas pontas dos pés e sentaram-se nos bancos a alguns metros de distância de Oliver e mim. Depois, eles apenas ficaram sentados ali, olhando para nós como se eles estivessem esperando por algo impressionante acontecer. Eu percebi que o cara estava carregando uma lança além da sua mochila, enquanto ambas as garotas tinham bainhas que guardavam espadas. Nada anormal ali. Praticamente todos os jovens

levavam suas armas de escolha para as aulas com eles. Na Mythos, nossas armas contavam a todos que tipo de guerreiro você era, que tipo de magia você tinha, e o que você podia fazer com ela, e as espadas, lanças, e arcos eram símbolos de status, tanto quanto o celular mais novo ou laptop.

Logan e Kenzie terminaram de arrumar o alvo do arco e flecha e seguiram de volta aos bancos. Logan olhou para os jovens, depois para Oliver e para mim. Nós dois encolhemos de ombros. Nós não sabíamos quem eles eram ou o que eles queriam. Normalmente, éramos apenas nós quatro no ginásio de manhã cedo antes das aulas começarem.

— Vocês precisam de alguma coisa? — Logan perguntou.

— Oh, nós pensamos que poderíamos, um, assistir você, — uma das garotas disse. — Alguém nós contou que Logan Quinn treina toda manhã no ginásio. Esse é você, certo?

Logan franziu o cenho. — Sim, mas porque vocês querem me assistir? É apenas treinamento com armas. A mesma coisa que nós fazemos na aula do ginásio todo dia.

— Porque você matou Ceifadores no coliseu ontem, — o cara explicou, seus olhos brilhantes de excitação. — Que maravilhoso foi? Quero dizer, de fato lutar com eles? Eu aposto que foi super legal.

Suas palavras desencadearam uma enchente de memórias, e por um momento, eu estava de volta ao coliseu. A imagem do Ceifador apunhalando Carson piscou na minha mente, enquanto os gritos de Daphne ecoaram na minha cabeça. E o sangue — todo o sangue que tinha jorrado por todo o lugar. O fedor de cobre dele enchendo meu nariz. Meu estômago revirou, e meu coração bateu como se isso tivesse acontecido há apenas segundos atrás.

— Maravilhoso? — Eu vociferei. — Não foi nada *maravilhoso*. Foi difícil e assustador e perigoso, e eu achei que fosse vomitar durante todo o tempo. Não houve nada *maravilhoso* sobre isso, e se você acha que houve, então você é um idiota.

A boca do cara caiu aberta, e ele soltou uma ofensa.

— Oh, por favor, você está com ciúmes que você não matou tantos Ceifadores quanto Logan. Eu ouvi que você só matou um, enquanto ele matou, tipo, uma dúzia.

Uma dúzia? De onde ele estava tirando esse número ridículo? Logan tinha matado apenas dois Ceifadores – não uma dúzia. De fato, Daphne tinha acabado com a maioria dos Ceifadores, uma vez que a Valquíria matou três deles.

— Esse pequeno disparate está contestando suas habilidades de luta?
— Vic murmurou. — Por que nós não mostramos a ele quem é o chefe, hein, Gwen?

Eu agarrei Vic mais forte, abafando o som da sua voz, mas suas palavras apenas me fizeram ficar muito mais zangada. Tanto que eu percebi que eu tinha dado um passo ameaçador para frente até que eu senti a mão de Logan no meu braço.

— Garota cigana, — Logan disse em uma voz suave. — Está tudo bem. Acalme-se. Ele não quis dizer nada disso.

Eu inspirei um fôlego e soltei. — Bem, ele não deveria estar falando sobre coisas que ele não sabe nada.

O cara me deu um olhar arrogante que se transformou em um sorriso arrogante quando Logan disse a eles que eles poderiam ficar e nos assistir treinar. Eu me movi até o alvo do arco e flecha e comecei a disparar flechas com o arco, enquanto Kenzie e Oliver saiam para um lado, gritando dicas e sugestões.

Talvez fosse o fato de que nós tínhamos uma plateia ou talvez fosse por causa do cara do primeiro ano ter me irritado, mas todo o meu encanto eficiente de antes desapareceu, e eu errei o alvo tantas vezes quanto eu disparei. Cada erro me fez ficar com mais raiva e muito mais frustrada.

— Jesus, — eu ouvi o cara dizer depois de uma das minhas flechas voar passando o alvo e fracamente *bater* para fora da parede. — Como ela sequer conseguiu matar um Ceifador? Ela é uma droga total.

As duas garotas murmuraram seus acordos.

— Eu não sei, — uma das garotas disse. — Tem que haver algo especial sobre ela, certo? Não foi ela que sobreviveu da avalanche durante o Carnaval de Inverno? Aquela estranha garota Cigana?

— Bem, talvez ela se saia melhor com as condições meteorológicas do que ela faz com as armas. Ela certamente não consegue piorar. — O cara riu da sua piada sem graça.

Minhas mãos curvaram-se ao redor do arco, e eu seriamente considerei andar até os bancos e esmagá-lo na cabeça com isso.

— Não os deixe atingir você, — Oliver disse em uma voz suave, entregando-me outra flecha. — Eles não sabem sobre o que eles estão falando. Eles não sabem o quanto bem você está indo, especialmente considerando o fato que você não está treinando por toda a vida como o resto de nós.

Eu sabia que o que Oliver disse era verdade, mas isso não silenciou os risinhos que soaram dos bancos atrás de mim – ou suavizou a raiva. Mesmo assim, eu cerrei meus dentes e ergui o arco ao meu ombro, determinada a terminar com a hora de treinamento tão rapidamente quanto possível. Eu mirei meu tiro e deixei a corda do arco ir.

Outro disparo, outro erro. Atrás de mim, as risadinhas ficaram até mesmo mais altas, parecendo ecoar todo o caminho para cima ao topo das prateleiras e voltar.

Eu suspirei. Eu não era psíquica, não como Vovó Frost, mas eu tinha a sensação que ia ser aquele tipo de dia.

Depois da humilhação o treinamento com armas finalmente terminou, eu parti do ginásio e saí para o lado de fora. O quadrilátero principal era o centro da Mythos Academy e destacava os cinco prédios onde os alunos gastavam a maior parte do seu tempo – história-mítica, ciência-matemática,

o ginásio, o refeitório, e a Biblioteca de Antiguidades. Cada um dos prédios dispunha-se em uma ponta diferente do quadrilátero, lembrando-me a pontas de uma estrela.

À distância, todas as estruturas pareciam antigas e pretensiosas com suas pedras cinza escura e altas janelas esguias. Mas se você desse uma olhada mais de perto, você perceberia como as pesadas vinhas de heras se agarravam às portas e janelas como dedos ossudos esverdeados, enquanto que nas varandas, torres e parapeitos arrepiavam-se como pontas de lanças da lateral e dos topos das estruturas. Os ângulos agudos brilhavam no sol de inverno, e sempre pareceu para mim como se as torres estivessem se esticando para furar o céu.

E em seguida havia as estátuas.

Grifos, gárgulas, dragões, um Minotauro, quimeras, e dezenas e outras criaturas mitológicas cobriam cada um dos prédios de cima a baixo. Uma garra aqui, um par de presas ali, dentes que eram mais longos do que meus dedos. As estátuas sinistras eram réplicas realistas das criaturas que elas representavam, direto ao mostrar todas as formas que as coisas reais poderiam cortar você em pedaços. O que as tornava especialmente assustadoras para mim, era o fato de que os olhos sem pálpebras das estátuas sempre pareciam rastrear meus movimentos, como se houvesse algo espreitando por baixo da pedra apenas esperando para se libertar e me devorar. Não importava para onde eu ia no quadrilátero ou quanto rápido eu caminhava, eu nunca podia me afastar dos frios olhares fixos das criaturas.

Mas hoje, as estátuas não eram as únicas me observando.

Eu pensei que minha provação estava terminada depois do treinamento com armas, mas para minha surpresa, ela continuou todo o dia. Desde quando eu comecei a ir para a Mythos, eu fui bastante invisível para os outros alunos, uma vez que eu não era rica, bonita, poderosa, e popular como todos os outros pareciam ser. Se os outros jovens alguma vez me notavam, era apenas porque eles me conheciam como Gwen Frost, a garota

Cigana que tocava coisas e via coisas. Bem, isso, ou eles queriam que eu encontrasse algo que estava perdido, como seus celulares, laptop, ou uma embalagem de seis latas de cerveja que eles tinham contrabandeado para seus quartos no dormitório.

Mas hoje, foi completamente diferente.

Entre cada uma das minhas aulas, todos os outros jovens no quadrilátero viravam suas cabeças para me encarar, como se eu fosse algum tipo de aberração circense que eles tinham se reunido para ver. A mulher barbada que eles não conseguiam parar de olhar. Eu mantive minha cabeça baixa e corri para minha aula seguinte, como se isso de alguma forma fosse me proteger de todos os olhares curiosos.

Mas as coisas não foram nenhum pouco melhores no lado de dentro do que foram do lado de fora. Em cada uma das minhas aulas, os outros jovens olharam para mim e sussurravam uns aos outros por detrás das suas mãos, ou pior, eles mandavam mensagens de texto com suas reflexões através da sala, até o telefone de todos acenderem com as novidades. Aparentemente, a fofoca tinha se espalhado que eu estive no Coliseu Crius ontem e que eu matei um Ceifador. Alguns dos jovens me deram pequenos sorrisos encorajadores, mas tantos quantos bufos, negações com cabeças, e rolar de olhos em descrença. Como se eu tivesse tido sorte por ter matado um Ceifador. Talvez eu tivesse, mas isso não dava a eles o direito de julgar ou fazer piada de mim.

Os rumores circulando no campus eram apenas absurdos. Todos desde os Ceifadores assaltando o Coliseu para vender o ouro e joias dos artefatos, para eles assassinar todos no museu, para Logan entrar em completo modo de batalha, matar duas dúzias de Ceifadores, e assustar tanto os outros que todos eles fugiram chorando. Ninguém pareceu se importar com o que tinha realmente acontecido. Quanto mais ultrajante a história era, mais rápida ela era enviada de um celular ao outro.

Na hora em que o almoço aconteceu, eu tive o bastante de olhares furtivos e sussurros sarcásticos. Eu não tinha percebido o quanto eu gostava

de ser invisível até hoje.

— Eu desejo que todos parem de olhar para nós, — eu resmunguei. — Eu não vejo qual é o problema. Eles não sabem que nós apenas tivemos sorte?

— Eu acho que a maioria deles sabe que nós fomos sortudos, — Carson disse. — Mas quase todo mundo na Mythos perdeu alguém para os Ceifadores. Para você, Logan, e Daphne realmente matar alguns deles em batalha, bem, isso faz os jovens que perderam seus pais e amigos sentirem-se um pouco melhor, sabe? Como se nós fôssemos realmente capazes de obter vantagem dos Ceifadores. Como se nós fôssemos capazes de revidar um pouco por todos eles.

— Mesmo embora Samson e os outros jovens ainda morressem ontem? — eu perguntei.

O cara nerd membro da banda encolheu de ombros. Ele não tinha uma resposta para isso mais do que eu tinha.

Eu suspirei e apunhalei meu garfo na delicada tigela de porcelana na mesa na minha frente. Eu não estava certa do que exatamente estava na minha tigela. Oh, havia uma massa em formato elaborado flutuando ao redor dela e que se assemelhava a bife grelhado misturado com um molho marinara apimentado, mas você nunca podia afirmar na Mythos. Aqui, a comida misteriosa era tão provável ser escargot como todo o resto.

Sim, escargot. Era isso que o refeitório servia para o café da manhã, almoço, e jantar, junto com coisas como fígado, vitela, e lagosta. Sério, fígado de café da manhã. Eca. Mas os chefes da academia estariam mais do que felizes em preparar omelete de fígado com cebola aromatizado com queijo de cabra e alguma obscura, bizarra especiaria como se você quisesse para começar o seu dia. Eu não sei por que os Poderosos Que Eram não se iluminavam e serviam alguma comida normal — ou mandavam servir. Alguns dias, eu ficaria mais feliz em fazer dever de casa extra apenas em ter milkshake triplo de chocolate do restaurante Pork Pit.

Dados os restos diminutos e a falta de comida normal na hora do

almoço, eu normalmente optava por algum tipo de salada grelhada de frango. Era meio difícil estragar vegetais crus, mas os chefes na Mythos faziam seu melhor, cortando cenouras, alface, e tomates em formatos frou frou e marinados em molhos estranhos. Hoje, eu queria algo morno, devido ao frio de Janeiro lá fora, então eu optei pela massa. Agora, eu estava me arrependendo da minha decisão.

Eu empurrei a tigela ao lado e alcancei a sobremesa que eu peguei – mousse de chocolate, um dos meus favoritos. Ao menos, eu pensei que fosse mousse de chocolate. O perfeito copo era tão pequeno que havia cerca de uma colherada de sobremesa dentro dele. Os Poderosos Que Eram totalmente economizavam no tamanho das porções quando vinham a ser coisas doces.

Eu imagino que eu deveria ser grata que um chefe não apareceu e tentou flambar o mousse. Por alguma razão, os chefes na Mythos gostavam de brincar com fogo, e sempre havia ao menos uma sobremesa no cardápio que precisava ser incendiada antes que você fosse permitido comê-la. Os chefes aqui *por isso* deveriam aprender uma coisa ou duas da Vovó Frost quando vinha a ser assar.

Uma série de risinhos agudos captou meus ouvidos, e eu procurei a fonte do som. Como tudo mais na Mythos, o refeitório era totalmente pretensioso, e havia mais armaduras aqui do que havia em todo o Coliseu Crius. Os cavaleiros de metal seguravam suas espadas brilhantes e machados, ficando de guarda contra as paredes, bem abaixo das pinturas a óleo que mostravam todos os tipos de feitos mitológicos.

Mesas redondas cobertas com finas toalhas de linho brancas, pratos delicados, prataria de platina, e vasos de cristal cheios de narcisos frescos preenchendo o refeitório, no que parecia mais como um restaurante cinco estrelas do que a cafeteria de uma escola. Adicionada à atmosfera estava um jardim interno a céu aberto que ocupava o centro do espaço. Oliveira, amendoeira, e laranjeira erguiam-se da terra negra, enquanto uma série de videiras torcia-se sobre e por todas elas. Aqui e ali, estátuas de vinho,

comida, e deuses da colheita como Dionísio e Deméter espiavam por detrás das árvores, seus olhos de pedra fixos nas estátuas devorando seus dispendiosos pratos principais.

As risadinhas soaram novamente, e dessa vez, eu fui capaz de localizar a origem – a mesa onde Logan estava sentado. Uma garota, uma das alunas do primeiro ano que estava no ginásio essa manhã, pairou na mesa que o Espartano estava dividindo com Kenzie e Oliver. A garota disse algo para Logan, depois entregou a ele uma caneta e um pedaço de papel. O Espartano se deslocou na sua cadeira, parecendo desconfortável, mas Kenzie e Oliver tinham suas mãos sobre suas bocas, como se eles estivessem há três segundos de gargalhar.

— Logan acabou de dar àquela garota um autógrafo? — Daphne perguntou, tamborilando seus dedos sobre a mesa e fazendo faíscas de magia rosadas dispararem em todo o lugar.

Carson hesitou. — Foi o que pareceu.

A garota deu a Logan outro sorriso antes de dar uma risadinha novamente e sair correndo. Ela correu até a mesa onde suas próprias amigas estavam sentadas e mostrou a elas o pedaço de papel. Dessa vez, todas elas explodiram em um acesso de risos.

— Jesus, — eu murmurei. — Me impressiona que todas elas não vão para lá, tirem suas camisas, e peçam a ele para assinar seus sutiãs.

Daphne ergueu sua sobancelha. — Muito, ciúmes?

Eu me afundei um pouco mais baixo na minha cadeira. — Não ciúmes. Bem, não exatamente. Não é como se eu tenha qualquer direito pelo Logan. Nós não conversamos, você sabe, sobre qualquer coisa.

Eu quis conversar com o Espartano essa manhã durante o treinamento de armas, mas Kenzie e Oliver apareceram antes que eu tivesse uma chance. Depois, Logan correu para fora do ginásio, dizendo que ele precisava voltar ao seu dormitório antes das aulas começarem. Eu tive a impressão que Logan estava tentando me evitar tanto quanto possível. Eu me perguntei se isso tinha algo a ver com o que Vovó Frost tinha dito a ele ontem – sobre

como alguma coisa não tinha sido sua culpa no passado e não ia ser sua culpa no futuro, também.

A Valquíria ergueu sua sobrancelha. — Oh, supere isso, Gwen. O Espartano deu a você um colar de diamantes no Natal. Eu diria que é uma indicação muito boa que ele gosta de você. E ele lutou ao seu lado no coliseu.

Eu suspirei. — Eu sei, eu sei. Eu só gostaria – eu só gostaria que soubesse como as coisas estão entre nós dois. De uma vez por todas.

Eu observei enquanto outra garota da mesa das alunas do primeiro ano se levantou, caminhou até Logan, e conseguiu que ele desse a ela um autógrafo, também. Eu rolei meus olhos.

— Você pelo menos acha que eles nos pedirão autógrafos, — eu murmurei. — Nós estávamos lá, também, e você salvou a vida de Carson.

— Algo que eu estarei grato para sempre, — Carson disse, apertando a mão de Daphne.

Ao invés de ficar contente com as suaves palavras do cara nerd membro da banda, algo duvidoso piscou nos olhos de Daphne. Depois de um momento, ela escorregou sua mão da dele.

— Eu acabei de me lembrar que eu preciso correr até a biblioteca e pegar um livro de referência para minha próxima aula, — Daphne disse. — Vejo vocês mais tarde.

A Valquíria ficou de pé, agarrou sua bolsa Dooney & Bourke, e saiu do refeitório, deixando faíscas rosadas de magia piscando no seu caminho.

— O que há de errado com ela? — eu perguntei.

Carson encolheu seus magros ombros. Ele não sabia também. Daphne podia ser rápida na raiva, e ela definitivamente tinha um temperamento, mas ela nunca tinha levantado e ido embora antes – especialmente quando ela não parecia estar chateada com nada. Estranho.

Mais risadinhas soaram, e meus dedos se apertaram ao redor do meu garfo enquanto uma terceira garota se aproximava de Logan.

Eu não fui a única que notou o novo fã clube do Espartano. Algumas

mesas de onde Carson e eu estávamos sentados, Savannah olhou para Logan. Savannah estava sentada com Talia Pizarro e Vivian Holler, e eu me lembrei do que Daphne disse sobre elas três sendo amigas.

Eu realmente conhecia Talia desde que nós tínhamos aula de educação física juntas e frequentemente terminávamos como parceira de duelo. Algumas vezes ela dava uma passada quando eu estava fazendo meu treinamento de armas de manhã cedo com os Espartanos já que ela estava namorando Kenzie. Talia era alta e ágil com pele ébano e cabelo preto que estava cortado em um bonito corte de fada. Ela estava falando e gesticulando sobre algo, mas Savannah não estava prestando atenção nela. Nem Vivian estava, que tinha sua cabeça inclinada para baixo sobre um grosso livro e estava mexendo com uma mecha do seu cabelo ruivo frisado. O primeiro dia de volta às aulas e ela já estava fazendo dever de casa? Mesmo eu não era dedicada assim – ou nerd assim.

Savannah deve ter me sentindo olhando, porque a Amazona virou sua cabeça e olhou na minha direção. Nossos olhares se cruzaram no refeitório.

Mais uma vez, eu pensei ter visto um brilho ardente de vermelho nos seus olhos – vermelho de Ceifador, como eu vim a pensar nisso.

Uma sensação incomum deslizou na minha coluna. Eu apenas tinha visto aquela faísca carmesim algumas vezes antes e sempre nos olhos de Ceifadores ou em criaturas que eles treinavam. Savannah poderia – era possível – Savannah poderia ser uma Ceifadora?

Talvez até mesmo *a* garota Ceifadora? A Campeã de Loki?

Eu não sei de onde os estranhos pensamentos vieram, mas eles estalaram na minha cabeça, e eu não podia afastá-los. Era como se alguém estivesse esmurrando as ideias dentro do meu crânio com um martelo. Minha cabeça começou a doer, e meu coração começou a queimar com raiva com o pensamento da garota Ceifadora e como ela tinha matado minha mãe. Minha mão apertou ao redor do meu garfo novamente, e eu me imaginei empurrando-o no peito de Savannah. Eu de fato não me considerava uma pessoa violenta, mas aquele pensamento me deixou feliz

de uma maneira que nada mais deixou em um longo, longo tempo –

— Gwen? — Carson perguntou. — Você está bem? Você tem esse olhar realmente zangado no seu rosto agora. Eu fiz algo para te chatear?

Sua suave, voz preocupada penetrou na minha raiva. Eu larguei meus olhos de Savannah e neguei com minha cabeça. Quase que instantaneamente, a raiva que eu tinha sentido desapareceu, embora minha cabeça continuasse doendo, como se eu tivesse tendo uma enxaqueca. Ótimo. Apenas o que eu precisava.

Eu imagino que isso servia bem para me enlouquecer e me deixar uma total paranoica. Savannah não era uma Ceifadora. Sem chance. Ela estava lá no coliseu com Vivian ontem, e ela foi atacada apenas como todos os outros jovens. Savannah era uma vítima, apenas como todos os outros.

A boca de Savannah se achatou em uma dura, fina linha, e ela disse algo para Talia. Logo, a outra Amazona olhou para mim, também. Até mesmo Vivian me disparou olhares sombrios cada vez que ela folheava uma página no seu livro, embora seus olhos dourados fossem um pouco menos hostis do que os outros eram.

Eu suspirei e me afastei delas.

É, eu sabia que Savannah me culpava por Logan ter terminado com ela, e eu tinha bastante culpa nisso, mas a outra Amazona realmente precisava parar com os olhares sujos. Não era como se eu tivesse feito de propósito.

Além disso, eu nem sequer sabia o que estava acontecendo com Logan e mim, se nós éramos um casal ou apenas amigos ou algo entre isso.

A incerteza estava me enlouquecendo – tanto que eu estava imaginando que Savannah era uma Ceifadora. Jesus. *Se controle, Gwen.*

Subitamente cansada de bem, tudo, especialmente da estranha forma que eu estava me sentindo, eu fiquei de pé e peguei minha bolsa de mensageiro cinza.

— Onde você está indo? — Carson perguntou.

Outra risadinha ecoou pelo refeitório enquanto outra garota bajulava

Logan. O som fez a dor de cabeça piorar.

— Algum lugar silencioso onde você não tenha autógrafos.



8



RESTO DO DIA SE ARRASTOU, MAS FINALMENTE, CHEGOU A HORA DO meu sexto período da aula de história-mítica. Eu deslizei no meu assento atrás de Carson assim como o sinal tocou.

Um minuto mais tarde, Professora Metis entrou na sala de aula e fechou a porta atrás dela. Pele cor de bronze, corpo atarracado, óculos prateados, cabelo puxado para trás em um apertado coque. Metis parecia a mesma de sempre, embora hoje, seus olhos parecessem aborrecidos e cansados, e seus ombros despencassem em exaustão. Daphne pode ter curado Carson ontem, mas Metis tinha sido responsável por recompor todos os outros alunos que tinham sido feridos. Parecia como se a professora ainda estivesse sentindo os efeitos secundários do ataque, como o restante de nós.

Metis se arrastou e arrumou alguns papéis no pódio que era quase tão

alto quanto ela. Depois, ela virou sua atenção aos alunos.

— Eu tenho certeza que vocês todos já ouviram agora que os Ceifadores atacaram, — ela disse. — Sobre os alunos que foram mortos, e aqueles que foram feridos, e aqueles que revidaram contra os Ceifadores.

Os olhos de Metis se focaram em Carson, depois em mim, e todos os outros alunos viraram o olhar na nossa direção, também. Carson suspirou, enquanto eu me afundei um pouco mais abaixo no meu assento. Eu não sei por que Metis estava me tornando algum tipo de herói, quando eu sabia que não era — e nunca seria.

— Os alunos no coliseu foram todos muito corajosos, — Metis disse. — E todos nós podemos aprender algo com o que aconteceu. Por mais horrível que o ataque tenha sido, me fez lembrar e aos outros professores o que nós estamos aqui para fazer. Ensinar a vocês — e a todos vocês — como melhor usar sua magia e habilidades para se protegerem e aos seus entes queridos, e para lutar contra os Ceifadores, caso vocês tenham o azar de encontrá-los como seus colegas fizeram.

A professora olhou de um aluno ao outro, até finalmente, seus olhos verdes encontrarem os meus. Depois de um momento, eu abaixei meu olhar. Tudo o que eu queria fazer era esquecer sobre o que eu tinha visto ontem, mesmo embora eu soubesse que eu nunca esqueceria.

— Eu ia questioná-los sobre os artefatos que vocês deveriam ter ido ao coliseu para ver durante as férias de inverno, — Metis disse. — Mas isso não parece justo, considerando as circunstâncias.

Todos suspiraram um suspiro de alívio. As questões de Metis sempre eram complicadas, sem importar o quanto você estudasse.

— Ao invés disso, eu gostaria que vocês virassem seus livros na página 269, — Metis disse. — Hoje, nós vamos discutir algumas das arquiteturas sem igual que podemos encontrar no estabelecimento da academia.

Arquitetura? Aquilo soou *totalmente* chato, mas eu folheei até a página apropriada e me encontrei olhando para a Biblioteca de Antiguidades. Essa fotografia em preto e branco fez o prédio parecer mais escuro e até mesmo

mais sinistro do que ele normalmente era.

— Nós vamos começar com a biblioteca, desde que é o maior prédio no campus, — Metis começou. — Como vocês podem ver, a biblioteca tem um número de galerias, sem mencionar as torres no telhado...

Pelos trinta minutos seguintes, Metis falou sobre tudo das muitas características da biblioteca, aos estilos de arquitetura que a tinha influenciado ao patrimônio líquido do ouro e das pedras preciosas que constituíam os afrescos cobrindo a cúpula interior do prédio. Resposta: Perto de cinco milhões dos grandes. Exceto por esse engraçado, fato absurdo, a informação era completamente seriamente, de dar sono, e eu tive que me beliscar algumas vezes para ficar acordada. Eu estava quase para adormecer novamente quando Metis finalmente mudou para um tópico levemente mais interessante.

— Agora, vamos discutir as várias estátuas que podem ser encontradas na biblioteca, — ela disse. — Por favor virem para a página 273.

Páginas farfalharam, e mais uma vez, eu me encontrei encarando outra foto em preto e branco. Apenas que dessa vez, era uma foto em um ângulo aproximado dos dois grifos que guardavam as escadas do lado de fora da Biblioteca de Antiguidades.

Eles pareciam tão ferozes no meu livro de história-mítica como eles pareciam na vida real. Os grifos estavam sentados retos, suas cabeças de águias suspensas e suas asas dobradas apertadas atrás dos seus enormes corpos de leão, como se eles se aprontassem para saudar – ou agarrar você com seus bicos em forma de gancho e garras afiadas.

Enquanto eu olhava para a página, a foto começou a borrar e derreter, como se a tinta ainda estivesse molhada e prestes a borrar em todos os lugares. Eu suspirei. Não de novo. As estátuas eram assustadoras o suficiente, sozinhas – eu não precisava que minha psicometria engatilhasse e as fizesse parecer mais reais e assustadoras do que elas já eram, mas isso era exatamente o que estava acontecendo. Algumas vezes meu dom Cigano ficava um pouco descontrolado e me fazia ver coisas que realmente não

estavam ali. Eu não sabia exatamente por que.

Apesar de eu saber o que estava por vir, eu não podia evitar em encarar enquanto os grifos na foto começavam a se mover, arquear-se, e se esticar, como dois gatos acordando de uma longa soneca de inverno. Os grifos curvaram seus corpos dessa forma e daquela, suas caudas de leão balançando para frente e para trás, garras se projetando e se escondendo, bicos guinchando abertos e estalando fechados com cliques altos. Depois, as cabeças das criaturas giraram à minha volta, seus estreitos olhos sem pálpebras olhando para fora da foto para mim. Os grifos começaram a seguir na minha direção, como se eu fosse a presa desejada deles —

Eu neguei com minha cabeça. Os grifos romperam de volta na sua posição original, e a fotografia retornou ao normal. Eu cuidadosamente me recostei do meu livro de história-mítica, mantendo meu olhar longe dos grifos. Assustador.

— Como todas as estátuas do campus, os grifos destinam-se a serem guardiões, — Metis continuou sua palestra. — É o que eles simbolizam — proteção, dedicação, devoção a uma causa maior.

— Você quer dizer como as esfinges empoleiradas de cada lado do portão principal? — uma Amazona perguntou do outro lado da sala. — Aquelas que supostamente saem das suas conchas de pedras e atacam se um Ceifador tentar espreitar no campus? É o que deveria acontecer, certo?

Metis assentiu sua cabeça. — Exatamente assim. Todas as estátuas, os grifos e esfinges incluídas, estão imbuídos com magia e proteções para defender o campus e impedir os Ceifadores de entrarem. Até mesmo se os Ceifadores vierem de alguma forma a passar pelas defesas externas e montar um ataque, as estátuas ainda desencadeiam um alarme, uma sirene que irá alertar todos no campus do que está acontecendo.

Eu percebi que a professora não estava exatamente respondendo a pergunta da garota sobre se ou não as esfinges realmente iriam tomar vida e cortar os Ceifadores em pedaços. Depois do que eu tinha visto os Ceifadores fazerem no coliseu, era exatamente o que eu esperava que acontecesse. Eu

estava saindo muito com Vic – e eu estava começando a ficar tão sanguinária quanto a espada.

— Agora, nada é infalível, mas eu quero que todos vocês saibam que vocês estão tão seguros na academia quanto vocês possivelmente podem estar, — Metis disse. — É por que eu quis falar sobre as estátuas hoje e mencionar que todo o quadro de funcionários está dedicado em proteger vocês – até mesmo mais agora, dada à tragédia no coliseu.

Um por um, Metis olhou para todos os alunos novamente, antes do seu olhar finalmente travar no meu. Eu queria acreditar na professora, realmente queria, mas depois do que eu tinha visto os Ceifadores fazerem ontem, eu sabia que nenhum de nós estava seguro, nem mesmo atrás das robustas paredes da Mythos Academy.

— E agora, para a nossa próxima atribuição.

Um coro de resmungos soou, mas Metis os ignorou.

— Para a próxima tarefa, eu quero que vocês escolham uma estátua, pesquisem sobre ela, e escrevam um relatório sobre sua história, arquitetura, e assim por diante, — ela disse. — Eu espero diversas fontes e uma bibliografia completa. De livros reais na biblioteca, pessoal, e não algumas pseudo-citações mitológicas que vocês encontraram na página do perfil dos seus amigos da academia.

Mais resmungos percorreram na sala, mas o sinal tocou, abafando-os. Os outros jovens ficaram de pé e começaram a guardar suas coisas, mas eu permaneci sentada, meu olhar mais uma vez indo ao meu livro de história-mítica e na fotografia ali.

Os grifos, eu decidi. Eu faria meu relatório com os grifos. Era hora de eu superar esse estranho, medo paranoico deles e todas as outras estátuas.

Além disso, escrever sobre algo que me apavorava era provavelmente a única maneira que eu ficaria acordada bastante tempo para terminar essa tarefa.

Eu comecei a ir até Metis depois da aula para perguntar se ela, Nickamedes, ou Técnico Ajax tinham surgido com algo sobre porque os Ceifadores teriam atacado o coliseu. Quem eles realmente eram, onde eles poderiam estar escondidos, se a garota Ceifadora estava com eles. Eu também queria perguntar a Metis o que ela ia fazer sobre a Adaga Helheim – se eles iriam organizar grupos para começar a procurar na biblioteca por ela. A professora deixou que eu ficasse com o mapa original, apenas no caso de que eu pudesse obter mais outras vibrações dele, mas ela tirou outras cópias para que ela, Nickamedes, Ajax, e supostamente Raven pudessem estudá-las.

Para minha surpresa, a professora recolheu sua pasta e deixou a sala de aula antes da metade dos alunos. Eu me perguntei para onde Metis estava indo em tal pressa, mas eu não queria ser uma aberração total, atropelando a multidão, perseguindo-a, para perguntar.

Então eu segui o fluxo de alunos escorrendo pelo corredor, me empurrando através da porta mais próxima, e desci os degraus do prédio de história-mítica. Estava frio na Montanha Cipreste, mesmo para Janeiro, e um ar glacial explodiu através do meu pesado casaco roxo xadrez como um aríete. Deveria ao menos ter neve no chão se nós tivéssemos que suportar uma explosão ártica gelada, mas claro, não havia. Eu não sei por que isso me colocou em um humor irritável, mas fez.

Eu tirei minhas luvas do meu bolso e as coloquei, depois enrolei meu cachecol de lã cinza com seus flocos de neve ao redor do meu pescoço. Eu também puxei o gorro combinando sobre meu cabelo esvoaçante, mas as camadas extras não ajudaram tanto quanto elas deveriam.

Ainda pensando sobre o frio, Metis, e a garota Ceifadora, eu deixei o quadrilátero superior para trás, desci o morro, e corri para o outro lado dos quadriláteros inferiores. Eu enfiei meu queixo dentro do meu cachecol e não parei de andar até eu alcançar a extremidade do campus e a parede de três metros e meio de altura que separava a Mythos Academy do mundo

externo.

As barras de ferro no portão avultavam na minha frente, me relembrando exatamente onde eu estava – e que eu não deveria estar aqui. Não hoje, de qualquer forma. A maior parte das tardes eu deslizava pelas barras, caminhava até o ponto de ônibus, e seguia para a cidade para ver Vovó Frost, mas eu me esqueci que eu não ia deixar o campus hoje, que eu tinha prometido à Vovó que eu não iria por causa do ataque dos Ceifadores. Mesmo embora eu de fato quisesse vê-la, eu não queria que minha avó se preocupasse comigo mais do que ela já estava.

Suspirando, eu olhei para meu relógio. Eu ainda tinha muito tempo para matar antes que eu tivesse que ir à Biblioteca de Antiguidades para trabalhar no meu turno regular. Apesar do frio, eu não me sentia disposta a voltar ao meu quarto no dormitório e ficar obcecada sobre Logan, a garota Ceifadora, onde minha mãe tinha escondido a Adaga Helheim, e tudo mais que estava na minha mente agora.

Eu liguei para Daphne, esperando que eu pudesse sair com a Valquíria, mas ela não atendeu. Estranho. Minha melhor amiga era uma daquelas pessoas obcecadas que *sempre* atendiam seus celulares. Mesmo quando alguém enviava mensagem para ela, Daphne normalmente seguia em frente e ligava de volta. Eu me perguntei o que estava acontecendo com a Valquíria. Primeiro, ela saiu do refeitório durante o almoço, e agora, ela não estava atendendo o seu celular. Não era muito difícil de imaginar que tinha algo a ver com o que tinha acontecido no coliseu. Eu só não podia imaginar o que poderia ser, entretanto. É, o ataque tinha sido assustador e horrível, mas nós passamos por isso bem. Era no que eu estava me focando, ou ao menos tentando, mesmo embora o rosto morto de Samson Sorensen e aqueles dos outros jovens piscassem pela minha mente mais do que uma vez ao dia.

Uma vez que eu não tinha nada para fazer ou algum lugar para estar por um tempo, eu decidi vagar ao longo de um dos caminhos de paralelepípedos cinza que corriam paralelamente à parede e ver onde ele me

levava. Normalmente, eu só caminhava reto ao portão e corria até o ponto de ônibus. Eu nunca parei para explorar o que estava do lado de dentro da parede, então eu parti em um dos caminhos, seguindo para a esquerda.

Amores-perfeitos roxos e outras pequenas flores invernais lutavam para manter suas pétalas coloridas bem abertas, apesar da frieza no ar. Acima delas, as árvores esticavam seus pelados, galhos esqueléticos em todas as direções, criando uma cobertura de madeira escura que peneirava aquele solzinho que havia. Alguns bancos de ferro escondidos nas sombras escurecidas, enquanto um pequeno riacho que serpenteava ao lado deles tinha sido congelado completamente.

E claro, havia mais estátuas.

As estátuas eram feitas da mesma pedra cinza escura daquelas nos prédios principais do campus, embora essas fossem muito menores, não mais do que sessenta a noventa centímetros de altura. Um pequeno grupo delas estava aglomerado em volta de uma passarela de pedra que se arqueava sobre o riacho congelado. A maior figura tinha um torso de homem, junto com cascos de cabra e uma cauda curta. Dois chifres curvados saindo do seu cabelo de pedra, e ele segurava uma flauta nos seus lábios, como se ele estivesse se aprontando para explodir uma alegre melodia. Eu reconheci a estátua como Pã, o deus Grego dos pastores e um monte de outras coisas, dependendo de qual livro de história-mítica você escolhesse na biblioteca.

Várias outras estátuas de pedra de ninfas do bosque e dríades estavam reagrupadas ao redor dele, seus braços abertos e pés altos, flores apertadas na ponta dos seus dedos, como se eles estivessem dançando a música fantasma de Pã. E quanto mais eu olhava para elas, mais parecia como se as ninfas estivessem olhando de volta para mim, seus olhos estreitos em fendas manhosas, seus lábios retraídos para mostrar seus dentes, seus dedos estrangulando as delicadas pétalas em seus apertos.

Eu suspirei e afastei o olhar. Algumas vezes eu pensava que eu se eu nunca visse nenhuma estátua novamente, teria que ser muito breve. E agora eu tinha que fazer um estúpido relatório sobre elas para a aula da Metis.

Ugh.

Eu continuei andando, passando mais bancos e mais estátuas, mas o que me surpreendeu foi o fato de que vários portões estavam mais rígidos na parede de pedra que circulavam a academia. Até agora, eu tinha atravessado o portão principal e secundariamente aquele no final do estacionamento atrás do ginásio, mas as barras de ferro eram espaçadas na parede a cada trinta metros. Umas duas esfinges de pedra empoleiradas acima de todas elas, pairando sobre cada lado dos espaços abertos. Eu imaginei que havia tantos portões no caso dos alunos alguma vez precisassem deixar o campus com pressa – como se os Ceifadores alguma vez atacassem a academia em grupo, da maneira que eles fizeram no coliseu. O pensamento fez meu estômago embrulhar.

Apesar do meu passo ativo, a frieza do inverno continuou a arrastar pelas minhas roupas e infiltrar-se nos meus ossos. Eu tinha acabado de dar a volta para seguir de volta ao meu quente quarto no dormitório quando um baixo rosnado soou.

Eu congelei, subitamente com mais frio do que alguma vez antes, me perguntando se eu tinha acabado de imaginar o som – e realmente, realmente esperando que eu tivesse. Na minha experiência, rosnados nunca eram, jamais bons. Rosnados normalmente significavam que grandes criaturas assustadoras como gatunos de Nemean estavam espreitando e intencionavam me dilacerar com seus dentes e garras. Eu era tão *não* afeiçãoada às criaturas como panteras negras de tamanhos descomunais – especialmente desde que os Ceifadores os treinavam para serem mortais, gatinhos assassinos.

O rosnado cortou através do ar novamente, destruindo qualquer esperança que eu tinha disso ser apenas minha imaginação ou meu dom Cigano enlouquecendo. Eu lentamente virei minha cabeça para a direita – e vi o lobo Fenrir.



LOBO FENRIR ESTAVA AGACHADO EM UMA PILHA DE FOLHAS DO OUTRO lado do portão que estava na minha frente. A criatura era até mesmo maior do que eu, que já era alta, com um espesso poderoso corpo com dentes afiados como navalhas e garras combinando. Sua pelagem era bastante preta, porém mais como a escura, profunda, esfumada cor de cinzas. O pelo desganhado ajudava a misturá-la com as sombras causadas pelas árvores altas. A última vez que eu tinha visto um lobo Fenrir, eu percebi que sua pelagem tinha camadas carmesins brilhando nela, mas eu não tinha visto nenhuma nesse pelo desganhado. Seus olhos eram vermelhos enferrujados, embora a cor fosse mais escura do que eu me lembrava que ela fosse e sem um ardente brilho arrepiante que me dizia o quanto o lobo queria me devorar.

Meu olhar vagou sobre a criatura, e meus olhos se prenderam na sua orelha. Um pequeno V estava entalhado na orelha direita do lobo, e eu soube que era o meu lobo depois de tudo. Aquele que eu conheci no resort de esqui, aquele que tinha me impedido de congelar a morte depois que nós dois fomos pegos pela avalanche que Preston tinha arrumado. O lobo tinha conseguido a cicatriz em formato de V naquele dia.

— Um, filhote? — Eu perguntei em uma voz hesitante, uma vez que essa foi a maneira que eu sempre chamei o lobo. — É você mesmo?

Com o som da minha voz, o lobo Fenrir saltou sobre seus pés, e seu focinho se enrugou para trás no que pareceu como um – um *sorriso*. Tudo bem, isso foi um pouco assustador. Normalmente, criaturas mitológicas não ficavam mais contentes em me ver do que eu ficava em percebê-las espreitando-me e lambendo seus beiços com o pensamento de afundar seus dentes no meu corpo. Mas o lobo realmente pareceu contente que eu o notei, como – como se ele estivesse esperando aqui para que eu passasse.

O lobo soltou um suave choramingo e se arrastou mais perto do portão, fazendo as folhas estalarem debaixo do seu enorme corpo. Eu me aproximei às barras de ferro. Eu hesitei, depois estiquei minha mão através de um dos espaços. O lobo andou para frente e para trás por alguns segundos antes de seguir na minha direção e empurrar sua cabeça debaixo da minha mão.

Assim que meus dedos roçaram na sua pelagem, imagens do lobo começaram a encher minha mente. Clarões da avalanche aniquiladora que quase tinha enterrado a nós dois, depois uma do galho que tinha perfurado a perna da criatura e minha puxando a madeira afiada para que o lobo pudesse andar novamente, até mesmo uma memória minha enfrentando Preston e do lobo arruinando a mira do Ceifador quando Preston tentou me matar com um arco e flecha.

Mais imagens zuniram através da minha mente, de neve e árvores e do lobo correndo pela floresta, junto com as emoções da criatura. Havia apenas uma emoção, verdadeira – felicidade. Pura, feroz, intensa felicidade de que

ele finalmente estava livre dos Ceifadores que o tinham capturado, ferido, torturado por tanto tempo. Lágrimas arderam nos meus olhos com a intensidade e profundidade da euforia do lobo.

Depois, uma imagem de outro lobo surgiu na minha cabeça, um segundo lobo Fenrir, embora esse não tivesse a tinta vermelha do Ceifador no seu olhar ou pelagem. Deveria ser um dos lobos Fenrir selvagens que Metis tinha me contado, aqueles que viviam nas profundezas das montanhas e raramente eram vistos por membros do Panteão. Ao início, meu lobo estava cauteloso perto dessa criatura, mas logo, eles dois estavam caçando na neve juntos. Brincando, fingindo lutar, e até mesmo aconchegados juntos.

Pela primeira vez, eu percebi que meu lobo era de fato uma loba, e eu também tive a impressão que ele – não, *ela* – queria que eu a ajudasse.

— Eu não entendo, — Eu murmurei, abrindo meus olhos e olhando o lobo. — Por que você está aqui? Por que você deixou seu companheiro? Você estava tão feliz com ele. O que possivelmente você iria querer aqui comigo?

O lobo soltou um pequeno bufo, como se ela não acreditasse que eu era tão estúpida. Meio triste quando uma criatura mitológica pensa que é mais esperta que você. O lobo pulou para trás e caminhou para frente e para trás na frente do portão, quase como se ela estivesse desfilando para mim. Eu encarei a criatura, me perguntando o que ela estava fazendo, o que ela estava tentando me mostrar.

Depois de alguns segundos, eu percebi que o lobo estava muito mais gordo do que eu me lembrava dela ser antes – especialmente ao redor da cintura. Eu estiquei a mão e coloquei no estômago da criatura. Demorou um segundo, mas outro pequeno tremor preencheu minha mente, outra pequena faísca que me disse que o lobo não estava mais exatamente sozinho.

— Oh, — eu disse. — Oh. Você vai ter um bebê cachorrinho... ou o que quer que seja.

Eu não sei o quanto das minhas palavras o lobo entendeu, mas ela quase pareceu assentir sua cabeça, como *finalmente, a boba garota mortal entende o que eu estou tentando dizer a ela*.

Eu não sabia muito sobre animais, mas me pareceu que o lobo estava muito maior do que ela deveria estar, dado ao fato de que eu a tinha visto há apenas algumas semanas atrás. Criaturas mitológicas tinham seus bebês mais rápido do que animais comuns? Era por isso que o lobo já estava tão grande? Quão cedo ela teria filhotinhos? Eu não sabia as respostas de nenhuma das perguntas circulando na minha mente.

— Mas eu ainda não entendo. Por que vir aqui? Como você sequer me encontrou em primeiro lugar? — Eu perguntei.

O lobo fez um alto som fungado, e seu nariz preto tremeu.

— Então... você me farejou? Você de alguma forma... me seguiu todo o caminho de volta até aqui do resort de esqui?

De novo, o lobo assentiu. Tudo bem, então o lobo Fenrir estava me seguindo. Isso era meio que estranho.

Meus olhos se estreitaram enquanto outro pensamento me ocorria. — Você estava do lado de fora da casa da minha Vovó Frost na noite passada? A grande casa roxa com degraus cinza?

Outro aceno.

— Por quê?

Ao invés de assentir, dessa vez o lobo fez um som de rosnado no fundo da sua garganta – o tipo de rosnado baixo e rouco que me dizia que ela gostaria de afundar seus dentes em algo e não partiria até que estivesse bom e morto. Eu mantive minha mão no estômago da criatura, alcançando meu dom Cigano, tentando descobrir o que a tinha irritado tanto para fazer aquele som, mas tudo o que eu podia ver e sentir, era o filhotinho se movendo dentro dela.

Frustrada, eu larguei minha mão e agachei ao lado do portão. Pensando. Tudo bem, então o lobo Fenrir que tinha me ajudado semanas atrás tinha de alguma forma me rastreado, ultrapassando várias montanhas

e muitos quilômetros para fazer isso. Agora, o dito lobo estava aqui na Mythos Academy, grávida, e aparentemente esperando que eu a colocasse para dentro, como se ela fosse apenas um pequeno, fofinho corgi², ao invés da criatura mitológica com mais dentes do que eu tinha neurônios.

Eu tinha visto e feito muitas coisas estranhas desde quando eu comecei a vir para a Mythos, mas essa estava indo rapidamente ao topo da lista das estranhezas.

O lobo me encarou, quase como se ela pudesse dizer o que eu estava pensando. Suas orelhas caíram, e ela soltou um choramingo triste que perfurou meu coração como a espada de um Ceifador. Eu tinha que fazer *algo* para ajudá-la. É, talvez a criatura originalmente tivesse a intenção de me matar pelas ordens de Preston, mas o lobo tinha me mantido quente depois da avalanche, e ela impediu Preston de colocar uma flecha através do meu peito. Eu a devia por isso.

E pelo porque ela veio à academia, bem, eu não sabia. Talvez ela não quisesse ter seu filhotinho nas montanhas. Talvez houvesse Ceifadores atrás dela. Ou talvez houvesse algo mais acontecendo que eu estava perdendo completamente. De qualquer jeito, o lobo tinha me ajudado o melhor que ela pode. Eu calculei que deveria retornar o favor. Era a coisa certa a se fazer.

Primeiro, entretanto, eu tinha que assegurar isso com os Poderosos Que Eram – isto é, com as duas esfinges empoleiradas na parede de pedra de cada lado do portão de ferro. Eu estava tão focada no lobo que eu não percebi que as esfinges pareceram ter ficado maiores e mais imponentes nos últimos minutos, suas feições se tornaram mais nítidas e mais pronunciadas, suas garras brilhando no fraco sol invernal, como se o que quer que estivesse espreitando abaixo das suas fachadas de pedra estava a um fôlego de saltar e rasgar o lobo em pedaços.

Professora Metis me disse que as esfinges eram designadas a manter as coisas fora da academia – Coisas Ruins, Muito Ruins, como Ceifadores,

² Raça de cão conhecida como Welsh Corgi.

gatunos de Nemean, e, bem, lobos Fenrir. Eu não sei exatamente o quanto bem elas funcionavam, embora, desde que Jasmine Ashton disse que havia outros Ceifadores na Mythos além dela – alunos e professores. Eu imagino que os Ceifadores tinham uma forma de esconder sua natureza verdadeira das esfinges, algum tipo de furo que os deixava passar pelas estátuas sem serem atacados. Havia muitos furos como esses na Mythos, especialmente quando vinha a ser toda a coisa de magia surreal.

Mas Metis tinha afirmado também que as estátuas não iriam me ferir ou a qualquer um que deveria estar aqui. Eu só esperava que elas dessem um passe para meu novo amigo felpudo também.

— O lobo está comigo, — eu disse às esfinges. — Ela não pertence aos Ceifadores. Não mais.

As esfinges olharam abaixo para mim, seus olhos de pedra pareceram se estreitar com minhas palavras, como se elas estivessem julgando se ou não eram verdadeiras. Eu esperei por alguns segundos, mas nada aconteceu. As esfinges não relaxaram sua postura rígida, mas elas não saltaram à vida e atacaram o lobo também. Ao invés disso, elas apenas continuaram me encarando. Tudo bem, pareceu como se dependesse de mim para fazer o próximo movimento.

Eu estiquei minha mão para fora das barras e gesticulei para o lobo. — Venha, garota. Venha aqui.

O lobo andou para frente e para trás alguns segundos, olhando as esfinges basicamente do mesmo jeito que elas a olhavam. Finalmente, entretanto, o lobo pisou adiante. Eu enfiei fundo minha mão na sua pelagem desgrenhada e gentilmente a puxei em direção ao portão, mantendo contato com o seu corpo todo o tempo. Minha teoria era que se as esfinges não me atacassem, então talvez elas não prejudicassem o que quer e quem quer que eu estivesse tocando também.

O lobo se arrastou para frente e enfiou sua cabeça pelo portão. Talvez fosse minha imaginação, mas as esfinges pareceram se deslocar, e algumas lascas de pedra deslizaram do topo da parede e bateram nas barras de ferro.

O lobo vacilou com o áspero som, mas eu mantive minha mão nas suas costas e olhei para as esfinges.

— Eu disse a vocês que ela está comigo.

As esfinges continuaram a me encarar, mas não mais lascas de pedras despencaram da parede.

Alguns segundos se passaram.

Quando nada mais aconteceu, eu puxei o lobo, instando-a para frente antes que as estátuas mudassem de ideia.

Ela tentativamente deslizou uma das suas patas da frente para dentro do portão, depois a outra.

— Assim, — Eu sussurrei. — Elas não vão machucar você enquanto você estiver comigo.

O lobo soltou outro bufo, como se ela não acreditasse em mim de verdade, mas ela continuou se movendo para frente.

Estava um aperto, especialmente ao redor da cintura, mas a criatura deslizou pelas barras de ferro ao outro lado, me derrubando no processo.

Depois, ela se sentou de bumbum, sua longa cauda batendo para frente e para trás, como se ela tivesse acabado de fazer a coisa mais legal do mundo.

Talvez ela tenha feito.

Eu olhei para as esfinges, que ainda estavam olhando para mim, seus olhos sem pálpebras estreitos em fendas. — Obrigada, — Eu disse. — Você sabe, por não nos rasgar em pedaços.

As esfinges não fizeram ou disseram nada, mas por um segundo, eu senti aquela força agitar ao redor delas – aquela força anciã que parecia pairar em torno de todas as estátuas no campus.

Depois, desapareceu, e as esfinges eram apenas pedra mais uma vez.

Além de mim, o lobo soltou outro baixo, rosnado ameaçador, como se ela estivesse mostrando às esfinges que ela *realmente* não as temia.

— Vamos, — eu disse, esfregando suas orelhas. — Vamos instalar você no meu quarto no dormitório antes que alguém veja você.

Assustadoras esfinges de pedras são uma coisa, mas professores são outra.

Eu fiquei de pé e disparei pelas árvores, com o lobo galopando atrás de mim.



Io

NÃO FOI FÁCIL, ESPREITAR COM O LOBO FENRIR ATRAVESSANDO O CAMPUS AO meu dormitório, mas eu consegui, na maior parte por me esconder de árvore em árvore. Sério, eu era muito mais fácil de ser localizada que o lobo. Com sua pelagem escura, o lobo era capaz de quase completamente se misturar com a paisagem sombria. Eu, no meu casaco roxo, jeans, e tênis? Não tanto assim.

Uma vez que nós chegamos ao meu dormitório, Styx Hall, as coisas ficaram muito mais fáceis, desde que o meu quarto era o único no terceiro andar, enfiado em uma torre separada que tinha sido adicionada ao resto do prédio. Uma cama, algumas estantes, uma mesa, uma geladeira pequena. Parecia como um típico quarto de dormitório, embora eu tivesse adicionado meus próprios toques pessoais, como os porta-retratos da minha mãe que

ficavam na minha mesa, bem ao lado de uma pequena réplica da estátua de Nike.

Vic havia dito que ele queria tirar um cochilo, então eu o trouxe de volta ao meu quarto antes da minha aula de história-mítica. A espada estava pendurada na sua bainha de couro no seu local usual na parede, bem ao lado dos meus pôsteres da Mulher Maravilha, Karma Girl, e The Killers. Seu olho estalou aberto com o meu som ao abrir a porta e entrar.

— Bem, já não era sem tempo de você chegar aqui—

O olho de coloração do crepúsculo de Vic se alargou com a visão do lobo Fenrir, e sua boca caiu aberta. De fato, eu imaginei que ela teria caído completamente se, você sabe, não estivesse presa com o resto do seu rosto. Eu suspirei. Eu sabia o que estava por vir.

— Gwen Frost, você perdeu o seu sangrento juízo? — Vic rugiu.

— Sssh! — Eu coloquei um dedo nos meus lábios. — Você quer que todos no dormitório ouçam você?

— O que essa – essa *coisa* está fazendo aqui? — Vic vociferou, olhando para o lobo.

Os olhos do lobo se estreitaram, e ela soltou um rosnado, seus olhos fixos na arma como se ela quisesse saltar, arrancar Vic da parede, e dá-lhe uma forte sacudida.

— Não é uma *coisa*, é um *lobo*. Um lobo fêmea, para constar. Uma que vai ter um, filhotinho em breve.

— Bem, eu posso *ver* isso, — Vic fungou. — Ela está tão enorme quanto uma sangrenta vaca.

O rosnado do lobo ficou um pouco mais profundo e feio. Eu coloquei uma mão nas suas costas e comecei a acariciá-la. Aquilo pareceu acalmá-la, embora ela continuasse rosnando para a espada.

— Bem, aparentemente, ela decidiu que quer ficar comigo... ou algo assim, — eu disse. — Eu a encontrei lá em baixo em um dos portões, como se ela estivesse esperando para eu aparecer.

A boca de Vic caiu aberta novamente. — Então você a deixou entrar

nos solos da academia? Porque você faria isso?

— Eu não a deixei entrar, — eu disse em uma voz atravessada. — As esfinges deixaram... depois de eu dizer que ela estava comigo.

A espada me encarou.

— Se eu tivesse uma mão, eu teria estapeado minha testa em descrença, — Vic resmungou. — Não, realmente, eu a usaria para estapear algum sentido em *você*, Gwen. Isso é um sangrento *lobo Fenrir*, não um filhote com olhos tristes que você viu no canil municipal e acabou de trazer para casa. No caso de você ter se esquecido, esse é o mesmo lobo que ficou mais do que feliz em fazer picadinho de você no resort de esqui.

Eu suspirei. — Eu sei disso. Eu também sei que o lobo me impediu de congelar a morte durante a avalanche, e ela impediu Preston de me matar com a flecha. Certamente você se lembra *disso*, uma vez que você estava lá.

Vic fungou novamente. — Eu não me recordo de tal coisa. Exceto que eu fui brilhante em batalha, como sempre.

— Enfim, — eu disse através de dentes cerrados. — Se o lobo quer ficar aqui comigo por um tempo, então eu vou ficar com ela. Ao menos até que eu possa descobrir o que ela realmente quer. Ela passou por muita coisa desde que ela escapou de Preston, e eu não falo exatamente linguagem de lobo.

Vic bufou e fechou seu olho. Discussão encerrada. Eu suspirei novamente. Agora que a espada estava em um dos seus *estados de espírito*, e ele provavelmente não falaria comigo novamente até que eu o coagisse a falar – ou o subornasse ao ligar a televisão em alguma maratona de filmes de ação. Talvez fosse da sua natureza sanguinária, mas Vic absolutamente amava assistir vilões serem derrotados, sangrados, e explodidos. As maratonas do James Bond eram suas favoritas.

Mas a coisa boa sobre Vic não estar falando comigo era que ele não poderia retrucar, ou pior, me dizer que erro colossal eu tinha cometido, confiando em uma criatura que os Ceifadores treinaram para matar guerreiros como eu. Mas eu sabia que o lobo não era mais assim. Meu dom

Cigano mostrou o que estava no coração dela – alívio de finalmente ser livre dos Ceifadores. Ela não me machucaria agora.

Eu fui ao banheiro, enchi uma tigela com água, e coloquei no pé da cama para que o lobo bebesse se ela quisesse. Depois, eu me agachei no chão ao lado dela.

— Você fique aqui. Eu tenho que sair por algumas horas, mas eu vou conseguir algo para você comer e trazê-lo para cá, tudo bem?

O lobo soltou um pequeno resmungo de prazer enquanto eu coçava suas orelhas.

— Sabe, eu realmente preciso pensar em um nome para você se você vai ficar por um tempo, — Eu disse. — Você gostaria disso? Um nome?

Sua orelha, aquela com um imperfeito V nela, mexeu. Eu aceitei isso como um sim. Eu olhei o lobo, me perguntando exatamente que tipo de nome você dá a uma criatura mitológica. De alguma forma eu não achei que Totó ou Fofo seria satisfatório.

— Que tal Nott? — Eu finalmente disse, lembrando-me de um nome dos meus livros de história-mítica. — Ela é a deusa Nórdica da noite, e sua pelagem faz você parecer toda escura, sombria, e misteriosa.

O lobo sentou ali um segundo, depois seu rosto dividiu-se em um sorriso feliz, e sua língua pendeu para fora de um lado da sua boca. Era o mesmo vermelho enferrujado dos seus olhos, ao invés do carmesim brilhante que eu me lembrava que fosse.

— Nott, que seja, — eu disse.

O lobo se inclinou adiante e me lambeu na bochecha. Eu gargalhei e brincando empurrei a cabeça dela para longe, antes de ficar de pé e sair.

A primeira coisa que eu fiz foi ir até o refeitório, pegar uma bandeja, e criar uma pilha alta com todo o prato de carne no cardápio do jantar. As ofertas dessa noite incluíam costelas de cordeiro queimadas, filet mignon grelhado,

e montes de espaguete coberto com almôndegas de vitela apimentadas. Eu sei, eu sei, você não deveria dar comida de gente aos animais. Mas Nott era uma criatura mitológica, uma que de fato podia comer *gente*. Então eu imaginei que carne estaria bem. Além disso, era o melhor que eu podia fazer essa noite.

O chefe que embalou minha comida em uma sacola de papel marrom olhou para mim um pouco estranhamente, aparentemente se perguntando quanto eu achava que podia comer de uma vez só, mas eu dei a ele um sorriso meigo. Eu só esperava que Nott gostasse de vitela mais do que eu. Eca.

Eu estive tão ocupada com o lobo que eu perdi a noção do tempo, e eu tive que correr para conseguir chegar à Biblioteca de Antiguidades para o meu turno. A biblioteca ficava na cabeça do quadrilátero superior, no ponto alto da formação da estrela, e ofuscando todos os outros prédios. Ele apenas tinha o máximo de tudo – o máximo de janelas, o máximo de varandas, o máximo de torres.

O máximo de estátuas.

De acordo com a palestra da Metis, mais estátuas poderiam ser encontradas na biblioteca do que em qualquer outro prédio no campus. Criaturas mitológicas cobriam a estrutura, desde o piso inferior, à varanda a céu aberto que envolvia todo o caminho ao redor do prédio e às torres com pontas como lanças no sétimo e piso mais alto. Meus passos desaceleraram, e eu parei nos degraus inferiores da biblioteca, olhando para os dois grifos empoleirados de cada lado.

As estátuas pareciam as mesmas do meu livro de história-mítica. Cabeças de águia, corpos de leão, garras mortais, bicos curvos. Eles se agigantavam sobre mim, seus perfis agudos e vivos contra o cinza, tenebroso do céu de inverno, seus olhos sem pálpebras travaram em mim, seguindo meus passos.

Eu tive uma retrospectiva da imagem da minha mãe que eu tinha visto quando eu peguei seu diário, de como ela tinha se sentado nos degraus da

biblioteca entre os dois grifos. Eu me perguntei o que minha mãe teria achado das estátuas – e se ela ficava tão assustada por elas quanto eu. Até mesmo mais do que as esfinges que guardavam os portões, sempre pareceu para mim que os grifos estivessem há segundos de ganhar vida, livrando-se das suas conchas de pedras, e me rasgando em sangrentos pedaços.

Eu afastei aquele pensamento perturbador e subi os degraus, atravessei a porta, e desci um saguão antes de entrar em um par de portas duplas abertas. Um corredor estendia-se como um tapete de mármore até o centro da biblioteca, antes de se espalhar em um espaço aberto que exibia mesas onde os alunos podiam sentar e estudar, assim como os escritórios envidraçados dos bibliotecários.

Ao invés de descer o corredor até meu usual local no balcão de registro, eu me virei e voltei para dentro das estantes até eu chegar a um certo local. Uma vez, uma caixa de vidro esteve ali, aquela que eu tirei Vic durante minha luta desesperada até a morte com Jasmine. Claro, a caixa não existia mais, uma vez que a Valquíria malévola a tinha esmagado em pedaços, mas não era isso que eu estava aqui para ver, de qualquer forma.

Não, eu estava aqui para visitar uma deusa.

Eu inclinei minha cabeça para cima e olhei a figura acima de mim. Uma galeria circundava todo o caminho no segundo andar da biblioteca, e colunas esguias separavam as estátuas de todos os deuses e deusas de todas as culturas do mundo. Deuses Gregos como Psique e Perséfone. Divindades nativas americanas como Coyote e Badger. Deuses Celtas como Balor e Branwen. Todos os membros do Panteão podiam ser vistos, exceto por um único lugar vazio. É onde a estátua de Loki deveria estar, mas não havia estátuas do deus Nórdico do caos em nenhum lugar no campus da Mythos. Não era difícil de entender porque, uma vez que o deus do mal tentou controlar o mundo e seus Ceifadores do Caos gostavam de matar guerreiros mais do que qualquer coisa.

Eu afastei meus olhos do local vazio e olhei acima para a figura diretamente sobre mim – Nike, a deusa Grega da vitória. A estátua da deusa

parecia exatamente como ela era na vida real. Cabelo passando seus ombros, uma veste como toga fluindo ao redor do seu corpo, asas espiando por detrás das suas costas. Para mim, a deusa era fria, bonita, forte, e terrível tudo ao mesmo tempo. Era o que eu sentia sempre que eu estava na sua presença – o poder cru que saía dela em ferozes, ondas glaciais.

Eu imagino que ela parecia dessa forma para mim porque Nike era a personificação da vitória, algo que poderia ser uma coisa muito cruel no final. Era como eu me sentia sobre o que tinha acontecido no coliseu. Claro, meus amigos e eu tínhamos sobrevivido – mas outros jovens tinham morrido. Eu nunca, jamais me esqueceria disso.

Certamente teria sido dessa forma também para os membros do Panteão quando eles batalharam com Loki. Irmã se voltando contra irmã, guerreiro contra guerreiro, deus contra deus, até que todo o mundo estivesse à beira da destruição. Se Loki alguma vez se libertasse, era o que ocorreria novamente – outra longa, sangrenta Guerra do Caos. Mas isso não ia acontecer, eu prometi. Agora que eu sabia onde olhar, agora que eu sabia que a Adaga Helheim estava escondida na biblioteca, eu estava determinada a encontrá-la – sem importar quanto.

— Bem, no caso de você não ter notado, parece que eu tenho um novo, bicho de estimação, por falta de uma palavra melhor, — eu disse. — Você quer me dar uma pista sobre porque Nott decidiu me seguir?

A estátua não se moveu, não piscou, não se deslocou, não fez nada que indicasse que Nike estava em algum lugar – ou que a deusa estivesse realmente me escutando em primeiro lugar. Mesmo assim, dizer oi para Nike e conversar com ela, mesmo se ela não respondesse, sempre me fazia sentir um pouco melhor. Como se talvez ela estivesse mesmo no Monte Olimpo ou onde os deuses ficavam esses dias, olhando e cuidando de mim.

— Eu sei, eu sei, — eu disse. — Você não pode mesmo me contar nada por causa do pacto que os deuses fizeram para não interferir com os negócios mortais. Mesmo assim, se você alguma vez quiser deixar escapar uma pista às escondidas, eu ficaria mais do que feliz em escutar.

A estátua não se moveu, mas por um momento, pareceu que os lábios da Nike curvaram-se em um sorriso. Bem, eu imagino que houvessem coisas piores do que divertir uma deusa.

Eu deixei a estátua para trás, saí das estantes, e segui para o balcão de registro. O espaço central da Biblioteca de Antiguidades era uma enorme sala com um teto em formato de cúpula que se curvava todo o caminho até o topo do sétimo andar. Sempre pareceu para mim que a biblioteca era maior do que isso, porém, já que ela continuava a subir e subir e subir.

Eu estiquei meu pescoço para trás, tentando obter um vislumbre dos afrescos pintados no teto embobadado, aqueles que eram adornados com milhões em ouro, prata, e joias que Metis mencionou durante sua palestra de história-mítica, mas tudo o que eu podia ver eram sombras. Talvez isso fosse para o melhor. Sem dúvida os afrescos eram apenas tão assustadores e reais como as estátuas de pedras que decoravam o restante do campus. Era apenas muita estranheza que eu podia suportar em um único dia.

O balcão de registro ficava no meio da biblioteca na frente dos escritórios que dividia a sala de cúpula em dois. Alunos se amontoavam nas mesas de estudo perto do balcão. Apesar do fato que esse era apenas o primeiro dia da volta às aulas do feriado de inverno, cada mesa estava lotada – e não porque todos nós já tínhamos tanto dever de casa para fazer.

A biblioteca era um dos lugares principais para Sair e Ser Visto na Mythos. Jovens estavam aqui para estudar, claro, mas eles também viam todos que vinham e iam, conversavam, mandavam mensagens de texto, e fofocavam tão rápido quanto seus dedos e bocas podiam se mover. Eu imagino que a biblioteca estava tão lotada essa a noite por que todos queriam reencontrar seus amigos e contar tudo sobre o que tinha acontecido durante a pausa de inverno. Sem mencionar todos os rumores que ainda voavam sobre o ataque dos Ceifadores – e na minha parte dele. Mais uma vez, mais do que um aluno olhou para mim antes de virar e sussurrar algo ao seu amigo. Ótimo. Tão legal.

Eu pisei atrás do balcão de registro e coloquei minha bolsa carteiro em

uma fresta debaixo do longo balcão. Eu mal tive tempo de me sentar na banquetta perto de um dos computadores quando uma porta do complexo de escritório guinchou aberta.

— Você está atrasada, Gwendolyn, — uma baixa voz disse. — Mais uma vez.

Eu rolei meus olhos e rodopiei na banquetta. Com certeza, Nickamedes ficou atrás de mim. O bibliotecário tinha seus braços cruzados sobre seu peito, e ele estava tamborilando seus dedos direitos contra seu cotovelo esquerdo, um gesto evidente que ele estava chateado comigo – de novo. Mas sério, quando ele não estava chateado comigo? Eu não podia fazer nada certo no que dizia respeito à Nickamedes, e eu não tinha ideia do porque.

Eu olhei para o relógio em formato de relógio solar que pendia na parede de vidro externa. — Não, eu não estou. Eu estou na hora.

Nickamedes empurrou a manga do seu suéter preto e olhou para o seu próprio relógio. — Não, você não está. Passou um minuto das quatro, o que significa que você está atrasada.

Eu rolei meus olhos de novo. — Um minuto? Sério? Você vai brigar comigo por eu estar um minuto atrasada?

Os olhos azuis do bibliotecário se estreitaram. — Não importa se é um minuto ou uma hora. Atraso é atraso, Gwendolyn. Eu imagino que você estava ocupada saindo do campus para que você pudesse ver a sua avó, mesmo embora você soubesse que os alunos não deveriam deixar o estabelecimento da academia durante a semana.

Seu tom sarcástico esfolou meus nervos. É, talvez fosse o que eu normalmente fazia, mas hoje eu fiquei na academia, justo como Vovó Frost queria que eu fizesse. Mesmo quando eu fiz o que eu deveria ter feito, eu apenas não conseguia ter uma folga no que dizia respeito ao bibliotecário.

— De fato, eu estava caminhando pelo campus como uma boa garotinha, — eu vociferei para ele. — Eu não coloquei um pé para fora dos muros hoje.

Uma mão, sim. Um pé, não. Embora eu não estivesse para mencionar

Nott ao bibliotecário.

Nickamedes arqueou suas negras sobancelhas e me deu um olhar ácido. Ele obviamente não acreditou em mim.

Eu queria rosnar justo como Nott. Primeiro, Daphne tinha saído durante o almoço em seu estranho humor, depois a Professora Metis tinha disparado antes que eu pudesse falar com ela, e agora, Nickamedes estava me dando uma lição de moral sobre estar um nojento minuto atrasada. Eu estava tão cansada das pessoas e das suas atitudes hoje, especialmente Nickamedes, que abertamente me desprezava desde o primeiro momento que eu entrei na biblioteca.

Toda a minha raiva e frustração explodiu, queimando como ácido no meu peito, e eu abri minha boca sem realmente pensar sobre o que estava fazendo.

— Por que você me odeia tanto? — eu perguntei. — O que eu fiz para você que foi tão terrível? Eu realmente gostaria de saber.

Por um momento, Nickamedes pareceu chocado, como se eu não deveria ter notado o quanto ele não gostava de mim ou como ele se esforçava para me importunar por cada coisinha. Por favor. Mesmo se eu não tivesse meu dom Cigano, eu ainda teria sentido a raiva gelada que partia dele sempre que ele colocava seus olhos em mim, e pareceu que o ódio do bibliotecário por mim tinha piorado desde que ele viu Logan comigo no coliseu. Era como se Logan e eu sendo amigos – ou o que quer que nós fôssemos – deixasse Nickamedes mais chateado comigo, por qualquer razão que fosse. Como se eu me esforçasse para pessoalmente ofendê-lo por algo.

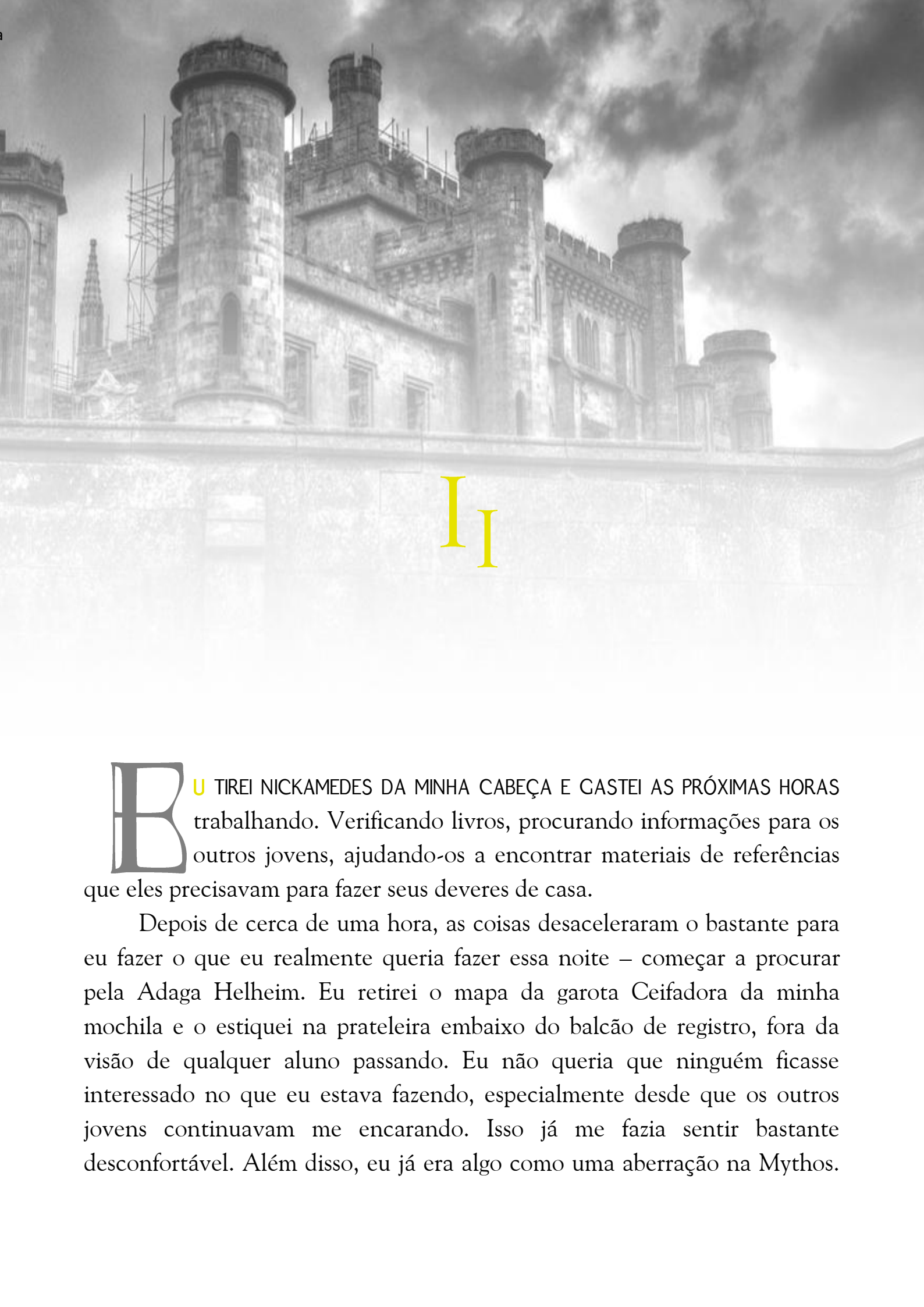
Nickamedes ficou ali, olhando para mim, seus lábios pressionados em uma apertada, fina linha.

— Bem? — Eu vociferei. — Você vai me responder? Ou você vai gritar mais comigo? Porque eu tenho trabalho a fazer, e eu de fato não tenho tempo para os seus jogos mentais hoje.

Um rubor de raiva floresceu nas bochechas sem cor de Nickamedes, mas eu vi algo tremeluzir em seus olhos gelados – algo que pareceu um

pouco como mágoa. Como se ele tivesse perdido algo uma vez e nunca conseguisse recuperá-lo, então ele descontava sua raiva em todas as pessoas como resultado. O bibliotecário abriu sua boca como se ele fosse dizer algo, mas no último segundo, ele a fechou. Nickamedes girou nos seus calcanhares, entrou no complexo de escritórios, e fechou a porta atrás dele tão forte que o vidro chocalhou.

Eu fiquei sentada ali e o observei entrar no seu escritório, sentar na sua mesa, e começar a embaralhar papéis, nitidamente me ignorando. Pareceu como se eu realmente obtive a melhor do bibliotecário nervoso. Por alguma razão, entretanto, isso não me deixou tão feliz como eu pensei que deixaria.



II

BU TIREI NICKAMEDES DA MINHA CABEÇA E GASTEI AS PRÓXIMAS HORAS trabalhando. Verificando livros, procurando informações para os outros jovens, ajudando-os a encontrar materiais de referências que eles precisavam para fazer seus deveres de casa.

Depois de cerca de uma hora, as coisas desaceleraram o bastante para eu fazer o que eu realmente queria fazer essa noite – começar a procurar pela Adaga Helheim. Eu retirei o mapa da garota Ceifadora da minha mochila e o estiquei na prateleira embaixo do balcão de registro, fora da visão de qualquer aluno passando. Eu não queria que ninguém ficasse interessado no que eu estava fazendo, especialmente desde que os outros jovens continuavam me encarando. Isso já me fazia sentir bastante desconfortável. Além disso, eu já era algo como uma aberração na Mythos.

Eu não queria ser conhecida como Gwen Frost, aquela estranha garota Cigana que estudava mapas em seu tempo livre.

Eu não tive muita chance de olhar no mapa desde ontem, então eu gastei cerca de quinze minutos apenas estudando-o, memorizando cada linha, cada rabisco, cada borrão de tinta e estranha dobra aleatória. Graças ao meu dom Cigano, eu nunca me esquecia de nada que eu via. Agora, o mapa estava na minha cabeça, e eu seria capaz de puxar a imagem dele sempre que eu quisesse, o qual seria muito melhor do que arrastar o papel pelas estantes enquanto eu procurava pela adaga. Carregar um mapa por aí era uma visão certa de que você estava tramando algo, e eu queria manter o que eu estava fazendo fora do radar.

Especialmente desde que eu não sabia se havia algum Ceifador me observando essa noite.

Não era algo fora do domínio da realidade. De fato, eu diria que as probabilidades eram muito boas que ao menos um Ceifador estivesse na biblioteca, junto de todas as Amazonas, Romanos, Vikings, e Valquírias. Devido ao seu fracasso em encontrar a adaga no coliseu, eu estava bastante certa que Ceifadores – quem quer que eles realmente fossem – saíram em plena força essa noite, especialmente já que eu vi muito mais alunos do que o normal deslizando para as prateleiras.

Claro, alguns dos jovens estavam apenas indo lá para trás para encontrar um canto tranquilo para fazer safadeza. Na Mythos, fazer o ato na biblioteca era considerado como algum tipo de excitação. Sempre que eu espanava os livros e caixas de artefatos nos fundos das estantes, eu sempre encontrava varias camisinhas usadas. Eca.

Eu empurrei esses pensamentos para fora da minha cabeça e concentrei no mapa, especialmente nos Xs que marcavam vários locais na biblioteca. Alguns dos lugares eu reconheci, como o carrinho que vendia café, bebidas energéticas, e lanches açucarados para os alunos assim eles não teriam que deixar a biblioteca para conseguir algo para comer enquanto eles estudavam.

Raven, a velha mulher que supervisionou a coleção de corpos de alunos no coliseu ontem, também administrava o carrinho de café. Eu nunca realmente prestei muita atenção em Raven antes, mas pareceu como se ela estivesse em todos os lugares por onde eu dava a volta, esses dias. Cabelo branco, vestido branco, enrugada. Raven estava empoleirada em um alto tamborete atrás do carrinho, lendo o tabloide de celebridades e parecendo estar completamente absorta nas paginas cheias de fofocas. Ela não me notou olhando-a, meu olhar estreito indo das garrafas de calda aos copos da maquina de espresso prateada colocada perto do seu cotovelo.

Ainda assim, sem importar quanto estranha Raven era, eu não achei que a adaga estivesse escondida no seu carrinho com os muffins de blueberry e barras de granola, então eu virei minha atenção de volta ao mapa.

Outro X marcava o lugar no piso principal onde uma caixa de vidro uma vez esteve sustentando a Tigela das Lágrimas. Eu consegui usar Vic para destruir o artefato, e a caixa se foi ha muito tempo, esmagada em pedaços por Jasmine quando ela roubou a tigela primeiro.

A adaga não estava escondida ali também, então eu segui para o próximo X. Um por um, eu examinei todas as marcas no mapa, ficando um pouco mais desapontada e desmotivada com cada localização. Ou a garota Ceifadora não era tão inteligente quanto eu pensava que ela era ou, havia algo errado com o mapa, porque cada X estava em um lugar onde a adaga apenas *não poderia estar*. Como o carrinho de café ou parte do piso que eu sabia que estava completamente vazio. Estranho. Muito estranho. Porque assinalar um mapa com esconderijos que não eram sequer esconderijos para começar?

Eu estava quase colocando o mapa de lado como uma causa perdida quando eu percebi que havia um último X que eu tinha negligenciado – um que marcava uma localização na galeria do segundo andar. Eu olhei para cima, tentando localizar o X no mapa com o ponto atual na biblioteca. Me levou vários segundos para perceber que o X realmente apontava para uma

das estátuas, Sigyn, a deusa Nórdica da devoção – e esposa de Loki.

Séculos atrás quando Loki tinha começado a causar problemas e causado a morte de Balder, o deus Nórdico da luz, os outros deuses tinham acorrentado Loki debaixo de uma gigante serpente que continuamente gotejava veneno em cima do seu rosto bonito. A Tigela das Lágrimas era o que Sigyn tinha usado para manter o veneno longe dele tanto quanto possível, mesmo embora ele tivesse salpicado nela também. Mas Sigyn tinha se mantido ali, segurando e esvaziando aquela tigela por anos – até Loki ter, de alguma forma, enganado a deusa em ajudá-lo a escapar e depois ter deixado-a para trás.

No início, eu pensei que Sigyn era meio que burra em tentar ajudar Loki por todos aqueles anos, mas agora, eu só sentia pena por ela. Tudo o que ela fez foi amar um sujeito. Ela não era responsável por ele ser tal monstro. Mesmo assim, Sigyn sempre pareceu ter uma péssima reputação em todos os livros de história-mítica. Era como se as pessoas a culpasse por Loki ter se libertado e começado a Guerra do Caos. Eu imaginei que não foi culpa dela que seu marido transformou-se em um mentor psicopata criminal. Além disso, Vovó Frost sempre me disse que as pessoas faziam suas próprias escolhas. Eu imagino que era o mesmo quando vinha a ser com os deuses.

Eu espiei mais perto do mapa. A estátua de Sigyn estava em uma parte da biblioteca no segundo andar que eu não ia com frequência. Já era bastante ruim que os grifos e outras estátuas externas pareciam me encarar – eu não queria pensar que as figuras dos deuses estavam me observando, também.

Mesmo assim, enquanto eu olhava para o X, meu coração começou a acelerar. A estátua de Sigyn estava em um ponto remoto no Panteão circular, longe das escadas que conduziam para o segundo andar. Seria um perfeito lugar para esconder algo como a Adaga Helheim. Eu duvidava que sequer que Nickamedes fosse naquela parte da biblioteca mais do que uma vez ou duas por ano. Talvez ele estivesse errado. Talvez a adaga estivesse na

biblioteca depois de tudo. Eu adoraria nada mais do que subir ali, encontrar o esconderijo da adaga, e mostrar ao bibliotecário como ele esteve errado—

— Você é a Gwen? — uma suave voz perguntou.

Eu olhei para cima para encontrar Vivian Holler de pé na frente do balcão de registro. Cabelo ruivo frisado, rosto bonito, olhos dourados. Vivian estava na ponta dos seus pés, tentando espiar sobre o balcão e ver o que eu estava fazendo.

— O que você está olhando? — ela perguntou.

Eu rapidamente dobrei metade do mapa em cima da outra, escondendo os rabiscos de vista. — Nada. Apenas um dever de casa para história-mítica. Você conhece a Professora Metis. Ela sempre dá algo para a gente fazer.

— Mas você é a Gwen, certo? Gwen Frost? — Vivian perguntou. — A garota Cigana.

— É, sou eu. Garota Cigana extraordinária. Eu posso ajudar? Você precisa de ajuda para encontrar um livro ou algo?

Ela negou com a sua cabeça. — Não um livro, mas eu ouvi que você pode encontrar outros itens. Coisas que estão perdidas... ou talvez até mesmo roubadas.

— É, eu faço isso de vez em quando.

Realmente, mais como duas vezes por semana, dado o fato que os alunos na Mythos gastavam celulares como a maioria das pessoas gastavam lenços de papel. Sem mencionar todas as outras coisas que eles perdiam, extraviavam, ou roubavam de outros alunos.

— O que você perdeu?

— Ou fui roubada. — Vivian estremeceu, como se ela não gostasse de dizer as palavras em voz alta ou como se ela pudesse de alguma forma torná-las verdade apenas por falar delas. O pensamento feio era definitivamente tão estranho na sua suave, doce, melódica voz.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Tudo bem, o que foi roubado?

Ela mordeu seu lábio. — Bem, eu não sei se foi roubado realmente. É

só que eu normalmente sou cuidadosa com as minhas coisas, sabe? Eu gosto de saber onde está tudo todo o tempo.

Tudo bem, soou como se Vivian tivesse algumas questões esquisitas com arrumação rolando, mas estava tudo bem. Eu também tinha, de vez em quando.

— Então o que está desaparecido? — eu perguntei. — Celular, chaves, seus cartões de créditos?

Ela negou com sua cabeça. — Nada disso. Você vai achar que isso é bobeira, sério, mas eu perdi um anel. Um anel muito especial.

— Como esse anel se parece? — eu perguntei. — Você tem uma foto dele? E o que há de tão especial sobre ele?

Essas eram as perguntas padrões que eu fazia cada vez que alguém queria me contratar para encontrar itens perdidos. Ajudava se, sabe, eu realmente soubesse exatamente o que eu estava procurando, ao invés de alguma descrição vaga como *um anel ou meu celular ou meu favorito sutiã preto*. Na maior parte do tempo, entretanto, eu terminava trabalhando cega, por assim dizer, desde que poucas pessoas pensavam em tirar fotos das coisas que elas apreciavam, como joias. Então eu fiquei prazerosamente surpresa quando Vivian puxou o seu celular da sua bolsa e começou a passar pelas fotos nele.

— Aqui — ela disse. — Aqui está ele.

Ela virou seu celular assim eu poderia ver a foto, e eu me inclinei para frente para dar uma melhor olhada. Na foto, Vivian tinha sua mão ao redor de Savannah, e as duas estavam sorrindo. Vivian estava abraçando a Amazona, e eu pude ver uma faixa no seu dedo anelar direito. Era um anel bastante simples, feito de ouro sólido, embora a faixa formasse dois pequenos rostos, um virado para a esquerda e chorando e o outro virado para a direita rindo.

— Pela maneira com que você estava falando sobre o anel, eu imaginei que ele teria diamantes ou algo por ele todo, mas é um desenho legal. O que é?

Séculos atrás, os deuses e deusas de ambos os lados da Guerra do Caos tinham recompensado seus Campeões e guerreiros com ouro, prata, e joias pelo seu serviço de lealdade. Ao longo dos anos, os guerreiros mantiveram o trem da alegria dos ricos, investindo e tudo mais, que é o porquê os alunos da Mythos tinham pais que eram tão ricos e podiam dispor em dar aos seus filhos o melhor de tudo. A maior parte dos jovens na academia, especialmente as garotas, tinha mais joias que as estrelas de cinema de Hollywood.

— Obrigada, — Vivian disse. — O desenho é de mascaras de teatro de um tempo antigo. Algumas vezes eles são chamados de máscaras de Jano, depois do deus Romano. Eu tenho esse anel porque eu estou no clube de teatro, apenas como minha mãe estava quando ela ia à Mythos.

Ela corou e largou sua mão, quase como se ela achasse que eu fosse tirar sarro dela por me contar tanto sobre sua vida. Daphne estava certa. Vivian era até mesmo mais tímida, insegura e nerd do que eu. Eu me perguntei como alguém tão tranquila podia sobreviver em um lugar como a Mythos, onde encontrar novas formas de ser mau e perverso era considerado uma forma de arte.

— Bem, eu acho que é legal você estar no clube de teatro, — eu disse. — Eu mesma gosto de gibis. Você sabe, super-heróis, vilões, esse tipo de coisa. Eu gosto como os bonzinhos sempre vencem no final da estória.

— Maneiro.

Vivian me deu um pequeno sorriso, o qual eu retribuí.

— Então o que acontece agora? — ela perguntou. — Eu pago você antes de encontrar o anel? Ou depois?

— Eu cobro um adiantamento de cem paus, — eu disse. — Você pode dar para mim amanhã à tarde, quando eu aparecer no quarto do seu dormitório e começar a procurar pelo anel. Se eu encontrá-lo, você me deve outros cem paus. Mas se eu não encontrá-lo, eu devolvo a você os cem paus. Isso parece razoável?

Ela assentiu, depois franziu o cenho. — Mas eu já olhei no meu quarto

do dormitório. Eu procurei em todo o lugar pelo anel. Confie em mim. Eu praticamente destruí meu apartamento procurando por ele.

— Eu tenho certeza que sim, — eu disse. — Mas eu tenho minha maneira especial de localizar coisas. Então eu preciso olhar no seu quarto primeiro, tudo bem?

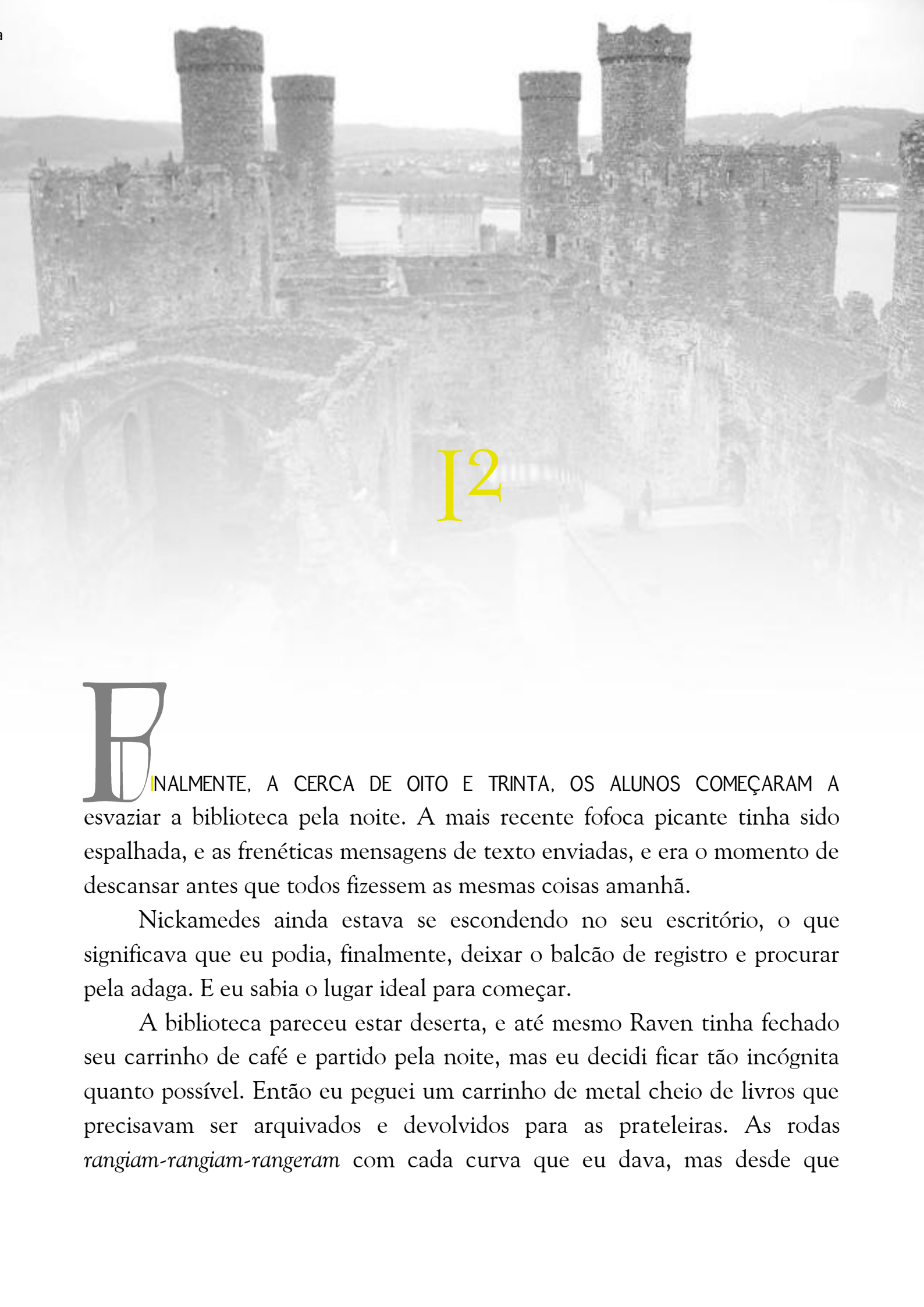
Eu não contei a ela sobre minha psicomетria ou sobre como eu planejava andar pelo seu quarto amanhã, tocar coisas, e ver que tipos de vibrações eu conseguiria das coisas dela. Eu aprendi que é melhor manter informações como essa em uma base necessária, especialmente agora que eu era a Campeã de Nike. Vovó Frost me disse que ser uma Campeã era como ter um alvo pintado nas suas costas, e eu já estava bastante débil, graças ao ataque dos Ceifadores.

Vivian franziu o cenho. — Bem, tudo bem, eu imagino que não vai machucar olhar no meu quarto novamente.

— Ótimo, — eu disse. — Quando você quer que eu apareça?

Nós fizemos planos para encontrarmos no seu dormitório, Valhalla Hall, depois do sexto período da tarde. Depois, Vivian me deu outro sorriso tímido e seguiu de volta para a mesa que ela estava sentada com Savannah e Talia. As três amigas guardaram seus livros e deixaram a biblioteca, contudo Savannah parou tempo suficiente para me dar um olhar malvado no seu caminho para a porta. Eu suspirei. Eu desejava que a Amazona já tivesse indiferente sobre toda a situação Logan.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer que fizesse Savannah me dar um tempo, e eu tinha assuntos muito mais importante para pensar, de qualquer forma – isto é, onde a Adaga Helheim poderia estar escondida. Então eu desdobrei o mapa da garota Ceifadora e comecei a estudá-lo novamente, me perguntando se eu negligencieei algo que poderia me levar à adaga.



I²

BINALMENTE, A CERCA DE OITO E TRINTA, OS ALUNOS COMEÇARAM A esvaziar a biblioteca pela noite. A mais recente fofoca picante tinha sido espalhada, e as frenéticas mensagens de texto enviadas, e era o momento de descansar antes que todos fizessem as mesmas coisas amanhã.

Nickamedes ainda estava se escondendo no seu escritório, o que significava que eu podia, finalmente, deixar o balcão de registro e procurar pela adaga. E eu sabia o lugar ideal para começar.

A biblioteca pareceu estar deserta, e até mesmo Raven tinha fechado seu carrinho de café e partido pela noite, mas eu decidi ficar tão incógnita quanto possível. Então eu peguei um carrinho de metal cheio de livros que precisavam ser arquivados e devolvidos para as prateleiras. As rodas *rangiam-rangiam-rangeram* com cada curva que eu dava, mas desde que

todas as rodas em todos os estúpidos carrinhos rangiam, eu imaginei que o som iria ajudar a me misturar. Teria sido estranho se as rodas *não tivessem* rangido.

Pelos últimos dez minutos, eu empurrei o carro para frente e para trás entre as estantes, guardando todos os livros que precisavam ser descartados, antes de dirigir o carro até um lance de escadas que conduziam para o segundo andar. Eu olhei ao redor, mas não vi ou ouvi nada. Lógico, isso não significava muito na biblioteca, a qual pela minha experiência era um dos lugares mais perigosos no campus. Eu peguei o último livro do carrinho e subi as escadas, como se o fino volume pertencesse às estantes lá de cima ao invés do andar inferior na coleção principal. Realmente, ele ia para os arquivos no segundo andar.

Se houvesse uma palavra para descrever as estátuas circundantes na galeria do segundo andar, era *impressionante*. Todos os deuses e deusas tinham nove metros de altura e eram esculpidos de mármore tão branco e liso que ele apenas brilhava. Eu me sentia muito pequena e muito pobre em comparação às esculturas elegantes. Meu tênis bateu suavemente contra o piso enquanto eu corria junto da galeria, e em poucos passos eu parava e olhava ao redor, ouvindo quaisquer passos ou sussurros de roupas atrás de mim.

Nada. Eu não vi nem ouvi nada.

Finalmente, eu alcancei a estátua de Sigyn. Para minha surpresa, a deusa Nórdica estava no local ao lado direito da estátua de Nike. Como eu não tinha percebido isso antes? Mas então, em raras ocasiões que eu me aventurei a subir ao segundo andar, eu sempre vinha para ver Nike, não qualquer outro deus.

A estátua de Sigyn era tão alta e imponente quanto às dos outros aqui. A deusa Nórdica da devoção usava uma túnica, seus pés descalços apenas saindo por debaixo das dobras drapeadas. Bastante estranho, o vestido parecia rasgado e esfarrapado em alguns lugares, como se sua estátua tivesse sido continuamente lascada ao longo dos anos, contudo eu não vi como

isso poderia ter acontecido na biblioteca. Suas mãos e braços pareciam especialmente esburacados e com marcas de pústulas. Uma teia de aranha voava de um lado da estátua ao outro, parecendo como se um colar prateado brilhante tivesse sido amarrado ao redor da garganta da deusa. As feições de Sigyn eram bastante bonitas, mas havia tal mágoa no seu rosto, como se ela de alguma forma se responsabilizasse por toda a tristeza no mundo. Me fez querer estender a mão e reconfortá-la.

Eu fiquei ali vários segundos, apenas olhando os olhos de pedra da Sigyn, antes de sacudir minha cabeça e voltar a si.

— Tudo bem, Gwen, — eu murmurei. — Foco.

Eu coloquei o livro que eu estava carregando no chão. Depois, eu inspirei, me inclinei para frente, e rocei meus dedos contra a pedra fria, esperando pela minha psicomетria engatilhar, para as imagens e memórias encherem minha mente.

Ao invés de vislumbrar a estátua e todas as pessoas que viram a passaram por ela ao longo dos anos, eu não senti nada – nada mesmo. Sem cintilações de sensações, sem memórias, nada. Era como se ninguém tivesse sequer tocado a estátua – nem mesmo o artista que a esculpiu em primeiro lugar.

Eu franzi o cenho. Meu dom Cigano sempre via *algo*, sempre me deixava sentir *algo* sempre que eu tocava um objeto, sem importar o quanto grande ou pequeno ele fosse. A única vez que eu não tinha vislumbrado ou não pude vislumbrar um objeto foi quando era uma ilusão, e não havia nada de verdade para começo de conversa. Foi como Jasmine me enganou em pensar que ela estava morta – ela criou uma ilusão do seu corpo deitado no chão da biblioteca.

Eu bati meu punho na pedra, e um maçante *tum-tum-tum* dos meus nódulos no mármore ecoaram ao redor da galeria. Nada, a estátua era tão real quanto eu. Talvez ninguém a tenha tocado em tanto tempo que todas as memórias atadas à estátua tinham desaparecido. Isso poderia acontecer algumas vezes com objetos, como se eles tivessem sido colocados em

armazéns e não fossem usados por longos períodos de tempo.

Desde que eu não obtive qualquer vibração da pedra, eu decidi continuar procurando da maneira antiga – eu corri minhas mãos para cima e para baixo da estátua e bati meus nódulos em cada ponto que eu podia alcançar, procurando por compartimentos secretos. Tudo bem, tudo bem, então talvez eu tivesse assistido muito desenho do Scooby-Doo durante o feriado de inverno, mas eu imaginei que valesse a pena.

Nada – eu não encontrei nada. A estátua de Sigyn era de mármore sólido. Eu até mesmo arrastei uma escada para perto da estátua para que eu pudesse alcançar mais alto, mas não deu em nada. Eu não sabia por que a garota Ceifadora tinha marcado a estátua da Sigyn no seu mapa, mas a adaga não estava aqui. Talvez a adaga não estivesse na biblioteca depois de tudo.

Desapontada, eu sai da escada, arrastando-a para a parede, e a coloquei de volta no seu local perto da alta, estante fina. Escadas similares podiam ser encontradas por toda a biblioteca para ajudar os jovens a alcançarem seus livros nas altas prateleiras. Eu também recuperei o livro que eu tinha colocado no chão aos pés da Sigyn, olhando para o número de classificação na espinha, e segui em direção ao local onde ele deveria ser guardado.

Eu encontrei a caixa apropriada e deslizei o livro em seu local apropriado. Eu estava me virando para descer as escadas para o primeiro andar quando uma placa prateada em uma parede ao lado da caixa chamou minha atenção. COLEÇÃO ARQUITETÔNICA #1-13. A placa me fez pensar na tarefa que eu tinha que escrever para história-mítica. Enquanto eu estava aqui em cima, eu poderia muito bem pegar algumas referências de livros, desde que Metis queria fontes *reais* para a tarefa.

Um por um, eu retirei livros das prateleiras e os abri, verificando os sumários. Eu não obtive nenhuma vibração verdadeira de livros, apenas fracos, flashes vagos de outros alunos folheando as páginas gastas. A maior parte dos livros não tinha sido tocada em anos, e qualquer que fossem as

memórias atadas a eles tinham desaparecido há tempos.

O que eu fiz agitou com toda a poeira que tinha sido reunida nos volumes. Logo, nuvens de partículas de poeiras giraram no ar ao meu redor, me lembrando das faíscas de magia que Daphne liberava. Eu tinha mandado uma mensagem para a Valquíria enquanto eu estava trabalhando, contando a ela que eu tinha encontrado uma localização possível da adaga e ia checar, mas ela não respondeu, nem mesmo para me escrever e dizer que estava ocupada essa noite. Eu não sabia o que estava acontecendo com minha melhor amiga, o que me preocupava.

A maioria dos livros se focava nos prédios na academia, ao invés das estátuas, mas eu finalmente encontrei alguns que pareceram úteis, incluindo aquele que tinha um grifo em relevo na frente da capa em amálgama prata. Eu olhei para o título. *A utilidade dos Grifos, e Outras Criaturas Arquitetônicas*. Bem, isso certamente soou bastante exibicionista para aula da Metis. Eu folheei as páginas e vi várias fotos de grifos de pedras, incluindo uma que mostrava as duas estátuas do lado externo da Biblioteca de Antiguidades. No alvo. Eu fechei o livro e o enfiei debaixo do meu braço. Quem sabia? Além de usá-lo para a fonte de referência, talvez algo no livro pudesse me contar porque as estátuas pareciam estar me observando todo o tempo...

O *rangido* de um tênis me fez congelar.

Era um som pequeno, suave, um que eu não teria ouvido nada, se eu não tivesse tão absolutamente em silêncio no segundo andar. Eu olhei para baixo e percebi uma sombra deslizando-se para cima ao segundo andar do meu lado, se rastejando mais perto e mais perto. Eu mantive minha cabeça inclinada, como se eu ainda estivesse verificando a prateleira na minha frente, e intensifiquei o aperto no livro do grifo. A sombra continuou a se aproximar, se aproximar, até que ela estava bem apertado de mim. Eu rodopiei e ergui o livro alto, pronto para trazê-lo abaixo tão forte quanto eu pudesse em quem estivesse se esgueirando atrás de mim.

Mas não havia ninguém ali — ninguém mesmo.

Eu estalei minha cabeça para trás e para frente, olhando ao redor da galeria. Ninguém apareceu, e nada se moveu, nem mesmo as estátuas. Eu realmente, de fato queria gritar e perguntar se havia alguém ali, mas desde que era sempre a maneira como todos morriam nos filmes de terror, eu decidi manter minha boca fechada. Ao invés disso, segurei o livro do grifo até mesmo mais forte, eu fui na pontas dos pés até os degraus, os desci, e sai de volta ao primeiro andar.

Eu deslizei através das estantes, meus olhos verificando a esquerda e a direita enquanto eu segui em direção ao balcão de registro. É, Nickamedes poderia ser um saco, mas escutá-lo gritar comigo era melhor do que ficar por aí esperando por um Ceifador se esgueirar sorrateiramente e me atacar. Eu estava ficando *tão* cansada de lutar pela minha vida na biblioteca.

Eu não vi nada além de livros, livros, e mais livros, mas por alguma razão, eu senti como se não estivesse sozinha, como se houvesse outra presença escondida entre as altas estantes, se arrastando nas sombras. Pior do que isso, minha cabeça começou a latejar, como se um conjunto de dedos invisíveis estivessem lentamente apunhalando seu caminho profundamente no meu cérebro.

Cigana... Uma voz rouca ecoou através da biblioteca. *Oh, Cigana... eu vou matar você...*

Eu congelei novamente, meu coração ultrapassando-se para dentro da minha garganta e me asfixiando de dentro para fora. Não foram as palavras sussurradas que me assustaram tanto; foi a pessoa que as disse que realmente me assustou – Preston Ashton, quando ele estava me perseguindo através da obra no resort de esqui Powder. Até mesmo pior, Preston tinha ameaçado a ir atrás da minha avó e matá-la da mesma maneira que ele ajudou a garota Ceifadora a assassinar a minha mãe.

Mas Preston não podia possivelmente estar correndo pelo campus. Ele apenas não podia. Preston estava trancado na prisão da academia no fundo do prédio de ciência-matemática. Eu não estava certa de onde a ideia surgiu, mas subitamente eu estava pensando na prisão e em todas as trancas

e proteções mágicas que você tinha que passar para chegar à porta, convocando minhas memórias delas e visualizando-as na minha mente. O latejar na minha cabeça se intensificou, e por um momento, eu tive problemas em deixar as imagens irem embora, mas não havia nada com o que se preocupar. Preston estava preso tão fundo no subsolo que ele nunca poderia se arrastar para fora.

Certo?

Cigana...

A voz continuou ecoando pela biblioteca, ficando mais alta e mais alta com cada sussurro frio e rouco. Talvez a voz devesse me assustar e me fazer começar a gritar. É tá, parte de mim estava tremendo com medo. Mas então eu pensei sobre o que eu tinha visto no coliseu. Vozes assustadoras era uma coisa – Ceifadores de carne e osso eram outra. Depois do ataque ontem, alguém tentando me assustar com sussurros parecia como brincadeira de criança – *um aborrecimento sangrento*, como Vic diria, mais do que uma ameaça real.

— Tudo bem, voz assustadora, — eu murmurei. — Vamos ver o quanto rouca você fica quando minhas mãos estiverem ao redor da sua garganta.

Ainda segurando o livro do grifo, eu continuei me deslocando pelas estantes, parando para olhar e escutar há cada poucos metros, e tentando localizar exatamente de onde a voz estava vindo. Eu não vi nada, mas a voz continuou sussurrando repetidamente, como um sino que estava preso dentro da minha cabeça, trazendo uma onda fresca de dor com ela toda vez que ela soava. Eu cerrei meus dentes, tentando fingir que não ouvia o som e ignorando a dor crescente no meu crânio.

Por um segundo, eu me perguntei se era tudo coisa da minha cabeça, mas eu afastei esse pensamento. Eu tinha visto um monte de Coisas, Muito Ruins através dos anos com meu dom Cigano, uma das piores coisas como uma garota que estava sendo abusada pelo seu padrasto. Se eu realmente enlouqueci e estivesse apenas imaginando tudo isso, bem, havia coisas

piores que eu poderia estar pensando do que uma voz assustadora dizendo que ia me matar.

Eu continuei vagando por entre as estantes, espiando pelas beiradas delas, procurando pela fonte da voz. Eu estava para desistir e voltar para o balcão de registro, quando algo farfalhou a algumas estantes além.

Ainda agarrando o livro do grifo, eu deslizei naquela direção. Meus tênis mal fazendo barulho no piso de mármore, mas eu ainda pausei de alguns segundos em segundos, olhando e escutando. Finalmente, eu alcancei a sessão onde eu tinha ouvido o farfalhar. Eu espiei pelos livros em tempo de ver uma figura dando a volta na esquina distante, suas costas para mim.

— Te peguei, — eu murmurei.

Eu avancei dando a volta da estante, corri para o corredor, e segui para o espaço principal da biblioteca. Uma figura estava andando na outra direção para o balcão de registro. Eu ergui o livro alto, pronto para trazê-lo abaixo e batê-lo na cabeça por trás...

Ele deve ter ouvido o sussurro do meu tênis, porque no último segundo, ele se virou e agarrou meu pulso. Um momento mais tarde, eu estava voando pelo ar. A próxima coisa que eu soube, eu estava deitada de costas no chão, doendo por todo o corpo e desesperadamente tentando respirar e me lembrar do que eu estava fazendo em primeiro lugar.

Algo arrastou os pés, uma sombra caiu sobre mim, bloqueando a luz, e um par de botas plantou-se do lado da minha cabeça. Nada bom – nada bom. Eu me agitei pelo chão, meus dedos procurando pelo livro do grifo, o que tinha caído das minhas mãos, mas eu não o sentia em lugar algum. Pânico suado e frio me preencheu. Eu precisava daquele livro. Eu precisava de algum tipo de arma para lutar com o Ceifador, para impedir Preston de me matar como ele tinha prometido...

— Garota Cigana? Você está bem?

Suas palavras me fizeram congelar uma terceira vez. Mesmo se eu não pudesse ver o seu rosto, eu ainda reconheci a voz, o bastante para saber que

não era Preston debruçado sobre mim.

Oh, não. Logan tinha acabado de chutar a minha bunda, ao invés disso.



13

DEMOREI ALCUNS SEGUNDOS PARA RECUPERAR MEU FÔLEGO O suficiente para respondê-lo.

— Claro, — eu ofeguei, tentando impedir a biblioteca de rodar e rodar a minha volta. — Eu estou bem para uma garota que acabou de capotar sobre o ombro de um Espartano e bater no chão.

Logan estremeceu, inclinando-se para baixo, e me ajudou a sentar. — Desculpe por isso, — ele disse, um olhar envergonhado no seu rosto. — Eu vi você pelo canto do meu olho, e, bem, o instinto tomou conta. Especialmente depois do que aconteceu ontem.

Tá, essa era a coisa sobre Espartanos – todos eles tinham instinto assassino. Era um milagre que Logan não tivesse pego o livro do grifo que eu estava segurando e me apunhalado com uma das suas bordas afiadas. O

Espartano poderia fazer coisas totalmente bizarras como essa, graças a sua habilidade de pegar qualquer objeto de imediatamente saber como matar alguém com ele. Sério. Logan era o tipo de cara que podia espetar você com um clipe de papel. Era o que o fazia tal grande lutador.

Quando eu me senti firme o bastante, Logan pegou meu braço e me ajudou a levantar. O Espartano colocou suas mãos na minha cintura, e eu senti o calor ardente dos seus dedos todo o caminho através do meu casaco de capuz cinza e T-shirt. De repente, eu me senti tonta mais uma vez, mas por outra razão completamente do que ser lançada ao chão e do ar sair dos meus pulmões.

— Você tem certeza que está bem? — ele perguntou, seus olhos brilhantes com preocupação.

Eu sorri. — Eu estou me sentindo melhor o tempo todo, Espartano, especialmente desde que você fique com seus braços ao meu redor.

Eu sorrisse rastejou sobre o rosto de Logan, e ele me puxou um pouco mais perto, olhando abaixo para o meu rosto. Por mais que eu quisesse me esquecer dos últimos minutos, eu não pude evitar em me perguntar o que aconteceu com os sussurros assustadores. Eles tinham desaparecido no segundo que Logan atacou. Minha cabeça ainda palpitava, mas os dedos invisíveis que pareceram estar perfurando o meu crânio desapareceram.

— Logan?

— Sim? — ele perguntou em uma voz rouca, olhando para meus lábios.

— Logo quando você entrou na biblioteca, antes de você me vir, você ouviu quaisquer... sussurros ou algo do tipo? Uma voz, talvez?

O Espartano negou com sua cabeça. — Eu não ouvi nada até você começar a espreitar atrás de mim. Você não deveria usar tênis, sabe. Eles sempre parecem ranger sem importar o quanto silencioso você esteja tentando estar. Mas por que você está perguntando sobre vozes?

Eu mordi meu lábio. Eu não queria admitir ao Espartano que eu achei ter ouvido vozes ou o que aqueles sussurros estranhos tinham sido. Eu não

queria que ele achasse que eu estivesse enlouquecendo, mesmo se parecesse dessa forma para mim. Mesmo assim, eu não pude evitar em sentir que outra pessoa tinha estado na biblioteca – alguém que sabia exatamente o que Preston tinha dito para mim no resort de esqui. Mas como isso era sequer possível? Além de mim, Logan tinha sido a única outra pessoa ali, e eu sabia que o Espartano não tentaria me assustar assim.

— Você está bem, garota Cigana? — Logan perguntou. — Você parece meio distraída.

Eu empurrei todos os pensamentos dos sussurros assustadores para longe e me foquei em Logan. — Eu estou bem. Eu só pensei ter ouvido alguém se movendo pela biblioteca. É o porquê de eu, uh, ter atacado você. Ou tentado, de qualquer forma.

Logan sorriu para mim novamente. — Bem, nenhum estrago feito, certo?

— Certo.

— Então, — ele disse. — Seria uma boa hora para conversarmos sobre... nós?

Eu pisquei com a abrupta mudança de assunto. — O que?

Por um segundo, ele pareceu desconfortável. — Você sabe, *nós*. Como em você e eu, e o que está acontecendo conosco.

Confusa, eu só continuei olhando para ele.

Ele suspirou. — Garotas sempre querem conversar sobre coisas assim. Todo o tempo. Então eu achei em trazer isso à tona primeiro. Só para variar. — Ele murmurou as últimas palavras sob sua respiração.

Tudo bem, então essa não era exatamente a estrelada, romântica conversa que eu estava esperando, mas Logan disse a palavra *nós*. Isso teria me dado um pouco de esperança exceto por uma coisa – o fato que Logan tinha um segredo que eu estava escondendo dele. Um que ele achou que me faria parar de gostar dele. Um que ia sair mais cedo ou mais tarde, uma vez que nós começássemos a nos tocar.

Se nós começássemos a nos tocar.

Eu inspirei. — Eu adoraria que houvesse um *nós*. Eu quero isso mais do que qualquer coisa. Eu quero dizer, é meio óbvio como eu me sinto sobre você. Como eu me sinto sobre você há algum tempo. Eu sou louca por você, Espartano. Mesmo quando você estava com a Savannah, eu ainda sou louca por você, e meus sentimentos não mudaram nada durante o feriado.

Ao contrário, eles ainda ficaram mais fortes, mas eu não disse isso para ele.

Logan franziu o cenho. — Eu estou sentindo um *porém* aí.

Eu inspirei de novo. — *Porém* não é tão simples. Você sabe o como eu me sinto sobre você, e eu acho que eu sei como você se sente sobre mim. *Porém*, nós dois sabemos que você está escondendo algo de mim. Seu grande segredo, se lembra?

As feições de Logan se apertaram, e seu rosto ficou cauteloso. — O que tem isso?

— Eu vou descobrir seu segredo, Logan. Não porque eu quero, — eu adicionei em uma voz apressada, percebendo a raiva começar a nublar seu rosto. — Mas por causa da minha magia, por causa do meu dom Cigano. No segundo em que eu toco você por qualquer quantidade de tempo, minha psicometria se engatilha, e eu saberei tudo que há para saber sobre você — quer você quera que eu saiba ou não.

— Mas você não pode apenas... desligá-la ou algo? — Logan perguntou, a frustração fazendo sua voz rouca. — Ao menos enquanto nós estivermos juntos?

Eu neguei com minha cabeça. — Eu não posso, e acredite em mim, eu tentei dezenas de vezes ao longo dos anos. Mas minha magia é parte de mim. É o que me torna uma Cigana, apenas como seus instintos assassinos fazem de você um Espartano. Eu não seria *eu* sem minha magia.

E agora, era a hora para a parte mais difícil, a coisa que eu estava apavorada por contar a ele há semanas. — Eu vi parte dele já. Parte do seu segredo.

Logan soltou suas mãos da minha cintura e pisou para trás. Um leve

pânico queimou em seus olhos. — Sobre o que você está falando?

— Quando nós nos beijamos no local da obra no resort de esqui, quando eu beijei você para que eu pudesse explorar suas habilidades de luta e derrotar Preston, eu vi mais do que apenas você batalhando com outros jovens, — eu disse em uma voz baixa. — Eu vi você como um menininho — debruçado sobre dois corpos. Uma mulher e uma garota. Elas pareciam como você, e havia- havia sangue por cima delas.

— Você viu isso? — ele sussurrou.

Eu assenti. — Bocados e partes disso. Primeiro, eu vi você em um armário, agarrando uma espada. Você estava tão assustado sobre o que estava acontecendo do lado de fora da porta, de todas as sombras e gritos que você ouviu. Depois, a memória mudou, e você estava de pé sobre dois corpos... chorando. Foi tudo o que eu vi antes do beijo terminar.

Logan se virou para longe de mim. O Espartano correu suas mãos sobre seu rosto, como se ele pudesse arrancar a memória da sua própria mente com o movimento. Depois de um segundo, ele girou instantaneamente e apunhalou seu dedo em mim.

— Você não tinha o direito de fazer isso. Você não tinha o direito de ir bisbilhotando pela minha cabeça assim. nenhum direito, Gwen.

Uh-oh. O Espartano só me chamava de Gwen quando ele estava sério sobre algo – ou seriamente puto como ele estava agora.

— Eu não fiz isso de propósito. Só... aconteceu.

O duro, olhar zangado no rosto de Logan me disse que ele não acreditava em mim – que ele não acreditava que as memórias tivessem apenas vindo para mim e que eu não tinha ido procurar por elas de propósito. Tá, algumas vezes eu usava meu dom Cigano para descobrir o que as outras pessoas estavam escondendo, qual eram seus segredos, mas eu nunca faria isso com Logan. *Nunca*.

— Você irá ao menos me contar quem elas eram? — eu perguntei em uma voz suave, tentando alcançá-lo. — A mulher e a garota?

Logan soltou uma gargalhada amarga. — Eu imagino que não tenha

escolha agora, eu tenho? Porque eu conheço você, garota Cigana. Uma vez que você coloca seus dentes em algo, você nunca os solta. Uma vez que você descobre que alguém está escondendo algo de você, você fica até mesmo mais determinada em descobrir o que é, qual é o seu precioso segredo.

Eu estremei com as suas palavras.

— Você quer saber o que aconteceu lá, garota Cigana? — Logan rosnou. — Eu direi a você.

As mãos do Espartano se apertaram em punhos, e todo o seu corpo tremeu de raiva enquanto ele me olhou, seu rosto tão duro e feroz como eu nunca tinha visto.

— Ceifadores vieram a nossa casa uma tarde, e eles mataram todos que eles conseguiram colocar as mãos, apenas como eles fizeram no coliseu. Exceto, que nesse caso, esse todo mundo era minha mãe, Larenta, e minha irmã mais velha, Larrisa. Os Ceifadores entraram, e eles as massacraram como gado, apesar de nenhuma delas sequer ter uma arma.

Eu pensei que deveria ser algo assim, mas meu coração ainda se contorceu com a dor dele, com a crua, pura mágoa brilhando em seus olhos. — Oh, Logan. Eu sinto, tanto. Eu sei como é perder sua mãe. Em tê-la arrancada de você. Eu tenho certeza que você fez tudo que você pode para ajudar sua mãe e sua irmã. Eu tenho certeza que você fez tudo o que pode para salvá-las—

Ele soltou outra áspera gargalhada, interrompendo minhas palavras. — Você não sabe nada. Nenhuma maldita coisa. Nem sobre mim, nem sobre ser um Espartano, nada, — ele rugiu. — Sua mãe e avó mantiveram você fora de tudo isso, protegeram você de Loki e Ceifadores e todo o resto. Você não tem ideia como é crescer no nosso mundo, em lidar com a ameaça deles *todo santo dia*. Para você, é como se fosse um grande jogo ou algo. Mesmo quando Metis e Nickamedes dizem a você para ser esperta, e se manter em segurança, você faz exatamente o contrário e mete seu nariz nos assuntos das outras pessoas. Quando você vai perceber que essa obsessão

que você tem de descobrir o segredo dos outros vai matar você?

Eu abri minha boca para dizer que não era verdade, que nada do que ele estava dizendo era verdade, mas as palavras apenas não saíram. Porque de fato, lá no fundo, eu era *exatamente* assim. Eu zombei com a ideia de Loki e os Ceifadores do Caos quando eu comecei a vir para a Mythos, apesar de toda a magia que eu tinha visto ao meu redor. Mesmo agora, quando eu sabia que a garota Ceifadora estava me mirando, eu ainda queria apostar com ela no seu próprio jogo. Eu queria encontrar a Adaga Heilheim e mantê-la em segurança dela e de todos os outros Ceifadores. Eu queria ser digna do poder e da confiança que Nike me deu. Eu queria ser tão esperta, forte, e corajosa como todas as outras mulheres Frost que serviram à deusa da vitória.

Mas o mais importante de tudo, eu queria fazer a garota Ceifadora pagar por assassinar minha mãe.

— Eu não sei por que eu achei que você seria diferente. Eu não sei por que eu achei que você pudesse entender. Eu não sei por que eu achei que isso funcionaria, — Logan disse. — Me desculpe, Gwen. Eu só — só não posso fazer isso. Nem mesmo por você. *Especialmente* por você.

O Espartano se virou e espreitou em direção as duplas portas que conduziam para fora da biblioteca.

— Logan? Logan!

Mas o Espartano não parou. Ao contrário, ele apressou o seu passo — e ele não olhou para trás. Nem mesmo uma vez.

Eu fiquei ali no meio da biblioteca atordoada — simplesmente atordoada. Pelas horríveis coisas que tinham acontecido com a família de Logan e pelas horríveis coisas que ele disse para mim. Coisas que estavam um pouco mais perto da verdade do que eu gostaria que elas estivessem. Lágrimas queimaram meus olhos, e um soluço se ergueu na minha garganta, mas eu o

engoli. Como Logan e eu deixamos de conversar sobre nós e como nós poderíamos ter terminado antes mesmo que nós tivéssemos juntos?

— Aham. — Alguém limpou sua garganta.

Eu enxuguei as lágrimas do meu rosto e me virei para encontrar Nickamedes atrás de mim, segurando minha bolsa carteiro na frente dele como um escudo. Do olhar no seu rosto, era obvio que o bibliotecário tinha ouvido tudo que Logan disse para mim.

— Eu aposto que você amou isso, não amou? — Eu vociferei, tentando impedir as lágrimas de descerem nas minhas bochechas. — Seu sobrinho me dizendo exatamente que pessoa horrível eu sou. Você o deu indicações naquele discursozinho? Ou ser malvado é uma coisa que corre na família?

Nickamedes me encarou, seu rosto em branco e neutro. — Eu estou pronto para fechar a biblioteca pela noite, Gwendolyn. Eu achei que você poderia querer suas coisas antes de você partir.

Ele estendeu minha bolsa, e eu espreitei para frente e a peguei dele, completamente com a intenção de correr da biblioteca antes que ele me visse chorar. Exceto que eu não agarrei bem a alça, e a bolsa caiu no chão, espalhando minhas coisas em todos os lugares. O perfeito final para uma perfeita noite miserável.

Eu desci de mãos e de joelhos e comecei a recolher tudo de volta para dentro da bolsa. Canetas, cadernos, o mais recente gibi que eu estava lendo, a bolsa de comida para Nott. Eu tinha acabado de me arrastar até o livro do grifo que eu deixei cair mais cedo, quando eu ouvi Nickamedes se embaralhar em seus pés atrás de mim.

— Onde você conseguiu isso? — ele perguntou em uma baixa voz.

Eu olhei para cima para encontrar o bibliotecário segurando o diário da minha mãe em suas mãos, um estranho, olhar perturbado em seu rosto, como se a capa de couro queimasse sua pele e o ferisse apenas em olhar para o diário. Eu fiquei de pé, me aproximei, e o arranquei dos seus dedos, me perguntando se o estrago já estava feito, se ele já tivesse imprimido seu ódio

por mim no diário.

— Me dê isso, — eu sibilei. — Era da minha mãe, e eu não quero que você o toque. Nem por apenas um *segundo*.

O bibliotecário franziu o cenho, mas ele não disse nada. Talvez pela primeira vez ele tenha percebido o quanto zangada e magoada eu estava – se ele sequer se importasse por tais coisas. Ao invés disso, o olhar de Nickamedes caiu para algo no chão, algo que tinha escorregado para debaixo de uma das mesas, e ele andou até isso e se abaixou.

Eu fiquei ali um segundo, apertando o diário e alcançando-o com minha psicomетria. Mais uma vez, tudo o que eu senti foi a presença da minha mãe, e as únicas imagens preenchendo minha mente foram dela escrevendo no diário. Nickamedes não o tocou tanto tempo para deixar qualquer pedaço dele para trás. Bom. Eu não queria arruinar isso para mim, também.

— Gwendolyn, espere, — Nickamedes disse, ainda agachado.

Mas eu não estava no clima de ser lecionada ou qualquer outra coisa que o bibliotecário tinha em mente, então eu pendurei a alça da minha bolsa sobre meu peito e corri para fora da biblioteca tão rápido quanto eu pude.

Eu espreitei ao outro lado do campus de volta ao meu dormitório, tentando não chorar sobre o que tinha acabado de acontecer entre Logan e mim – e falhando miseravelmente. Pela primeira vez, eu estava feliz sobre as sombras que cobriam o quadrilátero superior e as passarelas de paralelepípedos que conduziam aos dormitórios. Eu não queria que ninguém me visse assim, ou pior, que uma estúpida foto fosse tirada com o celular dele ou dela e enviada por mensagem de texto para toda a academia.

Eu passei uns poucos jovens fazendo seus caminhos para seus próprios

dormitórios devido ao toque de recolher as dez, mas eu consegui voltar ao Styx Hall sem ninguém dar uma boa olhada em meu vermelho, manchado rosto. Eu usei meu cartão de identidade de aluna para abrir a porta da frente do dormitório e corri as escadas para meu quarto no terceiro andar. Eu destravei essa porta, também, e entrei. Eu joguei minha bolsa debaixo da mesa, depois me aproximei e cai em cima da minha cama.

No chão, Nott soltou um pequeno choramigo e bateu sua cauda de um lado ao outro. O olho de Vic estalou aberto com o meu som entrando no quarto. A espada me encarou por um segundo, seu olhar arroxeadado sombrio e suspeito.

— O que está errado? — Vic perguntou. — Por que você esteve chorando?

— Não é nada, Vic, — eu disse e soltei um soluço.

Por alguma estúpida razão, eu sempre começava a soluçar depois que eu chorava. Outra coisa que me tornava uma aberração, junto com minha psicometria. Pela primeira vez, eu me perguntei por que eu não podia ter sido abençoada com um diferente tipo de magia. Por que Nike não poderia ter me feito super-forte como uma Valquíria? Ou super-rápida como uma Amazona? Minha psicometria era o que estava mantendo Logan e eu afastados. Não, correção, era o que tinha *afastado* Logan de mim. Depois da maneira com que o Espartano me criticou essa noite, eu duvidava que qualquer coisa que eu dissesse ou fizesse iria fazê-lo me dar outra chance – iria fazê-lo *nos* dar outra chance.

Eu não entendia, por que. Eu contei a Logan que eu tinha visto seu segredo, que eu sabia o que ele estava escondendo, que o fazia tão dolorosamente triste, apesar do fato que ele tentava esconder sua dor com astuta provocação e sorrisos perversos. Ao invés de estar aliviado, Logan apenas ficou mais zangado quando ele ouviu minha confissão. Eu não entendia o que estava errado com o Espartano – ou comigo.

Logan e eu terminamos antes de nós chegarmos a começar. Algumas vezes eu pensei que fosse a estória da minha vida. Meu pai, Tyr, morreu

quando eu tinha dois, antes de eu ter a chance de conhecê-lo. Minha mãe foi assassinada e nunca me contou sobre Loki, Ceifadores, ou ser uma Campeã da Nike. E agora, eu não podia encontrar a Adaga Helheim para que eu pudesse protegê-la da garota Ceifadora. É, trágica perda e fracasso épico definitivamente pareciam ser as histórias da minha vida.

Eu rolei de costas, e Nott se levantou do seu local no chão. O lobo Fenrir era tão alto que ela facilmente conseguiu colocar sua cabeça na cama. Ela olhou para mim com seus olhos insípidos enferrujados – olhos que não eram mais o vermelho do Ceifador mas não eram muito castanhos também – e soltou outro choramingo. Tentando me confortar, eu imaginei.

Eu suspirei, estendi a mão, e acariciei suas orelhas sedosas. Nott soltou um resmungo de prazer e empurrou sua cabeça mais além debaixo dos meus dedos. Por alguma razão, acarinhando-a me fez sentir um pouco melhor – mesmo se ela fosse grande o bastante para me comer. Suspirando, eu fiquei de pé. Apenas por que eu estava sofrendo não significava que o lobo deveria sofrer, também.

Enquanto Nott comia a comida que eu trouxe para ela do refeitório, eu tomei um banho, depois desci ao andar de baixo e peguei alguns cobertores e travesseiros de um dos armários onde as extras roupas de cama eram guardadas. Eu carreguei os cobertores ao meu quarto e fiz um ninho para Nott entre a minha cama e minha mesa.

— Você nunca me fez uma cama aconchegante assim, — Vic disse do seu local na parede. — E eu sou muito mais útil do que um sangrento lobo.

Nott parou de comer tempo o suficiente para rosnar para ele.

— É por que você tem uma bainha de couro legal, — eu disse para a irritável espada. — É o seu próprio ninhozinho.

— Humph! — Vic estalou seu olho fechado mais uma vez.

Eu suspirei e voltei para o andar de baixo, dessa vez pegando um balde de debaixo da pia da cozinha comum que todas as garotas no dormitório compartilhavam. Eu carreguei o balde de volta para cima ao meu quarto, o enchi com água, e deixei Nott beber tanto quanto ela quisesse. Depois,

quando a maior parte das luzes no dormitório tinha ficado escura e tudo estava silencioso, eu escapei com o lobo escada abaixo e a deixei fazer suas necessidades do lado de fora do dormitório antes que as portas trancassem automaticamente pela noite.

Finalmente, nós estávamos seguros no meu quarto. Eu pensei sobre abrir o livro do grifo e começar a fazer minha tarefa para a aula de história-mítica da Metis, mas ao invés disso, eu me encontrei retirando o diário da minha mãe, da minha bolsa, e me curvando na cama com ele.

Nott e Vic estavam ambos dormindo, mas eu estava muito magoada para me aquietar, então eu acendi a luz sobre a minha cama e comecei a ler.

Hoje, eu comecei meu segundo ano na Mythos Academy... Aquelas eram as palavras na primeira página do diário. Eu me aconcheguei mais para baixo dentro do meu edredom um pouco mais, pronta para uma longa noite de leitura e esperançosamente me esquecer sobre meus próprios problemas.

O diário continuou dali, detalhando as coisas que minha mãe tinha feito quando ela tinha dezessete anos e era uma aluna do segundo ano da academia como eu. Ela escreveu dos seus professores e aulas e do quanto ela não gostava da Sra. Banda, a professora temperamental de economia.

Eu sorri, ouvindo a voz da minha mãe nas suas palavras, quase como se ela estivesse lendo o diário para mim como a hora de histórias para dormir. Isso me confortou. Eu gostei especialmente das páginas que falavam sobre a sua amizade com Metis. Aparentemente, elas duas tinham sido bastante encrenqueiras durante seus dias na Mythos. Mamãe até mesmo reclamou sobre ter uma conversa com os Poderosos Que Eram a academia depois de uma das suas artes. Algumas fotos foram presas no diário, também, na maior parte da minha mãe sorrindo para a câmera ou ela e Metis com seus braços em volta uma da outra. Eu coloquei essas de lado. Eu as emolduraria mais tarde e as colocaria com as outras fotos na minha mesa.

Mesmo assim, por mais que eu gostasse de ler o diário, ele não me deu quaisquer pistas como onde minha mãe escondeu a Adaga Helheim. Ela nunca escreveu nada sobre o artefato. O mais próximo que ela chegou foi

quando ela mencionou *uma importante missão* que ela tinha recebido de Nike. Eu achei que ela pudesse estar falando sobre a adaga, e eu verifiquei as páginas circundantes, mas ela não escreveu nada mais sobre a missão – nem mesmo se ela tinha obtido sucesso ou não.

Mas o diário me contou uma coisa sobre minha mãe: Ela gostava de rabiscar. Esboços e desenhos podiam ser encontrados em quase todas as páginas, mas eles não eram os corações e flores comuns que você esperaria encontrar.

Ao invés disso, minha mãe desenhava estátuas – todas as estátuas que cobriam os prédios na Mythos Academy.

Gárgulas, Minotauros, basiliscos, dragões, quimeras, Górgonas. Todas essas e mais enchiam o diário, me espiando dos topos e superfícies das páginas ou esticando a lombada. Por qualquer razão, minha mãe pareceu especialmente gostar dos grifos que guardavam os degraus da biblioteca. Havia mais desenhos deles dois do que havia de todas as outras estátuas combinadas. Talvez minha mãe tivesse uma tarefa como a que eu tinha para pesquisar e escrever sobre as estátuas. Era a única razão que eu poderia pensar do por que ela as desenharia repetidamente.

Apesar dos estranhos rabiscos e da minha frustração em não ser capaz de encontrar a adaga, apenas ler o diário da minha mãe, apenas escutar a sua voz na minha cabeça e olhar para a sua linda escrita manual, me fez sentir um pouco melhor sobre, bem, tudo. Ou talvez era por que eu estivesse segurando o diário e absorvendo todas as imagens e sensações associadas a elas – tudo que minha mãe sentiu e fez. Todos os momentos bons que ela teve na academia, e os ruins, também. Era tudo parte dela e me permitiu ver minha mãe de uma maneira que eu nunca vi antes, como observar filmes caseiros dela como adolescente.

Eu não queria que a sensação terminasse, então quando eu finalmente parei de ler e desliguei a luz, eu deslizei o diário sob meu travesseiro, curvando meus dedos ao redor dele. E eu fiquei assim até eu cair no sono.

I4



DIA SEGUINTE FOI EXCEPCIONALMENTE MEDIANO, EXCETO, LÓGICO, PELA minha dor no coração. Eu garanti que estivesse no ginásio para o treinamento com armas dez minutos mais cedo, esperando conversar com Logan antes que os outros chegassem, esperando dizer a ele... algo, qualquer coisa que fosse resolver o problema entre nós.

Pela primeira vez, o Espartano não apareceu.

— Desculpe, Gwen, — Oliver disse, deslizando sua mochila em cima dos bancos. — Logan me mandou uma mensagem de texto e disse que ele se sentia um pouco baqueado essa manhã.

— Ele não é o único, — eu murmurei.

Eu sabia que o Espartano estava me evitando, e pareceu que Oliver e Kenzie sabiam disso, dos olhares simpáticos que eles me deram. Como se

não fosse bastante ruim, nós mais uma vez tivéssemos uma platéia dos alunos do primeiro ano, com até mesmo mais jovens do que tinham ontem. Ao menos até eles descobrirem que Logan não ia treinar. Depois disso, todas as garotas partiram.

Eu cerrei meus dentes e apertei Vic tão forte que meus dedos ficaram dormentes, apenas tentando atravessar as horas de tortura.

O restante da manhã passou em um entediante borrão de aulas, palestras, e tarefas para casa até que finalmente era hora do almoço. Carson tinha uma sessão prática especial para assistir do próximo concerto de inverno. O cara nerd membro da banda era um Celta que tinha um talento mágico para música, como um guerreiro trovador. Ele automaticamente sabia como tocar qualquer instrumento que ele pegasse.

Então era apenas Daphne e eu em nossa mesa usual no refeitório, embora a Valquíria tivesse pegado apenas seu croissant de salada de frango com curry e saladas de frutas de ambrósia.

— ... e daí ele me disse que eu não entendia, que eu nunca entenderia, e basicamente terminou comigo antes mesmo de nós ficarmos juntos. Você pode acreditar nisso? — eu murmurei, reclamando de Logan.

Eu esperei um segundo, mas Daphne não disse nada. Ao invés disso, a Valquíria espetou outro morango em formato de coração no seu prato, embora ela não o comesse realmente.

— E daí Logan e eu totalmente transamos em cima de uma das mesas no meio da biblioteca, — eu encerrei. — Na frente de Nickamedes. O que você acha disso?

— Maravilhoso, — Daphne murmurou. — Só maravilhoso.

Eu gesticulei minha mão na frente do rosto da Valquíria, finalmente fazendo com que ela olhasse para mim. — O que está errado com você? Você mal disse uma palavra durante o almoço, e você não está me ouvindo nada.

— Lógico que eu estou, — Daphne disse. — É sobre a mesma coisa que você sempre fala. Você e Logan e seu relacionamento malfadado, e essa

grande, importante coisa que você tem que fazer pela Nike, porque você é sua bizarra Campeã. Dá um tempo, Gwen. Você não é o absoluto centro do universo. O resto de nós tem problemas, também, sabe.

Eu olhei para a Valquíria, chocada e um pouco magoada pelas suas palavras sarcásticas. — O que está errado com você? Por que você diria algo assim para mim? Você deveria ser minha amiga – minha melhor amiga.

Daphne olhou para mim, fazendo faíscas dispararem da ponta dos seus dedos. Por um momento, ela olhou para as faíscas de magia rosadas agitando-se por toda a sua volta, e seu olhar escuro se endureceu.

— Esqueça, — ela murmurou. — Você não iria entender de qualquer forma.

Então, a Valquíria ficou de pé, pegou sua bandeja, e seguiu para fora do refeitório sem outra palavra.

Eu fiquei sentada ali e a observei ir, me perguntando sobre o que isso tinha sido. Daphne tinha estado em silêncio e distraída desde que nós nos sentamos, mas eu achei que seu humor apenas tivesse a ver com o ataque no coliseu e por quase perder Carson. Quase assistir o seu namorado morrer, depois curá-lo com magia que você de repente desenvolveu era o suficiente para abalar qualquer um, mesmo a durona, petulante Valquíria. Mas pareceu como se houvesse algo mais acontecendo com a minha amiga, e eu não tinha ideia do que era. Pela segunda vez em dois dias, alguém tinha me dito que eu apenas não entenderia. Bem, eu não era uma leitora de mentes. Eu *não poderia* entender se eles não me dissessem o que estava acontecendo em primeiro lugar.

As coisas não ficaram nada melhores no restante do dia, especialmente desde que eu estava formando dupla com Talia na aula de educação física. Nós duelamos com varas, e a alta Amazona saiu do seu caminho para chutar a minha bunda, dando uma rasteira em mim e estourando meus nódulos tantas vezes quanto ela pode. Eu sabia que isso era porque Talia era amiga da Savannah.

Eu me perguntei se faria Savannah se sentir melhor saber que eu tinha

afastado Logan de mim, também, apenas por ser eu.

Até mesmo Professora Metis estava em um humor estranho na aula de história-mítica, e ela correu para a porta no segundo que o último sino do dia soou.

Eu caminhei até meu quarto no dormitório para verificar Nott e dar ao lobo Fenrir algo de comer do refeitório, junto com um pouco de água fresca. Em seguida era hora para eu encontrar com Vivian Holler na Valhalla Hall.

Valhalla Hall era o dormitório mais luxuoso da Mythos e o lar da maioria das Valquírias, quer dizer princesas, contudo algumas Amazonas como Savannah vivia ali, também. Eu segui ao segundo andar, onde o quarto de Vivian era, e bati na porta.

Um segundo mais tarde, Vivian a abriu e me deu um sorriso tímido. — Entre.

Eu entrei no quarto, e Vivian fechou a porta atrás de mim. Por um segundo, eu só fiquei ali, olhando tudo. Uma cama, uma mesa, uma cômoda, algumas prateleiras, uma bonita penteadeira. Vivian tinha a mesma mobília de quarto que a maior parte das meninas tinha.

Vivian disse que ela estava na aula de teatro, mas ela não tinha me dito o quanto nisso ela estava. Pôsteres de musicais populares como *A Bela e a Fera* e *Pimpinela Escarlate* cobriam as paredes, junto com menores, cartazes emoldurados de umas duas peças que os alunos na Mythos tinham encenado, incluindo *A Odisséia* e *A Ilíada*. Havia mais máscaras de jano aqui, também. Eu achei que eu era um pouco obcecada por gibis, mas eu não era nada comparada à Vivian.

Eu olhei os suportes de livros. Era legal que Vivian estivesse tão engajada nas coisas do teatro, mas todas aquelas máscaras chorando e rindo meio que me assustavam um pouco—

— Então você está pronta para começar? — Vivian perguntou, interrompendo meus pensamentos. — Porque eu tenho que me encontrar com Savannah e Talia em alguns minutos.

— Claro, — eu disse, afastando meus olhos das máscaras. — Onde você se lembra de ter visto o anel pela última vez? Você se lembra de tê-lo no seu quarto? Ou você acha que perdeu em algum lugar no campus?

Eu realmente, realmente mesmo esperava que ele estivesse apenas aqui no quarto. Se Vivian tivesse deixado-o cair no seu caminho para uma das suas aulas, me levaria dias para encontrar o anel – se eu sequer encontrasse.

Vivian hesitou. — A última vez que eu me lembro de ter visto o anel foi aqui. Savannah e eu estávamos vendo TV e nos divertindo Domingo à noite, e eu me lembro de tirá-lo e colocá-lo na minha penteadeira, bem ao lado da minha caixa de joias. Mas ele não está lá agora, e eu não posso encontrá-lo em lugar algum.

Ela gesticulou para a caixa de joias, a qual também tinha o formato de um par de rostos. Ela era esculpida de ônix e tinha uma superfície lustrosa e brilhosa que me lembrou de um piano. Talvez fosse um truque do raio de sol deslizando através da janela, mas por um momento, pareceu como se os rostos de ônix derretessem em uma poça de sangue negro que escorria por toda a mesa com tampa de vidro—

Eu pisquei, e a imagem desapareceu. — Você está bem? Você tem esse olhar estranho no seu rosto.

— Eu estou bem, — eu disse. — Você pode me mostrar exatamente onde na penteadeira você colocou o anel?

Ela gesticulou para um local ao lado da caixa de joias. Eu inspirei, me inclinei, toquei a superfície da penteadeira, e esperei as imagens preencherem minha mente.

Nada aconteceu.

Eu não vi nada. Sem memórias, sem flashes de sensações, sem agitações de emoções, nada. Eu movi meus dedos por toda a mesa, até que eu tivesse tocado toda a superfície, junto com a caixa de joias, mas eu ainda não consegui qualquer vibração dela. Eu encarei a mesa e percebi o quanto nova em folha ela parecia – e não toda castigada como a mobília de um

quarto de dormitório normalmente era.

— Essa é uma mesa nova? — eu perguntei.

— É, — Vivian disse. — Meu pai a entregou essa manhã. Móvel nova era parte do meu presente de Natal esse ano. Tudo aqui é novo, incluindo a caixa de joias.

Isso pareceu um presente de Natal um tanto estranho para mim. Dado ao quanto ricamente a maior parte dos pais dos guerreiros mimava seus filhos, eu teria esperado que Vivian pedisse algo como um bracelete de diamantes, um Aston Martin, ou uma espada feita por encomenda de Natal. Contudo, eu comprei para minha avó uma jarra de biscoito no feriado, então eu não podia julgar tão severamente.

Mesmo assim, o fato de que a móvel de Vivan fosse completamente nova era um problema, desde que ela não a usou o suficiente para deixar qualquer impressão de si para trás. Isso significava que eu não podia obter qualquer vibração da sua móvel e que eu não seria capaz de usar meu dom Cigano para seguir a trilha de flashes psíquicos ao seu anel, onde quer que ele estivesse.

Era raro, mas de vez em quando, eu só não conseguia encontrar um item perdido. Algumas vezes não havia muito de uma trilha para seguir. Chaves escorregavam de bolsos, celulares caíam de bolsas, e relógios soltavam de pulsos todo dia em todos os lugares que você pudesse pensar. Algumas vezes os itens se perdiam para sempre e nenhuma quantidade de magia ou bisbilhotada da minha parte os fariam reaparecerem.

— Algo está errado? — Vivian perguntou.

Eu neguei com minha cabeça. — Não. É só que eu percebi que não será tão fácil quanto eu achei.

Vivian me deu um olhar estranho, mas ela não disse nada mais. Ao invés disso, ela sentou-se na cama e me observou enquanto eu rastejava pelo quarto, correndo minhas mãos sobre todos os seus livros, maquiagem, e móvel, procurando em cima e em baixo pelo seu anel.

Eu não encontrei o anel, e eu não obtive uma única vibração útil das

coisas de Vivian – nenhuma. Oh, eu obtive alguns fracos flashes dela lendo seus livros favoritos ou se maquiando quando eu toquei esses itens, mas aquelas eram apenas as mesmas vibrações comuns que eu sempre via quando eu tocava coisas assim. Quase todo o resto no seu quarto era novo, brilhante e intocado. Bom para ela, mas ruim para mim, uma vez que eu estava tentando usar meu dom Cigano.

Finalmente, eu admiti a derrota e fiquei de pé, tirando a poeira das minhas mãos no meu jeans. — Bem, você está certa. Eu olhei debaixo e atrás de cada pedaço de mobília, e seu anel não está em lugar algum aqui. Você acha que possa tê-lo perdido em algum lugar no campus? Talvez você o tenha tirado antes do treinamento com armas e o deixado em um dos armários do ginásio?

Ela hesitou, um luz conturbada enchendo seus olhos topázios. — A coisa é essa. Eu não tenho certeza de tê-lo perdido. Eu acho – eu acho que alguém possa tê-lo tirado de mim.

Eu arqueei minha sobrancelha. — Sério? Quem? Eu encontro coisas para os jovens o tempo todo, e na minha experiência, se você acha que alguém roubou seu anel, então você provavelmente está certa. Isso acontece mais do que você pensaria.

Sempre me surpreendeu como totalmente clepto alguns dos jovens guerreiros prodígios eram. A maior parte deles tinha todo o dinheiro do mundo, mas eles ainda roubavam coisas de outros alunos e até mesmo seus amigos por ódio, ciúme, ou despeito. Eu imagino que realmente, sabe, pagar por algo que você quisesse era *tão* fora de moda.

Vivian pegou um fio solto do seu edredom. — É tão bobo, contudo. Ela é minha amiga. Ela nunca faria algo assim. Ela nunca roubaria de mim, especialmente não aquele anel. Ela sabe o quanto ele significa para mim.

— O que há de tão especial sobre o anel?

Vivian mordeu seu lábio e abaixou sua cabeça. — Ele pertenceu à minha mãe. Ela me deu ele bem antes dela morrer.

— Oh. Eu sinto muito.

Eu não podia pensar em algo mais para dizer, e eu sabia que qualquer coisa que eu dissesse não iria realmente fazer diferença de qualquer forma. Minhas palavras não trariam qualquer tipo de conforto verdadeiro para Vivian. Nada que todos disseram para mim depois que minha mãe foi assassinada ajudou.

Ela encolheu de ombros. — Aconteceu quando eu tinha treze. Ceifadores, você sabe.

Meus pensamentos foram para Logan, e como sua mãe e irmã mais velha tinham sido assassinadas por Ceifadores, também, provavelmente da mesma forma que a mãe de Vivian tinha sido. Pensar sobre o Espartano fez meu coração doer, mas eu me forcei a me focar na garota na minha frente.

— Vamos, Vivian. Você pode muito bem me dizer quem você acha que roubou seu anel. Tornará muito mais fácil para mim encontrá-lo se eu tiver um lugar para começar a procurar.

Ela suspirou. — Savannah. Eu acho que foi a Savannah. Como eu disse antes, a última vez que eu me lembro de ter o anel foi no meu quarto quando nós estávamos nos divertindo há duas noites. Ela partiu antes do toque de recolher das dez horas, e ontem de manhã eu não podia encontrar meu anel. Ele apenas... se foi.

A voz de Vivian tremeu, e ela colocou sua mão sobre seus olhos. Como se apenas o pensamento que Savannah possa ter lavado o anel era o bastante para fazê-la chorar.

Eu franzi o cenho, pensando sobre suas palavras suaves. Por que Savannah roubaria da sua amiga? É, jovens roubavam de outros jovens na Mythos todo o tempo, mas normalmente apenas os itens super-caros e de última geração – como TVs, relógios de platina, brincos de esmeraldas do tamanho da moeda vinte e cinco centavos. Levar um anel dourado tão simples, especialmente quando Savannah sabia quanto ele significava para sua amiga, bem, soava como algo que um Ceifador faria apenas por maldade.

Eu pensei naquele clarão de vermelho que eu tinha visto nos olhos de

Savannah, primeiro no coliseu e depois de novo ontem no refeitório. Poderia – poderia Savannah ser uma Ceifadora? Poderia ela ser até mesmo a *Ceifadora* – a garota Ceifadora que assassinou minha mãe? A Campeã de Loki?

Eu não sabia de onde os pensamentos vieram, mas uma vez que eles estouraram na minha cabeça, eu não pude parar de pensar sobre eles. Por alguma razão, as ideias apenas se aprofundaram mais além e mais além na minha mente, se enterrando no meu cérebro como frios, dedos gananciosos—

— Então o que vem a seguir? — Vivian perguntou.

Mais uma vez, a dor enfadonha começou no fundo do meu crânio, mas eu finalmente afastei minhas suspeitas sobre Savannah. — Você me dá um adiantamento de cem dólares, como nós combinamos. Eu vou verificar algumas pistas e reportar de volta a você em alguns dias. Se eu encontrar seu anel, você me paga o resto do dinheiro, se eu não conseguir encontrá-lo, eu devolvo a você seus cem paus. Tudo bem?

Vivian assentiu, retirou sua carteira da sua bolsa de marca, e me passou uma nota de cem dólares amassada. Eu segurei o dinheiro por um momento, mas eu não obtive muito de uma vibração dele. Apenas a sensação dele sendo entregue de uma pessoa à outra até ele ter acabado com Vivian.

— Obrigada, — eu disse, enfiando o dinheiro no bolso do meu jeans. — Eu tentarei conseguir algumas notícias para você em um dia ou dois.

Eu tinha feito tudo o que eu pude por Vivian, então eu segui em direção à porta. Eu comecei a estender a mão para a maçaneta, mas Vivian me venceu e abriu a porta ao invés. Bem, foi educado da parte dela.

— Obrigada, — eu disse.

Ela assentiu. — De nada. E obrigada por procurar o meu anel, Gwen. Você não tem ideia do quanto ele significa para mim.

Eu sorri para ela. — Hei, é por isso que eu sou a garota Cigana.

Eu deixei o quarto de Vivian, e ela fechou a porta atrás de mim. No meu caminho para as escadas, eu passei pelo quarto de Daphne. Como as outras Valquírias aspirantes a princesas, Daphne também vivia em Valhala Hall. Eu não tinha conversado com a Valquíria desde a nossa briga no almoço, e ela não me ligou ou mandou mensagem. Eu não sabia o que estava acontecendo com ela, o que a tinha chateado tanto, mas eu já sentia falta dela. Eu não tinha sequer pensado em contar a ela sobre Nott aparecendo ainda, e eu precisava de alguém para conversar sobre o lobo, Logan, e mais especialmente sobre se ou não Savannah poderia realmente ser um Ceifador.

Eu hesitei, depois bati na porta de Daphne. Sem resposta. Eu não ouvi qualquer musica tocando no interior. Sem sons de digitação, também. A Valquíria não estava ali dentro trabalhando em um dos seus muitos computadores. Desapontada, eu descii as escadas, deixei o dormitório, e segui ao outro lado do campus para o prédio de história-Inglesa, onde Metis tinha seu escritório.

Hoje era Terça, o que significava que era hora de eu pagar uma visita à Preston Ashton. Desde quando o Ceifador foi aprisionado na academia, eu estive usando meu dom Cigano para perscrutar sua mente, para tentar descobrir o que os outros Ceifadores estavam tramando. Agora, lógico, eu queria saber o que ele sabia sobre a Adaga Helheim e se ele tinha uma pista como onde ela poderia estar escondida. Talvez fosse irracional, mas eu também queria ver por mim mesma que Preston ainda estava na prisão da academia. Depois de ouvir aquela voz assustadora sussurrando para mim na biblioteca na noite passada, eu queria garantir que Preston estava trancado onde ele não pudesse ferir ninguém – especialmente não a minha Vovó Frost.

Eu entrei no prédio e descii o corredor para o escritório de Metis. Para minha surpresa, a porta estava entreaberta, e eu podia ver duas figuras no lado de dentro através do vidro jateado. Eu tinha acabado de erguer minha

mão para bater na porta quando uma voz vagou até mim.

— Mas eu não quero ser uma curadora, — alguém murmurou. — Eu *nunca* quis ser uma curadora.

Eu franzi o cenho. Aquilo soou como Daphne. Eu me inclinei para um lado para que eu pudesse olhar através da fenda e percebi que *era* Daphne. A Valquíria estava na frente da mesa de Metis, suas mãos em seus quadris, faíscas de magia rosadas de princesa estalando no ar a sua volta.

— Eu temo que você não tenha uma escolha, Daphne, — Metis disse em uma voz gentil. — Sua magia despertou. Não há como revertê-la. Nós temos nos encontrado depois das aulas há dois dias seguidos agora, e nada mudou.

Bem, isso explicava para onde Metis corria depois da aula de história-mítica.

Daphne jogou suas mãos para cima, provocando as faíscas caírem em cascata como gotas de chuva caindo do céu. — Mas apenas despertou porque eu estava tão chateada sobre Carson. Porque o Ceifador o apunhalou, e ele ia morrer.

— E sua magia despertou em seguida, emergindo em seguida, foi o que deixou você salvá-lo, — Metis disse.

Daphne não disse nada, mas ela desabou na cadeira na frente da mesa da professora. — Você não entende. Nenhuma das outras Valquírias na minha família são curadoras. Minha mãe tem magia de fogo, e também tinha a minha avó antes dela. Eu achei que esse era o tipo de poder que eu teria, também. Algo forte, algo poderoso. Não essa – essa coisa inútil.

Daphne estendeu seus dedos e se concentrou. Depois de um momento, as faíscas rosadas se misturaram, formando um brilho cor de rosa de cura que cobriu toda a sua mão. Mais uma vez, eu tive a estranha sensação que eu poderia esticar a mão e agarrar a sua magia, que eu seria capaz de senti-la derramando em mim, se apenas eu tocasse a Valquíria. Era a mesma sensação que eu tive no coliseu, quando eu agarrei a mão de Daphne e tinha visto aquela rosada luz brilhante queimando no seu coração

– aquela bonita, bonita faísca.

— E então, há isso, — Daphne murmurou.

A Valquíria se curvou. Quando ela esticou suas costas para cima, eu percebi que ela estava segurando duas coisas em suas mãos – um arco de ônix e a aljava com sua única flecha dourada. As armas que ela tinha usado para lutar com os Ceifadores. Eu pisquei. Eu achei que Daphne tinha deixado essas para trás no Coliseu Crius depois do ataque.

— O que eu deveria fazer com elas? — Daphne vociferou. — Eu as devolvi a você duas vezes agora, mas toda vez que eu vou ao meu quarto, ali estão elas, na minha cama. A mesma coisa acontece com Carson e aquele estúpido chifre que ele pegou no coliseu.

Ela colocou as armas na mesa e as empurrou para Metis. Depois de um momento, a professora esticou a mão e ergueu primeiro o arco, depois a aljava. Ela examinou as duas por vários segundos antes de colocá-las abaixo.

— Daphne, você... vê algo no arco ou na aljava? Quaisquer palavras ou símbolos? — Metis perguntou em uma voz suave.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu sabia o que Metis estava de fato perguntando a minha amiga – se Daphne pudesse ler algum tipo de dizeres nas armas. Para cada Campeã era dada uma arma pelo deus ou deusa que ela servia, e apenas uma Campeã podia ler as palavras na sua arma específica. De volta ao coliseu, eu me lembrei de Daphne dizendo que o arco e a aljava tinham uma vez pertencidos à Sigyn, a deusa Nórdica da devoção. Poderia – poderia a deusa ter escolhido Daphne para ser sua Campeã? Era por isso que as armas continuavam a aparecer no quarto da Valquíria? Era por isso que Carson ainda tinha aquele estúpido chifre, também?

Daphne suspirou e ergueu o arco e a aljava, examinando-os. — Eu não vejo nada.

— Bem, talvez você veja algum dia em breve, — Metis disse. — Até lá, parece que há algum tipo de magia ligando as armas a você, então você pode muito bem mantê-las – e usá-las, em caso de necessidade.

— Tanto faz, — Daphne murmurou. — Nós terminamos? Porque eu tenho uma tarefa para escrever para literatura Inglesa.

Metis assentiu, e Daphne ficou de pé e pegou suas coisas, incluindo o arco de ônix e a aljava. Eu mal tive tempo de recuar antes da Valquíria arrastar a porta aberta e me ver em pé no corredor. Surpresa encheu seu rosto, mas foi rapidamente substituído por raiva.

Daphne olhou para mim. — Jesus, Gwen. Você não pode manter o seu nariz longe dos assuntos das outras pessoas por cinco minutos?

Eu me enrijei com seu tom áspero. — Eu não estava aqui por sua causa. Eu deveria ir ver Preston hoje. Descobrir se ele sabia algo sobre o ataque dos Ceifadores ou sabe onde a adaga está escondida.

A Valquíria bufou. — Ótimo. Então você vai vasculhar a cabeça do Ceifador ao invés de espiar o resto de nós. Bem, isso é uma mudança, eu imagino, contra a espionagem nos seus amigos. Divirta-se com isso, Cigana.

Daphne se empurrou passando por mim e saiu correndo corredor abaixo sem outra palavra.



I5

BUFIQUEI ALI, DE BOCA ABERTA, E A OBSERVEI IR. É, A VALQUÍRIA PODIA ser volátil algumas vezes, mas essa foi a segunda vez em um dia que ela foi malvada comigo. Tudo bem, tudo bem, então talvez eu estivesse espionando Daphne e Metis, mas era somente porque eu estava preocupada com Daphne. Me processe por gostar da minha melhor amiga.

Metis saiu do seu escritório, seus olhos verdes suaves e gentis.

Eu suspirei. — Eu entendo que você tenha ouvido isso?

A professora assentiu. — Daphne está apenas chateada. Ela achou que sua magia seria uma coisa, e ela se revelou outra coisa ao invés disso.

— Tá, mas por que ela está descontando em mim?

Metis inclinou sua cabeça para um lado. — Porque sua magia é exatamente o que deveria ser. Você compreende completamente seu poder,

Gwen, e você tenta fazer o bem com ele. É uma das coisas que faz você tão forte. Não se preocupe com Daphne. Ela vai ficar bem. Demorará um pouco de tempo para ela se ajustar, mas ela virá a compreender que tudo acontece por alguma razão. Que os deuses nos deram os dons que nós precisamos quando nós precisamos mais deles.

A professora olhou para longe à distância. — Eu fui a mesma coisa quando eu tinha a idade dela. Eu esperava que minha magia fosse física ou invés de mental.

— O que você quer dizer?

Metis suspirou. — Magia é basicamente dividida em duas categorias – física e mental. Magia física envolve coisas como a magia do fogo que Daphne disse que sua mãe tinha. Normalmente, magia física pode ser usada para ferir outras pessoas, enquanto que a mental é frequentemente mais uma magia protetora, como meu poder de cura.

— Então o que você está dizendo é que magia física tem algum tipo de forma real ou formato, certo? Como chuva de uma tempestade?

Metis assentiu de volta. — Certo. Chuva de uma tempestade seria uma forma física de magia, algo que você pode realmente ver e sentir e tocar, enquanto que telecinésia ou telepatia seria uma forma mental, algo que você não pode necessariamente ver ou tocar.

Por alguma razão, a palavra *telepatia* pareceu ressoar na minha cabeça, como um sino tocando, embora eu não tivesse ideia do por que. Até onde eu sabia, eu nunca conheci ninguém com magia telepática. Muitos jovens na Mythos tinham a magia física que Metis descreveu, como a habilidade de disparar raios da ponta dos seus dedos ou invocar rajadas de vento com apenas um gesto das suas mãos. Eu imaginei que os sentidos aprimorados de muitos dos alunos teriam sido considerados uma forma de magia mental.

— Mas e a minha magia? — eu perguntei. — E sobre meu toque mágico?

Era como algumas pessoas chamavam a minha psicometria – toque mágico.

— Seu toque mágico é diferente, — Metis disse. — É uma das raras habilidades que podem ser físicas e mentais ao mesmo tempo.

— O que você quer dizer?

Metis bateu seus dedos contra seus lábios, como se ela estivesse lutando em como explicar isso para mim. — Bem, obviamente você sabe sobre a parte mental. É quando você toca objetos e vê coisas, como você mesmo diz. Quando você obtém flashes das memórias de outras pessoas e emoções na sua própria mente.

Eu assenti.

— Mas há um aspecto físico no toque mágico também, — Metis disse. — Você pode obter vibrações dos objetos muito facilmente, mas aqueles com toque mágico como o seu podem também influenciar as pessoas. Eu imagino que se você tentar bastante, Gwen, você pode empurrar seus pensamentos e sensações dentro de alguém e fazê-lo sentir exatamente o que você quer que ele sinta. Suas psicometria permite que você veja as memórias das pessoas, deixa você sentir o que elas sentem. Quem disse que você não pode alcançar até mesmo mais fundo dentro delas? Talvez até mesmo explorar a magia de alguém enquanto você está lutando com ele e vira-la contra ele? Há algumas teorias bastante interessantes sobre toque mágico por aí, embora poucas delas fossem mesmo comprovadas, uma vez que é um dom tão raro.

As palavras de Metis me fizeram lembrar o ataque dos Ceifadores. Eu me lembro vendo aquela faísca dentro de Daphne e tentando alcançá-la e agarrá-la com minha própria magia. Por alguns segundos, quase pareceu como se fosse o que eu estava fazendo, como se eu estivesse canalizando sua energia de cura, antes que a Valquíria tivesse desmaiado de exaustão. Talvez isso fosse *exatamente* o que eu estava fazendo, uma vez que todos os cortes e feridas que eu tinha recebido durante minha luta com a garota Ceifadora tinham desaparecido em seguida. Eu me perguntei se era isso que Metis estava falando, se explorar o dom de Daphne e até mesmo o poder de qualquer outro era uma daquelas *outras coisas* misteriosas que eu poderia ser

capaz de fazer com meu dom Cigano.

Basicamente, contudo, a professora me disse a mesma coisa que minha Vovó Frost tinha dito um tempo atrás – que minha magia iria continuar se fortalecendo e crescendo e que eu seria capaz de fazer mais e mais coisas com ela. Eu me perguntei como tudo isso funcionava, entretanto. Eu nunca tentei tirar mais do que memórias e sensações de um objeto, e eu certamente nunca tentei exercer minha própria vontade sobre qualquer um.

Eu abri minha boca para fazer a ela outra pergunta, mas Metis me interrompeu.

— Deixe-me pegar minha jaqueta que eu levarei você lá em baixo na prisão, — ela disse. — Eu estou interessada em ouvir o que Preston tem dizer a sobre si mesmo hoje. E não se preocupe sobre Daphne. Ela ficará bem.

A professora voltou para dentro do seu escritório. Mais uma vez, eu pensei sobre as palavras ásperas de Daphne e a raiva brilhando em seus olhos. De alguma forma eu duvidava que a Valquíria fosse aparecer tão rapidamente quanto Metis pensou que ela iria.

Metis e eu partimos do prédio de história-mítica e cruzamos o quadrilátero superior para o prédio de ciência-matemática. Eu enfiei meu queixo dentro do meu cachecol cinza para tentar me manter aquecida, mas o ar pareceu ficar mais frio e mais frio com cada passo que eu dava, como se houvesse uma tempestade soprando.

Eu segui Metis para dentro do prédio de ciência-matemática, e depois descendo, descendo, descendo nós fomos, passando por uma série de portas codificadas com teclados numéricos e trancas mágicas, até parecer como se nós tivéssemos tão no subterrâneo, que nós nunca poderíamos ver o sol novamente.

Finalmente, nós saímos em uma enorme porta que era constituída da mesma pedra cinza como o resto dos prédios. Densas barras de ferro entrecruzavam-se sobre a porta, e duas esfinges que tinham sido esculpidas na pedra encaravam uma a outra. As criaturas pareciam até mesmo mais ferozes do que aquelas nos portões do lado externo, como se sua única razão de existir era impedir o que quer que estivesse por detrás da porta de sair. Sem importar quantas vezes eu descia aqui, a visão do encarar das esfinges sempre me deixava desconfortável. Eu estremeci e afastei o olhar.

Metis pescou uma grande chave-mestra do bolso da sua jaqueta e a deslizou na fechadura. A porta abriu com um alto *guincho*, e nós atravessamos para o outro lado.

A prisão tinha um teto em formato de cúpula, apenas como na Biblioteca de Antiguidades, e parecia muito maior do que ele deveria ser, considerando o quanto distante no subterrâneo nós estávamos. Celas de vidro constituíam as paredes da prisão circular, empilhadas para formar os três andares. Sempre me impressionou de forma engraçada, que esse fosse um lugar na academia que não tinha qualquer estátua de deus, deusa, ou criaturas mitológicas. Ao invés disso, uma mão segurando um enorme conjunto de balanças que tinham sido esculpidas no teto de pedra. Isso não tornava um pouco disso menos assustador, entretanto.

Uma mesa estava apoiada no lado interno da porta. Normalmente, Raven sentava-se ali, lendo uma das suas revistas de fofocas de celebridades, mas hoje, sua cadeira estava vazia. Metis viu meu olhar interrogativo.

— Raven teve que ir até o refeitório para pegar alguns suprimentos para o seu carrinho de café, — ela disse. — Além disso, não é como se Preston fosse a lugar algum. Se os outros Ceifadores quisessem-no livre, eles já teriam vindo por ele agora.

Sua explicação fazia sentido, mas não me fez sentir nada melhor sobre estar aqui. Nada jamais faria. Eu dispensei minha bolsa na mesa de Raven e virei em direção ao centro da prisão.

Preston Ashton estava debruçado sobre uma mesa de pedra no meio

da sala em cúpula, bem debaixo da mão-e-balanças esculpidas. Apesar do fato que ele estava usando um macacão laranja e sapatos de papel, Preston era um cara bonito com cabelo loiro-branco, olhos azuis pálidos, e feições esculpidas. Ao menos, eu achei que ele era lindo, até, sabe, ele tentar me matar umas duas vezes. Agora, quando eu olhava para Preston, tudo o que eu via era a faísca vermelha de Ceifador que queimava a superfície dos seus olhos.

Preston sentou-se com o suave sussurro de passos no chão, e seus lábios enrolaram-se para trás em um escárnio.

— Por que, Cigana, — ele disse. — Você não tem vindo aqui em baixo em semanas. Eu estava começando a pensar que você tinha se esquecido de mim no feriado.

Como se eu pudesse sequer esquecer sobre Preston e a coisa terrível que ele prometeu fazer com minha Vovó Frost se ele alguma vez se libertasse. Mas não havia motivo para deixar o Ceifador saber o quanto ele me assustou — isso apenas o deixaria feliz.

— Na verdade, eu tirei você completamente da minha cabeça durante o feriado, — eu disse em uma voz indiferente, caindo na cadeira de pedra na frente dele. — Foi bastante renovador não vasculhar suas memórias depravadas por algumas semanas.

Preston se lançou na minha direção, mas as correntes que algemavam seus braços à mesa e suas pernas ao chão o impediram de se mover mais do que três centímetros.

— Paciência, paciência, — eu zombei dele.

Preston sentou-se de costas na sua cadeira e me deu um sorriso frio, embora suas bochechas ainda queimassem de vermelho. — Nós veremos quem estará rindo em breve, Cigana. Nós veremos.

Eu ignorei o gelo que o seu tom brincalhão sempre me fazia me sentir, agarrei suas mãos, e alcancei a minha magia. Eu gastei os próximos quinze minutos vasculhando a mente de Preston, fazendo uma triagem nas suas memórias, as coisas que ele tinha visto e as horríveis, terríveis, doentias

coisas que ele tinha feito como um Ceifador. As pessoas que ele matou, todos que ele torturou, todos que ele feriu, eu vi isso tudo – e era tudo muito, muito ruim.

— Você está conseguindo algo? — Metis perguntou.

Eu neguei com minha cabeça. — Nada. Apenas as mesmas memórias que eu tinha visto antes. Eu não acho que ele saiba sobre o ataque no coliseu ou onde a Adaga Helheim pode estar escondida.

Preston ergueu uma sobrancelha. — Ainda procurando a adaga, Cigana? Eu teria achado que uma garota esperta como você já teria encontrado-a agora.

— Cale a boca, Ceifador, — eu disse e alcancei suas mãos novamente.

Mais uma vez, eu não consegui nada. Sem sugestão que Preston sabia sobre o ataque e sem pista do que ele tivesse qualquer ideia de onde a adaga estava. Eu só soltei suas mãos quando o celular de Metis tocou. A professora tirou o telefone do seu bolso.

— Alô? Alô? — Metis afastou o telefone da sua orelha e negou com sua cabeça. — Está cortando. Eu nunca vou conseguir uma boa recepção aqui em baixo. Eu terei que subir para retornar a ligação.

Metis me disse para dar um tempo, desde que ela também precisava atualizar Nickamedes e Técnico Ajax sobre a grande quantidade de nada que eu tinha descoberto. A professora se desculpou, dizendo que ela voltaria em poucos minutos. Ela partiu da prisão, deixando-me sozinha com Preston.

Desde que eu não queria tocar o Ceifador sem Metis aqui, eu me levantei e perambulei a prisão, olhando dentro das celas. Não havia muito para ver. Algumas das celas apresentavam camas, pias, e privadas de metal, enquanto outras eram apenas espaços vazios. É onde eles mantinham as criaturas, eu pensei. Os gatunos de Nemean, os lobos Fenrir, e as Rocas Negras que os Ceifadores usavam para fazer seu trabalho sujo para eles.

Preston não disse nada enquanto eu caminhei por aí, mas ele manteve seus olhos cheios de ódio em mim, apenas observando – o que me assustou mais do que se ele tivesse gritado xingamentos para mim todo o tempo.

Finalmente, eu não podia suportar mais o silêncio, e eu segui para a porta. Eu esperaria do lado de fora até Metis voltar e depois eu tentaria explorar a mente de Preston novamente. Eu abri a porta para sair no corredor – e encontrei a garota Ceifadora ali esperando por mim.

— Oi, Cigana, — ela disse em um tom sórdido. — Sentiu falta de mim?

Antes que eu pudesse me mover, antes que eu pudesse reagir, antes que eu sequer pudesse gritar, a garota Ceifadora pisou adiante e me socou no rosto. Eu tropecei para trás e cai no chão de pedra, mas a garota Ceifadora não parou ali. Ela me chutou nas costelas, e eu soltei um gemido e rolei para longe dela. Mesmo assim, apesar da dor, eu não pude evitar em me perguntar como ela tinha descido aqui em primeiro lugar passando todas aquelas portas e travas.

— Esqueça dela! — Preston gritou do outro lado do lugar. — Tire-me dessas correntes! Rápido! Antes que Metis volte!

A garota Ceifadora saltou por cima de mim e avançou sobre a mesa onde Preston estava acorrentado. Ela vestia a mesma túnica e máscara de Loki que ela tinha usado durante o ataque no coliseu. Eu não sabia de onde ela tinha tirado isso, mas a garota Ceifadora retirou uma chave das dobras da sua túnica e começou a mexer com o cadeado nas correntes de Preston. Um segundo mais tarde, a trava estalou aberta – e eu sabia que eu estava com um grande, grande problema.

Eu me embaralhei para ficar de pé e me saltei sobre a mesa de Raven. A garota Ceifadora viu o que eu ia fazer e correu atrás de mim tal como eu saquei Vic da minha bolsa e arrastei a espada da sua bainha de couro. Eu sempre trazia Vic comigo sempre que eu vinha para a prisão, desde que ele me fazia sentir um bocadinho mais segura. A garota Ceifadora respondeu

retirando a sua própria espada de baixo das dobras esvoaçantes da sua túnica preta.

— Lucretia! — Vic sibilou com a visão da outra espada.

O olho vermelho ardente de Lucretia estreitou com ódio.

— Vic! — ela rosnou de volta.

Foi tudo o que eles tiveram tempo de dizer antes que a luta começasse.

Slash-slash-slash!

Minha espada prendeu com a da garota Ceifadora, as laminas lançando faíscas vermelhas e roxas por todo o lugar enquanto as duas armas gritavam ameaças e insultos uma para a outra.

— Faca de manteiga! — Lucretia cantou.

— Colher enferrujada! — Vic vociferou.

Eu desliguei o cântico das espadas e me foquei na garota Ceifadora, tentando antecipar o que ela faria a seguir, como ela me atacaria. Atrás de mim, metal chiou e sacudiu como um por um, Preston abriu seus cadeados nas suas correntes – e então ele estava livre.

Pelo canto do meu olho, eu vi Preston seguir na minha direção, suas mãos curvadas em punhos e um olhar assassino no seu bonito rosto. Seus olhos estavam brilhando até mesmo mais agora – aquele sangrento, estranho vermelho Ceifador.

Eu fiz uma rasteira com a minha espada, fazendo a garota Ceifadora momentaneamente recuar, e depois virei, para que minhas costas fossem aquelas na cela de vidro. Eu não duraria um minuto se eu deixasse a garota Ceifadora e Preston me atacarem pelos dois lados de uma vez. Logan me ensinou isso. Meu coração se apertou. *Logan*. Eu desejei que ele estivesse aqui agora. O Espartano saberia o que fazer – ele saberia exatamente como derrotar os Ceifadores. Eu estaria com sorte se eu sobrevivesse outro minuto.

Ao invés de se jogar para mim como eu esperei que ele fizesse, Preston parou e olhou para mim.

— Vá! — a garota Ceifadora gritou para Preston. — Vá! Vá! Vá!

Preston me deu um sorriso cruel, depois correu para fora da prisão. Eu avancei atrás dele, mas a garota Ceifadora bloqueou meu caminho e ergueu sua espada novamente.

Slash-slash-clang!

Para frente e para trás, nós duelamos durante a melhor parte de dois minutos antes do meu tênis patinar no liso chão de pedra. A garota Ceifadora tomou vantagem do meu escorregão para me socar no rosto de novo. A força do seu golpe me enviou voando para trás, para dentro de uma das celas. Minha cabeça bateu contra o vidro, e a dor explodiu no meu crânio. Tonta, eu caí no chão, mal conseguindo segurar Vic.

— Gwen! — Vic gritou. — Levante-se, Gwen! Levante-se antes que ela mate você!

Mas eu estava tão tonta para fazer isso – eu estava tão tonta para fazer qualquer coisa. A garota Ceifadora ficou ali, sua espada na sua mão. Tudo o que ela tinha que fazer era erguê-la, trazê-la abaixo, e eu estaria morta.

Simples assim.

Ela ficou ali, hesitando, como se fosse exatamente o que ela queria fazer. Mas ao invés de terminar comigo, a garota Ceifadora se virou e correu para fora da porta aberta da prisão.



16

BU TROPECEI NOS MEUS PÉS E INTENSIFIQUEI O MEU APERTO EM VIC. Ignorando a pulsação de dor na minha cabeça, rosto e costelas, eu disparei para fora da porta da prisão atrás dos Ceifadores – mas eles já tinham desaparecido.

Eu corri para o final do corredor e comecei a subir as escadas correndo e atravessei todas as portas abertas. Para cima, para cima, para cima, eu fui, subindo tão rápido quanto eu pude, mas eu já estava muito distante. Eu nem sequer ouvi os ecos dos passos de Preston e da garota Ceifadora soando nos degraus acima da minha cabeça.

— Vamos, Gwen! — Vic gritou com uma voz encorajadora. — Você pode alcançá-los!

Finalmente, eu subi os últimos degraus, corri para fora do prédio de

ciências-matemática, e derrapei a uma parada no quadrilátero superior. Minha cabeça rompeu para a esquerda, depois direita, enquanto eu ficava ali arfando, mas Preston e a garota Ceifadora não estavam em nenhum lugar. Nem mesmo a Metis. Jovens estavam amontoados pelo quadrilátero como sempre, rindo, conversando, e mandando mensagens de texto enquanto eles seguiam para suas atividades extra-classe.

Alguns jovens me deram olhares estranhos, olhando meu rosto corado e os gigantes goles de ar que eu estava sugando, mas eu os ignorei. O que fariam Preston e a garota Ceifadora agora? Para onde eles iriam? *Pense, Gwen, pense!*

Em seguida, a resposta veio a mim.

É melhor você terminar comigo agora, Cigana. Ou eu irei me libertar um dia, e eu irei matar aquela vovozinha senil que você ama tanto.

Vovó Frost, eu pensei, me lembrando da muito terrível, promessa de Preston para mim.

De alguma forma eu sabia que é para onde eles estavam seguindo. Preston não perderia a chance de me ferir ao matar minha avó – ele apenas não perderia. E Vovó não tinha ideia que ele estava indo ou no terrível perigo em que ela estava.

Terror retorceu meu coração com o pensamento, mas eu me forcei a superar o medo e pensar. Eu não sabia como a garota Ceifadora tinha conseguido passar por todas as medidas de segurança para descer à prisão em primeiro lugar, mas se ela foi esperta o bastante para fazer isso, então ela tinha que ter pensado na fuga de Preston também. Ela o tiraria do campus tão rapidamente quanto ela pudesse, e desde que os Ceifadores estavam deixando o estabelecimento da academia, eu duvidava que as esfinges fossem tentar impedi-los. E então – e então o que?

Um carro, eu pensei. Ela teria um carro esperando do lado de fora dos muros da academia para transportar Preston rapidamente para longe, mas o Ceifador não iria imediatamente se esconder. Não, ele pararia na casa da Vovó Frost primeiro. Eu sabia que ele pararia, o que significava que eu

precisava de um carro, também, se eu tivesse qualquer chance de salvá-la.

Eu suguei outro fôlego frio e comecei a correr.

Eu puxei meu celular do bolso do meu jeans enquanto eu corria. Uma vez que eu não podia mandar mensagens de texto, e segurar Vic tudo ao mesmo tempo, eu resolvi por bater os números no meu teclado. Primeiro, eu liguei para Vovó Frost.

— Atenda, — ofeguei enquanto corria. — Por favor, *por favor* atenda. Mas ela não atendeu.

O terror se ergueu na minha garganta, me sufocando, mas eu o forcei abaixo. Os Ceifadores não podiam ter chegado à sua casa ainda, então Vovó deveria estar fazendo uma leitura psíquica para um dos seus clientes. Ela nunca atendeu ao telefone nessa ocasião. A secretária eletrônica atendeu, e eu deixei uma mensagem ilegível e frenética contando a ela sobre a garota Ceifadora libertando Preston e pedindo-a para me ligar no segundo em que ela recebesse essa mensagem. Eu teria continuado a falar, mas a máquina soou, me interrompendo.

Xingando, eu fui para o próximo número na minha lista, que era Daphne. Mas aparentemente, a Valquíria ainda estava furiosa comigo e fazendo uma triagem nas suas ligações porque ela não me atendeu. Eu tentei Logan a seguir, mas o Espartano não respondeu também.

Por que todos tinham escolhido hoje para ficarem putos comigo?

Então eu fui para a quarta pessoa na minha lista. Pela primeira vez, *pela primeira vez*, alguém decidiu atender o seu maldito telefone.

— Ei, Cigana, — a suave voz de Oliver encheu meu ouvido. — O que está acontecendo?

— Eu preciso que você pegue seu carro e me encontre lá em baixo perto do portão principal da academia. Agora!

— Gwen! — a voz de Oliver aguçou enquanto ele ouvia o pânico na

minha voz. — O que está acontecendo?

— Preston acabou de fugir da prisão da academia, — eu disse entre arfadas e respiradas. — Eu acho que ele está seguindo para a casa da Vovó Frost para matá-la. Eu preciso que você me leve lá embaixo, então me encontre no portão principal assim que você puder. E traga algumas armas. Nós iremos precisar delas.

— Gwen—

Eu desliguei antes que Oliver pudesse dizer algo mais. Eu sabia que o Espartano me ajudaria. Isso é o que amigos faziam uns pelos outros.

Eu continuei correndo, tentando Vovó Frost, Daphne, e Logan repetidamente – mas ninguém me atendeu. Eu xinguei um pouco mais. Que benefícios tinham os celulares se ninguém os atendia? Finalmente, no momento em que eu estava correndo e me exaurindo, eu alcancei Styx Hall. Demorou muito mais tempo do que eu teria apreciado para puxar meu cartão de ID de aluna do bolso do meu jeans, varrê-lo através da máquina, abrir a porta, e correr os três lances de escadas ao meu quarto, mas havia outra coisa que eu tinha que fazer antes de eu encontrar Oliver, outra maneira que eu pudesse talvez salvar minha avó.

— Nott! — eu disse, invadindo o meu quarto. — Nott, eu preciso de você!

O lobo Fenrir estava cochilando em seu ninho de cobertores, mas ela saltou aos seus pés com o som da minha voz frenética.

— O que você está fazendo, Gwen? — Vic disse. — Você está perdendo tempo.

— Cale a boca, Vic, — eu disse, deitando a espada na cama e empurrando o celular para dentro do bolso do meu jeans. — Eu preciso me concentrar.

Enquanto eu estive correndo pelo campus, me ocorreu que o lobo poderia correr muito mais rápido do que eu – muito, muito mais rápido. Eu estava certa que Oliver estava correndo em direção ao seu carro nesse momento, mas ele ainda iria precisar de tempo para chegar e ainda mais

tempo para nós dirigirmos montanha abaixo.

Era um tempo que Vovó Frost não tinha.

Eu me deixei cair ao lado do lobo, me perguntando se meu plano louco ia funcionar. Talvez Vic estivesse certo e eu estava apenas perdendo tempo. Mas eu tinha que tentar – eu *tinha*.

Metis tinha me contado que eu podia fazer mais com o meu dom Cigano do que apenas tocar coisas e ver coisas – que eu podia fazer outras pessoas verem e sentirem coisas também. Eu apenas esperava que ela estivesse certa.

Ainda sugando goles de ar, eu cuidadosamente coloquei minhas mãos em cada lado da maciça cabeça de Nott e olhei dentro dos seus olhos parados – e em seguida eu alcancei todas as memórias que eu tinha da minha Vovó Frost. Toda a gentileza e carinho que ela me mostrou ao longo dos anos, de todas as grandes e pequenas formas que ela gostava de mim, especialmente depois que minha mãe tinha sido assassinada, todo o amor que eu sentia sempre que eu segurava sua mão.

Eu me concentrei naquelas memórias, puxando-as para cima na minha mente, e depois eu meio que... as empurrei em Nott. Ao invés de tocar algo e deixar as imagens preencherem a minha mente, eu fiz o oposto – eu peguei as memórias que eu já tinha e conscientemente as empurrei em outra direção, para dentro da mente de alguém.

De alguma forma isso funcionou.

O lobo vacilou, e eu pude sentir sua confusão com a miscelânea de memórias e pensamentos que não eram seus enchendo seu cérebro. Depois de alguns segundos, ela relaxou quando ela percebeu que eu não ia machucá-la, que os pensamentos não iam feri-la. Então, eu me foquei na casa da minha avó e empurrei essas imagens na mente do lobo também.

— Eu preciso que você vá para a casa da minha avó e proteja-a até que eu chegue lá, — eu disse. — Por favor. Você pode fazer isso? Você sequer me entende?

Nott me olhou um segundo mais longo. Em seguida, ela se inclinou

para baixo, lambeu minha bochecha com sua língua, e seguiu para a porta.

— Eu vou entender isso como um sim, — eu disse, agarrando Vic da cama e me esforçando atrás dela.

Eu guiei Nott escadas abaixo e através do dormitório, sem me importar quem me visse ou o que eles pensariam sobre isso. Pela primeira vez, eu tive sorte, e nós não tropeçamos em nenhum estudante. Eu abri a porta dos fundos do dormitório, e o lobo correu para o lado de fora. Em um momento, ela desapareceu de vista.

Eu suguei outro fôlego e comecei minha própria corrida, descendo ao portão principal. Eu nem sequer poupei as esfinges um olhar enquanto eu deslizava através das barras de ferro ao outro lado. Oliver tinha sido mais rápido do que eu, porque o Espartano já estava estacionado do outro lado da rua em sua Escalade Cadillac preta.

Eu corri até o SUV, puxando a porta aberta, e me lancei no banco do passageiro.

— Gwen! — Oliver disse, colocando o carro em ignição.

— Você tem certeza sobre isso?

— Não, — eu disse. — Mas eu não posso arriscar com a vida da minha avó. Agora, dirija.

Oliver se afastou do meio-fio sem outra palavra. Eu coloquei Vic sobre o meu colo, depois puxei meu celular do bolso do meu jeans. Mais uma vez, eu tentei o número da Vovó Frost. Mais uma vez, ela não atendeu. Meu pânico quente lentamente se derreteu no frio, profundo temor. Eu tinha que chegar a ela antes que Preston e a garota Ceifadora chegassem. Eu não podia perder minha avó como eu tinha perdido minha mãe. Eu apenas *não podia*.

— Eu liguei para Logan e Kenzie para virem ajudar, — Oliver disse, zunindo montanha abaixo tão rápido quanto ele podia.

— Mas eles não me atenderam.

Meu coração se afundou um pouco mais no meu peito. Eu mordi meu lábio e assenti, resistindo com a urgência de gritar para Oliver dirigir mais

rápido. Logan e Kenzie não importavam agora. Se nós não chegássemos a casa antes que Preston e a garota Ceifadora chegassem, minha avó estava praticamente morta.

Pareceu demorar *uma eternidade* para Oliver zunir montanha abaixo, embora ele fizesse em tempo melhor que o ônibus já fez. Ele virou na rua que dava de frente à casa da minha avó e estacionou do lado de fora. Eu estava fora do SUV antes dos pneus pararem de rodar. Oliver desligou o motor, abriu sua própria porta, e correu atrás de mim.

O que eu vi na varanda fez meu sangue congelar. A placa LEITURAS PSIQUICAS AQUI ao lado da porta da frente mal se pendurava na lateral da porta, como se alguém tivesse pegado uma chave de fendas e tentado retirá-la. Até mesmo pior era o fato que a porta tinha sido chutada, a moldura lascada ao menos em três pedaços.

— Gwen! Pare! — Oliver sibilou, agarrando a parte de trás do meu capuz antes que eu pudesse correr para dentro da casa. — Você não sabe quem ou o que está lá dentro.

Mesmo embora eu não quisesse nada mais do que correr para dentro, eu me fiz parar. O Espartano estava certo. Minha invasão na casa às cegas podia fazer uma situação ruim piorar.

Então eu intensifiquei meu aperto em Vic e trouxe a espada para cima em posição de ataque. Ao meu lado, Oliver colocou uma flecha em um arco que ele trouxe junto com ele. O Espartano assentiu para mim, dizendo-me para pegar a liderança e que ele tinha as minhas costas. Juntos, nós entramos nas sombras.

O interior da casa estava um desastre. Tudo que podia ser derrubado, foi, desde a cristaleira que exibia a boa porcelana da Vovó ao sofá azul, ao raque que sustentava a TV. Tudo foi colidido, derrubado, e quebrado, como se alguém tivesse tido uma grande satisfação em destruir cada coisa que ele podia.

Preston, eu pensei sombriamente, e segui em frente.

Oliver apontou para outra porta lascada, e eu fui na ponta dos pés e

espiei para o interior do ambiente que minha avó dava suas leituras psíquicas. As cortinas frisadas que se penduravam nas janelas tinham sido arrancadas, e o cobre-mesa de seda cinza tinha sido rasgado em dois pedaços. A bola de cristal da minha avó também tinha sido quebrada, os cacos estilhaçados brilhando como lágrimas em cima do pano transparente.

Um punho frio de medo envolveu meu coração e o apertou forte. Eu me virei e neguei minha cabeça para Oliver, dizendo a ele que a sala estava limpa. Nós fomos na ponta dos pés pelo resto do andar inferior, pisando sobre mais mobília colidida, antes de nós finalmente seguirmos para a cozinha. Meu coração martelou com o pensamento do que nós poderíamos encontrar ali, e eu tinha um aperto tão forte em Vic que minhas mãos doeram.

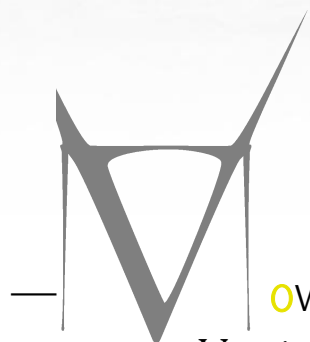
Algo rangeu na cozinha. Oliver e eu paramos onde estávamos no corredor – escutando. Uma série de barulhos farfalhados e barulhos tumultuados soaram, dizendo-nos que alguém estava se movendo pela cozinha. Oliver colocou uma mão no meu ombro, silenciosamente me perguntando se eu estava bem. Eu assenti, inspirei, e fui para frente, perscrutando o lugar.

A visão ali me impressionou.

Vovó Frost estava de pé no meio da cozinha, uma espada ensangüentada em sua mão, Nott sentada à sua direita, e um Ceifador morto aos seus pés.



I7



OVÓ? — EU SUSSURREI, CORRENDO PARA FRENTE. — VOCÊ ESTÁ BEM?

Vovó Frost me deu um sorriso austero. — Bem, o máximo que eu posso estar com um Ceifador morto ensanguentado na minha cozinha e um lobo super crescido querendo um petisco.

Nott soltou um suave choramingo, aparentemente concordando com minha avó. Eu deitei Vic na mesa da cozinha, depois abracei minha avó tão forte quanto eu pude. Sua mão enrugada alisou o meu cabelo e roçou de um lado ao outro da minha bochecha, e o calor do seu amor me encheu, arrastando para longe o medo frio, muito frio.

— Eu estou bem, chuchuzinho, — ela sussurrou. — Eu estou bem.

Lágrimas de alívio deslizaram pelos cantos dos meus olhos. Eu recuei e as afastei.

— O que aconteceu? — eu perguntei. — Quantos Ceifadores estavam aqui? Como você lutou com eles sozinha?

— Sente-se, e eu contarei a você tudo sobre isso. E como eu lutei com eles... — Vovó balançou sua espada ensanguentada em um arco feroz que até mesmo Técnico Ajax teria estado orgulhoso. — Você se esqueceu de uma coisa, chuchuzinho – eu costumava ser a Campeã de Nike, também.

Em seguida, ela apanhou o pano de prato e começou a enxugar o sangue do Ceifador da espada como se fosse apenas mais outra mancha para ser limpa.

Quinze minutos depois, Vovó Frost retirou uma assadeira de rocambole de maçã e canela feita em casa do forno. Os cheiros calorosos de manteiga derretida, açúcar mascavo, e canela doce explodiram na cozinha, fazendo parecer tão convidativo e aconchegante como sempre – exceto pelo cadáver no chão. Oliver tinha arrastado o corpo do Ceifador até o canto distante, e Vovó tinha colocado um lençol cinza sobre ele, mas todos nós sabíamos que ele estava ali.

Aparentemente, o corpo não incomodou Oliver, contudo.

— Isso está ótimo, — ele disse, dando uma grande mordida em um rocambole quente e pegajoso. — Você esteve escondendo o jogo comigo, Gwen. Se eu soubesse que sua avó fazia sobremesas assim, eu teria vindo aqui eras atrás.

Vovó Frost se inclinou mais perto e deu tapinhas na mão do Espartano. — Você é bem vindo aqui a qualquer momento, Oliver. Apenas me deixe saber quando você está vindo, e eu farei algo especial para você.

Ela piscou para ele. O Espartano sorriu e deu outra mordida no seu rocambole.

Eu ergui meu próprio rocambole, mas o abaixei no meu prato. Eu não tinha o apetite para isso agora. — Então o que aconteceu com o Ceifador?

Vovó me encarou, seus olhos violetas escuros no seu rosto. — Eu tive um mau pressentimento todo o dia que algo estava errado, mas eu não podia apontar exatamente o que era. Eu tinha acabado de fazer minha última leitura da tarde e tinha caminhado com meu cliente para a porta da frente quando eu vi um SUV preto estacionado do outro lado da rua. Eu olhei para ele, e eu soube que havia problema no interior – problema que estava seguindo para o meu caminho.

— Depois o que aconteceu? — Oliver perguntou, alcançando outro rocambole de canela.

— Eu fui para o armário e peguei minha velha espada fiel, — Vovó disse, dando à arma um tapinha afeiçoado. Ela tinha limpado a espada e a tinha escorado em uma cadeira junto com Vic, embora ela fosse apenas uma espada comum e não tivesse um rosto ou falasse como ele. — Depois eu voltei para cá, na cozinha e esperei por eles. Eles entraram pela porta da frente, destruindo tudo o que eles puderam. Eu não acho que eles esperavam que eu revidasse a luta, contudo. O primeiro ali no chão entrou aqui como se a cozinha fosse dele ao invés de minha. Eu o cortei muito rápido, mas isso não foi o fim deles.

— Quantos mais estavam ali? — eu perguntei.

— Dois mais, — ela disse. — Um menino vestindo um macacão laranja e uma garota usando uma túnica negra e uma máscara de Ceifador.

Preston e a garota Ceifadora. Eles tinham vindo para cá apenas como eu pensei que eles fariam.

— Eu irei admitir que não sou tão nova quanto eu costumava ser, mas eu estava dando conta, — Vovó disse. — Mas então, a garota Ceifadora tentou usar seus truques de mente comigo.

Eu franzi o cenho. — Que truques de mente?

— Ela tentou me confundir, me fez ver coisas que não estavam de fato ali, — Vovó Frost disse. — Ela até mesmo tentou forçar sua vontade dentro

da minha mente e me fazer congelar para que eu parasse de revidar. Ela tinha muitos truques, e ela era forte na sua magia. Tão forte quanto ninguém que eu tinha visto com aquele tipo de poder mental.

Eu franzi o cenho. Poder mental? A garota Ceifadora tinha algum tipo de magia mental?

— Eu estava enfraquecendo, mas então sua amiga aqui — Vovó gesticulou para Nott — veio correndo para dentro da cozinha. Bem, o garoto de macacão laranja e a garota Ceifadora partiram em um piscar de olhos depois disso. Nem mesmo Ceifadores querem se comprometer com um lobo Fenrir.

— Boa garota, — eu murmurei, esfregando as orelhas de Nott.

O lobo suspirou com prazer. Algumas vezes eu pensava que ela teria me deixado domesticá-la para sempre. Sem impressionar. Preston nunca tinha feito nada além de espancar e acoitar Nott enquanto ela estava no seu controle. Eu sabia. Eu tinha visto as suas memórias do lobo e todas as coisas horríveis que ele tinha feito para ela.

— E agora? — Oliver perguntou. — Porque eu assumo que você não quer um cadáver sentado na sua cozinha pelo resto do dia.

Vovó olhou para o corpo do Ceifador. As botas do homem espiavam por debaixo da borda do lençol cinza. — Agora, nós ligamos para Aurora, — ela disse. — E contamos a ela o que aconteceu.

Vovó ligou para a academia, e Metis, Nickamedes, e Técnico Ajax chegaram cerca de trinta minutos mais tarde, junto com vários homens e mulheres vestindo macacão preto. Eu meio que esperava Raven aparecer, mas ela não apareceu. Talvez se ela estivesse na prisão como sempre, então Preston não teria escapado e vindo atrás da minha avó. Talvez se Metis

tivesse ficado ali comigo, nós teríamos sido capazes de capturar a garota Ceifadora, também. Eu não sabia de quem eu estava com mais raiva no momento – Preston e a garota Ceifadora por escaparem, ou Raven e Metis por não estar por perto quando eu precisava delas.

Antes deles chegarem, eu levei Nott para fora e a coloquei na garagem atrás da casa. Eu não sabia como Metis e os outros reagiriam ao ver o lobo Fenrir, eu não queria que eles machucassem-na ou tentassem levá-la para longe. Vovó concordou comigo desde que Nott ajudou a salvar a sua vida, também. Ela me deu alguns cobertores e um balde com água, os quais Oliver carregou até a garagem para mim. O Espartano voltou para dentro da casa enquanto eu abaixei a suave lã no piso de concreto, tentando fazer Nott tão confortável quanto possível.

Quando eu terminei, o lobo se deixou cair nos cobertores e soltou um longo suspiro. Suas orelhas caíram, e seus olhos de cor de ferrugem estavam mais escuros do que o normal. Ela pareceu cansada. Eu corri meus dedos sobre seu corpo e alcancei minha psicomетria, me perguntando se ela tinha qualquer machucado que nós tínhamos negligenciado, mas o lobo estava bem. Eu podia sentir que correr montanha abaixo tinha desgastado-a, mas pela primeira vez, eu tive a impressão que algo mais estava errado com ela – algo mais do que apenas estar exausta. Quase pareceu como algo estivesse correndo o lobo de dentro, minando toda a sua força. Eu alcancei com meu dom Cigano novamente, mas eu apenas não podia descobrir o que era isso.

Então eu gastei alguns minutos acariciando Nott, depois eu escorreguei de volta para dentro.

Enquanto as pessoas no macacão limpavam a bagunça da frente da casa, o resto de nós reuniu-se na cozinha. Metis usou sua magia para curar as feridas que Vovó Frost e eu conseguimos lutando com os Ceifadores. Quando a professora terminou conosco, Ajax afastou o lençol, revelando o rosto do cara morto. Eu não o reconheci, e para minha surpresa, ele não estava usando a máscara do Ceifador. Provavelmente porque Preston e a garota Ceifadora tinham pensado que minha avó não estaria por lá para

contar a todos que como o cara se parecia. O pensamento fez meu coração se apertar com medo.

Eu olhei abaixo para o cara morto. Depois de um momento, eu franzi o cenho. Algo estava me importunando. Algo sobre a garota Ceifadora e sua máscara, algo que ela tinha dito ou feito na memória que eu tinha visto dela olhando para o mapa da Biblioteca de Antiguidades. Eu usei minha psicometria para alcançar a memória. A garota Ceifadora olhando para o mapa, conversando com o homem ao lado dela sobre a Adaga Helheim, todas as pinturas assustadoras e esculturas de Rocas Negras na sala com eles. Eu repassei as imagens repetidamente na minha cabeça, mas eu não podia descobrir completamente o que estava errado com elas.

— Gwen? — Metis perguntou. — Você acha que pode ver o que pode conseguir do homem morto? Isso pode ser útil. Ele pode saber para onde Preston estava seguindo ou quem a garota Ceifadora realmente é.

Surpresa, eu olhei para ela. — Você quer que eu toque no cadáver? Você não me pediu para tocar qualquer Ceifador morto no coliseu.

Metis olhou para Ajax e Nickamedes. — Nós pensamos sobre pedir a você para fazer isso naquela época também, mas nós não queríamos fazer você passar por isso quando você tinha acabado de ver seus colegas de aula morrerem. Mas agora...

— Agora eu não tenho escolha. Não se nós quisermos encontrar Preston e a garota Ceifadora antes que eles machuquem outras pessoas, — eu disse em um tom amargo.

Metis assentiu. — Quando eu saí da prisão para retornar a ligação que eu recebi, ninguém atendeu. Eu acho que a garota Ceifadora foi aquela que telefonou para me atrair para longe da prisão para que ela pudesse libertar Preston. Nós precisamos saber o que eles estavam planejando e onde eles podem ter ido a seguir, e você é nossa melhor esperança para conseguir essas informações nesse momento.

Eu sabia que seu pedido era perfeitamente razoável, mas isso ainda não tornou nada mais fácil. Se houvesse até mesmo a menor chance de pegar

Preston e a garota Ceifadora, então eu tinha que usar minha magia psicométrica para tentar encontrar o que eu pudesse, mesmo se isso significasse tocar um cadáver. Eu queria os dois capturados e trancafiados – para sempre dessa vez. Então eu inspirei um fôlego, inclinei-me para baixo, e peguei a mão do cadáver com a minha.

As imagens e sensações fluíram na minha mente, da maneira que elas sempre faziam.

Eu nunca tinha tocado um defunto antes, mas eu tinha a impressão que todas as memórias e sensações associadas a esse homem estavam rapidamente desaparecendo, junto com o calor do seu corpo. Por mais que eu tentasse, eu podia apenas ver e sentir o que o Ceifador tinha experimentado durante os últimos minutos. O restante dele já se foi. Então eu me foquei na última memória que eu pude ver – os três Ceifadores sentados no carro.

— Você tem certeza sobre isso? — o defunto perguntou, olhando ao outro lado da rua para a casa da minha avó. — Eu digo, essa mulher pode ser velha, mas ela costumava ser uma Campeã. A Campeã *de Nike*. Você sabe quantos problemas eles deram para nós ao longo dos anos.

— Relaxe, Stuart, — Preston zombou com uma voz confiante. — Não há maneira que a velhota seja capaz de derrubar nós três Ceifadores, especialmente uma vez que nós temos o elemento surpresa do nosso lado.

Preston virou de costas e olhou para a garota Ceifadora sentada no banco de trás. Eu não podia ver seu rosto por causa da máscara que ela usava, mas uma faísca de vermelho piscou nos seus olhos através das fendas na borracha.

— Você tem estado terrivelmente silenciosa aí atrás, — Preston disse. — Como você está? Assustada?

A garota Ceifadora bateu seu dedo no seu lábio. Bem, tudo bem, eles não era realmente *seus* lábios, mas os lábios derretidos de Loki. O movimento fez algo dourado brilhar ao redor do seu dedo, algo que tinha um formato familiar...

— Não, eu não estou assustada, — ela disse em uma baixa, áspera voz. — Mas talvez fizesse bem se você fosse um pouco mais cuidadoso, Preston. Afinal de contas, você é aquele que gastou as últimas semanas trancado por causa de uma Campeã da Nike.

— Aquela Cigana vadia, — Preston rosnou. — Você deveria ter-me deixado matá-la na prisão.

A garota Ceifadora negou com sua cabeça. — Nós mantemos o plano, se lembra? Nós estamos aqui somente porque você está tão determinado em matar a avó, e isso não interfere com nada mais. Se você soubesse o que era melhor, você iria direto para a casa de segurança como eu disse a você.

O tom da garota era casual, mas não havia engano na autoridade e poder na sua voz ou ao fato de que ela era aquela no comando. Preston se encolheu um pouco no seu assento.

— Não, — ele disse. — Não até eu cumprir minha promessa para Gwen. Aquela Cigana gastou as últimas semanas explorando meu cérebro. Eu vou machucá-la onde ela mais sente. Então vamos.

Preston abriu a porta do carro e seguiu em direção a casa. Os outros o seguiram. Depois disso, as memórias do defunto ficaram mais e mais desajustadas. Houve um borrão de movimento, os estilhaçar de vidro quebrado, e então finalmente, um brilhante, agonizante clarão de dor enquanto Vovó Frost apunhalava o Ceifador com sua espada. Depois disso, o mundo lentamente desbotou para o preto até que não houvesse nada mais para ver e sentir – e sem mais segredos para descobrir.

Eu soltei um fôlego e abri meus olhos. Os outros me encararam, seus rostos apertados com preocupação e perguntas. Eu deixei Vovó Frost me ajudar a levantar depois eu caí em uma cadeira e despenquei sobre a mesa da cozinha.

— Você conseguiu alguma coisa? — Ajax perguntou em sua profunda, rouca voz.

Eu neguei com minha cabeça. — Não muito. Eu apenas consegui uns poucos trechos de conversas, a maior parte Preston e a garota Ceifadora

criticando um ao outro, embora ela mencionasse algo sobre uma casa de segurança. Você acha que eles ainda estão na área?

Nickamedes assentiu sua cabeça. — É provável. Apenas se passaram algumas horas, então os Ceifadores provavelmente não tiveram a chance de contrabandear Preston para fora do país ainda, para que ele possa ser reunido com seus pais, onde quer que eles estejam escondidos.

Metis, Nickamedes, e Ajax começaram a falar, com Oliver e Vovó Frost contribuindo para a conversa, sobre onde talvez os Ceifadores pudessem estar escondendo Preston e o qual seus próximos movimentos seriam para levá-lo em segurança.

Talvez fosse errado, mas eu sentia como se tudo que tinha acontecido até agora tinha saído exatamente da maneira que os Ceifadores queriam. Com certeza, a garota Ceifadora tinha deixado cair o mapa no museu, então nós sabíamos que a Adaga Helheim estava escondida na biblioteca, mas além disso, nós não tínhamos nada. Vários jovens tinham sido assassinados no coliseu, e eu não tinha encontrado a adaga, e agora Preston tinha escapado e estava livre para aterrorizar as pessoas mais uma vez. Eu diria que estava Ceifadores 100, Gwen 0.

E não parecia como se o placar fosse mudar tão cedo.



I⁸

NA HORA EM QUE NÓS ENDIREITAMOS A CASA DA VOVÓ FROST E colocamos tudo de volta em alguma ordem, era à noite. Metis tentou me levar de volta para a academia, mas eu me recusei, querendo ficar com minha avó pela noite. Vovó disse que ela não viu Preston e a garota Ceifadora voltando, de acordo com suas visões psíquicas, mas eu não podia me desfazer da sensação que eles poderiam tentar machucá-la novamente, então eu fiquei, junto com Nott, que ainda estava escondida na garagem. Metis também disse que ela tinha enviado alguns guardas – os homens e mulheres de macacão – no lado de fora na rua para manter um olho nas coisas.

Várias horas mais tarde, Vovó subiu ao meu quarto para me colocar na cama pela noite. Eu deitei na cama, olhando o teto e meditando.

— Uh-oh, — Vovó disse, sentada na beirada da cama. — Eu conheço esse olhar. O que está errado, chuchuzinho?

Eu suspirei. — Há alguma coisa a mais, uma outra coisa que eu vi quando eu toquei o defunto hoje, algo que eu não contei aos outros.

Vovó assentiu. — Eu achei isso, dado a quanto quieta você estava depois disso. O que você viu, Gwen? Você pode me contar. Você pode me contar qualquer coisa.

Eu rolei de lado para olhar para ela. — Quando eu estava lutando com a garota Ceifadora na prisão da academia, ela teve uma chance de me matar – mas ela não fez. Na memória que eu vi dela, ela disse à Preston que ela não me matou porque os Ceifadores tinham algum tipo de plano. O que você acha que isso poderia ser? Você – você acha que isso me envolve de alguma forma? Porque eu nunca iria ajudá-los. *Nunca*. Mas o que ela disse me assustou da mesma forma.

Vovó Frost estendeu a mão para baixo e enroscou seus dedos pelos meus, mas pela primeira vez, o calor do seu toque não me acalmou. — Eu sei que você nunca de livre e espontânea vontade ajudaria os Ceifadores, chuchuzinho, — ela disse. — Não há como saber o que a garota quis dizer. Ela poderia estar apenas se exibindo para Preston.

— Mas eu senti que isso é importante, — eu insisti. — Como se eu estivesse deixando algo de lado, algo obvio sobre tudo o que está acontecendo. É como se eu tivesse todas as peças do quebra-cabeça, mas elas apenas não se encaixam, sem importar o quanto duramente eu tente que elas se encaixem.

— Eu sei, chuchuzinho. Algumas vezes eu me sinto dessa forma sobre minhas visões, especialmente quando eu só vejo uma parte do futuro de alguém. Você irá descobrir. — Vovó disse. — A resposta virá para você no tempo. Eu tenho fé em você, e sua mãe e Nike tem, também.

Ela beijou minha bochecha, e a familiar suavidade do seu amor tomou conta de mim novamente. — Agora, tente dormir, — Vovó disse e deixou o quarto. — Nunca se esqueça disso.

Mesmo embora eu realmente não achasse que eu pudesse dormir, eu fiz como ela me pediu e me aconcheguei mais profundamente sob as cobertas. Eu imagino que eu estava tão exausta quanto Nott porque eu estava dormindo em minutos.

Uma desordem de imagens encheu minha mente, tudo e todos que eu tinha visto nos últimos dias. Algumas vezes minha mente ficava completamente instável assim, com o meu cérebro lutando para processar todas as informações que meu dom Cigano processava nos dias cotidianos.

O ataque no coliseu. A garota Ceifadora e o clarão de vermelho nos seus olhos. O tato de Vic em minhas mãos e o som da espada rosnando quando eu o usava para batalhar com Ceifadores. Os cruéis sussurros na biblioteca e a horrível sensação dolorosa de dedos escavando minha mente. Todas as imagens de Rocas negras que eu tinha visto na sala de estar da garota Ceifadora subitamente transformando-se em criaturas reais, alçando vôo, e se lançando para mim, me bicando com seus bicos afiados, sufocando-me com suas grossas, asas negras.

Então, finalmente, eu vi grifos, aquelas guardando a entrada da biblioteca. Elas encaravam diretamente para mim como sempre, mas ao invés de serem pedras, seus olhos eram vermelhos – vermelho Ceifador. Eu observei, horrorizada, enquanto as estátuas começaram a se mover. Uma delas, a da direita, pulou do seu poleiro e começou lentamente a perseguir na minha direção...

Eu acordei com suor frio, derrubando todas as cobertas que tinham se retorcido ao redor do meu corpo como uma cobra ao redor da sua vítima. Depois de alguns segundos, eu percebi que eu estava acordada e que os grifos, a Roca, e todo o resto disso tinha apenas sido um sonho. *Apenas um sangrento sonho*, como Vic diria. Eu olhei para a mesa de cabeceira onde eu

tinha escorado a espada. O olho de Vic estava fechado, e sua boca folgada e frouxa. Uma série de murmúrios suaves soou, dizendo que ele estava dormindo.

— Sangrentos Ceifadores, — a espada murmurou. — Matem-nos todos...

De vez em quando, o olho de Vic contraia, como se ele estivesse perseguindo o Ceifador que assombrava seus sonhos. Pela primeira vez, a atitude sanguinária da espada me fez sorrir. Era bom saber que eu podia sempre contar com Vic sendo, bem, Vic. Mesmo quando ele estava dormindo.

Desde que eu não conseguia voltar a dormir, eu me levantei e desenterrei o diário da minha mãe da minha bolsa carteiro. Eu tinha deixado a bolsa na prisão da academia quando eu persegui Preston e a garota Ceifadora, mas Metis a tinha trazido para mim. Eu estalei um interruptor e folheei através das páginas enrugadas, mas até mesmo as palavras da minha mãe não podiam me trazer conforto essa noite.

Eu coloquei o diário de lado, mas havia outro livro na minha bolsa – o livro de grifo que eu peguei na noite passada na biblioteca. *A Utilização dos Grifos, Gárgulas, e Outras Criaturas Mitológicas na Arquitetura*. Ainda relembrando meu sonho estranho das estátuas me perseguindo, eu abri o livro, me estabeleci debaixo do meu edredom, e comecei a ler.

Na sua maior parte, o livro era super, super *chato*. Se você estava interessado em arquitetura e prédios antigos, tá, ele poderia ser legal, mas para mim, era um total sonífero. Depois de algumas páginas com olhos desfocados, eu cedi da leitura e apenas folheei e olhei as fotos, as quais eram muito mais interessantes. Basicamente, o livro contava com fotos de estátuas caracterizadas de criaturas nos famosos prédios no mundo mitológico. Eu não reconheci a maior parte das estruturas, mas o Coliseu Crius estava incluído – e também estava a Biblioteca de Antiguidades. Muitas fotos das estátuas da biblioteca eram mostradas. Dessas, os dois grifos nos degraus na frente obtinham o maior espaço, tendo suas próprias

duas páginas espalhadas no livro.

Altura, peso, tipo de pedra utilizada. Tudo isso e mais sobre os grifos eram narrados em pequenos espaços atenuados com informações. As estátuas eram estimadas em terem dois metros de altura e peso em gritantes três toneladas cada. Apenas dois metros de alturas? Sério? As estátuas sempre pareceram tão maiores para mim. Mesmo nas fotos, elas pareciam maiores do que isso, mas eu não podia decidir se isso era apenas um truque de luz desempenhando nas páginas.

Eu suspirei. Eu não sabia por que eu estava perdendo meu tempo olhando os grifos. Eles eram apenas estátuas afinal de contas. A Adaga Helheim era o que eu realmente estava atrás, mesmo embora eu não estivesse mais perto de encontrá-la do que quando eu comecei a procurar. Sem mencionar o fato que a garota Ceifadora tinha me derrotado duas vezes essa semana, Preston estava livre, e Logan e Daphne não estavam falando comigo.

Agora, eu não me sentia como a Campeã de Nike. Eu não me sentia corajosa ou forte ou esperta. Eu não me sentia como se eu tivesse feito uma única coisa que tivesse valido a pena. Eu era apenas Gwen Frost, aquela garota Cigana que sempre estragava tudo.

Enojada comigo mesma, eu coloquei o livro de lado, desliguei o interruptor, e refleti na escuridão.

Vovó Frost me levou de volta para a academia na manhã seguinte. Nott assumiu a maior parte do banco traseiro, sua enorme cabeça cinza esticada para fora da janela como se ela fosse apenas um cão normal saindo para uma viagem de carro. O lobo me fez sorrir quando absolutamente nada mais tinha feito nesses últimos dias.

Antes de nós partimos da casa, eu perguntei a Vovó se ela queria que eu deixasse Nott com ela, para ajudar a protegê-la no caso da garota Ceifadora ou Preston votarem para casa. Vovó Frost tinha olhado o lobo Fenrir, e ela ficou com aquele olhar vazio e vítreo nos seus olhos violetas novamente.

— Não, — ela murmurou. — Eu acho que o lobo deve voltar para a academia com você, chuchuzinho. Nott veio para você, não para mim. Ela pertence a você.

Eu disse adeus para Vovó Frost e furtivamente voltei com Nott para meu quarto no dormitório. Depois, já era hora para eu seguir para o ginásio para o treinamento com armas. Kenzie e Oliver já estavam ali esperando por mim – e também estava Daphne.

A Valquíria estava sentada na arquibancada conversando com os dois Espartanos, mas ela ficou de pé assim que ela me viu. Ela estava usando um dos seus suéteres com losangos favoritos de cor rosa sobre sua saia preta e calça leggings preta. Ela espreitou para perto e me olhou um segundo, antes de se jogar para frente e me dar um abraço de quebrar os ossos.

— Daphne... — eu ofeguei, minhas costas estalando. — Eu... não... respiro...

— Ooops. Desculpe sobre isso. Como você está? — ela perguntou, recuando e me dando um mais uma vez um olhar crítico. — Oliver me ligou noite passada e me contou o que aconteceu. Eu ia ligar para você, mas eu não sabia se você iria atender ou não por causa do que aconteceu do lado de fora do escritório da Metis ontem.

Eu encolhi de ombros. — Eu estou bem, eu acho. Metis curou os inchaços e contusões que eu consegui na luta. Minha avó está bem também – essa é a coisa mais importante. Eu ainda não posso acreditar que a garota Ceifadora conseguiu libertar Preston da prisão da academia.

Os olhos de Daphne estreitaram. — Você tem alguma ideia de como ela fez isso?

Eu neguei com a minha cabeça. — Nenhuma pista. Mas eu abri a

porta, e ali estava ela, maior que a vida, como se ela tivesse cada um dos códigos das portas e senhas mágicas surreais que ela precisava para conseguir passar pelas travas. Mesmo Metis não está realmente certa como ela conseguiu isso. E lógico eu fui estúpida o bastante para abrir a porta da prisão para ela. Aparentemente, é por isso que as esfinges na porta não atacaram ou fizeram qualquer coisa que elas deveriam fazer. É o que Metis disse, de qualquer forma.

Na casa da minha avó, Metis tinha me levado para o lado e dito que Preston se libertado não era minha culpa, que ela deveria ter ficado na prisão comigo, especialmente desde que Raven não estava ali. Eu percebi que eu não estava realmente zangada com a professora por me deixar sozinha. Não, eu estava sobretudo chateada comigo por não ser forte e esperta o bastante para parar Preston e a garota Ceifadora. Mais ou menos a Campeã que eu estava me transformando.

— Conte-me tudo, — A Valquíria disse, caminhando comigo à arquibancada.

Nós sentamos ali, e eu disse a minha melhor amiga sobre Preston se libertando, seu ataque à minha avó, e como eu corri para salvá-la. Eu também contei a ela tudo sobre Nott, desde que eu não tinha mencionado o lobo e sua aparição para a Valquíria ainda.

— Eu, uh, recebi suas ligações, — Daphne disse, se encolhendo um pouco. — Eu achei que você estava apenas ligando para conversar. Ou talvez para gritar comigo por todas as coisas que eu acusei você. Se eu soubesse que sua avó estava com problemas, eu teria pegado você.

— Eu sei, — eu disse. — Como você está? Como você se sente sobre sua magia? Você podia ter me contado, sabe, que você estava enlouquecendo sobre ser uma curadora. Eu teria escutado.

— Eu sei que você teria escutado, — Daphne disse em uma baixa voz. — Eu só – eu queria alguém para culpar, sabe? Eu queria que isso fosse culpa de alguém, que minha magia não acabou como eu pensei que ela fosse acabar. Que é isso ao invés.

A Valquíria estendeu sua mão e aquele brilho rosado cobriu sua palma novamente. Eu me inclinei mais perto e toquei meus dedos nos dela. Mais uma vez, eu senti o poder de cura emanando dela.

Eu pensei sobre o que Metis disse sobre minha magia, sobre como eu podia usar minhas psicomетria para explorar os poderes das outras pessoas. Eu não sei exatamente como, mas eu alcancei e dei um pequeno puxão com a minha mente, e eu senti um pouquinho da magia da Daphne derramar em mim.

Não era apenas que a magia da Valquíria curava o corpo de uma pessoa. Havia também uma tranquilizadora qualidade nisso, o que me lembrou da sensação que eu tinha sempre que eu estava perto de Metis. Vic sempre afirmou que as palestras da professora colocavam-no para dormir, mas para mim, elas eram apenas calmantes. Mesmo quando Metis estava falando sobre Ceifadores, Loki, e outras coisas horríveis, eles sempre pareceram distantes e afastados. Eu obtive o mesmo tipo de sensação tranquilizadora da magia de Daphne. Era meio divertido, uma vez que a Valquíria podia ser tão rápida na raiva—

— Gwen? — Daphne perguntou, o brilho na sua palma escurecendo. — O que você está fazendo?

Eu deixei meus dedos caírem dos dela, e a sensação da sua magia desapareceu. — Nada. Apenas — nada.

Eu não tinha vontade de contar as coisas para ela, não quando eu ainda estava tentando descobri-las por conta própria. A Valquíria fechou sua mão em um punho apertado, e o brilho rosado desapareceu em uma chuva de faíscas rosadas. As minúsculas cintilações de magia estalaram e sibilaram antes de lentamente piscarem uma a uma.

— Eu não gosto disso, mas eu imagino que eu esteja presa com isso, — Daphne disse, negando com sua cabeça. — Eu, uma curadora? Você pode imaginar isso?

Eu podia, talvez mais do que minha amiga percebia. Havia tanta força nela, tanta bondade. Agora, ela tinha uma maneira de compartilhar o seu

poder com os outros. — Eu acho que sua magia é impressionante, e eu tenho certeza que você vai fazer coisas impressionantes com ela.

Daphne me encarou, seus lábios repartidos em um sorriso amplo. Nós não dizemos nada por alguns momentos. Finalmente, a Valquíria limpou sua garganta.

— De qualquer forma, eu sinto muito por ter sido uma vadia total essa semana, — ela disse. — Era só Carson sendo apunhalado e minha magia despertando e tudo. Isso me deixou irritada.

Eu diria *irritada* como uma atenuação, mas eu deixei isso de lado. Eu tinha estado tão envolvida com meus próprios problemas que eu não tinha sido uma ótima amiga, também. — Está tudo bem. É para isso que melhores amigas são feitas, certo? Para que nós possamos estar irritadas juntas.

Daphne me deu outro sorriso, depois brincalhonamente me socou no ombro, sua força Valquíria quase me fazendo cair do banco. Nós duas começamos a rir, e assim, tudo estava certo entre nós novamente.

Nós ainda estávamos conversando e brincando quando a porta do ginásio abriu – e Logan entrou.



19

LOGAN ANDOU NA MINHA DIREÇÃO, E MEU CORAÇÃO SE LEVANTOU NO meu peito. Por agora, o Espartano com certeza tinha ouvido o que aconteceu com minha avó, Preston, e a garota Ceifadora. Eu esperava que sim, eu não sabia exatamente o que esperar. Eu só estava feliz que ele estava aqui.

Eu fiquei de pé e comecei a sorrir para o Espartano – até que eu percebi que ele foi seguido mais uma vez pela sua comitiva de alunos do primeiro ano. Esses jovens, incluindo várias garotas a mais do que antes, correram atrás do Espartano, como fãs fanáticos seguindo uma estrela do rock. Eu rolei meus olhos.

Logan disse algo para um dos seus caras do primeiro ano, que conduziu todos os outros à arquibancada para que eles pudessem nos assistir treinar.

Apenas eu não sabia se nós sequer iríamos treinar hoje. Eu recuei, segurando Vic, e esperei por Logan fazer o primeiro movimento.

— Oi, — o Espartano chamou, me ultrapassando e agarrando uma espada de uma das prateleiras de armas.

— Oi, — eu disse, bancando a tranquila.

Em uma das arquibancadas atrás de mim, Daphne soltou um alto bufo, — Oh, apenas vão em frente e se beijem e façam as pazes, — a Valquíria disse. — Vocês sabem que vocês dois querem isso.

Eu não queria nada mais além disso. Mas nós não podíamos nos beijar – não sem eu obter um clarão de Logan e aprender o resto do seu segredo. Descobrir o que ele tinha tanto medo de me contar, a profunda, coisa sombria que ele achava que iria mudar meus sentimentos por ele. Eu podia ver o mesmo pensamento enchendo os olhos do Espartano. Que, é, talvez ele gostasse de me beijar, mas ele não queria desistir do seu segredo apenas para me tocar. Isso magoou, saber que seu segredo era mais importante para ele do que eu. Magoou mais do que eu sequer teria imaginado que magoaria.

Lágrimas picaram meus olhos, mas eu as pisquei de volta. Mais uma vez, meu dom Cigano era o que estava nos afastando. Eu sempre tinha amado minha magia e os segredos que ela revelava para mim, mas pela primeira vez, eu me perguntei como teria sido não tê-la. Ser capaz de apenas se libertar e não se preocupar sobre quem eu estava tocando e o que eu poderia ver. Apenas entrar nos braços de Logan sem qualquer tipo de medo de aprender se ele não gostava de mim tanto quanto eu gostava dele ou os segredos que ele apenas não queria compartilhar.

O Espartano balançou sua espada de um lado ao outro, tendo uma ideia da arma enquanto ele se aproximava da minha posição no centro de uma das esteiras. Logan parou na minha frente. Mesmo agora, quando eu sabia o quanto zangado ele estava comigo, meu coração martelou com a visão dele. Cabelo preto, olhos azuis, corpo forte. Tudo o que estava faltando era o seu habitual sorriso perverso.

Eu sorri para ele, esperando que ele sorrisse de volta e eu saberia que

tudo ia ficar bem entre nós. Ao invés disso, os olhos de Logan estavam gelados enquanto ele ergueu sua espada e levemente beijou a lâmina contra minha arma.

— Pronta, garota Cigana? — ele perguntou com uma voz neutra.

Meu coração se apertou com pânico, mas eu assenti e intensifiquei meu aperto em Vic.

Pela próxima hora, nós duelamos, com Logan me matando repetidamente de mentirinha. Uma pena que o mortal Espartano não podia colocar uma adaga nos meus sentimentos por ele também.

Logan deixou o ginásio assim que nós terminamos de treinar, seguido por sua comitiva. Eu fiquei ali na frente das arquibancadas e o assisti atravessar uma das portas. O Espartano não olhou atrás para mim – nem sequer uma vez.

— Não se preocupe Gwen, — Oliver disse enquanto ele guardava suas coisas. — Ele irá mudar de ideia. Você verá.

Eu pensei na frieza nos olhos de Logan essa manhã e nas coisas que ele tinha dito para mim na outra noite. Eu não sabia se havia qualquer coisa que eu pudesse fazer ou dizer para Logan para fazê-lo me perdoar. Não dessa vez.

— Gwen? — Oliver disse.

— Sim, eu tenho certeza que você está certo. Logan irá mudar de ideia mais cedo ou mais tarde. — Eu me forcei a sorrir para meu amigo, mesmo embora a mentira queimasse minha língua como ácido.

O restante do dia passou como sempre passava. Aulas, palestras, tarefas de dever de casa, a habitual comida fru fru no refeitório. Finalmente, o último sinal tocou depois da aula de história-mítica. Metis olhou na minha direção

como se ela quisesse se aproximar e se certificar que eu estava bem, mas eu não tinha tempo para a professora hoje. Eu tinha um pressentimento que eu tinha que verificar – e infelizmente, Daphne insistiu em ir comigo.

Eu retirei meu cabelo castanho do meu rosto e sacudi minha mão, agitando uma faísca perdida da sua magia que tinha decidido se agarrar na minha pele ao invés de piscar desaparecendo. Um segundo mais tarde, aquela faísca de princesa rosa foi substituída por mais uma dúzia. Daphne sempre desprendia mais magia quando ela estava nervosa, preocupada, ou chateada.

Você acharia que ela nunca invadiu o quarto de ninguém antes?

E ela achou que eu era a aberração. Eu podia totalmente manter minha calma quando a ocasião pedia por um pouco de arrombamento e invasão. E chantagem. E, bem, várias coisas que não eram exatamente honráveis. Meu dom Cigano e todas as coisas Ruins, Bem Ruins que eu tinha visto com ele tinham me feito um pouco insensível dessa forma. Tudo bem, tudo bem totalmente *insensível* dessa forma.

— Você vai se apressar com isso, já? — Daphne sibilou. — Ela pode voltar a qualquer segundo. Eu não vejo porque nós sequer estamos fazendo isso para começar.

Eu deslizei minha carteira de motorista entre a moldura da porta e a trava que estava me impedindo de entrar no quarto de Savannah Warren. — Bem, iria muito mais rápido se você ficasse calada e parasse de me pedir para me apressar. Eu posso apenas me concentrar em uma coisa de cada vez.

— E aqui eu achando que você era uma brilhante multi-tarefas, — Daphne murmurou, olhando abaixo para o corredor vazio em direção às escadas como ela tinha feito dez vezes no último minuto.

Eu rolei meus olhos e comecei a dar uma resposta torta a ela, quando minha carteira de motorista deslizou exatamente onde eu queria que ela fosse, e a porta clicou aberta.

— Bingo, — eu sussurrei, virei a maçaneta, e entrei.

Daphne pairou na entrada da porta, um olhar incerto no seu rosto. Eu

rolei de olhos novamente.

— Bem, não fique apenas aí, — eu disse, agarrando seu braço e arrastando-a para dentro. — O segredo para arrombar e invadir é realmente *entrar* depois de você arrombar. Não ficar em pé pelo corredor onde todos podem ver exatamente o que você está fazendo.

— Desculpe, — Daphne murmurou. — Eu não tenho tido bastante experiência com isso como você, Gwen.

É, nós estávamos totalmente criticando uma a outra, mas eu não me importei porque isso era o mais perto do normal que nós estávamos desde o ataque dos Ceifadores.

— Diga-me novamente por que nós estamos aqui? — Daphne perguntou, indo nas pontas dos pés para frente para ficar ao lado da estante que abraçava a parede interna da porta.

— Porque Vivian me contratou para encontrar seu anel, e a última vez que ela se lembra de vê-lo foi quando ela estava com Savannah.

Tá, tá, eu sabia que havia coisas mais importantes que eu poderia estar fazendo, como ver se Metis e os outros descobriram onde Preston e a garota Ceifadora estavam escondidos. Mas eu aceitei o dinheiro de Vivian para encontrar seu anel, e eu devia isso a ela, tentar fazer isso, especialmente uma vez que isso significava tanto para ela, uma vez que tinha sido o anel da sua mãe. Eu sabia como era perder sua mãe, como você queria agarrar cada pedaço dela que você perdeu.

Além disso, eu queria fazer algo certo essa semana. Talvez encontrar o anel de Vivian fosse isso. No final das contas, talvez isso fosse me distrair de todos os meus outros problemas – por pouco tempo de qualquer forma.

— E daí? — Daphne disse. — Savannah provavelmente apenas pegou emprestado sem pedir a ela. Amigos fazem isso o tempo todo.

Eu ergui minha sobrancelha. — Jura? Então se eu pegasse emprestado, oh, eu não sei, sua bolsa favorita sem pedir a você, então você estaria perfeitamente bem com isso?

Seus olhos se estreitaram. — Eu estaria bem com isso, mas você talvez

não estivesse se você quisesse viver o suficiente para terminar o semestre.

— Isso foi o que eu pensei, — eu disse, indo até a penteadeira. — Agora me ajude a procurar pelo anel da Vivian.

— Ótimo, — Daphne bufou, pisando adiante. — Mas eu estou fazendo isso sob protesto.

— Está anotado. Agora cale a boca e comece a procurar.

Nós gastamos os próximos dez minutos sacudindo o quarto de Savannah. Tudo bem, tudo bem, então talvez sacudindo não fosse a palavra certa, mas nós olhamos em todo o cubículo, rachadura, e abertura que nós pudemos encontrar, junto com todos os pontos habituais de esconderijo que os jovens achavam que eram tão espertos, os lugares onde ninguém sequer pensaria em procurar pelos seus estoques super-secretos de barras de doce, cerveja, cigarros, ou o que quer que fossem seus vícios de escolha. Debaixo do colchão. Colado no fundo de uma gaveta. Enfiado em uma sacola de plástico e metido na parte de trás da privada. Eu conhecia todos os bons lugares, e minha mãe me contou sobre até mesmo mais que ela tinha descoberto como um detetive de polícia.

— Nada, — Daphne disse quando nós terminamos. — Vê? Eu disse a você que Savannah não tinha o anel. Agora, nós podemos, por favor sair daqui antes que ela volte? — Savannah deveria encontrar Talia e Vivian no quarto dela essa tarde. Isso é o que eu a ouvi dizer quando eu estava na fila atrás dela no refeitório.

Daphne me dizendo o que ela tinha ouvido no almoço era a razão de eu ter decidido invadir aqui, uma vez que era meio que difícil procurar por um bem perdido ou roubado quando o ladrão ainda estava no seu quarto.

Frustrada, eu coloquei minhas mãos em meus quadris e olhei o quarto novamente. Por alguma razão, eu senti como se o anel de Vivian estivesse aqui em algum lugar, como se eu pudesse quase senti-lo me chamando. Eu não estava perto de desistir, então eu passei pelo quarto novamente, mais lentamente e metodicamente dessa vez, apesar do fato que Daphne disparava mais e mais faíscas de magia quanto mais tempo nós ficássemos.

A Valquíria estava quase forçosamente me arrastando para dentro do corredor quando eu apanhei um livro e acidentalmente bati na lateral da estante – e o anel deslizou de uma das caixas e caiu no chão.

Eu me inclinei para frente, olhando dentro da estante. Eu tinha retirado os livros e olhado através e por detrás deles, mas o anel estava preso em um espaço oco onde uma das prateleiras de madeira não completamente encontrava com a lateral da caixa. Não muito desprezível, na medida em que se podia dizer sobre esconderijos. Definitivamente um pouco mais criativo do que a parte de trás da privada.

Daphne se curvou, pegou o anel, e o virou de um lado ao outro na palma da sua mão.

— Isso? Você realmente acha que Savannah roubou isso? É apenas ouro. Não há nem mesmo qualquer diamante nele. Sem rubis, sem safiras, nada. Ele nem sequer parece valer mais do que uns cem dólares. E esses dois rostos são realmente feios. — Sua crítica terminada, a Valquíria fungou e entregou-o para mim.

Imagens encheram minha mente assim que eu toquei o anel.

Eu esperava obter umas poucas vibrações do anel, especialmente desde que Vivian me disse o quanto especial ele era para ela e como ele tinha sido o anel da sua mãe. E eu vi essas memórias. Uma Vivian mais nova perto da cama. Uma mulher mais velha esticando a mão, sua mão ensanguentada tremendo enquanto ela entregava o anel. Vivian chorando e deslizando a faixa dourada na direção do seu dedo. Eu podia sentir as emoções de Vivian, também. Sua tristeza que sua mãe estava morrendo, sua raiva pelas pessoas que a mataram. Elas fizeram meu próprio coração doer pela outra garota. Eu sabia o quanto difícil era perder sua mãe – especialmente para Ceifadores.

Eu também vi outros flashes, imagens de Vivian usando o anel e crescendo ao longo dos anos. Mas então, as imagens mudaram e se deslocaram. Por um segundo, eu senti como se algo estivesse errado. Como se houvesse algum sentimento, alguma emoção atada ao anel que eu não podia muito capturar, que meu dom Cigano não podia muito me mostrar,

por alguma razão. Era o mesmo sentimento vago, intranquilo que eu tive quando eu toquei o mapa que a garota Ceifadora tinha deixado cair no coliseu.

Em seguida, uma nova imagem encheu minha mente – uma da Savannah colocando o anel.

A linda Amazona sentada na penteadeira no seu quarto, olhando abaixo para sua mão e admirando um anel de Jano e a maneira com que o dourado brilhava. Eu senti a satisfação presunçosa de Savannah que o anel era dela agora, que ela pegava o que ela queria e que ninguém era a Grega mais sábia. A sensação me fez ficar enjoada no estômago. Então Vivian estava certa, e Savannah roubou seu anel afinal de contas. Que melhor amiga era ela.

Eu achei que seria o fim das memórias, mas a imagem não desapareceu. Ao invés disso, ela se intensificou, martelando na minha cabeça, e Savannah esticou a mão e pegou algo em cima da penteadeira – uma máscara de Ceifador.

Horrorizada, eu assisti enquanto Savannah colocava a máscara, depois apanhava uma túnica negra no chão e a prendia sobre seus ombros. Ela olhou para seu reflexo no espelho e sorriu, um pouco do fogo vermelho Ceifador piscando nos seus olhos.

Eu a reconheci em seguida. Como eu não podia?

Eu estava tão chocada que o resto da visão desvaneceu, fragmentando em cacos que pareciam como se estivessem apunhalando mais e mais no meu cérebro. Eu arfei de pânico e abri meus olhos. O anel escorregou dos meus dedos trêmulos e atingiu o chão de novo.

— O que? O que é? — Daphne disse. — Por que você tem esse olhar estranho e enjoado no seu rosto?

— Porque Savannah não apenas roubou o anel de Vivian, — eu disse em um sussurro, olhando para minha melhor amiga. — Ela é uma Ceifadora, também. E não apenas qualquer Ceifadora. Ela é a garota Ceifadora, Daphne. A Campeã de Loki. Aquela que assassinou minha mãe.



20

— **S**AVANNAH WARREN? UMA CEIFADORA? — DAPHNE NEGOU SUA CABEÇA, fazendo seu rabo de cavalo loiro balançar de um lado ao outro. — Não, eu não acredito nisso. Sem chance.

— Mas ela tem o anel, — eu disse.

Eu olhei abaixo para o anel no chão. O raio de sol fluindo através da janela fez o ouro brilhar, fazendo outro pensamento estourar na minha cabeça. Eu me lembrei de outra pessoa que eu tinha obtido um flash de ouro recentemente. Eu alcancei a memória da garota Ceifadora sentada no carro do lado de fora da casa de Vovó Frost e me foquei nela, tocando as imagens de novo na minha cabeça. Eu não tinha prestado muita atenção nisso antes, mas ele estava na sua mão direita, piscando para mim com um olho do demo quando ela batia seus dedos contra seus lábios.

Eu transpassei meu dedo no anel. — Eu vi a garota Ceifadora usando ele na minha visão do seu ataque da casa da minha Avó Frost. É o mesmo anel que Vivian diz que ela acha que Savannah roubou do seu quarto.

Daphne negou sua cabeça novamente, faíscas rosa voando das pontas dos seus dedos. — Não, Gwen. Você não entende. Não há forma alguma que Savannah possa ser uma Ceifadora.

— Por que não?

Daphne me encarou. — Porque Ceifadores mataram toda a sua família.

— O que?

A Valquíria suspirou. — Você sabe que praticamente todo mundo na Mythos perdeu alguém para os Ceifadores, certo? Seus pais, uma tia, um tio, um amigo, alguém.

Eu assenti.

— Bem, um pouco mais de um ano atrás, logo após nós começarmos como alunos do primeiro ano, a família de Savannah foi assassinada por Ceifadores. Seus pais, sua irmã criança, até mesmo primos. Os Ceifadores invadiram a casa de veraneio dos seus pais em Londres e os abateram todos. Mesmo para Ceifadores, foi *imoral*. A única razão de Savannah não ter sido assassinada foi porque ela não estava lá. Ela se retirou da escola depois disso e foi ficar com sua tia. Ela não voltou até depois dos feriados do ano passado. Então eu estou dizendo que não há *maneira* que Savannah seja uma Ceifadora. Isso só não é possível.

Daphne olhou para o anel no chão. A Valquíria pode não ter minha magia psicométrica, mas ela não queria pegá-lo mais do que eu. Não se ele pertencesse a uma Ceifadora. — E a Vivian?

— O que tem a Vivian?

Daphne gesticulou para o anel. — É o anel dela, certo? Então talvez as imagens que você viu fossem dela. Talvez sua magia tenha se misturado ou algo, e ela é de fato a Ceifadora.

Eu olhei para ela. — Você realmente acha que alguém como a Vivan

Holler pode ser uma Ceifadora? Você viu o quanto assustada ela estava no coliseu depois do ataque, e você mesma me disse que é uma droga com armas. A garota Ceifadora, quem quer que ela seja, definitivamente não é uma droga com armas. Eu tenho os cortes e contusões para provar isso. Ela me derrotou duas vezes agora. Você acha que Vivian pode fazer algo assim?

Daphne deu de ombros. — Mas é o anel dela, então as memórias atadas a ele deveriam ser todas dela, certo?

— Eu não sei, — eu disse. — Eu vi algumas imagens da mãe da Vivian dando o anel a ela e Vivian usando-o. Mas depois, as imagens mudaram, e era Savannah usando o anel, e Savannah colocando a máscara de um Ceifador. Não Vivian.

— Você não viu ninguém mais usando ele?

Eu neguei com minha cabeça.

— Então tem que ser uma das duas, certo? Talvez as memórias tenham se desarrumado porque elas duas usaram o anel.

Eu olhei abaixo para a faixa de ouro. — Eu não sei. Eu só não sei. Se Vivian é a Ceifadora, então por que ela iria me contratar para encontrar o seu anel perdido? Supostamente, os Ceifadores sabem tudo sobre minha magia psicométrica. Ela teria percebido que eu obteria flashes dela sendo uma Ceifadora assim que eu o tocasse.

— Quem sabe por que Ceifadores fazem isso? — Daphne disse, finalmente se curvando e pegando o anel. — Eles têm tudo a ver com jogos de raciocínio. Enfim, nós não vamos descobrir isso em pé aqui. Vamos antes que Savannah volte. Eu não acho que ela seja uma Ceifadora, mas eu não quero arriscar se eu estiver errada sobre isso, também.

Nós partimos do quarto da Savannah, caminhamos o corredor abaixo, e fomos para o quarto de Daphne. Eu apanhei minha bolsa carteiro e puxei

uma bolsa de plástico. Usando a beirada da manga do meu casaco de capuz, eu peguei o anel de Daphne, com cuidado para não tocá-lo com minhas mãos descobertas, e o deslizei para dentro do plástico. As máscaras de ouro brilharam para mim, parecendo brilhantes e sinistras ao mesmo tempo.

— Então o que você vai fazer com isso? — Daphne perguntou.

Eu encolhi de ombros. — Eu imagino que o devolverei para Vivian. O que mais eu posso fazer? É o anel dela. Além disso, eu não quero contar a Metis que eu acho que ou Savannah ou Vivian são de fato a garota Ceifadora e a Campeã de Loki disfarçadas. Ao menos, não sem prova.

— Bem, como você acha que nós podemos conseguir algumas provas? — Daphne perguntou.

Eu pensei sobre isso. — Eu teria que tocá-las. Savannah e Vivian. Objetos podem ter tantas imagens e sentimentos atados a eles que eles podem algumas vezes confundir todo o resto, justo como você disse. Mas eu não acho que exista alguma forma de que uma Ceifadora possa esconder o que ela realmente seja se eu tocá-la. Ao menos, não que eu saiba. Eu acho que vale o risco, de qualquer forma. Depois, eu posso contar a Metis qual delas é.

— Tudo bem, então com quem você quer começar? — Daphne perguntou.

— Vivian, — eu disse. — Será mais fácil. Eu tenho uma razão para vê-la agora que eu encontrei o seu anel. Ficar perto o suficiente para tocar Savannah será mais complicado, vendo o quanto ela me odeia tanto.

Daphne e eu fizemos planos para nos encontrarmos mais tarde na biblioteca, e ela prometeu levar Carson junto para reforço. Eu também mandei uma mensagem de texto para Vivian me encontrar na biblioteca para que eu pudesse devolver o seu anel. Em seguida, eu fui para o meu dormitório, apanhei Vic do seu local na parede, e contei a ele o que estava acontecendo.

— Bem, já não era sem o sangrento tempo que você descobrisse a real identidade da garota Ceifadora, — a espada disse. — Eu estou ansioso para

afundar meus dentes em Lucretia de novo.

Vic fez um som de mastigar com sua boca. Eu franzi o cenho e o sustentei no comprimento do braço. A espada sequer tinha dentes? Eu nunca pensei em olhar, e eu não estava tão certa se eu queria saber.

Enquanto Vic vangloriou-se e vangloriou-se e *vangloriou-se* sobre como ele ia cortar as costelas de Lucretia, eu me afundei em direção ao chão e comecei a acariciar Nott. Talvez fosse apenas meu dom Cigano, mas o lobo pareceu como se ele tivesse dobrado de tamanho desde que eu o tinha visto nessa manhã. Seus olhos estavam mais opacos, também, como se ela estivesse cansada, mesmo embora ela estivesse no meu quarto o dia todo descansando. O que estava errado com ela? Por que ela estava sempre tão exausta?

— Como você está se sentindo, garota? — eu murmurei.

Nott bateu sua cauda e se inclinou para o meu toque. Eu fechei meus olhos e me concentrei. Mais uma vez, eu podia sentir aquela faísca de vida no seu estômago, o filhote esperando para nascer, embora eu não tivesse ideia quando isso poderia acontecer ou o que fazer para ajudá-la. Com tudo que estava acontecendo, eu meio que me esqueci de Nott. Nott era uma futura mãe. Eu tinha que ligar para Vovó mais tarde e conseguir alguns conselhos em como fazer o lobo ficar mais confortável. Vovó tinha crescido em uma fazenda. Ela saberia o que fazer. Ela sempre sabia.

Eu me certifiquei que Nott tinha água o suficiente e dei a ela a comida que eu fui capaz de conseguir do refeitório no almoço de hoje. Depois que ela comeu, o lobo se curvou em seu ninho de cobertores e foi dormir. Eu a acariciei uma última vez antes de apanhar Vic. Eu deixei a porta aberta em uma fenda para que Nott pudesse sair e ter mais espaço para perambular se ela quisesse, em seguida atravessei o campus para a biblioteca.

Mais uma vez, eu parei do lado externo do prédio, olhando os grifos que se agachavam de cada lado da entrada. Parecia como se eu estivesse vendo os grifos em todos os lugares onde eu fosse esses dias. Primeiro, no diário da minha mãe, depois no livro de arquitetura que eu encontrei, e

agora aqui novamente ao vivo. Se apenas a Adaga Helheim fosse tão fácil de encontrar.

Enquanto eu encarava os grifos, eu me perguntei o que eu sempre perguntava – o que aconteceria se eu realmente tocasse uma das estátuas, se minha psicometria iria de alguma forma fazê-la saltar à vida e me atacar da forma que eu a tinha visto fazer no meu sonho na noite passada.

Eu olhei ao redor para os outros jovens entrando e saindo da biblioteca, rindo, conversando, e inclinando-se contra as outras estátuas como se não fosse grande coisa. Outros alunos se sentavam perto e até mesmo nos grifos e em outras criaturas de pedra no campus todo o tempo. Certamente, eles não me morderiam... ou enfim.

Supere isso, Gwen. Isso é o que Daphne me diria se ela estivesse aqui, e minha amiga estava certa. Eu estive assustada pelos grifos e as outras estátuas desde quando eu comecei a ir para a Mythos. Já era suficiente. Era hora para eu compreender que as estátuas eram feitas de pedra – nada mais. Determinada eu coloquei de lado minha fobia estranha de uma vez e por todas, eu estiquei meus dedos para tocar um dos grifos—

— Atrasada novamente, eu vejo, — uma voz sarcástica murmurou atrás de mim. — Normalmente, você realmente consegue *entrar* na biblioteca antes de você começar a desperdiçar tempo.

Eu suspirei e larguei minha mão. — Sim, Nickamedes?

O bibliotecário avançou ao meu lado, carregando vários livros. — Aqui, — ele disse, largando os livros nos meus braços. — Seja útil e vá guardar esses. Eu tenho outra carga para trazer do prédio de história-mítica.

— Sim, mestre, — eu murmurei, mas o bibliotecário já tinha se virado e se afastado, então ele não me ouviu.

Eu pensei em descartar os livros nos degraus e ir com minha palma para tocar os grifos antes que eu entrasse na biblioteca para trabalhar no meu turno—

— Agora, Gwendolyn! — Nickamedes gritou do outro lado do quadrilátero.

Eu suspirei, equilibrei os livros para que eles coubessem melhor nos meus braços, e segui para o interior antes que ele pudesse berrar comigo novamente.

A noite passou da maneira como sempre passava. Eu dei baixa em livros, ajudei alunos a procurar outros, e até mesmo consegui terminar alguns dos meus próprios deveres de casa enquanto isso. Eu finalmente decidi começar a escrever a tarefa de arquitetura para a aula da Metis, e eu folheei o livro do grifo, procurando por uma informação que eu poderia usar.

Mas eu não podia me concentrar. Repetidamente, meus olhos continuaram voltando para o outro livro na minha bolsa – o diário da minha mãe. Algo sobre o diário estava lentamente trabalhando o seu caminho na superfície do meu cérebro. Eu não ia cair nessa, contudo. Isso só iria me dar uma dor de cabeça, e eu já tinha muitas dessas essa semana.

Daphne entrou na biblioteca cerca das seis horas, junto com Carson. A Valquíria veio até o balcão de registro, como se ela estivesse passeando um segundo. Eu rapidamente terminei de comer uma barra de granola com cereja que eu tinha comprado no carrinho da Raven mais cedo e devorei o resto da minha garrafa de água.

— Você está pronta? — ela disse em uma voz baixa.

Eu assenti. — Sim, eu tenho o anel bem aqui, e Vivian acabou de me escrever dizendo que ela está a caminho. Então fique para trás, e nós veremos o que acontece.

Daphne assentiu e se moveu até uma mesa de estudo onde Carson estava esperando. Eu tinha acabado de voltar ao meu livro de arquitetura quando Logan entrou na biblioteca.

A visão dele me fez perder o fôlego, apesar do quanto frio e distante ele tinha estado essa manhã durante o treinamento com armas. Eu esperava

que ele fosse se sentar em uma das mesas de estudo ou talvez conseguisse um lanche do carrinho de café, mas para minha surpresa, Logan seguiu até mim, como se eu fosse a pessoa que ele tivesse vindo aqui para ver todo o tempo. O pensamento fez meu coração começar a martelar no meu peito, mas eu disse a mim mesma para não aumentar minhas esperanças.

— Garota Cigana.

— Espartano.

Nós encaramos um ao outro por vários segundos antes de Logan suspirar.

— Olhe, eu estive pensando sobre o outro dia, e eu só queria dizer que eu sinto muito. Eu sei que você tendo o tipo de magia que você faz não é sua culpa. É só... frustrante. Que você pode saber todas as coisas sobre mim com apenas um roçar dos seus dedos. Isso me assusta.

— Sinto muito, — eu disse. — Eu gostaria de desligar isso – para você.

Seus lábios se deslocaram para a mais breve sugestão de um sorriso. — Eu sei, mas eu não tinha que ser tão canalha sobre isso também. Ou agir da forma como eu agi essa manhã no ginásio. Eu estava me perguntando se nós podíamos apenas recomeçar e rebobinar como as coisas estavam no coliseu antes do ataque dos Ceifadores. Você acha que nós podemos fazer isso?

Eu olhei dentro dos seus olhos azuis, muito azuis, e eu soube que eu faria qualquer coisa por ele – até mesmo perdôá-lo. — Eu amaria isso, Espartano. Eu realmente amaria.

Ele sorriu, e subitamente, tudo estava certo no meu mundo novamente. Eu não queria nada mais além de me inclinar ao outro lado do balcão e abraçá-lo apertado, mas eu me forcei a me tranquilizar e fazer as coisas funcionarem dessa vez. Enquanto Logan estivesse escondendo algo, nós ainda estávamos no terreno movediço. Eu queria que o Espartano contasse para mim o seu segredo por conta própria, e no seu momento, e eu não queria fazer nada para estragar o que nós tínhamos entre nós até naquele momento.

— Talvez nós devêssemos ir com calma, — eu disse. — Você sabe,

sentar e realmente conversar ao invés de lutar com Ceifadores e ir de uma crise à outra. Talvez nós possamos finalmente arranjar aquele café sobre o qual nós estivemos falando por um tempo.

O sorriso de Logan se ampliou. — Eu gostaria disso. Quanto a ir com calma, está bem, também – contanto que você possa se controlar perto de mim, garota Cigana. Eu tenho uma reputação de ser irresistível, sabe.

Eu rolei meus olhos, e ele riu, um baixo, caloroso, profundo riso abafado que fez meus dedos dos pés formigarem.

Meu bom humor não durou muito, porque Vivian entrou na biblioteca, junto com Savannah e Talia. As três Amazonas descartaram suas coisas em uma das mesas de estudo, depois Vivian se aproximou e parou atrás de Logan, aparentemente pensando que o Espartano estava na fila para dar baixa em um livro.

— Nós vamos conversar mais tarde, — eu disse. — Há algo que eu preciso cuidar nesse momento, tudo bem? Ligue-me mais tarde.

Ele me deu um sorriso torto. — Você manda, garota Cigana.

Logan piscou para mim e se afastou, mas ao invés de deixar a biblioteca, ele parou na mesa de Daphne e Carson e começou a conversar com eles. A Valquíria falou com Logan, mas ela continuou olhando para mim, esperando para ver se eu tocaria Vivian e enlouqueceria quando eu percebesse que ela era de fato a garota Ceifadora. Apenas uma maneira de descobrir.

— Eu recebi sua mensagem, — Vivian disse, avançando para ocupar o lugar do Logan. — Você disse que encontrou meu anel?

Eu puxei a sacola plástica com o anel da minha bolsa e mostrei a ela.

Todo o rosto de Vivian se iluminou com a visão do anel, como se fosse a coisa mais importante no mundo para ela. Talvez fosse, dada a ligação que ela tinha com ele. Eu não acreditava que ela pudesse ser a garota Ceifadora, sem importar o que Daphne pensasse. Eu só não via como Vivian pudesse fingir esse nível de timidez bondosa. E mais, sua voz era tão suave e doce. Não soava como algo como o tom baixo e rouco da garota Ceifadora. Por

outro lado, nem a voz de Savannah.

Vivian colocou a outra nota de cem que ela me devia no balcão. Eu toquei o dinheiro e me concentrei, mas eu só tive a vibração familiar disso, a sensação da nota indo de uma mão à outra até que ela acabasse na minha. Sem uma pista ali, então eu enfiei o dinheiro dentro do bolso do meu jeans.

— Então onde ele estava? — Vivian perguntou. — Onde você encontrou o anel?

— Eu encontrei no quarto de Savannah, — eu disse em uma voz neutra.

Essa era sempre a parte mais difícil, contar a alguém que seu amigo pegou o que legitimamente pertencia a você — e não por acidente.

Eu a observei mais de perto, mas todas as emoções habituais pestanejaram através do rosto de Vivian. Surpresa. Confusão. E finalmente, conhecimento frio enquanto ela percebia o que eu encontrando o anel no quarto de Savannah realmente significava.

— Oh, — ela disse, seu rosto empalidecendo. — Oh.

Isso era tudo que as pessoas podiam dizer quando eles descobriam algo assim sobre seus supostos melhores amigos. Eu esperei por Vivian fazer ou dizer outra coisa, mas ela apenas ficou ali, uma expressão miserável no seu rosto e lágrimas brilhando em seu rosto. Depois de um segundo, ela saiu do seu torpor e estendeu sua mão para mim.

Eu entreguei a sacola com o anel dentro, acidentalmente-de-propósito deixando meus dedos tocarem sua mão para que eu pudesse obter um vislumbre de Vivian e ver se ela era realmente a garota Ceifadora.

Várias imagens de Vivian encheram minha mente. Ela sentada na aula essa manhã, almoçando no refeitório, andando para a biblioteca. Mas a maior parte do que eu senti era um sentimento de mágoa sobre a traição de Savannah. Aparentemente, isso tinha afetado mais do que ela estava transparecendo porque a emoção bloqueou todo o resto.

Não havia nenhuma insinuação que ela fosse a Ceifadora, e eu não senti nenhum tipo de malícia nela. Isso era um pouco estranho. Mesmo a

garota mais bondosa poderia ser uma vadia total algumas vezes. Se eu tivesse acabado de descobrir que minha melhor amiga roubou algo de mim, bem, eu estaria majestosamente chateada sobre isso. Mas tudo o que Vivian sentiu foi tristeza e confusão frustrada. Ela era uma pessoa muito melhor do que eu. A essa altura, eu teria enfiado meus dedos no cabelo vermelho de Savannah e começado a puxar tufo dele até ela confessar que roubou o anel.

Antes que eu conseguisse mais vibrações dela, Vivian se afastou, rompendo a conexão entre nossos dedos.

— Bem, obrigada por encontrá-lo, — ela disse em uma voz apertada.

— Claro. A qualquer hora.

Vivian se virou e andou de volta para a mesa onde ela estava sentada com Savannah e Talia. Savannah perguntou algo a Vivian, mas Vivian deu a ela um olhar estranho e se afastou da outra garota.

Do outro lado da biblioteca, Daphne olhou para mim, suas sobrancelhas erguidas em uma pergunta silenciosa. Eu neguei com minha cabeça, dizendo a ela que não tinha obtido flashes de Vivian que me dissessem que ela era a garota Ceifadora. A Valquíria encolheu de ombros para mim.

Mas eu não tinha terminado ainda. Eu peguei alguns livros e vaguei até a mesa onde Vivian, Talia, e Savannah ainda estavam sentadas. Talia e Savannah estavam conversando sobre algo, mas Vivian apenas estava sentada ali, mantendo-se em silêncio e encarando o anel que ela tinha deslizado em direção ao seu dedo.

Eu fiz minha coisa acidentalmente-de-propósito de novo, apenas que dessa vez, eu derrubei um livro em cima da mesa, bem no meio das três Amazonas.

— Whoops! Sinto muito sobre isso. Deixe-me tirar isso do caminho.

Eu estiquei a mão e apanhei o livro, tocando a mão de Savannah junto no caminho. Memórias e emoções correram para dentro da minha mente, tudo desde Savannah sentada na aula almoçando no refeitório até a

Amazona sorrindo para Logan enquanto o Espartano atravessava com ela o campus quando eles estavam juntos. Uma suave, calorosa, efervescente sensação tomou conta de mim em seguida, dizendo-me apenas o quanto Savannah gostava de Logan – e apenas o quanto magoada ela estava quando ele terminou com ela.

Essa última sensação fez meu estômago se apertar com culpa, mas eu me forcei a continuar tocando-a, para continuar concentrada e continuar procurando por qualquer indício que Savannah era a garota Ceifadora.

Eu não encontrei nada.

Oh, Savannah estava completamente puta da vida comigo por muitas coisas – por tomar Logan dela, pela forma com que o Espartano olhava para mim, mesmo até por deixar o livro cair praticamente no seu colo alguns segundos atrás. A Amazona não teria se importado em trabalhar sua raiva e frustração ao duelar comigo e me derrotar alguns minutos no ginásio, mas ela não tinha nenhuma raiva fria, sombria e assassina na minha direção, e eu não senti nenhum desses sentimentos nos ecos do seu coração.

Mistificada, eu recuei, apertando o livro. A essa altura, todas as três garotas estavam olhando para mim como se eu fosse uma completa esquisita. Nesse momento, eu imagino que eu fosse.

— Desculpe, — eu murmurei novamente e corri para guardar os livros como eu deveria fazer.

As três Amazonas me observaram todo o tempo, juntando suas cabeças e sussurrando. Eu cerrei meus dentes e as ignorei, fingindo que eu não vi que elas estavam falando sobre mim. No meu caminho de volta ao balcão de registro, eu parei na mesa onde Daphne estava sentada com Carson e Logan.

— Alguma coisa? — a Valquíria sussurrou.

Eu neguei com minha cabeça. — Eu não obtive nenhuma grande vibração de nenhuma delas. Vivian estava chateada que Savannah pegou seu anel, e Savannah estava furiosa comigo como sempre. Se uma delas é a garota Ceifadora, ela descobriu uma maneira de esconder isso.

Ela tentou me confundir, me fazer ver coisas que não estavam realmente ali, a voz de Vovó Frost sussurrou na minha mente. Ela tinha um monte de truques, e ela era forte na sua magia. Tão forte quanto ninguém que eu já tenha visto com esse tipo de poder mental—

— Savannah não é um Ceifador, — Logan disse, interrompendo meus pensamentos. Seu rosto se apertou. — Confie em mim com isso.

Eu abri minha boca para perguntá-lo como ele podia ter tanta certeza, mas eu percebi qual sua resposta poderia ser – porque a família de Savannah tinha sido brutalmente assassinada justo como a mãe e irmã mais nova dele. Eu mordi meu lábio e mantive minha boca fechada. Logan e eu tínhamos acabado de estabelecer esse novo começo entre nós. Eu não queria arruinar isso com minhas suspeitas. Mesmo assim, o Espartano me deu um olhar afiado, como se ele soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Enfim, eu acho que eu tive o bastante de xeretar por uma noite, — eu disse. — Vocês podem ir embora se vocês quiserem. Eu ainda tenho algumas horas a mais de trabalho.

— Você tem certeza que ficará bem? — Carson perguntou, seus olhos escuros e preocupados. — E se a garota Ceifadora está espreitando por aqui em algum lugar.

Eu comecei a respondê-lo quando eu percebi Nickamedes olhando para mim do vão da porta dos escritórios da biblioteca. Ele apontou seus dedos aos jovens agrupados ao redor do balcão de registro.

— Gwendolyn! — Nickamedes chamou com uma voz aguda. — Por que esses alunos ainda estão na fila?

Eu fiz uma careta e olhei para Carson. — Não se preocupe. Eu acho que Nickamedes é rabugento o suficiente para manter até mesmo a garota Ceifadora afastada.

Eu corri de volta para o balcão. Sob os olhos atentos de Nickamedes, eu gastei a hora seguinte dando baixa em livros, e ajudando os outros alunos com o que quer que eles precisassem. Daphne e Carson ficaram por alguns minutos a mais antes de apanhar suas coisas e partir.

Logan sentou-se na sua mesa um pouco mais de tempo, seu rosto incomodado enquanto ele olhava para frente e para trás entre Savannah e mim. Finalmente, o Espartano ficou de pé. Ele me olhou, sua expressão em branco, antes de se virar e sair da biblioteca. Eu suspirei, desejando que as coisas pudessem ser diferentes entre nós, desejando que as coisas pudessem apenas ser *fáceis*. Por uma vez. Eu gostava de Logan, e ele gostava de mim, também. Então por que era tão difícil para nós ficarmos juntos?

Um por um, o resto dos alunos arrumou suas coisas e seguiu para fora. Todos devem ter decidido dormir cedo porque eu era a única que ficou na biblioteca às oito horas, exceto por Nickamedes, que voltou ao seu escritório para fazer o que quer que ele fizesse quando ele não estava ocupado berrando comigo.

Com a biblioteca vazia, eu pensei sobre mais uma vez usar o mapa da garota Ceifadora e tentar encontrar a Adaga Helheim, mas qual era a intenção? Eu podia gastar anos examinando a biblioteca e nunca descobrir onde a adaga estava. Entretanto, eu imaginei que se eu não pudesse encontrar a adaga, então nem a garota Ceifadora poderia. Esse pensamento não me alegrou, contudo.

Depois de eu terminar de guardar os livros, não havia nada mais para se fazer além de sentar atrás do balcão e esperar até meu turno terminar. Uma vez que estava completamente entediada, eu abri o livro de arquitetura de novo para que eu pudesse trabalhar na minha tarefa. Mais uma vez, eu virei nas páginas que destacavam as estatuas grifos. Altura, peso, tipo de pedra usada. A informação era a mesma de antes, mas eu não podia muito olhar para as fotografias das estátuas. Eu não podia me livrar dessa sensação incomoda que algo estava errado com as fotos ou talvez até mesmo as estatísticas na página.

Eu olhei para baixo e notei o diário da minha mãe espiando do topo da minha bolsa. Ela tinha desenhado as estátuas quando ela tinha sido uma aluna. Talvez seu diário pudesse me ajudar a descobrir por que eu estava tão obcecada com elas agora. Eu apanhei o diário, folheeí paras as páginas certas, e comparei os desenhos da minha mãe dos grifos com as fotos no livro de arquitetura.

Pela primeira vez, eu percebi uma seta apontada para a base de uma das estátuas.

A seta estava no desenho da minha mãe. Era tão minúscula que eu não tinha notado antes, mas apenas pensado que era parte do resto dos rabiscos aleatórios e traços na página. Mas quanto mais eu olhava para a seta, mais rápido e mais forte meu coração começava a bater. Por que minha mãe iria desenhar uma seta ali? Por que nesse local em particular? O que era tão especial que ela tinha sentido o desejo de marcar dessa forma? Meus olhos sacudiram para frente e para trás entre seu desenho e as fotografias no livro de arquitetura.

Demorou-me alguns segundos para perceber que apenas uma das estátuas tinha uma base.

A estátua da direita, aquela que eu tinha visto minha mãe encarar quando eu toquei o diário pela primeira vez e vislumbrei a imagem dela sentada nos degraus da biblioteca. Aquele grifo posicionava-se em uma laje de pedra quadrada que tinha talvez oito centímetros de altura, enquanto a outra estátua parecia como se tivesse acabado de se sentar ao lado dos degraus com nenhuma laje para suportar seu pesado peso.

Meu coração acelerou, correndo tão rápido quanto meus pensamentos. E se – talvez – minha mãe não tivesse escondido a adaga no interior da Biblioteca de Antiguidades afinal? E se ela a tivesse escondido no *exterior* ao invés? E se ela a tivesse escondido na base da estátua grifo para que estivesse em segurança?

Não, eu pensei. Isso era estúpido. A resposta não poderia ser simples assim. Centenas de jovens passavam pela estátua todo dia. Certamente,

alguém teria encontrado a adaga agora se ela estivesse de fato escondida ali. Minha imaginação estava trabalhando horas extras, e se fosse apenas outra pista falsa, justo como todos os Xs do mapa da garota Ceifadora da biblioteca.

Eu fechei o diário e o livro de arquitetura e os enfiei de volta na minha mochila, mas eu não podia parar de me remexer e pensar sobre aquela seta – aquela seta minúscula apontando para o grifo. Quanto mais eu tentava lutar com a urgência de ir para fora e olhar a estátua, mais a sensação brotava dentro de mim que absolutamente eu tinha que fazer – que eu *precisava* nesse exato segundo.

Eu saltei para fora da banqueta.

Eu dei a volta no balcão da biblioteca, desci o longo, corredor principal, atravessei as portas duplas, saí dentro da entrada, e em seguida finalmente para o lado de fora. A noite estava fria, tão fria que o ar queimou meus pulmões, e a sombria geada já tinha coberto todo o quadrilátero, pintando tudo com um sinistro, prateado sombrio. A área estava deserta, e eu estava completamente sozinha exceto pela geada, pela escuridão, e as estátuas. Mesmo agora, eu sentia como se elas estivessem me vigiando das sombras, seguindo meus movimentos.

Mas eu apenas tinha olhos para a estátua grifo, aquela sentada no lado direito dos degraus. Eu me curvei para espiar a estátua, comparando-a com a da esquerda. Justo como nas fotografias e no diário da minha mãe, a da direita ficava em uma base enquanto a da esquerda não.

Eu fiquei ali um segundo, encarando a estátua, me perguntando se eu estava certa e se eu deveria realmente fazer isso. Eu sempre senti que havia uma força espreitando por baixo da pedra das estátuas, especialmente os grifos do lado de fora da biblioteca. E se eu a tocasse e a estátua saltasse à vida? Ninguém estava no quadrilátero, então ninguém me ouviria gritar. Mesmo se por algum milagre Nickamedes ouvisse o som no interior da biblioteca e viesse investigar, bem, não haveria restado muito de mim no momento em que ele chegasse.

Mas eu tinha que fazer isso. De acordo com Nike, encontrar a adaga e deslocá-la para outra localização mais segura era a chave para manter Loki trancafiado na sua prisão. Proteger a adaga era o que iria prevenir o deus diabólico de reunir seu exército de Ceifadores e tentar dominar o mundo novamente.

Eu já tinha visto pessoas morrerem essa semana, alunos com os quais eu ia para a escola, jovens da minha própria idade que não mereciam terem suas vidas encurtadas. Eu tinha visto lágrimas e medo dos outros alunos e de todos os outros no campus, e eu só podia imaginar o que as famílias dos alunos assassinados estavam passando, o pesar comendo seus corações. Eu não queria que ninguém mais se ferisse; eu não queria que ninguém mais passasse por esse tipo de dor novamente.

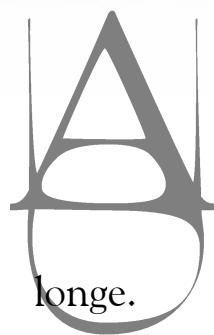
Eu pensei na minha mãe e como esperta e corajosamente ela esteve escondendo a adaga para começar. Mesmo embora ela tenha ido, eu ainda queria fazê-la ter orgulho de mim. Ela e Vovó Frost e todos os meus outros ancestrais que serviram Nike ao longo dos séculos. Eu queria ser merecedora da magia que a deusa tinha me prendado, e proteger a adaga dos Ceifadores era uma maneira que eu poderia fazer isso.

Mas primeiro, eu tinha que encontrar a adaga, e essa era minha melhor pista até agora – e talvez minha última chance. Tudo o que eu tinha que fazer era me inclinar para frente e tocar a pedra, e eu conseguiria as respostas para minhas perguntas – de uma maneira ou de outra.

Coração martelando, eu inspirei um fôlego vacilante, rocei meus dedos contra a pedra fria, e esperei minha magia ganhar vida – e talvez o grifo junto com ela.



21



SIMAGENS E MEMÓRIAS IMEDIATAMENTE SE CHOCARAM COM FORÇA NA minha mente, como um maremoto lavando todo o resto para longe.

Eu tive a sensação que os grifos eram velhos, anciões até, da mesma maneira que Vic era. E como Vic, havia – uma *faísca* na estátua, algum tipo de força ou espírito que eu podia sentir me encarando do fundo, lá do fundo no interior da pedra. A força me lembrava dos olhos vermelhos ardentes – olhos de Loki – que estavam sempre me observando quando eu usava minha psicometria para me deslizar na mente de Preston. Mas a estátua não radiou a mesma malevolência que o Ceifador e os olhos carmesins radiavam. Ao invés disso, o que eu senti foi mais como uma... presença observadora. Como se o grifo estivesse vigiando não apenas a biblioteca, mas todos os

jovens que passavam por ela nos dias cotidianos e até mesmo na academia em geral, justo como Metis tinha dito. Me encheu com a mesma compreensão de paz, segurança, e conforto.

Eu fiquei ali, olhos fechados, minha mão pressionada contra a pedra fria, tentando dar sentido a todas as imagens piscando através da minha mente. Havia milhares delas, remontando e remontando e remontando com o tempo. Estações vieram e se foram em um piscar de olhos. Neve se derretendo na primavera, o sol do verão castigando, folhas do outono se agitando, e então a neve veio novamente. Durante todas as estações, durante todos os longos anos, jovens se apoiavam na estátua e passavam por ela, alguns até mesmo enfiavam pedaços usados de chicletes nela. Eca.

Depois de alguns segundos, a primeira, opressora corrida de memórias e sensações desapareceu, reduzindo-se a um fluxo firme, e eu fui capaz de começar a fazer uma triagem pelas imagens, procurando por uma específica atada a uma pessoa muito específica. Eu ignorei os flashes de pessoas tocando, apoiando-se, e sentando-se na estátua, ao invés me foquei naquelas de todas as garotas que ficaram perto do grifo durante os anos. Não ela ou ela ou nem mesmo ela... mas ela!

A memória escorregou antes que eu pudesse agarrá-la, mas eu consegui pegá-la antes dela desaparecer na escuridão da minha mente. Eu ignorei as outras imagens ainda passando e trouxe aquela que eu queria realçar.

A memória acontecia em uma noite fria parecida como essa. Uma garota da minha própria idade estava na frente da estátua de grifo. Cabelo castanho, olhos violetas, pele pálida pontilhada com sardas. Seu rosto era tão familiar para mim como o meu próprio, entretanto eu nunca a tinha visto tão bonita quanto ela estava.

— Mãe, — eu sussurrei, embora ela não pudesse me ouvir, mesmo embora fosse apenas uma memória.

Minha mãe olhou para o outro lado do quadrilátero vazio, verificando as sombras. *Olhos violetas são olhos sorridentes.* É o que minha mãe tinha

sempre dito de brincadeira, mas ela não estava sorrindo essa noite. Ao invés disso, seus lábios estavam apertados em uma apertada linha fina, e todo o seu corpo estava rígido com tensão e medo – medo de que os Ceifadores procurando por ela a encontrassem antes que ela pudesse completar sua missão para Nike. Minha mãe sentiu como se ela estivesse correndo contra o tempo, mas ela ainda ia parar um momento e olhar pelas redondezas. Ela ainda ia ser tão cuidadosa quanto ela pudesse.

Quando ela tinha certeza que ela estava sozinha e que ninguém estava observando-a, minha mãe puxou um pedaço de pano preto da sua mochila. Ela colocou o pano abaixo nos degraus da biblioteca, e algo saiu da beirada dele e raspou contra a pedra. Minha mãe congelou, seus olhos demorando-se nas redondezas, como se aquele pequeno barulho fosse de alguma forma atrair os Ceifadores imediatamente para ela.

Mas ninguém irrompeu das sombras, e depois de um minuto, minha mãe relaxou e se virou para a estátua. Ela correu suas mãos sobre o grifo para lá e para cá, como se ela estivesse procurando por algo. Finalmente, ela encontrou o que ela estava buscando. Minha mãe estendeu a mão para frente e torceu a extremidade final da cauda do grifo. Um segundo mais tarde, a base da estátua deslizou-se para frente como uma porta articulando-se aberta, revelando um espaço secreto oco no interior.

Minha mãe pausou e olhou ao redor, mais uma vez se certificando que ninguém a estava observando. Depois, ela ergueu o pano preto, juntou as pontas, deslizou-o para dentro do compartimento escondido, e torceu a cauda do grifo de volta para o outro lado. A base da estátua se fechou, escondendo o pano de vista.

Minha mãe suspirou, e seu corpo relaxou. Estava feito – sua missão estava completa. Ela deu mais uma olhada ao redor antes que ela levantasse o capuz do seu casaco, enfiasse suas mãos dentro dos seus bolsos, e corresse para longe da biblioteca, derretendo-se nas sombras...

Eu larguei minha mão do grifo e abri meus olhos. Eu soltei um fôlego e me surpreendi em sentir como fraco meus joelhos estavam. Eu tive que me

sentar nos degraus até a sensação trêmula passar. Depois, eu voltei a ficar de pé e me aproximei da estátua grifo mais uma vez.

Meus olhos vacilaram para a cauda da criatura de leão, e eu me curvei para estudá-la. Parecia como apenas outra parte da estátua, apenas outra peça esculpida de um único pedaço de pedra cinza escura. Se eu não tivesse visto torcer a extremidade da cauda, eu nunca teria pensado em fazer tal coisa – ou que houvesse um compartimento debaixo dela.

Eu me perguntei como minha mãe tinha encontrado isso em primeiro lugar. Se ela tivesse escutado o mesmo tipo de palestra de história-mítica que eu, talvez fosse assim como ela descobriu o segredo da estátua. Não importava realmente no final, contudo. Tudo o que era importante era encontrar a adaga e levá-la para outro lugar seguro – algum lugar que Ceifadores nunca pudessem chegar a ela.

— Você a protegeu bem todos esses anos, — eu murmurei, falando com aquela faísca de conhecimento que eu senti lá no fundo da pedra. — Mas os Ceifadores estão se aproximando da localização da adaga, e agora, eu tenho que movê-la para outro lugar. Eu espero que você entenda. Eu farei o meu melhor para protegê-la – eu prometo isso a você.

O grifo não disse nada, mas seus olhos sem pálpebras pareceram se estreitar no fraco brilho dourado emitido pelas luzes que revestiam a sacada da biblioteca. Pela primeira vez, o fraco movimento não me desencorajou. Ao invés disso, ele me confortou, como se o grifo soubesse que era hora da adaga ser removida, como se ele de alguma forma me reconhecesse como estando conectada à garota que a tinha escondido aqui em primeiro lugar. Depois de um momento, o grifo deixou seus olhos caírem, e sua cabeça pareceu imergir até mesmo tão superficialmente, quase como se ela tivesse me dando permissão.

Dedos trêmulos, eu estiquei minha mão para frente e torci a extremidade final da cauda do grifo.

Ele se moveu tão lentamente quanto tinha se movido com a minha mãe, e o compartimento secreto deslizou-se aberto com o mais ligeiro

sussurro. Minha mão tremia tanto que eu tive que parar e fechá-la em um punho por um momento antes que eu me sentisse firme o bastante para abri-la de volta e alcançar o interior da câmara oca. Meus dedos tocaram algo suave e sedoso na escuridão, e outra imagem encheu minha mente – minha mãe deslizando o pano para dentro do mesmo local que eu estava agora puxando-o para fora.

Eu arrastei o pano preto para fora, depois torci a cauda do grifo novamente, escondendo o compartimento secreto de vista. Dedos ainda trêmulos, eu desembrulhei um canto do pano, depois o outro – lentamente revelando a Adaga Helheim.

A adaga era mais leve do que eu teria pensado que ela seria – muito, muito mais leve. Ela mal pesava mais do que a seda na qual ela esteve envolvida. Ao invés de metal, a adaga era feita de mármore negro que brilhava com minúsculas manchas de bronze. Um único rubi estava disposto no cabo, mas a gema era escura, como se a luz que esteve uma vez no seu interior estivesse se extinguido. Levou-me um momento para perceber que a gema era do formato de um único olho estreito. Eu me perguntei se a gema era o portal de Loki para esse reino, uma janela da prisão mitológica. Eu me perguntei se o deus malévolo pudesse de alguma forma olhar através do rubi e me ver segurando a adaga nesse momento. Eu estremeci com o pensamento e rapidamente cobri a arma de volta com o pano preto.

Por um momento, eu apenas fiquei ali, não muito acreditando que eu tinha feito isso, que eu de fato encontrei a adaga. Um sorriso espalhou-se de um lado ao outro do meu rosto, e eu quis soltar um alto grito de triunfo, mas eu preendi meus lábios e empurrei esses pensamentos para longe. Eu tinha outras coisas nas quais me focar, como o que fazer com a adaga agora que eu realmente a tinha.

Nickamedes, eu pensei. Eu voltaria para a biblioteca e mostraria a arma para Nickamedes. Ele chamaria Metis e Ajax, e em seguida, nós podíamos descobrir como escondê-la novamente—

— Bem, Cigana, — uma baixa voz disse atrás de mim. — Muito

obrigada por encontrar a adaga para mim. Eu estava começando a me perguntar se você estava à altura da tarefa.

Algo farfalhou atrás de mim, e eu localizei uma sombra deslizando através da geada, correndo na minha direção. Eu rodopiei, mas já era muito tarde. O punho da garota Ceifadora conectou com o meu rosto, e o mundo escureceu.

A primeira coisa que eu estava consciente foi da dor latejante na minha bochecha.

Pulsar, Pulsar, pulsar. Era uma lenta, contínua dor, marcando o tempo perfeito com meu coração. Doía tanto, mas eu me foquei na dor, ultrapassando-a, empurrando-a no fundo da minha mente. Mesmo embora as coisas estivessem vagas no meu cérebro. Eu sabia que eu estava com um Grande, Grande Problema. Eu podia sentir o ódio emanando das outras pessoas a minha volta. A emoção feia pressionada no meu peito como um peso de chumbo, sufocando-me. Eu não podia dizer quantos deles eram, mas todos eles me desprezavam. Meu estômago revirou com a raiva que continuava fluindo deles como ondas batendo na costa.

— Bem, — uma voz familiar disse. — Eu acho que a Cigana está finalmente acordada.

Eu conhecia aquela voz, eu pensei, ainda sentindo-me um pouco desorientada, mas eu não podia muito acreditar que era ela. Ela pareceu tão legal, tanto como eu, mas ela era a Ceifadora, e ela me usou para ajudar a encontrar para ela a Adaga Helheim. Esse tanto eu sabia, mesmo se eu não soubesse exatamente como ela me enganou para fazer sua licitação.

Eu abri meus olhos para encontrar Vivian Holler empoleirada na mesa na minha frente.

— Oi, Cigana, — Vivian disse. — Surpresa em meu ver?

Eu neguei com minha cabeça, mas isso apenas fez meu rosto doer mais ainda. Eu mexi minha mandíbula, tentando superar o pior da dor. Lentamente, o agudo pulsar latejante desvaneceu em um mais suave, em pontadas mais gerenciáveis, e eu fui capaz de olhar ao redor sem uma bruma de estrelas brancas borrando minha visão.

Eu estava amarrada a uma cadeira em uma opulente sala de estar cheia de mobília de madeira escura, sofás antiquados, e vasos de cristal cheios de rosas. O cheiro dominante de pétalas negras e vermelho-sangue permaneceu no ar, fazendo-me enjoar, mas eu continuei escaneando a área. Eu virei minha cabeça e me encontrei encarando para uma estátua de ouro em formato de um pássaro, suas asas espalhadas amplamente. Uma enorme pintura representando o mesmo tipo de pássaro com as mesmas asas pendia na parede atrás dela. Eu percebi onde eu estava – na sala de estar que eu tinha visto quando eu toquei o mapa da Biblioteca de Antiguidades da garota Ceifadora – Vivian – pela primeira vez.

— Asas, — eu murmurei, olhando para a estátua perto de mim. — O que é isso com todas as asas?

Vivian arqueou uma sobrancelha. — É isso o que você quer saber? Não como eu enganei você para encontrar a adaga para mim? Sério, Cigana, eu achei que você diria algo mais interessante que isso. Mas se você absolutamente quer saber, eu ficarei feliz em lhe mostrar.

Vivian soltou um alto, agudo assobio em direção a um conjunto de portas que conduziam a uma sacada. Mesmo embora estivesse escuro do lado de fora, eu ainda podia ver o formato preto de algo cair do céu e aterrissar na sacada. Vivian se aproximou, abrindo as portas, e recuou.

Um segundo mais tarde, uma roca Negra saltou para dentro da sala.

A roca era enorme, facilmente tão grande quanto Nott – se não maior. Suas asas eram de um brilhoso preto escorregadio, atravessadas com listras brilhantes de vermelho que brilhavam como rios de sangue, e os talões negros e curvos da roca pareciam como se eles fossem quase tão longos quanto meus braços. Na aula de história-mítica, Metis disse uma vez que

rocas eram criaturas árabes que eram fortes o bastante para apanhar pessoas e voar para longe com elas. Eu achei que a ideia era ridícula na época, mas agora, eu totalmente acreditava nisso. A roca definitivamente parecia como se ela pudesse me comer com dois estalos do seu afiado, pontiagudo bico.

Os olhos da roca eram um brilhante, polido preto também, mas aquela ameaçadora, faísca vermelha de Ceifador queimava nas suas órbitas sujas como tinta. Eu estremeci e afastei o olhar da criatura.

— Você não gosta do meu bichinho? — Vivian perguntou. — Que pena. Minha família tem criado eles por gerações, sabe. Praticamente todos os Ceifadores conseguem suas rocas de nós. Nós somos bastante famosos por criá-los para serem especialmente perversos.

Ela soltou outro assobio e apontou para a sacada. A roca Negra saltou para o lado de fora, seus talões arranhando contra o chão. Vivian fechou a porta atrás dela, embora eu ainda pudesse ver a roca espreitando do lado de fora, espiando através das portas como se ela quisesse bicar seu caminho através do vidro para chegar a mim.

Passos sussurraram atrás de mim, e alguns segundos mais tarde Preston ficou visível. Vivian retomou seu lugar na mesa, e Preston se aproximou para ficar ao lado dela. O macacão laranja de Preston se foi, e ele estava vestido em roupas caras mais uma vez. Botas, jeans de marca, um suéter de caxemira luxuoso, uma jaqueta de couro. Tudo preto, lógico. Apenas como sua alma podre.

Preston sorriu afetadamente para mim. — Eu disse a você que eu conseguiria controlar o seu temperamento um dia, Cigana. Que estupidez a sua por não acreditar em mim.

Eu o encarei. — Oh, por favor. Você não estaria aqui nesse momento se não fosse por Vivian, e todos nós sabemos disso. Ela é aquela que fez todo o trabalho. Ela é aquela que tirou você da prisão da academia.

Eu olhei para a outra garota. — Bravo com isso, a propósito. E o resto do seu elaborado esquema. Você conseguiu obter sucesso muito bem.

Ela se iluminou com meu tom sarcástico. — Eu obtive, não foi? Não

que eu seja uma pessoa de me vangloriar, mas eu realmente me superei dessa vez.

— Oh, apenas vá em frente e me conte sobre seu principal plano malévolo, — eu murmurei. — Você sabe que quer fazer isso. É por isso que você não me matou ainda. Os vilões nos filmes e gibis sempre querem se vangloriar, também.

Eu não adicionei que vangloriar-se também era sempre a ruína do vilão – esse clichê era a única pontada de esperança que eu tinha agora.

Vivian gargalhou. O som raspou meus ouvidos apenas como os talões da roca tinham arranhado sobre o chão. — Bem, essa é uma das razões, de qualquer modo. Eu não terminei ainda com você, Cigana, mas nós chegaremos a isso em alguns minutos. E como eu enganei você, você deveria ser uma garota esperta. Você foi bastante inteligente ao derrotar Preston, contudo isso não precisava de muita coisa. Então por que *você* não me conta como eu enganei você?

Eu olhei para ela por alguns segundos, depois ao redor da sala novamente. Pensando. Quanto mais tempo eu mantivesse Vivian falando, mais tempo alguém teria para me encontrar e me resgatar. Lógico, eu não sabia exatamente quem esse *alguém* poderia ser. Nickamedes provavelmente iria pensar que eu tinha escapulado da biblioteca mais cedo, ao invés de perceber que algo tinha acontecido comigo – se ele sequer se incomodasse em procurar por mim. Dada a minha história com o bibliotecário, ele provavelmente estaria contente em sair do seu escritório e descobrir que eu fui embora.

— Cigana? — Vivian perguntou, estalando seus dedos na frente do meu rosto. — Você ainda está conosco?

Faíscas vermelhas saíram das pontas dos seus dedos como gotas de chuva. Era algo sobre o qual eu tinha me esquecido nesses dias passados, mas durante a luta no coliseu, eu achei que a garota Ceifadora tinha que ser uma Valquíria, devido a como forte e quanto tinha doído quando ela me socou. Mas eu nunca tinha visto Vivian disparar faíscas de magia como

Daphne e as outras Valquírias faziam.

Eu gesticulei para seus dedos. — Como você escondeu isso? As faíscas e o fato de que você realmente é uma Valquíria? Todo mundo na Mythos acha que você é uma Amazona.

Ela encolheu de ombros. — Da mesma maneira que eu escondi tudo. Você quer saber um segredo?

Eu sempre queria saber segredos, e mais especialmente os dela, mas eu não disse nada. Vivian inclinou-se para frente de qualquer forma.

Ela me encarou, e uma tremulação de vermelho piscou à vida nas profundezas do seu olhar dourado. — Você não é a única Cigana na Mythos, Gwen.

Minha boca caiu aberta, e todo o ar deixou os meus pulmões. Isso era apenas chocante. Vovó Frost me disse que havia outras Ciganas lá fora, outras famílias dotadas com magia pelos deuses apenas como a nossa tinha sido. Ela também me disse que nem todas as Ciganas eram boas como nós, que algumas eram preguiçosas ou indiferentes ou eram até mesmo Ceifadores.

Até agora, eu não tinha encontrado outras Ciganas, mas aqui estava eu, cara a cara com a Cigana mais malvada de todas – a Campeã de Loki. Para toda a bondade que a deusa Nike tinha, Loki era igualmente mau, o que significava que sua Campeã seria apenas tão perversa e impiedosa quanto o deus era.

— Que – que tipo de magia Loki deu para sua família?

Eu me forcei a fazer a pergunta. Se eu soubesse o tipo de magia que Vivian tinha, então talvez eu pudesse encontrar alguma forma de virar isso contra ela e escapar.

Vivian sorriu. — A mais maravilhosa magia de todas – magia do caos.

— O que é isso? — eu nunca tinha ouvido falar sobre esse tipo de magia antes, e eu não tinha visto nenhuma referência sobre ela nos livros de história-mítica que eu estava usando para pesquisar sobre minha própria magia.

Ao lado de Vivian, Preston bufou. — Não é magia do caos. Na maior parte é apenas a velha e comum telepatia.

— Telepatia? — eu perguntei. — Você quer dizer como ler mentes e plantar pensamentos nos cérebros das pessoas?

— Exatamente, — Preston disse. — Vivian pode fazer as pessoas verem e ouvirem coisas que não estão ali. Grande coisa, se você me perguntar.

Uma perigosa luz ardeu nos olhos de Vivian, e aquela faísca vermelha de Ceifador que eu tinha visto antes queimou um pouco mais brilhante com as palavras sarcásticas de Preston.

Eu pensei no flash vermelho de Ceifador que eu tinha notado nos olhos de Savannah e o ódio que tinha preenchido seu rosto sempre que ela olhava para mim. Vivian tinha feito isso, eu percebi, tinha me feito suspeitar que a outra garota fosse uma Ceifadora para que eu não me concentrasse em Vivian. Foi provavelmente como ela conseguiu mudar sua voz, também, para que eu não a ouvisse falando e percebesse quem ela de fato era. Eu me perguntei o que mais ela tinha feito para mim essa semana. Eu tinha uma má, má sensação de que eu estava prestes a descobrir – e que isso ia ficar muito pior.

— Realmente, Preston está certo, — Vivian disse. — Eu posso fazer as pessoas verem coisas que não estão de verdade ali, plantar pensamentos em suas cabeças, até mesmo fazê-las seguir os meus comandos. Ilusões, confusão, caos. É tudo a mesma coisa realmente, mas Loki fez a magia telepática da minha família particularmente perversa. Se eu quiser, eu posso analisar o cérebro de uma pessoa e fazer parecer como se o seu pior pesadelo ganhasse vida. Você gostaria de ver isso, Gwen?

Meu coração caiu ao meu estômago com suas frias palavras. Meu dom Cigano tinha me mostrado tantas coisas ruins ao longo dos anos. Se Vivian analisasse minha cabeça com sua magia, ela teria muitos pesadelos para escolher.

— Claro que você gostaria, — Vivian disse.

Ela saiu da mesa e seguiu na minha direção. Vivian parou na minha frente e sorriu – e então ela se virou para encarar Preston.

Ele franziu o cenho. — O que você está...

Foi tudo o que ele disparou antes que o seu rosto ficasse branco, e ele começasse a gritar.

Preston gritou e gritou e gritou como se ele nunca fosse parar. Desesperado, ele se lançou para frente, como se ele pudesse se afastar da magia de Vivian se ao menos ele pudesse se mover. Os joelhos de Preston atingiram a mesa. Ele cambaleou para trás, depois tropeçou em um tapete e caiu no chão. Ele se curvou em uma bola, cobrindo seus olhos com suas mãos como se ele pudesse bloquear o que quer que fosse que ele estava vendo. Mas a postura defensiva não o ajudou, e Vivian sorriu enquanto seus berros de terror encheram a sala.

— O pior pesadelo de Preston é bastante interessante, — ela murmurou, encarando-o. — É você, de fato. Aparentemente, ele nunca esteve tão assustado na sua vida como ele esteve quando você disse a ele que não havia nada que ele pudesse fazer para impedir você de tocar as suas mãos e remexer as memórias dele com sua magia psicométrica. Preston tem algo de maníaco por controle, veja você.

Vivian continuou encarando o outro Ceifador, e eu senti sua força rolando dela – uma feia, zangada, malevolente força que ficava mais forte e mais forte com cada um dos gritos de Preston, quase como se o medo dele estivesse dando a ela mais poder ainda, como se o terror dele estivesse deixando-a *feliz*. Eu quase podia ver a força do mal no ar, deslizando e se enrolando e enrolando nele como uma cobra com veneno gotejando das suas presas – veneno que estava penetrando no cérebro de Preston e envenenando sua mente com terrível visão após visão.

Finalmente, Vivian negou com sua cabeça e se afastou dele. A feia, força invisível desapareceu, e depois de um momento, Preston parou de gritar, contudo todo o seu corpo se sacudia com os soluços violentos.

— Muito fácil, — ela disse. — A mente dele é tão simples. Isso

difficilmente foi um desafio. Mas você, Cigana, você tem sido muito mais interessante para se brincar.

Enquanto Preston chorava no chão, eu pensei sobre tudo que tinha acontecido comigo nos últimos dias.

— Você planejou a coisa toda, não planejou? — eu perguntei. — O ataque ao Coliseu Crius, deixando-me ver você lá depois do fato consumado para que eu percebesse o quanto abalada você estava, a voz assustadora na Biblioteca de Antiguidades, até mesmo me contratando para encontrar seu anel perdido. Você fez isso tudo para que você continuasse me vigiando enquanto eu estava procurando a Adaga Helheim.

Vivian se curvou e arrancou a adaga da mesa. Eu pisquei. Como eu não a tinha notado deitada ali? Ela virou a adaga para lá e para cá, fazendo as manchas de bronze no mármore brilhar. Pela primeira vez, eu percebi o que tinha me incomodado tanto sobre as memórias que eu tinha conseguido do mapa que Vivian deixou cair — o fato que ela estava usando a sua máscara de Ceifador nelas para proteger a sua verdadeira identidade. Algo que ela não teria feito se ela não tivesse planejado deixar o mapa para trás todo o tempo.

— Você deixou o mapa cair de propósito, — eu disse. — Você queria que eu o tivesse. Você queria que eu obtivesse um vislumbre dele. Por quê?

Vivian deu de ombros. — Alguns dos outros Ceifadores determinaram que a localização da adaga estava em algum lugar dentro ou ao redor da Biblioteca de Antiguidades, mas demoraria anos para fazer uma busca no prédio e encontrá-la, especialmente devido a minha óbvia limitação de aluna. Então eu decidi deixar você encontrá-la para mim. Mas desde que você não pareceu saber que a adaga estava dentro da biblioteca, eu decidi dar a você um pequeno empurrão. Todos sempre esperam até o último segundo para fazer seu dever de casa. Eu imaginei que você provavelmente estaria na exibição no dia antes das aulas começarem, então eu convenci Savannah a ir comigo terminar minha tarefa de história-mítica.

— Se você estava apenas tentando chegar a mim todo o tempo, então

por que matar aquelas outras pessoas? — eu sussurrei. — Por que eles tiveram que morrer?

Vivian encolheu de ombros. — Eu tinha que fazer isso parecer um ataque de verdade ou você nunca teria comprado a ideia de que eu acidentalmente deixei o mapa cair. Além disso, eu nunca gostei de Samson Sorensen. Ele sempre achou que ele era muito mais legal do que os outros caras na escola – muito mais legal para sair com alguém como eu. Eu pedi a ele uma vez, antes de Jasmine colocar suas garras nele, mas ele só riu e perguntou por que eu alguma vez achei que ele queria sair com uma garotinha tímida como eu. Bem, ele não riu muito quando eu corri minha espada pelo seu peito, riu?

Raiva contorceu seu rosto, e seus dedos se apertaram ao redor da adaga, como se ela quisesse matar Samson tudo de novo.

— E depois na biblioteca? — eu perguntei, tentando mantê-la falando. — O que foi toda a coisa com aquela voz assustadora?

O rosto de Vivian se tranquilizou um pouco, e ela encolheu de ombros novamente. — Eu precisava dos códigos das portas da Metis e das senhas mágicas para descer até a prisão e libertar Preston. Eu sabia que ela estava levando você na prisão para explorar a mente dele, e dada a sua psicomетria e ao fato de que você nunca se esquece de nada que você vê ou ouve, eu sabia que você tinha as senhas trancafiadas no seu cérebro. Tudo o que eu tive que fazer foi deslizar para dentro da sua mente e fazer você pensar sobre Preston para que eu pudesse encontrar a informação que eu precisava. Nós sabíamos tudo sobre você e seu toque mágico. Eu devo dizer que isso veio a ser bastante conveniente até agora. Ajudando-me a libertar Preston, depois encontrando a adaga. Bom trabalho, Gwen. Bom trabalho.

Eu pensei sobre todas as dores de cabeça que eu tive nos últimos dias e todas as vezes que pareceu que havia um par de dedos escavando meu crânio. Tinha sido Vivian, usando sua telepatia em mim. Em algum nível, eu senti o que ela estava fazendo e tentei revidar, embora não tivesse funcionado. Em seguida, outro pensamento estourou na minha cabeça.

— Você sabe sobre meu toque mágico – e o que eu deveria fazer com ele, — eu disse, ecoando algo que Preston tinha dito para mim.

Vivian bufou. — Por favor. Como se você pudesse alguma vez matar Loki com sua lastimável psicometria.

Mais uma vez, todo o ar deixou os meus pulmões, e estrelas brancas explodiram diante dos meus olhos. Eu pensei que estava aturdida antes, mas aquilo não era nada comparado com o super choque que eu estava sentindo agora. — Você acha – os Ceifadores realmente acham – que eu vou matar Loki com minha magia?

Minha voz era quase um sussurro. Eu dificilmente podia encontrar fôlego para fazer a pergunta. Matar um deus? Eu? Como eu podia fazer isso com meu toque mágico? Como *alguém* faz isso?

Vivian percebeu o olhar chocado no meu rosto e irrompeu em gargalhadas. — Você quer dizer que não sabe? A grande deusa Nike não lhe contou? Oh, que maravilha.

Vivian continuou rindo. Enquanto isso, Preston finalmente tinha parado de tremer e se empurrou para cima a uma posição de sentado. Ele deu a Vivian um olhar cheio de ódio e enxugou as lágrimas da sua bochecha corada.

— Mas e sobre o anel? — eu perguntei, minha mente rodopiando em milhares de direções diferentes. — Por que sequer se incomodar a me contratar para encontrá-lo?

Vivian estendeu sua mão, admirando o anel brilhando no seu dedo. Eu olhei fixamente para os dois rostos na faixa de ouro. Agora, ao invés de um rindo e um chorando, ambos os rostos pareceram estar distorcidos e sorrindo para mim com satisfação má e malevolente.

— Eu deveria saber, — eu murmurei. — O anel tem dois rostos justo como você. Ele não representa apenas máscaras teatrais, representa? Embora você devesse comprar algo legal para Sr. Ovid, o professor de teatro. Ele transformou você praticamente em uma pequena atriz.

— Verdade, — Vivian concordou. — Eu sou muito mais talentosa do

que aquela estúpida Amazona, Helena Paxton, jamais será, mas Sr. Ovid dá a ela os papéis principais nas suas peças. Você realmente precisa revisar seu livro de história-mítica, Gwen. Eu disse a você antes que era o anel de Jano, como no deus Romano do início e do fim. Ele tem dois rostos, um olhando o futuro e o outro olhando o passado. O anel está na minha família por anos como um símbolo da nossa lealdade escondida à Loki. Era da minha mãe – até alguns dos membros do Panteão matarem-na.

Seu rosto se contraiu, e eu me lembrei da imagem que eu tinha visto da mãe de Vivian entregando-a o anel e toda a dor que a garota sentiu com sua mãe morrendo. Eu teria sentido pena dela – se ela não tivesse me causado a mesma dor por assassinar a minha mãe.

Em seguida, outro pensamento estourou na minha cabeça. — É por isso que você tinha mobília novinha no quarto do seu dormitório, não foi? E por que você correu para abrir a porta para mim quando eu parti no dia que eu apareci para procurar pelo seu anel. Você não podia se arriscar que eu obtivesse um vislumbre de algo no seu quarto, como sua penteadeira, e percebesse quem você realmente era. Mas por que me contratar para encontrar o anel quando ele nunca esteve perdido?

— Você está certa sobre a mobília. Quanto ao anel, eu precisava andar por aí e ver o que você estava fazendo, e eu não queria que você ficasse com dúvidas sobre mim antes que você encontrasse a adaga. Então eu inventei a história sobre Savannah roubando meu anel e o escondi no quarto dela para você encontrar. Além disso, eu sabia que seria fácil fazer você pensar que ela era uma Ceifadora. Não é segredo que vocês duas ainda estão brigando por Logan.

— Então era apenas uma distração. Mas você tinha que saber que eu tocara o anel e o vislumbraria, pelo menos para me certificar que Savannah tinha de fato o roubado, — eu disse. — Como você distorceu as memórias para fazer parecer como se ela fosse a Ceifadora ao invés de você?

Vivian encolheu de ombros. — Magia do caos, se lembra? Confusão e ilusões. De algumas formas, minha magia é exatamente o oposto da sua,

Gwen. Você toca objetos e vê coisas. Se eu me concentrar bem e por tempo suficiente, eu posso de fato carimbar impressões e memórias em certos objetos. Então foi difícil para eu pegar uma imagem de mim mesma usando o anel e fazer parecer como Savannah.

— Mas—

Uma série de altos sinais sonoros soou, me interrompendo. Meus olhos cintilaram para a fonte do som – um relógio de pêndulo de cor ébano com formato de uma roca que ficava contra uma parede.

— Finalmente, meia-noite, — Vivian murmurou. — Você sabe o que isso significa, Gwen?

— O que?

Vivian sorriu. — Significa que finalmente chegou a hora de você fazer aquilo que eu trouxe você aqui para fazer.

Eu tive que me forçar a fazer a pergunta. — E o que seria isso?

Seu sorriso se ampliou. — Morrer.



UTRO CEIFADOR ENTROU NA SALA DE ESTAR - O HOMEM QUE EU TINHA visto quando eu toquei o mapa falso pela primeira vez. Ele cortou as cordas que me amarravam à cadeira, depois ele e Preston me içaram pelas portas da sacada e para o lado de fora.

Eu comecei a revidar, mas Preston sustentou uma espada contra minhas costelas e me disse que ele empurraria através do meu coração se eu fizesse mais do que respirar errado. Então eu decidi não respirar errado.

Vivian conduziu o caminho, enquanto Preston e o homem me forçaram a descer um lance de escadas e depois sair para dentro da floresta que se estendia além da mansão. Eu não podia ver muito da paisagem na escuridão, mas eu tive a impressão que nós ainda estávamos nas montanhas, ainda na Carolina do Norte, ainda perto da academia. Eu não sei por que

isso me confortou, mas confortou. Se eu ia morrer, bem, ao menos seria perto de casa. Talvez os membros do Panteão fossem ao menos encontrar o meu corpo e enterrá-lo.

Nós caminhamos mais dentro e mais dentro na floresta, as folhas congeladas estalando como ossos frágeis sob nossos pés. As luzes da mansão atrás de nós lentamente desaparecendo, mas elas foram substituídas por umas novas adiante. As luzes cintilavam e dançavam na escuridão, e eu percebi que elas eram tochas queimando na noite.

Nós atravessamos as árvores e entramos em uma ampla clareira. Um enorme círculo feito de mármore negro foi colocado no meio da floresta, com as árvores se erguendo por todos os lados como os pilares de um grande coliseu. Altas, raquíticas tochas tinham sido colocadas em pequenos buracos cortados na pedra, e suas crepitantes chamas vermelhas saltando no ar, como se elas estivessem se esforçando para atar fogo nas árvores ao redor delas.

Nós não passamos ninguém na floresta, mas treze pessoas já estavam reunidas dentro do círculo de pedra, em pé perto de cada tocha – e cada uma delas usava uma máscara de Ceifador e uma túnica negra.

Eu olhei fixamente para o círculo de pessoas, meus olhos indo de um distorcido rosto de Loki ao seguinte. Eu não podia ver quem estava atrás das máscaras, mas eu achei que provavelmente eu conhecia alguns deles, que eles eram jovens ou professores da Mythos. A sensação de familiaridade radiou deles, junto com ódio – tanto ódio. Cada Ceifador no círculo teria estado mais do que feliz em pisar adiante e me matar. Eu mordi meu lábio e tentei não mostrar como aterrorizada eu estava por eles e sobre o que eles iam fazer comigo.

— Que lugar é esse? — eu perguntei.

— Esse, — Vivian disse com uma voz satisfeita, — é um portão Garm, um dos milhares localizados por todo o mundo. Ele serve como um portal para outros portões e até mesmo para outros reinos – incluindo Helheim.

— Helheim? — eu sussurrei.

Por procurar a adaga, eu sabia que a arma recebeu o nome de Helheim, que era a palavra Nórdica para morte – e o domínio prisional onde Loki estava preso. Supostamente, era um lugar que ninguém – deus ou semelhante mortal – jamais pudesse escapar, mas eu tinha uma doentia, doentia sensação de que não ia ser verídica essa noite.

Vivian olhou para mim, uma expressão sarcástica no seu rosto. — Acabando de juntar as peças agora, não é, Gwen? Embora eu tenha que dizer que eu amo esse olhar de horror despontar no seu rosto.

Eu queria perguntá-la mais, mas eu não tive a chance quando Preston e o homem me arrastaram ao centro do círculo de pedra. Algo tinha sido esculpido no mármore sob meus pés, e me levou alguns segundos para perceber o que era – uma mão segurando um conjunto de balanças. A exata mesma mão e as exatas mesmas balanças que adornavam o teto da prisão da academia.

Vivian andou até o meio do círculo também. Ela parou e olhou para os outros Ceifadores que tinham se reunido.

— Nós temos esperado muito, muito tempo por esse momento, — ela disse. — Por séculos, nossos ancestrais têm servido a Loki sinceramente, preparando-se pelo dia quando nós pudéssemos finalmente libertar nosso deus da prisão que ele vem estado preso por tanto tempo. Bem, esse momento finalmente chegou.

Tá, eu sabia que eu ia morrer, mas eu ainda não podia evitar em rolar meus olhos para suas palavras formais e grandiosas. Praticando muito na frente do espelho, Vivi?

— Todos vocês sabem o que fazer, — Vivian disse. — Então vamos começar.

Suavemente ao início, muito, muito suavemente, os Ceifadores começaram um canto. Eu não sabia que magia surreal eles estavam declamando, mas o som das suas baixas palavras guturais causou arrepios na minha coluna. Lentamente, suas palavras ficaram mais agudas e mais agudas, até o ar parecer como se estivesse cheio de facas frias que estavam

pressionando contra minha pele, prontas para me abrir se eu ousasse fazer mais do que respirar.

Vivian virou sua atenção de volta para mim, girando a Adaga Helheim na sua mão como se fosse o bastão da líder de torcida ao invés do poderoso, perigoso, artefato que era.

— Eu sei que você está se perguntando por que eu não matei você na prisão da academia quando eu tive a chance ou até mesmo quando você veio pela primeira vez para Mythos no outono, — Vivian disse. — A resposta é simples — nós precisávamos que você encontrasse a adaga para nós, e nós precisávamos do seu sangue. Sangue fresco e não o que já foi derramado. Lógico, Jasmine quase arruinou isso e também o seu irmãozão Preston.

Ao meu lado, Preston se enrijeceu com as suas palavras, mas ele não disse nada. Eu achei que ele não poderia desprezar ninguém mais além de mim, mas até mesmo de pé aqui junto com todos os outros Ceifadores, eu podia sentir o especial ódio ciumento que Preston tinha por Vivian.

Preston e o homem me seguraram firme enquanto Vivian se aproximava, a adaga brilhando na sua mão. Meu estômago se revirou, e subitamente, eu percebi o que ela ia fazer — Vivian ia me sacrificar para libertar Loki da sua prisão.

Vovó Frost disse que ser uma Campeã fazia de você um alvo para os Ceifadores. Nike me disse a mesma coisa, exceto que ela adicionou que o sangue de uma Campeã tinha poder — enorme poder — desde que aquela pessoa tinha sido escolhida por um deus. Fazia sentido, eu supus. Nike ajudou a aprisionar Loki em primeiro lugar, e agora, Vivian ia usar o meu sangue morto para libertar o deus diabólico.

E não havia nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

Se eu tentasse fugir, Preston iria me apunhalar com sua espada. Se eu ficasse quieta, Vivian iria me cortar com a adaga. De ambas as formas, eu estava morta, morta, morta.

Vivian parou na minha frente, um frio, olhar satisfeito no seu rosto.

Como eu alguma vez achei que ela era doce e tímida? Enquanto eu a observava, aquela faísca vermelha já piscando nas profundezas do seu olhar começou a queimar mais intensamente até seus olhos brilharam o mesmo fogo carmesim das tochas.

— Estendam a mão dela, — Vivian disse.

Minha mão? O que ela queria com a minha mão? Por que ela não ia para o meu coração?

Preston forçou minha mão aberta e a empurrou na minha frente. Vivian golpeou com a adaga, abrindo um profundo corte na minha palma direita. Eu sibilei com dor, mas Vivian serrou a adaga mais fundo na minha pele, até que eu achei que ela ia cortar a minha mão no meio. Eu reprimi um grito e tentei não vomitar.

Sangue derramou da minha palma, cobrindo a adaga com um brilho gosmento. Por alguns segundos, nada aconteceu, mas depois, uma faísca vermelha ganhou vida no rubi com formato de olho disposto no cabo da adaga – uma quente, estranha luz carmesim que eu conhecia muito bem.

— Não, — eu sussurrei. — Não, não, não.

Vivian empurrou a adaga de volta no corte, virando-a de um lado ao outro até que ela estivesse completamente coberta com meu sangue. Ela puxou para trás, e eu percebi que ao invés do sangue gotejar do final, a adaga estava realmente *absorvendo* meu sangue, sugando-o como um aspirador de pó. Aquela última gota de sangue desapareceu dentro da pedra, e a estranha luz carmesim se espalhou do rubi. Em segundos, toda a arma estava queimando o mesmo vermelho empolado dos olhos de Vivian.

Vivian cuidadosamente colocou a adaga em um local no meio do círculo de pedra, bem no centro da mão segurando as balanças, perfurando-a no mesmo lugar que ela tinha cortado minha palma. Ela pisou para trás à beirada do círculo, e Preston e o outro homem me içaram para lá também, a espada de Preston ainda pressionando na minha lateral.

Enquanto eu observava, a Adaga Helheim começou a queimar até mesmo mais brilhante, desprendendo punhados de fumaça negra pungente,

antes dela apenas... *derreter* na pedra. Um segundo a adaga estava íntegra e sólida; no seguinte ela se foi. No instante em que a adaga desapareceu, o chão começou a tremer, como se nós estivéssemos de pé no epicentro do mais violento terremoto. Uma por uma, as tochas se apagaram antes de abruptamente flamejarem a vida novamente. A pedra negra sob nossos pés começou a pular e se erguer, como se alguém estivesse socando-a por debaixo com um punho gigante.

BOOM-BOOM-BOOM!

Alguns segundos mais tarde, a pedra do portão Garm cedeu ao que quer que estivesse martelando-a, e o círculo lascou no meio. A pedra se levantou novamente e rachou do outro lado, formando um gigante X. Uma nuvem carmesim de fumaça irrompeu da gigante fissura e vomitou como lava, queimando até mesmo mais brilhante e mais quente do que as tochas, até ela esquentar o meu rosto com seu intenso calor. Um fedor pungente encheu o ar, como enxofre misturado com algum tipo de perfume de flores.

Em seguida, tão de repente como tudo começou, o tremor e o balançar pararam, e a fumaça desapareceu. Eu pisquei, tentando me orientar, e foi quando eu percebi que uma figura tinha aparecido no meio do círculo de pedra bem ao lado do centro do X.

Ele vestia uma longa túnica negra, e ele estava encolhido de joelhos. Seu corpo estava estreito e distorcido, seu peito quase tocando o chão, seu pescoço ereto ao ponto de quebrar, seu braço direito arremessado em um ângulo estranho atrás do restante dele. Ele apertava a Adaga Helheim na sua mão direita, a ponta virada para cima, como se ele tivesse usado a arma para apunhalar a pedra acima dele.

Eu podia apenas ver a extremidade do seu rosto, mas pareceu suave e reluzente, como se fosse feito de cera. Até mesmo mais do que isso, eu podia sentir a raiva rolando dele em ondas—

— Loki, — eu sussurrei com medo.



DEUS NÓRDICO DO CAOS PERMANECEU IMÓVEL E CONGELADO no meio do círculo de pedra. Lentamente, seus dedos se contorceram, e seus músculos sofreram espasmos, como se ele estivesse preso naquela, agonizante posição por um longo, longo tempo e estivesse tendo problemas para ficar de pé. Seu braço desceu, seu pescoço torceu de volta para seu lugar apropriado, e seu peito arfou enquanto ele ficava de pé. Seus ossos estalaram e estouraram com cada movimento, combinando com o crepitar das tochas. Cada e todo som me fez cerrar meus dentes e me encolher um pouco mais com medo. Eu estive cara-a-cara com um deus antes. Nike tinha vindo duas vezes agora, mas isso – isso era diferente.

Porque esse era Loki, e ele radiava puro mal.

Finalmente, o deus se esticou para cima à sua altura total – quase dois metros de altura. Ele estava de costas para mim, mas sua cabeça girou para a esquerda, depois para a direita, seus ossos estalando no lugar enquanto ele encarava o círculo de Ceifadores na frente dele. Em seguida, o deus ergueu suas mãos no ar e soltou um grito – um selvagem, selvagem grito cheio de ódio e raiva que o sustentou ao longo dos séculos em que ele esteve preso. Um grito cheio de todo o sangrento caos e promessas desagradáveis de morte que seus Ceifadores sussurraram através dos anos.

Foi o mais terrível som que eu já ouvi.

Apenas o mais fraco sussurro dele teria sido o bastante para fazer a minha cabeça triturar. Ouvindo o seu pleno vigor fez com que lágrimas quentes deslizassem pelas minhas bochechas e meu corpo todo doesse, como se o grito do deus fosse o suficiente para descascar minha carne dos meus ossos. Talvez fosse. De qualquer forma, eu não achei que as coisas pudessem piorar – até que o deus se virou e eu dei a minha primeira olhada nele.

Era – ele era – *horrível*.

Loki era a coisa mais horrível que eu já tinha visto e pior do que qualquer coisa que eu podia sequer ter imaginado. Eu tinha visto desenhos dele nos meus livros de história-mítica, mas eles falharam em mostrar o verdadeiro eu do deus. Um perfurante olho azul, um queixo forte, uma alta maçã do rosto, um nariz aquilino, pele alabastro. Metade do seu rosto estava perfeita, linda, deslumbrante até, como se ele fosse uma das estátuas na Biblioteca de Antiguidades que ganhou vida. Seu cabelo fluía para baixo como um rio dourado, apenas roçando no topo do seu ombro direito.

Mas o lado esquerdo do rosto do deus estava exatamente – derretido. Como se cera de vela quente tivesse escorrido e desorganizado todas as linhas retas e limpas originais das suas feições em algo sombrio, feio, e completamente distorcido. Ao invés de ser azul, o olho do deus naquele lado do seu rosto era vermelho – vermelho Ceifador. Sua maçã do rosto não era nada mais do que um desorganizado pedaço de massa de vidraceiro, e seu nariz parecia como um bico em forma de gancho estivesse tentando

desenterrar seu caminho para dentro do seu queixo. A parte da sua pele que não era lisa e lustrosa era esburacada com marcas de pústulas, e seu cabelo naquele lado da sua cabeça era negro, com mechas de cor carmesim brilhando dentro da fina, emaranhada, chamuscada trança.

Loki era a coisa mais horrível que eu já tinha visto, e agora, o deus estava finalmente livre da sua prisão. E era minha culpa – tudo minha culpa. Pessoas iam morrer, e isso era tudo minha culpa por ser estúpida o bastante para deixar a garota Ceifadora me usar para encontrar a Adaga Helheim. De alguma forma eu engoli a quente, azeda, amarga bile que se ergueu na minha garganta.

Vivian avançou e caiu de joelhos diante dele. — Meu senhor, — ela disse em um tom cheio de reverência. — Nós finalmente conseguimos libertar você, e agora, depois de tantos anos, nós esperamos pelas suas instruções.

Loki olhou para a garota Ceifadora no chão diante dele. — Levante-se, minha Campeã, por você ter me servido tão bem. E juntos, nós iremos nos certificar que o Caos reine mais uma vez no domínio mortal.

Apesar das feições distorcidas do deus, sua voz era rica e calmante, com um baixo, gutural timbre. Uma suave, voz sedutora, o tipo de voz que poderia convencer uma pessoa a fazer quase tudo. Mesmo embora eu soubesse o quanto mal ele era, mesmo embora eu soubesse de todas as coisas horríveis que ele tinha instruído seus Ceifadores a fazer, sua voz ainda era linda, doce, e pura, e eu podia sentir o puxão hipnótico das suas palavras me envolvendo e tentando se escavar no meu cérebro apenas como Vivian tinha feito com sua magia telepática. Eu cerrei meus dentes e empurrei a sensação para longe tão forte quanto eu pude.

Vivian ficou de pé, seus olhos brilhando até mesmo mais vermelhos. O deus a entregou a Adaga Helheim, presenteando como se fosse uma dádiva. Vivian curvou sua cabeça novamente para Loki, depois ergueu a arma no alto.

— Ao Caos! — ela gritou.

— Ao Caos! — os outros Ceifadores gritaram repetidamente, seus berros selando não apenas o meu destino, mas aquele do mundo também.

Finalmente, o selvagem eco dos gritos dos Ceifadores desapareceu, e Loki olhou para Vivian mais uma vez.

— Agora — disse o deus. — Eu quero ver o sacrifício que você trouxe para mim.

Vivian sacudiu sua cabeça na minha direção. O deus olhou sobre seu ombro, me encarando com a metade bonita do seu rosto. O olho azul de Loki se focou em mim e se estreitou, e o deus se virou e começou a caminhar na minha direção. Seus ossos estalaram e estouraram com cada passo que ele deu, e eu percebi que ele não estava usando nenhum sapato por baixo da sua comprida túnica. O mármore lascado não pareceu incomodá-lo, embora eu soubesse que os afiados cacos tinham que estar enfiando nos seus pés com cada passo que ele dava.

Mesmo assim, eu tive a sensação de que o deus não estava inteiramente bem. Havia uma rigidez na forma com que ele se movia, e ele continuou fazendo uma careta, como se doesse a ele estar aqui no reino mortal. Ou talvez ele tivesse gasto todos os séculos sendo torturado, como ele tinha sido na primeira vez em que os outros deuses o aprisionaram.

Loki parou a alguns metros de distância. Preston e o outro homem me arrastaram para frente dentro luz da tocha piscando, e o deus me examinou.

— Outra garota Frost, — ele disse, sua voz calmante gotejando com ódio. — Eu vejo que Nike não mudou suas táticas, apesar de todos os séculos que se passaram.

Eu não tinha ideia sobre o que o deus estava falando, e eu realmente não me importava agora. Eu não queria nada mais do que me curvar em uma bola e choramingar aos seus pés, mas eu não ia ser intimidada ou

assustada, nem mesmo pelo deus mal. Eu iria conhecer a minha morte com bravura, se nada mais – apenas como minha mãe tinha.

Demorou-me um momento para convocar minha coragem, mas eu finalmente olhei para cima e ergui meus olhos para ele. Era bizarro encarar o seu rosto, com um lado tão perfeito e o outro lado tão completamente arruinado. Eu decidi me concentrar no lado arruinado. Afinal das contas, é o que Loki realmente era – arruinado de toda maneira possível.

— Você pode ter se libertado, — eu disse na mais corajosa, mais ousada voz que eu podia reunir. — Mas você não venceu ainda. Nike e os outros membros do Panteão irão se levantar e derrotar você apenas como eles fizeram antes. Eles irão colocá-lo de volta lá em baixo onde você pertence – para sempre dessa vez.

Loki me encarou, e eu senti os segundos da minha vida lentamente tiquetaquearem enquanto o deus pensava sobre o que fazer comigo, como me fazer sofrer apenas como ele sofreu.

Tick-tick-tock.

Ao invés de me ferir com seu olho vermelho ardente ou qualquer que fosse o tipo de magia diabólica surreal que ele pudesse fazer, o deus jogou sua cabeça para trás e gargalhou. Eu inspirei e tentei me impedir de me dobrar de dor. O som sarcástico teve o mesmo efeito de um soco perverso no estômago. Eu senti o poder cru e frio de Nike antes, quando a deusa apareceu para mim, mas isso não era nada como o mal de Loki. O deus praticamente escorria malevolência, ódio, e raiva. Eu pensei que Nike era o ser mais forte que eu já tinha encontrado, mas agora, eu estava me perguntando se eu estava errada.

— Oh, Cigana, pobre, deplorável Cigana, — Loki murmurou. — Ter tal fé equivocada na sua deusa, apenas como todos os seus outros descendentes tiveram ao longo dos anos.

O deus se inclinou para frente e me encarou, seu rosto a centímetros do meu, seu olho vermelho queimando nos meus dois olhos violetas. — Você não percebe que eu já venci? Eu estou livre, e eu tenho você aqui. Isso

é tudo o que eu preciso para alcançar a minha última vitória.

Antes que eu pudesse pensar sobre as palavras do deus, Loki olhou para Vivian.

— Matem-na, — o deus disse.

Um sorriso se espalhou sobre o rosto de Vivian. — Com prazer. — A garota Ceifadora andou na minha direção, golpeando o ar com a Adaga Helheim, a qual ela ainda tinha apertada nos seus dedos. Por mais que eu quisesse, eu não fechei meus olhos quando ela se aproximou. Eu olharia no rosto dela enquanto ela me matasse, apenas como minha mãe tinha feito. Gwen Frost, a garota Cigana e corajosa ao amargo, amargo final.

Vivian chegou mais perto e mais perto, o fogo carmesim nos seus olhos queimando um pouco mais brilhante e um pouco mais quente com cada passo que ela dava. Finalmente, ela parou na minha frente.

— Uma pena que já acabou, Gwen, — ela disse. — Eu me diverti tanto com você nos últimos dias.

— Vá para o inferno, vadia, — eu disse através de dentes apertados.

Vivian soltou uma alegre gargalhada. — Eu acho que eu irei mandar você para lá antes.

Ela ergueu a adaga no alto. A lâmina preta piscou por um segundo na luz da tocha antes dela começar seu arco para baixo em direção ao meu peito—

Um feroz rugido soou, e uma comprida sombra saltou das árvores e cravou na garota Ceifadora, derrubando-a no chão. A adaga patinou sobre a pedra, e Vivian se atrapalhou atrás dela. Mas a criatura não tinha terminado. Ela aterrissou em um círculo de Ceifadores, abocanhando sua mandíbula e deslizando suas garras em todos dentro do alcance. Em cinco segundos, dois Ceifadores estavam mortos. Em outros cinco, dois mais tinham se unido a eles.

A criatura se virou para encarar um ataque por um dos Ceifadores, e eu finalmente reconheci por quem e o que era.

— Nott — eu sussurrei.

Eu não sei como o lobo Fenrir me encontrou aqui fora no meio do nada, mas eu estava contente que ela tivesse encontrado – tão, tão contente. Pela primeira vez, um bocado de esperança se ergueu dentro de mim.

— Nott! — eu disse com uma voz mais forte.

O lobo pausou seu último ataque por um momento para parar e me dar um bobo sorriso. Em seguida, ela estava afundando seus dentes e garras em outro Ceifador. Preston estava tão surpreso em ver o lobo que ele abaixou sua espada da minha lateral. Eu comecei a lutar contra Preston e com o outro homem que estava me segurando. Se eu pudesse apenas me libertar deles, eu podia fugir para dentro da mata e escapar. Nott estava aqui, e ela estava rasgando os Ceifadores como se eles fossem bonecos de papel. Em outro minuto, não haveria restado o bastante deles para nos impedir de escapar—

Um áspero grasnido soou através das copas das árvores, soando mais como um grito do que um choro de pássaro. Eu mal tive tempo de olhar para cima antes que a roca Negra atacasse. Eu não tinha percebido o pássaro gigante, mas ele deve ter ficado sentado em uma das árvores durante todo o aterrorizante ritual, porque ela se lançou para fora dos galhos e desceu em direção às costas de Nott, seus talões esticados para fora e prontos para se afundar nela.

O lobo pressentiu o ataque da outra criatura e abocanhou com sua cabeça, arrancando uma boca cheia de penas da roca, que soltou outro horrível grasnido antes de se agitar no céu. Nott olhou a criatura enquanto ela rodeava para outro ataque. O lobo não percebeu que Vivian pegou a Adaga Helheim e estava rastejando para o seu lado cego.

— Nott! — Eu gritei, ainda lutando para me libertar.

— Cuidado!

Mas era muito tarde. Vivian apunhalou o lobo Fenrir na lateral com a adaga, depois a puxou e apunhalou Nott novamente. O lobo cambaleou para trás, depois caiu na pedra. Sangue estava exatamente – *em todo o lugar*.

Nott olhou para mim e soltou um baixo, choramingo cheio de dor. Lágrimas escorreram no meu rosto, e eu lutei tão forte quanto eu pude, mas Preston e o outro homem me seguraram apertado.

— Nott! — eu gritei. — Não! Nott! Não!

Os olhos do lobo palpitaram uma vez depois lentamente se fecharam. Sangue continuou a derramar das feias feridas na sua lateral, ofuscando a sua pelagem escura. Eu continuei chorando e gritando e lutando, mas não tinha utilidade. Sem importar o que eu fizesse, sem importar o quanto eu resistisse e me agitasse, eu não podia me libertar de Preston e do outro homem.

Os lábios de Loki se contorceram em um escárnio de desgosto com o som dos meus gritos. Ele se virou para Vivian. — Cale-a—

À distância, um alto agudo tom soou. O brilhante, agudo som ecoou através das árvores, como um estrondo de trovão retumbando acima da terra. Era tão alto quanto a gargalhada de Loki tinha sido mais cedo, mas por alguma razão, esse som não me assustou. Ele me deu – *esperança*.

Por um momento, todos os Ceifadores congelaram, até mesmo aqueles que estavam se contorcendo e gemendo de dor do estrago que Nott tinha feito a eles.

— Os membros do Panteão! — um dos Ceifadores sibilou. — Eles já encontraram a casa secreta.

— Deixe que eles venham, — Vivian disse, oscilando a adaga para frente e para trás em um arco perverso e assim o sangue de Nott deslizou da extremidade dela. — Nós terminaremos com essa guerra – de uma vez por todas.

O tom soou novamente, até mesmo mais alto e mais agudo dessa vez. Para minha surpresa, Loki cambaleou para trás com o som, e o deus fechou suas mãos sobre suas orelhas.

Vivian olhou para ele, subitamente duvidosa. — Meu senhor?

— É o Chifre de Roland, — Loki disse com uma voz rouca e baixa. — Depois de estar preso tanto tempo no subterrâneo, o som é como.... adagas

na minha cabeça.

O chifre explodiu uma terceira vez, e o deus soltou um berro de completa agonia, seu corpo convulsionando com dor. Um dos Ceifadores pisou ao lado de Vivian.

— Rapidamente, — o Ceifador disse. — Leve-o até a roca antes que eles soprem o chifre novamente. Ele ainda está fraco, e nós não podemos deixar que eles capturem-no. Não agora. Não antes que ele esteja pronto para a transformação.

Transformação? Que transformação? Sobre o que ele estava falando?

Vivian soltou um agudo assobio, e a roca Negra flutuou abaixo ao chão mais uma vez. Ela passou a Adaga Helheim para Preston e correu até o pássaro. Trabalhando rapidamente, ela e os outros Ceifadores colocaram algum tipo de arreio com penas na roca, colocaram um Loki ainda se contorcendo em cima das costas enormes do pássaro, e o amarraram. Eles realmente iam – cavalgar na criatura? Vivian montou na frente do deus e pegou as rédeas, respondendo a minha pergunta silenciosa. Ela sustentou as rédeas e começou a batê-las para baixo contra as asas do pássaro.

— Espere, — Loki disse roucamente. — Uma... coisa... a mais.

O deus olhou abaixo para mim, e mais uma vez, eu senti a completa força do seu ódio, queimando dentro de mim como se eu estivesse na superfície do sol.

— Mate a garota Frost, — Loki disse. — Com a adaga. Agora, antes que seja muito tarde.

— Com prazer, — Preston disse.

Antes que eu pudesse piscar, antes que eu pudesse até mesmo gritar, Preston ergueu a Adaga Helheim no alto e me apunhalou no peito com ela.

POR UM SEGUNDO EU NÃO SENTI NADA.

Em seguida, meu cérebro se conectou com o resto do meu corpo. Eu gritei enquanto Preston enfiava a adaga mais no meu peito, e eu gritei novamente enquanto ele a libertava. A dor era – era – insuportável. Intermináveis ondas de agonia rugiam através do meu corpo, cada uma um pouco mais comprida e mais horrível que a última. Eu não me lembro de colocar minhas mãos sobre a ferida, mas eu devo ter colocado, porque subitamente, eu podia sentir o sangue jorrando por entre meus dedos – quente, molhado, pegajoso, e fedendo a cobre.

Estrelas brancas explodiram na frente dos meus olhos, e a próxima coisa que eu soube eu estava no chão, olhando acima para Loki, e a roca Negra que eles estavam sentados.

O deus malévolo me encarou, e um sorriso se espalhou nas suas feições grotescas. No lado liso do seu rosto, seus lábios curvaram-se para cima, mas no lado derretido, eles se viraram para baixo. A visão me lembrou de um dos dois rostos no anel de Vivian – apenas muito, muito mais feio.

— Bem, — Loki disse, um tom áspero de triunfo soando na sua voz. — Esse problema finalmente está dissolvido. Dê minhas considerações à Nike quando você a vir, pequena Cigana. E diga a ela que é apenas uma questão de tempo agora antes que o Panteão caía e o Caos reine mais uma vez.

Vivian intensificou seu aperto nas rédeas da roca Negra e olhou abaixo para Preston.

— Certifique-se que a Cigana morra, Preston, — ela ordenou. — O resto de vocês, desapareça dentro da mata. Nós iremos nos reagrupar na segunda casa secreta. E vejam se vocês podem acabar com alguns dos membros do Panteão no caminho.

Os outros Ceifadores assentiram e escorregaram para dentro da floresta. Vivian bateu as rédeas de couro nas costas da roca, e o enorme pássaro bateu suas brilhantes asas pretas. A roca mergulhou dentro do ar apenas tão facilmente quanto ela tinha se arremessado para baixo das árvores. Apesar da dor da minha ferida, eu não podia parar de encarar a criatura e as pessoas montando-a.

Vivian, a garota que matou minha mãe, e Loki, o deus do mal que eu tinha acabado de libertar contra minha vontade.

Eu não sei se Loki ouviu meus pensamentos agonizantes, mas o deus se inclinou na lateral da roca, seu olho vermelho de Ceifador queimando o meu. Mais uma vez, eu senti uma emoção radiando dele – uma de puro, dilatado triunfo. Como se ao ordenar meu assassinato, ele tivesse alcançado algum sonho secreto há muito tempo, alguma grande, vitória final.

O rosto meio derretido do deus do mal foi a última coisa que eu vi antes da roca desaparecer dentro do céu noturno.

Preston observou Vivian e Loki desaparecerem dentro da escuridão, uma expressão azeda no seu bonito rosto.

— Deveria ter sido eu, — ele murmurou. — Eu deveria ter sido escolhido para ser Campeão de Loki, não ela.

Preston deu uma patada com o seu pé e me chutou na lateral. A força do golpe me fez cair de estômago no chão, e eu gemi enquanto a fresca onda de dor pulsava pelo meu corpo.

— Bem, — ele disse. — Ao menos eu tive o prazer de matar você essa noite. Isso é alguma coisa, eu suponho.

Preston se agachou de joelhos, um sorriso sarcástico no seu rosto. — Você não é tão durona agora, é, Cigana? Não tão corajosa e forte quando você não está vasculhando as memórias das pessoas enquanto elas estão acorrentadas. Mas sua magia psicométrica deplorável não pode ajudar você agora, pode?

Mas sua magia psicométrica deplorável não pode ajudar você agora, pode?

Talvez fosse a neblina de dor que me envolveu, mas as palavras de Preston ecoaram pela minha mente repetidamente. Algo sobre suas palavras pareceu... errado.

Eu lutei para tentar me concentrar, para descobrir o que me incomodou tanto sobre as palavras do Ceifador agora, enquanto eu estava morrendo e deveria estar pensando sobre coisas como minha alma imortal.

Demorou alguns segundos, mas então, eu me lembrei do que Vovó Frost e Professora Metis me disseram. Sobre como havia mais da minha psicometria que apenas tocar objetos e obter vibrações deles.

Sua psicometria permite que você veja as memórias das pessoas, permite que você sinta o que elas sentem. A voz de Metis soou na minha cabeça. Quem pode dizer que você não pode alcançar até mesmo mais fundo dentro delas? Talvez até mesmo explorar a magia de alguém enquanto você está lutando com

ele e vira-la contra ele?

Eu pensei sobre Daphne em seguida, sobre como eu fui capaz de sentir seu poder de cura no coliseu e depois novamente no ginásio, sobre como eu fui capaz de tocar o seu poder e senti-lo fluir no meu próprio sangue mesmo que apenas por alguns segundos. Uma pena que a Valquíria não estava aqui agora. Eu poderia ter alcançado a sua magia de cura—

Então, a ideia mais estranha me ocorreu. Daphne não estava aqui, mas Preston *estava*.

Eu pensei sobre isso, me perguntando se eu poderia fazer a mesma coisa ao Ceifador que eu tinha feito com Daphne – se eu poderia tocá-lo e de alguma forma usar sua magia, sua energia, para me curar. Isso soou louco, mas eu faria qualquer coisa para parar a terrível, interminável dor que eu estava sentindo – mesmo tocar o Ceifador pela última vez.

Preston estava certo. Eu estava morrendo. Eu podia sentir a vida escorrendo de mim com cada gota de sangue que gotejava sobre o mármore quebrado. Louco ou não, eu tinha que tentar. Era tudo o que eu podia fazer.

Então eu atraí um fôlego superficial, estendi uma mão trêmula na pedra entalhada, e me puxei para frente alguns centímetros. Depois, eu fiz a mesma coisa com minha outra mão. Era difícil – tão assustadoramente *difícil* – mas eu fiz mesmo assim. Depois de alguns segundos, Preston percebeu o que eu estava fazendo. Ele soltou uma sombria, feia gargalhada.

— Ainda lutando, Cigana? Ainda vindo para mim? Isso não ajudaria em nada. Essa ferida que eu te dei é uma mortal. Você estará morta em alguns minutos. A única razão que eu não usei minha espada para arrancar a sua cabeça é que eu quero que você sofra, apenas como minha irmãzinha sofreu quando você a matou. Claro, eu não posso fazer a sua dor durar tanto quanto ela deveria, mas está será bastante agradável.

Eu não me incomodei em responder. Eu não tinha o fôlego e a energia para isso. Tudo o que eu estava concentrada era em Preston. Ele estava agachado cerca de sessenta centímetros de distância de mim. A bainha da sua calça se levantou quando ele se curvou, e eu podia apenas ver a fatia do

seu tornozelo pálido mostrando-se pela abertura entre a perna da sua calça e sua meia. Mais perto e mais perto eu me arrastei aos pés do Ceifador, deixando manchas de sangue na pedra quebrada por baixo do meu corpo, meus olhos fixos naquela minúscula quantidade de pele desprotegida.

Preston sorriu ao meu deplorável esforço. Assistir ao meu rastejar em direção a ele divertiu o Ceifador. Eu me aproveitei daquela emoção e a usei para abastecer minha própria raiva com tudo o que tinha acontecido essa noite. Vivian me enganando, libertando Loki, matando Nott.

Eu quase me desfiz com aquele último pensamento, com a ideia de que Nott estava morta, mas então eu me lembrei do choramigo do lobo e da maneira com que ela olhou para mim, como se ela tivesse me deixado para baixo quando eu era a única que falhou com ela ao invés. Nott tinha se lançado em um círculo de Ceifadores e tentado me salvar. O mínimo que eu podia fazer para recompensar o seu sacrifício era tentar o meu plano louco, mesmo se ele não funcionasse. Além disso, eu não tinha nada mais a perder.

Então eu me dei um empurrão final para frente, estendi a mão, e a envolvi ao redor do tornozelo de Preston – mas tudo o que eu senti foi a sua meia.

O tecido era suave, liso, e escorregadio por baixo dos meus dedos ensanguentados e gananciosos, mas não era o que eu precisava. Eu precisava tocar sua pele descoberta. Eu *tinha* que tocar. Essa era a maneira que a minha magia funcionava – e essa era a única maneira de que meu plano fosse funcionar.

Se funcionasse.

— Cigana — Preston murmurou. — O que você está fazendo? Você não sabe que essa é uma meia de caxemira? E você está apenas arruinando-a? Eu deveria apunhalar você de novo somente por isso.

Abertamente chorando agora, eu agitei o seu tornozelo, minhas unhas arranhando, tentando abaixar a sua meia para que eu pudesse envolver minha mão na sua pele.

Preston franziu o cenho, como se ele percebesse pela primeira vez que

eu não estava apenas frenética com dor e mágoa, que eu estava realmente tocando-o por alguma razão. — O que você acha que está fazendo—

Com o último jato de energia que eu tinha, eu avancei outro centímetro e empurrei sua meia para baixo. Meus dedos se fecharam ao redor do tornozelo do Ceifador, e então eu *arranquei*.

Essa foi a única palavra que eu pude pensar para descrever o que eu fiz. As memórias de Preston e sensações imediatamente inundaram a minha mente, da maneira que elas sempre faziam quando eu tocava outra pessoa. Mas dessa vez, eu empurrei esses pensamentos e sensações de lado e fui mais fundo, procurando pela sua magia, procurando pela faísca que fazia Preston, bem, Preston.

E eu a encontrei.

Foi mais difícil do que tinha sido com Daphne, muito mais difícil, provavelmente porque Preston não tinha a magia de cura da Valquíria. Eu não sei exatamente que tipo de magia o Ceifador tinha, mas eu podia senti-la pulsando dentro dele, uma feia faísca vermelha que batia junto com cada bombeada firme do seu coração. Eu me imaginei enfiando minha mão ao redor do seu coração e fechando meus dedos ao redor daquela energia, aquela sensação, aquela faísca bem no centro do seu ser. E então eu a arranquei na minha direção.

Eu mentalmente puxei sua magia, aquela forte, pulsante sensação, com tudo que eu tinha, tirando-a de Preston e a colocando no meu próprio corpo.

Por alguns segundos, Preston não percebeu o que estava acontecendo ou talvez tenha sido o tempo que demorou para que começasse a funcionar. Mas subitamente, ele soltou um fôlego irregular.

— O que você – o que você está fazendo?

Eu ignorei as perguntas do Ceifador. Realmente, eu não sabia o que eu estava fazendo também. Tudo o que eu estava consciente era que a dor no meu peito começou a se acalmar, e eu senti como se pudesse respirar novamente.

Depois de alguns segundos a mais, o Ceifador finalmente percebeu que algo estava seriamente errado. Ele tentou ficar de pé e se afastar de mim, mas dessa vez, eu me senti forte o bastante para estender a minha outra mão livre, tirar a sua meia do caminho, e envolver meus dedos no seu outro tornozelo. Preston se ergueu, mas seus braços fizeram o movimento de moinhos de ventos, e ele caiu de volta para baixo de bunda na pedra.

O Ceifador tentou me chutar para longe, mas eu enfiei minhas unhas nos seus tornozelos, extraíndo sangue, e me mantive firme. Eu sabia que eu seu soltasse, que se ele conseguisse lutar e se afastar de mim, minha conexão com ele seria interrompida. Eu não seria capaz de tocá-lo – ou a sua magia – mais, e depois eu morreria. Durante todo o tempo, eu continuei puxando e arrancando e extraíndo sua energia, derramando-a dentro do meu próprio corpo, imaginando que ela estava inundando a facada no meu coração e colocando toda a pele ali de volta unida da maneira que ela deveria ser, apenas como eu tinha visto Daphne curar Carson no coliseu.

Preston começou a gritar, mas eu bloqueei o som. Todo o meu mundo se encolheu a segurar o Ceifador e usar sua magia para me curar.

Eu não sei quantos minutos se passaram antes de eu perceber que Preston não estava se movendo, que o Ceifador não estava lutando comigo, que ele não estava mais gritando.

E que a ferida no meu peito não estava mais doendo.

Eu franzi o cenho, me perguntando o que estava errado, me perguntando por que eu não senti Preston se debater, me perguntando por que eu não senti a energia do Ceifador se derramar em mim. Foi difícil, mas eu retirei meus dedos ensanguentados do tornozelo de Preston. Depois, eu me virei de costas, abrindo meu casaco com capuz, e levantando a T-shirt que eu tinha por baixo dele. Sangue cobria meu peito como se eu tivesse me pintado para um jogo de futebol, mas a facada estava curada. Tudo o que restou dela foi uma fraca linha cortada sobre meu coração.

De alguma forma eu tinha feito isso – eu usei meu toque mágico para me curar.

Eu empurrei minha camisa para baixo, me virei de volta sobre meu estômago, e comecei a rastejar em direção à Preston. Eu poderia ter curado a ferida da adaga, mas eu ainda estava fraca, e eu tive que parar e descansar com cada fôlego. Mas finalmente, eu fui capaz de ver o rosto do Ceifador.

Os olhos azuis sem brilho de Preston olhavam para cima ao céu, sua boca retorcida em um grito silencioso.

Ele estava morto, e eu finalmente percebi exatamente o que eu tinha feito. Eu tinha matado o Ceifador. Eu tinha matado Preston com meu dom Cigano, usado minha magia psicométrica para sugar toda a vida para fora dele.

Eu me afundei na pedra e tentei não chorar pela coisa perversa que eu tinha feito – eu tinha acabado de cometer assassinato.

BU NÃO SEI QUANTO TEMPO EU TERIA FICADO DEITADA ALI SE UM BAIXO choramingo não tivesse soando, penetrando meu ódio, medo, e auto-repugnância. Eu olhei para cima para encontrar Nott me encarando, seus olhos mal abertos.

— Nott!

Eu me arrastei até o lobo Fenrir tão rápido quanto eu pude. De alguma forma eu me forcei a me sentar e embalar sua enorme cabeça no meu colo. O lobo fracamente lambeu meus dedos, e eu senti sua dor pulsar pelo meu corpo. Era até mesmo maior do que a minha tinha sido, tão grande que eu não sei como ela encontrou força para continuar respirando, para continuar lutando. Seus olhos enferrujados estavam completamente escuros agora e cobertos por um fino, filme cinza.

— Não se preocupe, — eu sussurrei. — Eu vou consertar você.

Eu alcancei a minha magia, mas dessa vez, eu a empurrei para fora, tentando curar Nott da maneira que eu tinha usado a energia de Preston para me curar.

Não funcionou.

Ela estava muito comprometida, e eu não tinha magia suficiente. Cada bocado que eu a alimentava era absorvido imediatamente, e eu não podia dizer se estava fazendo diferença. Eu estava exausta agora. Eu mal tinha poder suficiente para me salvar, e Preston já estava morto. Naquele momento, eu desejei que o Ceifador ainda estivesse vivo. Eu o teria arrastado até aqui e felizmente o assassinado novamente com minha magia se isso significasse salvar Nott.

O lobo lambeu meus dedos novamente, como se tentando me dizer que estava tudo bem, que ela sabia que eu tinha feito meu melhor para salvá-la.

— Nott? — eu sussurrei. — Nott!

O lobo deitou sua cabeça, fechou seus olhos, e soltou o que pareceu como um suspiro feliz. Depois, ela ficou imóvel – para sempre.

Eu abaixei minha cabeça no pescoço do lobo e chorei.

Eles me encontraram ao amanhecer, apenas enquanto os últimos raios lavanda do crepúsculo estavam desaparecendo, e o mundo estava se preparando para um novo dia – o primeiro sem Nott. Eu estava amontoada ali na pedra fria, acariciando as orelhas sedosas de Nott com meus dedos congelados.

Clash-clash-clash!

Gritos e berros ecoaram pela floresta, seguidos pelo barulho de lâmina com lâmina. Galhos estalaram e folhas crepitaram enquanto vários

Ceifadores correram para dentro da clareira. Eles pararam com a minha visão amontoada no meio de um círculo quebrado, minha cabeça ainda pressionada contra o pescoço frio de Nott.

— Essa é a Cigana? — um deles disse. — Aquela que Preston apunhalou a morte? Como ela ainda está viva?

— Eu não sei, — outro murmurou. — Mas ela não estará por muito mais tempo.

O Ceifador andou até mim e ergueu sua espada no alto, pronto para trazê-la abaixo na minha cabeça...

Ele se sacudiu, gritando, e arqueou suas costas um momento antes de cair no chão ao meu lado. Uma flecha dourada palpitava nas suas costas. *Daphne*, eu pensei, e voltei a acariciar Nott.

O outro Ceifador rodopiou, e um momento mais tarde, meus amigos dispararam para dentro da clareira. Logan carregando uma espada, um escudo amarrado ao seu braço. Daphne com seu arco de ônix e aljava. Oliver, Kenzie, Metis, Nickamedes, e Ajax, todos carregando armas. Até mesmo Carson estava aqui, segurando uma vara e um chifre de marfim que me lembrou de uma tuba em miniatura, o mesmo que ele pegou no coliseu, aquele que Daphne disse que continuava a aparecer no seu quarto sem importar quantas vezes ele devolvesse à Metis. O *Chifre de Roland*, eu pensei. Foi como Loki o chamou.

— Gwen? — Logan berrou, oscilando sua espada ao Ceifador mais perto de mim. — Gwen!

Eu não ergui minha cabeça, e não o respondi. Eu só continuei acariciando as orelhas de Nott. Nada mais importava para mim.

Clash-clash-clang!

A batalha assolava no círculo a minha volta, mas ela pareceu distante e muito longe. As maldições, os berros, os estrondos de aço contra aço. Era como um sonho obscuro. Eventualmente, entretanto, enquanto meus amigos lutavam seus caminhos mais perto do centro do círculo, eu comecei a reconhecer suas vozes através do barulho e caos.

— Saía do caminho, Espartano! — eu ouvi Daphne vociferar. — Ao menos que você queira que eu coloque uma flecha nas suas costas!

— Não! — Logan gritou de volta para ela. — Eu tenho que chegar até a Gwen antes que seja muito tarde! Eu não a deixarei morrer como eu fiz com minha mãe e irmã!

Eu franzi o cenho. Isso não estava certo, eu pensei. Logan não tinha deixado sua família morrer. Ele era uma criança quando os Ceifadores as assassinaram. Não havia nada que ele pudesse ter feito para salvá-las. Se ele tentasse, ele teria sido morto, também.

O som da voz de Logan me fez piscar e erguer minha cabeça. O Espartano congelou quando ele percebeu que eu estava olhando para ele.

— Gwen? — ele disse com uma voz chocada. — Gwen!

Logan estava tão surpreso que ele fez algo que eu nunca pensei que ele faria – ele parou de lutar. O Ceifador com quem ele estava batalhando ergueu sua espada, pronto para pressionar sua inesperada vantagem. Pânico se ergueu no meu peito, partindo a névoa fria que obscurecia minha mente. Logan ia morrer por minha causa – apenas como Nott morreu.

Eu comecei a gritar um aviso, mas Nickamedes se adiantou, colocando-se entre Logan e o Ceifador. O bibliotecário aparou o golpe destinado ao seu sobrinho, depois dirigiu sua espada no peito do Ceifador. Logan puxou seus olhos para longe de mim e começou a lutar novamente.

Um minuto mais tarde, a batalha estava terminada, e todos os Ceifadores estavam mortos. Meus amigos correram para mim, passando por cima dos corpos que enchiam a pedra negra rachada.

— Gwen? — Logan disse. — Você está bem?

O Espartano me encarou, um olhar angustiado no seu rosto, mas tudo o que eu pude ver foi o sangue nele. Cobria sua espada, seu escudo, e suas mãos como uma camada de tinta fresca e polida. Sangue tinha até mesmo salpicado no seu rosto, parecendo como lágrimas carmesins escorrendo dos cantos dos seus olhos muito azuis.

Meu olhar se moveu passando por ele. Daphne, Carson, Oliver,

Kenzie, Metis, Nickamedes, Ajax. Todos eles estavam cobertos de sangue – tanto sangue. Eles lutaram seu caminho pelos Ceifadores para chegar a mim, alguém que não merecia a amizade deles.

Alguém que não merecia nada.

— Gwen? — Logan perguntou novamente, sua voz caindo a um sussurro. — O que aconteceu? Você está bem?

— Foi Vivian, — eu disse com um tom insípido. — Foi Vivian todo o tempo. Ela tem magia telepática, ilusão, confusão e poderes do caos. Ela me enganou para encontrar a Adaga Helheim para ela, depois a usou e o meu sangue para abrir o portal para a prisão de Loki. Ele está livre. Loki está livre, e Nott está morta.

Eu continuei acariciando as frias orelhas do lobo. — Pobre Nott. Ela mal teve a chance de viver, sabe? De ser livre. E agora ela se foi, tudo por minha causa. É tudo culpa minha. O assassinato da minha mãe, Vivian libertando o Loki, tudo. Vocês não deveriam ter vindo por mim. Vocês deveriam ter apenas deixado os Ceifadores me matar. *Eu* deveria ter deixado Preston me matar.

Logan olhou para os outros, depois abaixou sua espada e tirou seu escudo. O Espartano caiu de joelhos ao meu lado. Ele hesitou, depois estendeu seus braços, como se ele fosse me abraçar.

— Não me toque! — Eu gritei, me lançando para longe dele. — Não ouse me tocar!

Confusão e mágoa encheram o rosto de Logan, mas ele estendeu a mão para mim novamente. De alguma forma eu fui capaz de ficar de pé e cambaleei para longe do Espartano.

— Mantenha distância! — Eu gritei, rodopiando. — Todos vocês! Não se aproximem!

Dessa vez, Daphne se adiantou, seus olhos cheios de preocupação. — Gwen? Apenas se acalme, tá bom? Ninguém vai machucar você. Nós somos seus amigos. Nós estamos aqui para ajudá-la.

Eu soltei uma gargalhada amarga. — Não é com vocês que eu estou

preocupada. É *comigo*.

— Os Ceifadores – os Ceifadores machucaram você? — Oliver perguntou em uma baixa voz.

Eu gargalhei de novo, um pouco mais alto e mais rouco dessa vez. — Sim, sim, eles machucaram. Vivian abriu minha palma até o osso, e Preston me apunhalou no peito com a Adaga Helheim.

— Mas você parece... bem, — Oliver disse em um tom hesitante, como se ele não estivesse certo que isso fosse realmente verdade. Ele olhou para os outros por algum tipo de ajuda, mas todos eles pareceram apenas tão chocados e incertos quanto ele.

— Oh, lógico, — eu disse. — Eu estou bem agora. Porque eu fiz *isso* ao Preston.

Os outros olharam para o Ceifador deitado no mármore frio.

— O que aconteceu com ele? — Carson perguntou. — Eu não vejo nenhuma ferida no corpo dele.

— O que aconteceu com ele? Eu o *matei*, Carson. Com meu toque mágico. Meu poder que é tão raro e tão especial. Eu apenas agarrei Preston, eu puxei toda a sua energia, toda a sua magia, toda a sua ferrada vida, para dentro do meu próprio corpo. Para me curar, para me salvar. Que bela Campeã, hein?

O cara nerd membro da banda me olhou, sua boca aberta em um silencioso O.

Eu me virei para Metis, meu olhar áspero e acusador. — Você me disse que eu poderia influenciar outras pessoas e objetos com minha psicometria. Você nunca disse nada sobre matá-los. Você nunca disse nada sobre *isso*.

— Vai ficar tudo bem, Gwen, — Metis disse, lentamente caminhando na minha direção. — Vai ficar bem. Você verá. Nós descobriremos tudo. Tudo o que importa agora é que você está segura.

Eu olhei acima para o céu, como se eu pudesse de alguma forma ver Vivian, Loki, e a roca Negra que voaram para longe.

— Nenhum de nós está a salvo, — eu murmurei. — Não mais.

Tão subitamente quanto tinha vindo, toda a luta e energia deixaram meu corpo. Meus joelhos cederam, e o rosto de Logan foi a última coisa que eu vi antes de desmaiar.



26

METIS USOU SUA MAGIA PARA ME CURAR, E EU ACORDEI ALCUNS minutos mais tarde, ainda deitada perto de Nott. As horas seguintes passaram em um borrão de lágrimas. Apesar das minhas exigências para ficarem longe de mim, meus amigos colocaram-me em uma maca e me carregaram para fora da mata. Eles fizeram o mesmo por Nott, também, sem eu sequer pedir.

Eles me levaram para a casa da Vovó Frost. Eu disse a minha avó a mesma coisa que eu tinha dito aos outros – não me tocar. Mas, claro, ela não me ouviu.

— Você é minha neta, — ela disse em uma aguda voz. — Você nunca me machucaria.

Em seguida, Vovó aninhou meu rosto ensanguentado em suas mãos, e

eu senti o calor do seu amor tomar conta de mim, mais forte do que antes. E eu chorei novamente.

Finalmente, eu subi ao banheiro, mas ao invés de entrar no chuveiro, eu encarei a mim mesma no espelho do banheiro. Meu cabelo castanho estava emaranhado e opaco, minhas roupas estavam rasgadas, e manchas negras de exaustão envolviam meus assombrados olhos violetas. Até mesmo meu colar de floco de neve parecia sem graça e manchado ao redor da minha garganta. Havia sangue por toda a corrente prateada – meu sangue, o sangue de Nott. Eu o tirei e o deixei no balcão do banheiro. Eu tinha ficado tão feliz quando Logan me deu o colar, mas agora, eu não podia suportar olhar para ele. Eu não podia suportar olhar para mim.

Eu tomei um banho quente e me limpei, mas realmente, eu estava apenas fazendo os movimentos. Eu me sentei à mesa da cozinha da Vovó Frost, escutando a estória de como os outros me encontraram. Aparentemente, eu tinha que agradecer a Morgan McDougall pelo meu resgate. Ela estava contornando a extremidade do quadrilátero, voltando para seu quarto no dormitório pela noite, e viu a garota Ceifadora carregar meu corpo para longe. Morgan seguiu a garota Ceifadora por todo o caminho até um dos portões da academia, onde ela removeu sua máscara, mostrando à Morgan quem realmente ela era. Quando Morgan percebeu que Vivian estava me tirando do campus, ela ligou para Metis e soou o alarme. Metis e os outros eventualmente perceberam que Vivian tinha me lavado à propriedade próxima da sua família e lutaram seu caminho através de dúzias de Ceifadores que estavam reunidos na mansão e no terreno.

Depois de Metis terminar a estória sobre Morgan, a professora e eu fomos para o banheiro, e Metis mais uma vez examinou minha mão e peito onde eu fui apunhalada. Mas ambas as feridas estavam completamente curadas, exceto pelas finas linhas brancas que marcavam minha pele. Metis tentou se livrar dessas também, mas sem importar o quanto do seu poder de cura ela derramasse em mim, as marcas não desapareciam. Ela pensou que fosse porque elas foram feitas com a Adaga Helheim. Metis disse que

poderosos artefatos como esse podiam algumas vezes deixar cicatrizes que nunca curariam.

Apenas como o meu coração nunca iria, jamais se curar. Eu não precisava de cicatrizes para me lembrar do que tinha acontecido. Eu nunca me esqueceria, e eu nunca pararia de me culpar por tudo, por todas as minhas miseráveis falhas.

Mais tarde naquela manhã, nós enterramos Nott no quintal da minha avó, bem ao lado dos arbustos lilases que estavam pelados e castanhos devido ao inverno. Logan e Oliver se voluntariaram para cavar o túmulo, e eu insisti em ajudar, mesmo embora eu não quisesse mais do que me curvar em uma bola na minha cama e nunca sair novamente. Metis, Ajax, Nickamedes, e Vovó Frost saíram para prestar seus respeitos à Nott, junto com Daphne, Carson e Kenzie.

— Nós deveríamos dizer algo? — Oliver me perguntou em uma calma voz durante a cerimônia.

Eu olhei para baixo ao monte de terra solta e revirada e neguei com minha cabeça. Eu teria gostado de dizer algo, em falar o quanto gentil Nott era lá no fundo, mas minha garganta se fechou, e eu apenas não conseguia colocar as palavras para fora. Vovó Frost apertou minha mão, e todos os outros me deram olhares compreensivos e disseram o quanto eles sentiam muito. Depois, um por um, os adultos e meus amigos voltaram para dentro, até apenas Logan, Vovó Frost e eu, permanecermos do lado de fora.

— Eu darei a vocês dois alguns minutos, — Vovó finalmente disse, apertando minha mão novamente antes dela seguir para dentro da casa.

Logan e eu ficamos ali perto do túmulo de Nott. O Espartano ergueu seu braço como se ele quisesse colocá-lo ao meu redor, mas o deixou cair ao seu lado ao invés disso. Além de Metis e Vovó Frost, ninguém mais tinha me tocado, e eu não queria que eles tocassem.

Eu nunca quis que alguém me tocasse novamente. Não depois do que eu tinha feito ao Preston. Não quando eu finalmente sabia o que eu era capaz.

Eu não sei quanto tempo nós ficamos ali, mas o ar ficou mais frio, e gordos flocos de neve começaram a cair do céu branco de inverno. Os flocos se acumularam no meu cabelo e misturam-se com as lágrimas escorrendo das minhas bochechas. Eles ainda não eram mais frios do que o meu coração, entretanto.

— Eu sou um covarde, Gwen, — Logan disse, rompendo o silêncio.

Essa foi a última coisa que eu esperaria que ele dissesse, e eu me virei para encará-lo.

— Você não é um covarde, — eu disse. — Eu vi como você lutou com os Ceifadores na clareira, e Ajax me contou como você liderou todos os outros na batalha contra aqueles na mansão. Ele está tão orgulhoso de você por isso. E Nickamedes está também.

Logan suspirou. — Eu não quis dizer hoje. Eu quis dizer quando eu era uma criança – o dia que minha mãe e irmã mais velha foram assassinadas. Esse é o meu grande segredo, Gwen. É o que eu nunca quis que você descobrisse. Como covarde eu fui naquele dia.

Ele hesitou, depois avançou. Eu tentei me afastar, mas Logan gentilmente capturou meu rosto em suas mãos. Ele olhou dentro dos meus olhos, e a memória tomou conta de mim.

Logan como um garotinho, escondido dentro do closet, segurando uma espada, aterrorizado pelos gritos e xingamentos que ele ouvia do lado de fora da porta. Depois, o Espartano de pé sobre os corpos mortos e ensanguentados da sua mãe e irmã mais velha. Logan situado entre elas enquanto as lágrimas e dor o oprimiam.

Eu tinha visto essas mesmas imagens uma vez quando eu beijei Logan, mas ele manteve suas mãos no meu rosto, me deixando ir mais fundo na memória, deixando-me sentir suas emoções, finalmente me mostrando o seu segredo.

Eu vi tudo pelos seus olhos. Ele brincando do lado de fora com sua espada de brinquedo, fingindo que ele estava batalhando com Ceifadores. Depois, Logan realmente vendo um grupo de Ceifadores com túnicas pretas

escalando o muro de pedra na extremidade da mata. Logan correndo para dentro e berrando um aviso para sua mãe e irmã mais velha. Sua mãe gritando de volta para Logan e sua irmã se esconderem. Depois, os Ceifadores invadindo a casa, sua mãe e irmã avançando para lutar com eles, mesmo embora elas soubessem que elas não venceriam. Logan querendo ajudar sua família, mas ao invés disso se virando e correndo para mais dentro da casa...

Logan se odiava porque ele estava assustado naquele dia. Espartanos eram os melhores lutadores, os guerreiros mais durões. Eles não deveriam se assustar ou fugir da batalha – jamais.

A auto-aversão de Logan derramou sobre mim , fazendo-me ficar enjoada no estômago. Culpa, vergonha, nojo, medo. O Espartano sentia todas essas coisas porque ele tinha fugido e se escondido no closet ao invés de lutar com Ceifadores como sua mãe e irmã fizeram, como ele foi treinado, como ele queria. Parte dele sentia que as coisas teriam sido melhores se ele ao menos tivesse tentado proteger sua família, mesmo se ele morresse junto com eles.

— Você vê? — Logan sussurrou. — Você finalmente vê que covarde eu sou? Como eu deixei minha família morrer apenas para me salvar?

Eu neguei com a minha cabeça e recuei. Suas mãos caíram para longe do meu rosto, rompendo nossa conexão. — Você não é um covarde. Você tinha cinco anos de idade quando isso aconteceu. Se você tentasse lutar com eles, eles teriam matado você, Logan. Você tem que saber disso. Sua mãe sabia disso. Foi por isso que ela gritou com você e sua irmã para se esconderem. Ela queria que você ficasse em segurança, mesmo se isso significasse deixá-la para trás. Sem dúvida sua irmã sentia-se do mesmo jeito, por isso ela ajudou a sua mãe a lhe proteger.

O Espartano me deu um sorriso triste. — Talvez seja verdade, mas não é como eu me sinto. Eu me sinto como se eu as tivesse decepcionado, como eu me decepcionei. Naquele dia, eu jurei que eu me tornaria o melhor lutador que eu poderia ser para que eu pudesse proteger as outras pessoas.

Para que eu pudesse impedir os Ceifadores de matar a família dos outros e as pessoas pelas quais eu me importo. Pessoas que eu amo.

As palavras ficaram pendidas no ar entre nós, parecendo flutuar para cima e para baixo no vento, junto com os flocos de neve cristalinos. Meu coração disparou com as palavras do Espartano, se libertando do meu peito e rodopiando no céu. Logan se importava por mim tanto quanto eu me importava por ele. Ele me amava tanto quanto eu o amava. Por um momento, tudo estava brilhante e bonito e perfeito.

Então eu percebi que eu não merecia o amor de Logan – não mais.

Logan olhou para mim com tanta esperança em seus olhos, tanta intensa saudade. Precisou de toda a força que eu tinha para me afastar dele e excluir a felicidade que eu senti com a sua confissão.

O Espartano suspirou. — Eu achei que foi isso o que você tinha percebido quando você me disse que me viu em pé sobre minha mãe e irmã. Que você tinha visto o quanto covarde eu realmente era. Que você pensa sobre mim importa – importa muito. É por isso que eu fiquei tão chateado naquela noite na biblioteca. É por isso que eu disse todas aquelas coisas horríveis a você. Você acha que pode me perdoar, garota Cigana?

— Não há nada para se perdoar, — Eu disse. — Eu não acho que você é um covarde, Logan. Eu acho que você é uma das pessoas mais fortes e mais corajosas que eu conheço.

O Espartano colocou seus braços ao meu redor, e eu senti sua respiração beijar minha bochecha. Mas até mesmo isso não foi o suficiente para afastar o frio que tinha se apoderado do meu corpo, especialmente quando eu percebi que suas mãos estavam perigosamente perto de tocar as minhas mais uma vez. A imagem do rosto morto de Preston ocupou minha mente, e meu peito se apertou com pânico.

— Me largue, — eu disse. — Largue!

Logan imediatamente largou meus braços e recuou um passo. — O que está errado? O que eu fiz?

Eu neguei com a minha cabeça, tentando reduzir a rápida, dolorosa

batida do meu coração. — Nada. Você não fez nada errado. Sou eu. Sou sempre eu e minha estúpida magia psicométrica.

O Espartano franziu o cenho, confusão enchendo seus olhos. Ele não entendia, e eu não sabia como explicar que eu estava com medo de machucá-lo apenas como eu fiz com Preston. Logan iria insistir que isso não era possível, mas o Espartano não tinha visto o que eu fiz com Preston; ele não tinha sentido o pânico e medo de Preston como eu. Ele não sabia que eu ignorei o medo de Preston, e pior, que parte de mim realmente *gostou* de como eu me senti, aquela parte de mim realmente *curtiu* o poder que eu tinha sobre o outro garoto naquele momento. Logan apenas não percebeu o que eu era capaz, e eu nunca queria que ele descobrisse.

Talvez isso fizesse de mim a verdadeira covarde com meu próprio segredo para esconder agora.

— Sinto muito, Logan, — eu finalmente disse. — Só – me deixe em paz. Por favor?

Eu me virei e corri de volta para dentro da casa antes que ele pudesse me alcançar novamente.

Logo depois disso, todos partiram para voltar à academia. Eu queria ficar com Vovó Frost, mas Metis insistiu que eu retornasse para a academia, também, até que ela e os outros membros do Panteão pudessem descobrir como a fuga de Loki fosse afetar a todos nós.

— É o lugar mais seguro para você agora, Gwen, — Metis disse com uma voz gentil. — Não se preocupe. Eu arrumei que alguns membros do Panteão venham aqui e vigiem Geraldine.

Então eu fui, mesmo embora eu não quisesse realmente. Eu estava de volta ao campus às três horas. Eu fiquei do lado de fora da porta que conduzia para o meu quarto no dormitório, pensando em como normal ele

parecia, como normal tudo parecia. Eu me perguntei se eu alguma vez me sentiria normal novamente, se eu alguma vez me sentiria feliz novamente. A porta estava aberta, provavelmente de onde Nott tinha deixado o meu quarto para ir me encontrar. Meu coração doeu com o pensamento do lobo. Eu me perguntei se alguma vez fosse parar de doer, se eu alguma vez pararia de sofrer sobre tudo o que aconteceu.

— Gwen? — Daphne perguntou. — Você quer que eu fique com você?

As palavras da Valquíria penetraram meu torpor. Daphne tinha subido ao meu quarto comigo, mesmo embora que tivesse insistido que eu conseguiria sozinha.

Eu neguei com a minha cabeça. — Eu só preciso ficar sozinha agora. Tá bom?

Daphne não gostou disso, mas ela assentiu e mordeu seu lábio. Minha amiga cuidadosamente colocou seus braços ao meu redor e me deu um abraço, apenas como os outros deram. Todos eles tinham me abraçado ou tocado antes de nós partimos da casa da Vovó Frost, como se isso fosse me convencer que eu não era uma ameaça para eles. Mas nada faria isso – não agora.

Daphne tentou ser gentil com o seu abraço, mas sua grande força Valquíria estalou minhas costas. Eu fiquei absolutamente imóvel, cuidadosamente não deixando parte da minha pele sem roupa tocar a dela. Finalmente, ela largou seus braços e recuou.

— Ligue-me mais tarde, tá? — Daphne perguntou com uma voz preocupada.

Eu assenti, embora eu não tivesse intenção de fazer isso. Eu não tinha intenção de fazer nada. Qual era o objetivo? Eu tinha feito uma bagunça com tudo. Loki estava livre, e logo, ele e seus Ceifadores do Caos dominariam o mundo e matariam e escravizariam o resto de nós. Qual era o objetivo em tentar algo a mais?

Eu nunca me senti tão miserável em toda a minha vida, e eu sabia que

eu merecia. Isso era culpa minha – tudo culpa minha. Se apenas eu percebesse que Vivian estava tramando, se apenas eu tivesse deixado a adaga escondida onde ela estava, ela estaria segura, e Loki ainda estaria preso na sua prisão. Ao invés disso, eu lancei o deus diabólico para todo o mundo. Eu não era Gwen Frost, aquela garota Cigana que via coisas. Não mais. Agora, eu era apenas Gwen Frost, épica, épica fracassada.

Daphne partiu, e eu entrei no meu quarto e atirei a minha bolsa carteiro no chão. Pela segunda vez nessa semana, Metis tinha trazido minha bolsa para a casa da Vovó Frost. Eu alcancei dentro da bolsa e retirei Vic, que ainda estava embainhado na sua bainha de couro negra. Eu nunca sequer tive a chance de usá-lo contra Vivian e os outros Ceifadores. Que beleza de garota prodígio eu era.

O olho de Vic estalou aberto, e ele me considerou por vários longos segundos. — Não é sua culpa, Gwen. Nada disso é sua culpa. Até mesmo Campeões não são infalíveis.

Mesmo Vic estava começando a ser legal comigo, o que me deixou saber apenas o quanto eu regamente ferrei com tudo.

— Obrigada, Vic, — eu murmurei e pendurei a espada no seu local na parede.

A espada continuou me olhando, e eu desabei na cama para evitar seu olhar direto. Loki, Vivian, Preston, Nott, Logan. Todas as imagens do dia passado, rodopiando pela minha mente, adicionando à minha culpa. Eu não sei quanto tempo eu teria ficado deitada ali olhando o penetrante teto se um suave, familiar choramingar não tivesse captado minha atenção.

— Nott? — eu sussurrei, sentando-me.

O quarto estava vazio.

Depois, eu me lembrei. Nott se foi, e eu tinha visto o lobo morrer, segurado-a em meus braços enquanto isso acontecia. Era apenas minha imaginação, apenas meu dom Cigano pregando uma cruel, muito cruel peça comigo. Eu comecei a me deitar de volta na cama quando o choramingo soou novamente.

Eu olhei ao redor do quarto novamente e percebi algo se movendo na pilha de cobertores onde Nott esteve dormindo. Parecia pequeno, mas eu ainda apanhei Vic. Depois, eu fui nas pontas dos pés até os cobertores, me inclinei, e cuidadosamente puxei um deles.

Um filhote recém nascido de lobo choramingou para mim.

Minha boca caiu aberta, e tudo o que eu pude fazer foi apenas ficar ali e olhá-lo. Como – por que – quando – meus pensamentos confusos não faziam nenhum sentido, mas a resposta finalmente veio a mim.

— Nott, — eu sussurrei.

O lobo deve ter tido o seu filhote enquanto eu estava sequestrada. Depois, de alguma forma, ela sentiu que algo estava errado e veio atrás de mim. Vovó Frost me disse que o lobo e eu tínhamos algum tipo de conexão, mas eu nunca esperei isso.

Na minha mão, o olho de Vic se estreitou enquanto ele espiava o lobo.

— Ótimo, — a espada murmurou. — Apenas sangrentamente ótimo. Agora, há mais um deles.

— Cale a boca, Vic, — eu disse, abaixando a espada e indo de volta para o filhote.

O filhote de lobo tinha pelagem felpuda e acinzentada e parecia como se ele pesasse talvez um quilo. Desde que eu não sabia o que mais fazer, eu tentativamente estiquei minha mão em direção a ele. Eu não sabia se ele podia sentir meu cheiro ou não, se ele tinha qualquer ideia de quem eu era ou o que tinha acontecido com sua mãe, mas o filhote aninhou sua cabeça sob minha mão e lambeu meus dedos. Todos os tipos de sentimentos golpearam através da minha mente. O filhote estava confuso e assustado e com fome.

Elas foram algumas das mais bonitas emoções que eu já senti.

As sensações esmagaram a fria, dura concha que cobria meu coração desde quando Nott morreu, escancarando-a. Um sorriso se espalhou sobre meu rosto, e lágrimas escorreram nas minhas bochechas. Eu enrolei o filhote de volta no cobertor, depois apalpei pelo meu telefone. Eu estava muito

excitada para mandar mensagem de texto, então eu bati no número da minha discagem rápida. Ela atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Vovó! — eu berrei. — Você nunca vai acreditar no que aconteceu!

— Chuchuzinho? — Vovó Frost perguntou. — Você está bem? O que está acontecendo?

Eu comecei a respondê-la, mas foi quando o filhote de lobo abriu seu olho pelo mais breve segundo, pelo mais curto momento de tempo. O que eu vi me deixou sem fôlego e me fez perguntar se eu estava sonhando. O celular escorregou dos meus dedos e caiu no chão.

— Gwen? Gwen! — a voz da Vovó soou pelo telefone, mas eu não estava mais prestando atenção a ela.

Ao invés disso, eu estava olhando o lobo. Mais uma vez, o filhote abriu seus olhos apenas por uma fração de segundo. Eu não estava errada antes, e eu não estava apenas imaginando coisas.

Os olhos do filhote eram da mesma cor do de Vic – a suave cor do crepúsculo.

— Um filhote de lobo Fenrir, — Professora Metis disse maravilhada uma hora mais tarde. — Eu nunca vi um deles antes.

Metis estava no meu quarto, junto com Técnico Ajax, e nós três estavam olhando o lobo. Metis tinha trazido uma caixa de papelão, a qual eu forrei com cobertores. A professora me deixou alimentar o filhote usando uma garrafa cheia de leite, e agora, o filhote – uma menina – estava dormindo. Eu abaixei a mão e acariciei as finas orelhas do lobo, e o

contentamento do filhote ocupou minha mente.

— Você presume que seja o por isso que Nott veio até aqui? — Eu perguntei. — Para que eu pudesse cuidar dela? Você acha que ela sabia que ela ia morrer?

Ajax encolheu seus maciços ombros. — O mundo e os deuses trabalham de maneiras misteriosas, Gwen. Nott deixou algo de si para trás, e nós teremos que cuidar bem dela. Você pode contar com isso.

— Hum-hum, — Vic pigarreou do seu local na parede. — Vai ser um monte de problemas se você me perguntar, e ela vai cagar *em todos os lugares*.

Eu olhei para Vic e comecei a dizer para ele ficar quieto novamente, quando eu percebi que o rosto da espada se suavizou e que havia um brilho de lágrima no seu olho.

— Eu imagino que o pequeno inseto é meio que fofo, entretanto. Ao menos para algo coberto de pêlos, — Vic murmurou.

Ele fungou algumas vezes, e eu tive a impressão que ele teria estendido a mão e enxugado a lágrima do seu olho se ele, sabe, realmente tivesse uma mão para fazer isso. Então eu apanhei um lenço da caixa na minha mesa e esfreguei o olho da espada com ele.

Vic sorriu para mim, e depois nós dois viramos a nossa atenção ao filhote de lobo mais uma vez.

— Como você vai chamá-la? — Metis disse.

Eu pensei sobre isso por um segundo. — Nyx.

— A deusa Grega da noite? — Ajax perguntou.

Eu assenti. — Sim, porque ela saiu da escuridão apenas como Nott.

Dentro da caixa, o filhote se mexeu um pouco, quase como se ela ouvisse o som do nome da sua mãe, mesmo embora Metis tivesse dito que o lobo estaria cego e surdo por pelo menos alguns dias.

Eu continuei acariciando as suas minúsculas orelhas sedosas, contudo, apenas como Nott fosse querer que eu fizesse.

BUFIQUEI COM NYX PELO RESTO DO DIA, MARAVILHANDO-ME COM QUANTO pequena e perfeita ela era. Daphne e Carson apareceram, também, e nós três ficamos apenas sentados ali olhando o filhote. Eu pensei sobre ligar para Logan, mas cada vez que eu erguia o celular, o rosto de Preston ocupava minha mente ao invés. Eu só não podia superar meu medo de que eu faria a mesma coisa com Logan que eu tinha feito com o Ceifador.

Mas havia outra coisa que eu tinha que fazer, então eu pedi para meus amigos alimentarem Nyx novamente enquanto eu saí por um tempo.

Eu atravessei o campus para a Biblioteca de Antiguidades. Tudo estava normal no interior. Alunos rindo, conversando, e fofocando no primeiro andar, enquanto Raven vendia lanches e bebidas no seu carrinho de café. Nickamedes estava de pé atrás do balcão de registro, ajudando Sra.

Banda a encontrar material de referência. Ele, Metis, e Ajax decidiram continuar com suas rotinas diárias e fingiram que tudo estava normal até eles ouvirem dos Poderosos Que Eram como eles queriam manusear as notícias da fuga de Loki.

Eu notei o bibliotecário me encarando, mas eu o ignorei e subi as escadas para o segundo andar. Eu parei e olhei abaixo para todos os jovens estudando. Eles não tinham ideia quanto o seu mundo tinha mudado na véspera. Eu pensei sobre o ataque alguns dias atrás no Coliseu Crius. Já houve tanta morte, destruição, e decepção. E agora, iria apenas piorar desde que Loki estava livre. Havia uma guerra se aproximando – uma guerra que eu não tinha ideia como nós íamos vencer.

Eu contornei a galeria circular até eu ficar em uma estátua em particular no Panteão – Nike, a deusa Grega da vitória. Ela parecia a mesma de sempre, embora seu rosto parecesse estar um pouco triste hoje, com os cantos da sua boca virados para baixo ao invés de para cima. Eu me perguntei se isso era porque eu falhei com ela tão miseravelmente.

— Eu sinto muito, — eu disse, lágrimas enchendo meus olhos mais uma vez. — Me desculpe. Por tudo.

Eu fiquei ali, esperando que a deusa me respondesse, mas lógico, ela não respondeu. Os deuses apenas apareciam aos mortais em seus próprios termos. Mesmo assim, eu sabia que Nike iria aparecer para mim novamente, então eu me sentei ao lado da estátua e esperei.

Eu não sei quanto tempo eu fiquei ali, esperando por Nike se mover, piscar, falar, apenas fazer algo, qualquer coisa que me deixasse saber que toda a esperança não estava perdida.

Mas nada aconteceu.

Lá em baixo, Nickamedes anunciou que a biblioteca estava fechando pela noite, e os poucos alunos que restavam no interior, guardaram suas

coisas e partiram. Sem querer passar a noite presa na biblioteca, eu fiquei de pé, marchei escada abaixo, e segui em direção às portas duplas no primeiro andar. Eu estava quase as atravessando quando uma voz chamou atrás de mim.

— Gwendolyn? Um momento por favor.

Eu suspirei e me virei. Nickamedes estava atrás de mim, segurando algo na sua mão. Ele gesticulou para mim, e eu caminhei até ele.

— O que? — eu resmunguei. — Indo me dar um sermão sobre que bagunça eu fiz com tudo? Você não precisa. Confie em mim, eu sei o quanto ruins as coisas estão agora.

Nickamedes negou com sua cabeça. — Não, Gwendolyn, eu não vou discutir com você. Eu acho que você ajudou extremamente bem, considerando todas as coisas. Eu não sei se eu teria sido tão corajoso quanto você.

Eu pisquei. O bibliotecário nunca me elogiou – *nunca*. Eu pensei que ele fosse bradar e bufar sobre como eu completamente condenei todo o mundo, desde que era exatamente o que eu tinha feito. Ao invés disso, o bibliotecário gesticulou para que eu me sentasse em uma das mesas de estudo. Aturdida, eu fiz como ele me pediu, e Nickamedes puxou uma cadeira e sentou-se do meu outro lado. Me ocorreu que essa era a primeira vez que o bibliotecário não tinha empinado seu nariz para mim. Mas ao invés de olhar para mim, ele manteve seus olhos no fino pedaço de papel na sua mão, como se fosse a coisa mais importante que ele já tinha visto.

Finalmente, Nickamedes limpou sua garganta. — Alguns dias atrás, você me perguntou por que eu odiava tanto você.

— E agora você vai me contar? Maravilha, — eu murmurei.

O bibliotecário negou com sua cabeça. — Não, eu não vou contar a você porque eu não odeio você, Gwendolyn. Eu nunca odiei.

— Então o que acontece com toda a postura toda vez que eu entro aqui? Porque você com certeza age como se me odiasse.

Nickamedes suspirou. — É... complicado.

— A maior parte das coisas é na Mythos, — eu disse em um tom de escárnio.

Eu teria dito algo mais sarcástico se eu não tivesse percebido o olhar de pânico no rosto do bibliotecário. — Qual é o problema? O que eu fiz de errado dessa vez?

Nickamedes finalmente olhou acima para mim. — Nada. Você não tem feito nada de errado, mas eu admito que tem sido... difícil para mim trabalhar com você, Gwendolyn. E seu atraso perpétuo não é a única razão.

Ele inspirou novamente. — Eu conhecia sua mãe, veja você. Antigamente quando nós dois íamos para a Mythos. Nós realmente éramos bons amigos, Grace, Aurora, e eu.

Nickamedes virou o pedaço de papel que ele estava segurando, e eu percebi que era de fato uma foto – uma da minha mãe, Metis e Nickamedes sentados nos degraus da biblioteca, rindo sobre algo.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. — Onde – onde você conseguiu isso?

— Escorregou do diário da sua mãe quando você deixou sua bolsa cair na biblioteca algumas noites atrás, — ele disse. — A foto deslizou para debaixo de uma das mesas. Eu tentei devolvê-la a você naquele momento, mas você já tinha partido.

Então era por isso que ele estava me chamando naquela noite. Eu achei que ele apenas queria se gabar sobre Logan me dando o fora.

— Você era amigo da minha mãe? — eu perguntei. — Jura?

Ele assentiu, e um sorriso curvou nos seus lábios. — Juro. Grace, Aurora, e eu éramos como parceiros de crime. Nós tínhamos grandes sonhos naquela época, veja você, de como nós íamos derrubar os Ceifadores e mudar o mundo, como nós íamos deixar tudo seguro para os outros guerreiros lá fora, para que talvez nós não tivéssemos mais que ser guerreiros.

— O que aconteceu? — eu perguntei, sentindo que a estória não tinha um final feliz.

Nickamedes encolheu de ombros. — Nós lutamos com Ceifadores, todo o tempo que nós estávamos na Mythos, e Grace e Aurora foram escolhidas como Campeãs. Mas então, as coisas começaram a mudar. Todos nós começamos a mudar. No momento que a formatura acontecia, nós não éramos as mesmas pessoas que nós éramos nessa foto. Sua mãe estava... cansada. Cansada de lutar com Ceifadores, cansada de ser uma Campeã, cansada de todo o sangue e morte e responsabilidade.

Eu sabia exatamente como ela tinha se sentido. Eu apenas era Campeã de Nike por alguns meses, mas parecia que sem importar o que eu fizesse, sem importar quanto forte eu lutasse, os Ceifadores apenas continuavam aparecendo e aparecendo e aparecendo. E agora, como Loki livre, apenas ficaria pior — tanto pior.

— Enfim, bem antes da formatura, sua mãe e eu... discutimos, — Nickamedes continuou. — Eu queria me unir aos outros membros do Panteão. O Panteão tinha sua própria força policial, veja você, com membros espalhados por todo o mundo, dedicados a encontrar Ceifadores e colocá-los na prisão onde eles pertencem. Unir a essa posição social tinha sido o meu sonho por todo o tempo que eu estive na Mythos. Tinha sido o sonho de Grace, também.

— Mas ela mudou, — eu disse, pressentindo seus sentimentos. — E ela não queria mais lutar, queria? Depois da formatura.

Nickamedes negou sua cabeça. — Não, e eu não podia entender por que, desde que ela era uma Campeã, desde que ela tinha tanto poder, tanta magia. Eu disse algumas coisas para ela... Bem, vamos apenas dizer que elas não foram muito gentis. Basicamente, eu a chamei de sem palavra e disse a ela que ela não merecia ser uma Campeã da Nike.

Eu estremeci. — Soa meio que áspero para mim.

Nickamedes me deu um sorriso triste. — Foi, e eu me arrependo mais do que você jamais saberá. Nós seguimos caminhos separados depois da formatura. Eventualmente, eu decidi voltar para cá e cuidar dos artefatos da biblioteca.

— E minha mãe se tornou um policial no mundo mortal.

— Eu imagino que ela cumpriu o seu sonho depois de tudo, — Nickamedes disse. — Eu pensei sobre a desistência dela com frequência, me perguntando onde ela estava e o que ela tinha se tornado, se ela estava deixando a vida livre de Ceifadores que ela queria. Depois, um dia na primavera passada, Aurora veio até mim e me disse que Grace tinha sido assassinada. Que ela tinha uma filha e que você ia começar a participar da Mythos no outono. Eu imediatamente disse a Aurora que eu queria que você trabalhasse aqui na biblioteca comigo.

Eu franzi o cenho. — Mas por quê? Por que você faria isso?

Especialmente dado a como você tem me tratado. Eu não disse as palavras, mas elas ficaram penduradas no ar entre nós, zangadas e não ditas.

— Porque você é a filha da Grace, — Nickamedes disse em uma calma voz. — E eu amava muito sua mãe.

A revelação me surpreendeu. O nervoso, mal-humorado Nickamedes e minha – minha – mãe. Juntos? Como um casal? Apaixonados? Isso não fazia nenhum sentido. Mas então, eu imagino que Logan e eu não fazíamos muito sentido também. O feroz guerreiro Espartano e a garota Cigana que tinha acabado de aprender como lutar.

— Me desculpa pela forma como eu agi em direção a você, — Nickamedes disse. — Nosso término foi mais... conturbado, como você pode imaginar. Eu pensei ter superado sua mãe, ou ao menos ter superado minha raiva por ela ter partido, mas então você veio para a Mythos. E você se parece tanto com ela, especialmente quando você sorri. Mais do que isso, você é esperta e forte, justo como ela era também.

O rosto do bibliotecário suavizou-se, e por um momento eu tive o vislumbre de como ele era quando mais novo – do cara que minha mãe tinha se apaixonado por todos aqueles anos atrás. Então, Nickamedes limpou sua garganta novamente, e a imagem desapareceu.

— Eu imagino que eu tenho descontado minha raiva pela sua mãe em você, Gwendolyn, e isso não é justo. Eu queria me desculpar por isso. Isso

não irá acontecer novamente.

Eu não disse nada. Eu não sabia o que *dizer*. Nickamedes amando minha mãe; minha mãe querendo uma vida normal; minha mãe desistindo de ser Campeã da Nike. Era muito a se assimilar, e uma centena de perguntas diferentes ocupou minha mente.

— Enfim, — Nickamedes disse. — Eu achei que você deveria saber por que eu tratei você da maneira que tratei, e eu queria que você ficasse com isso.

Ele estendeu a foto, e meus dedos tremeram enquanto eu a pegava. Minha psicometria engatilhou imediatamente, e eu senti todas as coisas que minha mãe e Nickamedes sentiram, desde eles dois manuseando a foto. Na maior parte, eu obtive clarões das boas lembranças da minha mãe e seu arrependimento doloroso pela maneira com que as coisas terminaram entre eles dois. Eles eram os mesmos sentimentos que Nickamedes tinha, embora os dele estivessem agora misturados com a determinação de fazer o certo comigo – de me proteger da mesma maneira que Metis jurou que ela protegeria.

— Obrigada por isso, mas eu acho que você precisa dela mais do que eu. — Eu estendi a foto para ele. — Guarde-a como uma lembrança da minha mãe. Eu acho que ela iria querer isso.

Nickamedes assentiu e pegou a foto de volta. Seus dedos demoraram-se no rosto da minha mãe, e eu podia dizer que ele estava pensando sobre ela novamente e desejando que as coisas tivessem sido diferentes entre eles. Finalmente, o bibliotecário ergueu seu olhar ao meu mais uma vez, seus olhos azuis que eram muito parecidos com os de Logan.

— E agora, a última coisa que eu gostaria de lhe dizer essa noite. Você não pode desistir, Gwendolyn, — Nickamedes disse. — Você tem que continuar lutando justo como o resto de nós.

Eu suspirei. — Qual é o objetivo? Loki está livre por minha causa. Porque eu falhei em proteger a Adaga Helheim, ele e os outros Ceifadores vão matar as pessoas. Você sabe, começar outra Guerra do Caos, mergulhar

o mundo em uma escuridão eterna, esse tipo de coisa.

Eu estive meio que inconsciente disso na floresta, mas eu sabia que Oliver tinha encontrado a adaga ao lado do corpo de Preston. Eu não tinha ideia o que aconteceria ao artefato agora. Talvez os Poderosos Que Eram o colocariam em exposição aqui na Biblioteca de Antiguidades como uma lembrança da minha falha épica.

— Escute-me, Gwendolyn Cassandra Frost, — Nickamedes disse em um tom afiado.

Eu pisquei, me perguntando como o bibliotecário sabia meu nome do meio, mas eu decidi não perguntá-lo uma vez que ele estava olhando fixamente para mim — *novamente*.

— Você é a Campeã de Nike exatamente como sua mãe foi antes de você, — o bibliotecário vociferou. — E eu não terei o bom nome de Grace Frost arrastado na lama porque você está muito ocupada se lamentando e se remoendo para fazer o que dever ser feito. Há uma guerra se aproximando, e nós temos que fazer o nosso melhor para vencê-la, o que significa que você precisa começar a polir aquela sua espada falante. Você me entende?

Talvez fosse o tom mal-humorado de Nickamedes ou o olhar feroz no seu rosto. Ou talvez fosse porque eu senti todas as coisas que ele sentia pela minha mãe — todo o amor e toda a dor do arrependimento. Mas nesse momento, nesse instante, ele me deu uma centelha de esperança que talvez não fosse muito tarde. Que talvez nós pudéssemos descobrir uma maneira de derrotar Loki afinal de contas.

Que talvez eu pudesse realmente matar o deus, como eu deveria fazer.

— Eu entendo, — eu disse.

— Bom, — Nickamedes disse.

Nossa conversa estava terminada. Eu fiquei de pé, e Nickamedes fez o mesmo. Eu disse a ele boa noite, depois me virei e segui para fora da biblioteca.

— E não se atrase para o seu turno amanhã! — o bibliotecário gritou enquanto eu atravessava as portas duplas.

Ao invés de me irritar, suas palavras realmente me fizeram sorrir. Era reconfortante saber que sem importar quanto ruins as coisas ficassem, algumas coisas nunca iriam, jamais mudar.

28

DEIXEI A BIBLIOTECA E DESCI AS ESCADAS. EU PAREI UM MOMENTO PARA olhar para a estátua grifo, aquela que protegeu a Adaga Helheim por tanto tempo.

— Sinto muito, — eu sussurrei. — Eu falhei com você.

Talvez fosse apenas um truque do luar, mas pareceu que o grifo mergulhou sua cabeça em desapontamento. Eu suspirei mais uma vez. Apesar da conversa estimulante com Nickamedes, não havia como superar o fato de que as coisas não tinham saído bem às vinte e quatro horas passadas. Nada bem.

Eu me virei para olhar de volta à biblioteca uma última vez — foi quando eu a vi.

Ela estava de pé no topo dos degraus da biblioteca, perfeitamente

enquadrada por um trecho do luar. Cabelo bronze fluído passando seus ombros, as grossas ondas combinando com as dobras do vestido branco semelhante à toga que cobriam seu delgado, corpo forte. Seu rosto estava tão lindo quanto sempre, embora suas feições parecessem tão frias quanto mármore na escuridão. Eu me foquei nos seus olhos – olhos que não eram muito arroxeados, mas não realmente acinzentados também. Mesmo agora, aqui, eles me lembraram da cor do crepúsculo.

— Nike, — eu sussurrei.

— Oi, Gwendolyn, — a deusa disse.

A deusa Grega da vitória deslizou os degraus abaixo para mim, seus pés mal parecendo tocar na pedra. Suas asas arqueadas para cima sobre suas costas como as duas metades de um coração, as penas se agitando com seus movimentos graciosos e elegantes. Enquanto a deusa se aproximava de mim, eu mais uma vez senti seu poder – o frio, lindo, terrível poder que rolava do seu corpo em ondas intermináveis e incontroláveis.

— Oi, Gwendolyn, — Nike disse novamente, me dando um sorriso suave.

A expressão serena da deusa não me confortou. Nada. Não depois de eu ter falhado com ela tão miseravelmente.

Eu engoli. — Eu imagino que você está aqui para pegar Vic de volta e que você irá tirar minha magia, também, enquanto você está aqui e dá-la a outra pessoa. Alguém que merece.

Ela franziu o cenho. — Porque eu alguma vez faria isso?

Eu engoli novamente, mas eu apenas não parecia conseguir me livrar do carço apertado que entupia minha garganta. — Porque eu falhei com você, — eu sussurrei. — Porque eu não fui capaz de esconder a adaga novamente. Porque Vivian a usou e o meu sangue para libertar Loki. Porque agora, ele vai mergulhar o mundo em uma segunda Guerra do Caos.

Porque as pessoas vão morrer, e é tudo minha culpa.

Eu não podia parar as lágrimas de deslizarem nas minhas bochechas novamente. — Tudo culpa minha.

— Oh, Gwendolyn, — Nike disse, movendo-se para frente. — Não é sua culpa. Isso era o que sempre ia acontecer.

Eu franzi o cenho. — Eu não entendo. Como Loki se libertando é o que sempre ia acontecer? Você – você sabia sobre tudo isso? Que os Ceifadores encontrariam a adaga e o libertariam no final?

A deusa lentamente assentiu sua cabeça, seus olhos firmes em mim.

Confusão me ocupou. — Mas – mas *por quê?* Porque você deixaria isso acontecer? Se você sabia que eu ia falhar, então porque você me pediria para procurar pela adaga? Porque não deixá-la escondida? Se você sabia que eu não obteria sucesso, porque você não escolheu outra pessoa para ser sua Campeã?

Ao invés de responder minhas perguntas, Nike se ajeitou nos degraus de pedra, bem ao lado das suas estátuas de grifos. Ela arrumou seu vestido sobre seus joelhos, depois afagou o lugar ao lado dela, seus dedos deixando fracas marcas na escura nevasca que já tinha se reunido. Aturdida, eu me afundei ao lado da deusa, cuidadosa em não tocá-la. Nike poderia afirmar que ela não ia retirar minha magia ou me incinerar no local, mas ela sempre podia mudar de ideia.

— O que os seus livros de história-mítica não contam a você é que a prisão de Loki sempre teve a intenção de ser uma solução temporária, — Nike disse. — Mas o tempo tem um significado diferente para os mortais que não tem aos deuses, e enquanto os séculos passaram, e Loki permaneceu aprisionado, a maior parte dos membros do Panteão pensou que significava que ele tivesse ido para sempre – que ele ficaria aprisionado até o fim dos tempos.

— Tudo bem, — eu disse, tentando entender. — Então os outros deuses prendendo Loki não significava que duraria para sempre, mas era mais como colocar uma fita adesiva em algo até que você pudesse consertar

para sempre. Mas por que me pedir para encontrar a adaga? Que bem isso faria?

— Era uma parte necessária na cadeia de eventos, — Nike disse.

Eu olhei para a deusa. — Necessária? O que era *necessário* sobre tudo isso? Eu quase morri, e eu matei alguém no processo, usando a magia que você me *deu*. E Samson e os outros jovens no coliseu e Nott *morreram*. Qual era o objetivo de tudo isso? De toda essa dor?

Nike me deu um olhar triste. — Dor é parte da vida, Gwendolyn, para mortais e para deuses semelhantemente.

— Todos nós somos apenas peças de brinquedos para você, não somos? — eu murmurei em uma voz amarga. — Como bonecos que você pode mover e brincar sempre que você desejar.

Subitamente, eu soube por que minha mãe tinha desistido de ser Campeã da Nike. Eu podia imaginar exatamente como ela se sentiu, dia após dia, lutando contra os Ceifadores, tentando fazer a coisa certa, mas não tendo nenhuma pista sobre o que os deuses estavam realmente planejando por trás das suas costas e como isso iria impactá-la. Sem admirar que minha mãe tivesse deixado a Mythos Academy e o mundo mitológico que ela representava para trás. Sem admirar nem um pouco.

— Sua mãe sentiu-se dessa forma, também, — Nike disse, quase como se ela pudesse ouvir meus pensamentos. — Ela sentiu-se como se eu estivesse usando-a para alcançar certos propósitos.

— Você estava?

A deusa me deu um sorriso torto. — É um negócio difícil, tentar salvar o mundo. Algumas pessoas fazem sacrifícios para que outras possam viver e prosperar.

— Mas por que eu? Por que *eu* tenho que ser aquela a fazer sacrifícios?

— Porque você é forte o bastante para fazê-los, Gwendolyn, — Nike disse. — Você é forte o suficiente para continuar sem importar o quanto sombrio e sem esperanças as coisas fiquem, mesmo se você não acha que seja. Você poderia ter desistido quando o Ceifador apunhalou você. A

maioria das pessoas teria. Mas ao invés disso, você descobriu uma maneira de salvar-se. Isso faz de você muito esperta e muito, muito forte. É isso que os Ceifadores temem de você – é por isso que o próprio Loki teme você.

Eu seriamente duvidava que Loki temesse qualquer coisa, especialmente a mim, mas eu não argumentei com a deusa. Nós ficamos sentadas ali em silêncio por vários momentos, observando a lua e nuvens cruzarem o céu noturno. Finalmente, Nike falou novamente.

— Agora, você tem uma decisão a tomar, Gwendolyn – se você deseja ou não continuar como minha Campeã.

Eu olhei para a deusa. — Você realmente me deixaria desistir? Apenas assim? Por quê? Você é uma deusa. Eu posso sentir o poder que você tem. Eu imagino que você possa fazer com que eu faça qualquer coisa que você queira.

— Eu poderia fazer você continuar como minha Campeã, mas seu coração não estaria nisso, e você rapidamente viria a me odiar por isso. Você tem livre escolha, Gwendolyn, apenas como cada criatura, mortal, e deus têm. Lembre-se disso, porque é a coisa mais importante que eu alguma vez lhe direi. Nunca se esqueça disso, porque é exatamente o que Loki e seus Ceifadores estão tentando arrancar de você – seu direito de escolher seu próprio destino.

Nike hesitou. — Eu sei que você já perdeu muito, que você já sofreu muito, e se você desejar ser liberada como minha Campeã, então eu farei isso por você.

Eu queria tanto dizer *sim*. Fingir que eu nunca tinha ouvido falar sobre Nike, Loki, ou qualquer um dos demais, apenas como minha mãe tinha feito. Voltar para apenas Gwen Frost, aquela garota Cigana estranha que tocava coisas e via coisas. Mas eu não pude me impedir de fazer a pergunta inevitável.

— E o que aconteceria se eu desistisse? — eu perguntei. — À academia? Aos meus amigos?

Nike encolheu de ombros. — A academia seria invadida por

Ceifadores e eventualmente destruída – e também seriam seus amigos.

Ela disse isso tão calmamente, friamente, como se fosse uma conclusão inevitável, como se houvesse uma gigante ampulheta em algum lugar e a areia já estivesse escorrido para fora dela para selar o destino dos meus amigos e de todos os outros na Mythos.

— E se eu continuar como sua Campeã? O que você quer que eu faça agora que Loki está livre? Como eu posso pará-lo e aos Ceifadores?

— Há apenas uma maneira de finalmente por fim ao conflito entre Loki, Ceifadores, e os membros do Panteão, — Nike disse em uma voz ameaçadora. — Alguém deve matar Loki, e esse alguém é você, Gwendolyn.

Vivian havia dito a mesma coisa para mim voltando à mansão, mas ouvir isso de Nike fez parecer até mesmo mais impossível do que antes.

— Mas – mas *como* eu deveria fazer isso? — eu falei cuspindo. — Eu não consegui impedir os Ceifadores de libertar Loki em primeiro lugar. Como eu deveria matá-lo? Ele é um *deus*, no caso de você não ter percebido.

Nike arqueou uma delicada sobrancelha com meu tom áspero, mas eu não recuei e não afastei o olhar dela. Matar um deus. Ela realmente esperava que eu matasse um ferrado *deus*. Eu tinha visto Loki, e eu senti exatamente o quanto poderoso ele era, mesmo embora ele estivesse preso na sua prisão mitológica por séculos. Eu não achei que eu poderia apenas andar até ele e apunhalá-lo no coração com Vic.

— Por que *você* não pode fazer isso? — Eu perguntei, um suplicante tom crepitando na minha voz. — Você o derrotou uma vez. Certamente você pode fazer isso de novo.

Nike negou com sua cabeça. — Depois das ações de Loki conduzirem à morte de Balder, todos os outros deuses uniram-se e fizeram um pacto onde nenhum deus fosse capaz de matar outro. É por isso que eu não matei Loki no final da Guerra do Caos. É por isso que ele foi aprisionado ao invés.

A deusa olhou para mim. — Mas nós nunca dissemos nada sobre mortais, veja você. Se uma Campeã mortal é forte o suficiente, se uma

Campeã mortal é esperta o suficiente, então ela pode matar um deus – mesmo um tão poderoso quanto Loki. Mas você deve agir rapidamente, Gwendolyn. Nesse momento, ele ainda está fraco da sua prisão, mas não vai demorar antes que ele comece a ganhar poder – e ainda mais seguidores.

— Mas eu nem sequer sei onde ele está, e nem Metis ou os outros membros do Panteão sabem, — eu disse. — Como eu sequer deveria encontrá-lo?

— Você não terá que encontrá-lo, — Nike disse. — Seus espiões estão em todos os lugares, e ele virá à academia mais cedo ou mais tarde. Há muitos artefatos aqui que ele quer, muitas coisas poderosas e pessoas aqui que ele precisa a fim de finalmente nos derrotar.

Eu envolvi meus braços ao meu redor, tentando repelir o calafrio que eu senti com as suas palavras, mas não funcionou. Meus olhos varreram o quadrilátero, com seu conjunto de prédios antigos, bancos de ferro, e árvores muito altas. Quando eu vim pela primeira vez à Mythos, eu odiei a academia, mas agora, eu não podia me imaginar indo à escola em qualquer outro lugar. De alguma forma, ao longo dos poucos meses, ela se tornou uma segunda casa para mim, um lugar onde eu estava lentamente aprendendo a me encaixar, um lugar onde eu estava lentamente aprendendo a me fortalecer.

E tudo isso seria destruído se Loki não fosse impedido – se eu não descobrisse alguma forma de matar o deus diabólico.

— Agora, Gwendolyn, eu devo ter sua resposta. Você irá continuar a me ajudar a lutar contra Loki? Você irá fazer o que você pode, o que você deve, para salvar a todos nós?

Eu pensei em Logan, Daphne, e todos os meus outros amigos. Eu pensei nos solos da academia sendo invadidos por Ceifadores, em Ceifadores matando todos que eles pudessem colocar suas mãos. Eu pensei em todas as estátuas da academia e prédios desintegrando ao pó. Eu pensei na escuridão caindo sobre o mundo da maneira que tinha acontecido na clareira da floresta na noite passada. E eu soube qual minha resposta seria – qual ela

sempre seria, enquanto eu tivesse fôlego sobrando para lutar.

— Eu continuarei. Eu continuarei como sua Campeã. — Eu olhei para a deusa. — Apenas não me culpe se você terminar sendo desapontada. Você sabe, ter o destino de todo o mundo nos meus ombros é uma maldita de uma pressão.

— Eu nunca poderia me desapontar com você, Gwendolyn, — Nike disse em uma voz suave. — Você tem tudo o que é bom sobre mortais. Seu coração é puro, e você faz o melhor que pode, sem importar quanto difícil a situação seja. Você sempre tenta, e é tudo o que alguém pode pedir de um Campeão.

Eu não sabia sobre as partes boas e puras, mas eu não ia argumentar com ela. Não agora.

Nike se levantou aos seus pés. — E agora, eu tenho um presente para você, Gwendolyn. Uma visita de um velho amigo.

Unhas estalaram sobre a varanda acima das nossas cabeças, e eu me virei, querendo saber sobre o som. Um momento mais tarde, Nott entrou em vista.

— Nott, — eu sussurrei.

Eu corri subindo os degraus e lancei meus braços ao redor do pescoço do lobo. — Oh, Nott!

Lágrimas desciam nas minhas bochechas, e eu comecei a esfregar as orelhas do lobo. Elas pareciam bastante reais sob meus dedos. Nott soltou um pequeno murmúrio de felicidade.

— Eu sinto, sinto tanto, Nott, — eu disse através das minhas lágrimas. — Eu tentei o meu melhor para te salvar.

O lobo lambeu meu rosto, e eu senti seu gentil entendimento e perdão ocupando a minha mente, junto com outro pensamento. Com meus braços ainda ao redor do lobo, eu me virei para olhar para Nike. A deusa subiu os degraus para onde nós estávamos.

— Você a enviou para mim, não enviou? Mas por quê? E como? Eu não achei que você poderia me ajudar assim. — Outro pensamento

estourou na minha cabeça. — É por isso que Nott teve o seu filhote tão cedo? Você a ajudou com isso também?

Nike assentiu. — Sim, em ambos os casos. Eu sabia que você precisaria de ajuda na floresta quando Loki fosse libertado, e você salvou Nott antes quando você a libertou do garoto Ceifador. Então eu fui até ela e pedi pela sua ajuda. Ela concordou em barganhar a sua vida pela dela. E você está certa. Os deuses não podem interferir com mortais, mas Nott não é totalmente mortal, agora ela é?

Um pequeno, sorriso de satisfação curvou nos seus lábios, e eu soube sobre o que ela estava realmente falando – outra brecha. Apenas como escolher um Campeão era uma maneira dos deuses de se certificarem que suas instruções fossem cumpridas aqui no mundo mortal. Algumas vezes eu me perguntava por que os deuses se incomodavam com leis em primeiro lugar desde que eles sempre procuravam por maneiras de contorná-las.

— Mas ela morreu, — eu sussurrei. — Por que ela iria querer morrer?

— Nott estava doente, Gwendolyn, — Nike disse. —

Pouquíssimos membros do Panteão sabem disso, mas os Ceifadores usam uma droga potente, um veneno de fato, para treinar os lobos Fenrir e as outras criaturas. É o que transforma sua pelagem e olhos naquela estranha cor vermelha. Os Ceifadores começam a alimentá-los no dia em que eles nascem para que eles possam controlá-los. É por isso que tantos lobos e outras criaturas obedecem aos Ceifadores e não tentam lutar contra eles – porque as criaturas precisam dessa dose diária da droga para mantê-las vivas. Sem isso, as criaturas lentamente, dolorosamente morrem.

Eu achei que houvesse algo errado com Nott, dado a como ela pareceu cansada. Eu achei que talvez fosse porque ela estava para ter um filhote, mas de verdade, tinha sido o envenenamento da droga trabalhando nela todo o tempo, lentamente corroendo o seu corpo.

— Mas certamente existe um antídoto, — eu disse. — Alguma forma de reverter o veneno.

Nike negou com sua cabeça. — Não no caso de Nott. Ela foi

alimentada com o veneno por muito tempo.

Outro horrível pensamento ocupou minha mente. — Mas e sobre a Nyx? Ela vai ficar bem?

— O filhote de lobo vai ficar bem, — Nike disse.

Alívio me satisfez agora, e eu acariciei as orelhas de Nott mais uma vez.

— Mas agora, eu temo que seja hora para nós irmos, — Nike disse com uma voz gentil. — Mesmo agora, Loki está começando a se movimentar contra os membros do Panteão. Eu tenho preparações para elaborar, velhos amigos e aliados para invocar.

Eu assenti e enxuguei as lágrimas das minhas bochechas. — Eu vou sentir tanto a sua falta, — eu sussurrei para o lobo. — Tanto. Mas eu vou cuidar bem da Nyx para você. Eu prometo.

Nott lambeu minha mão, depois se afastou.

Eu fiquei de pé, e Nike se aproximou mais uma vez. A deusa se inclinou e me beijou na bochecha. Assim que ela me tocou, eu senti seu poder tomar conta de mim como ondas de gelo movimentando-se contra minha pele. Mas não era uma sensação ruim. Pelo contrário, eu quase senti como se eu estivesse compartilhando a sua força, mesmo que apenas por um momento. Essa sensação, a imensa sensação de poder, me deu a coragem que eu precisava para continuar, sabendo o que ela esperava de mim, sabendo o que eu tinha que fazer para salvar a todos nós – encontrar uma forma de matar Loki.

— Cuide-se, Gwendolyn Frost, — Nike disse. — Fique bem e mantenha-se forte até nós nos encontrarmos novamente, para que você seja testada – mais cedo que você pensa.

Depois, elas duas retrocederam, derretendo-se no luar, até que houvesse apenas sombras e gelo acumulado ao meu redor mais uma vez.

BU NÃO ACHEI QUE ELAS FOSSEM, EU NÃO ACHEI QUE ELAS *PUDESSEM*, mas lentamente, as coisas voltaram ao normal. Eu fui à aula, cuidei de Nyx, e saí escondida do campus para ir ver minha Vovó Frost. Eu até mesmo continuei trabalhando nos meus turnos habituais na Biblioteca de Antiguidades. Eu não podia dizer que Nickamedes e eu éramos melhores amigos, mas nós não discutíamos um com outro em toda chance que nós tínhamos, também. Isso era uma melhoria, eu supus.

Mas o ânimo na Mythos Academy estava tenso. Os Poderosos Que Eram convocaram uma assembleia por toda a escola e realizaram um funeral para os jovens e outros companheiros que morreram no Coliseu Crius. Depois que o funeral terminou, os Poderosos Que Eram disseram a todos que os Ceifadores finalmente conseguiram libertar Loki, contudo eles não

mencionaram exatamente como isso aconteceu ou a parte que eu diverti as coisas. As reações dos jovens variaram ao estado de choque para assustados à imediatamente querendo ir à guerra com os Ceifadores. Eu conhecia esses sentimentos – todos e cada um deles – porque eles eram os mesmos com os quais eu lutava todos os dias.

Apenas eu realmente deveria *matar* Loki, e eu não tinha ideia de como proceder para fazer isso – se isso fosse sequer possível, para começar. Eu disse a Metis e Vovó Frost o que Nike me contou o que ela disse que eu tinha a fazer, mas eu não compartilhei minha missão com meus amigos. Não havia objetivo em preocupá-los.

Eu estava preocupada o bastante por todos nós.

Alguns dias mais tarde, Daphne, Carson, e eu estávamos sentados no refeitório. Daphne e Carson estavam se beijando, e eu estava escolhendo a misteriosa carne froufrou que os chefes tinham decidido preparar para o almoço. Apenas outro dia na Mythos Academy, apesar do fato de que um deus diabólico estava solto.

Daphne soltou outro sorrisinho, e uma chuva de faíscas rosadas encheram o ar. Eu rolei meus olhos e abaixei meu garfo.

— Tudo bem, é sério? Vocês dois estão ficando durante o almoço, também? Vocês sabem o quanto isso é nojento? Alguns de nós estão tentando comer, — eu murmurei.

— Não mais, — Daphne disse. — Você abaixou o garfo.

— Tanto faz, — eu disse. — E Carson? Você deveria saber que você está usando o brilho labial da Daphne de novo.

Carson corou, ergueu um guardanapo, e começou a esfregar seu rosto com ele. Daphne apenas riu, se inclinou para frente, e plantou outro beijo no rosto do cara nerd membro da banda. Eu rolei meus olhos novamente,

mas eu não era a única vendo o casal feliz – Savannah também estava.

A linda Amazona estava sentada na mesa há alguns metros de distância de nós, junto com Talia e Morgan, que parecia ter se tornado amiga delas. Eu não tinha falado com Savannah, mas todos na Mythos sabiam que Vivian era realmente uma Ceifadora e Campeã de Loki. Os Poderosos Que Eram contaram a todos sobre Vivian, durante a assembleia. Savannah e Talia estavam ambas pegando suas comidas e Savannah tinha uma particular expressão miserável no seu rosto.

— Eu verei vocês dois mais tarde, tá? Há algo que eu tenho a fazer.

Daphne e Carson acenaram adeus para mim, depois começaram a se beijar novamente. Eu peguei minha bolsa e andei até a mesa de Savannah. Eu fiquei em pé ali quase um minuto antes que a Amazona decidisse parar de fingir que ela não podia me ver.

— O que você quer? — ela finalmente murmurou.

Eu inspirei. — Eu só quero dizer que eu sinto muito sobre Logan ter terminado com você. Eu sei o quanto você gostava dele, e eu sei o quanto nós dois magoamos você. Eu sinto muito, por tudo.

Savannah piscou como se ela não pudesse acreditar que eu tivesse acabado de me desculpar com ela. Talia pareceu tão chocada quanto, contudo Morgan sorriu para mim. Eu me perguntei se a Valquíria alguma vez quis contar à Jasmine que ela estava arrependida por ficar com Samson, mas lógico, era muito tarde.

Desculpar-me com Savannah era algo sobre o qual eu estive pensando por um tempo. Eu não sei se faria alguma diferença para a outra garota, e eu certamente não esperava que ela gostasse ou até mesmo me perdoasse, mas era algo que eu precisava fazer para mim mesma. Mesmo embora eu não tivesse tido a intenção, eu magoei Savannah, e eu queria tentar consertar as coisas.

Savannah olhou acima para mim, seus olhos estreitos, como se ela não estivesse certa que eu estava falando sério. Depois, seu olhar escorregou para a mesa de Logan sentado com Oliver e Kenzie. Tristeza ocupou seu

bonito rosto.

— Eu sabia, — ela disse. — Eu sabia que Logan gostava de você na primeira vez que eu vi vocês juntos no baile de boas vindas. Eu só queria que fosse eu ao invés de você. Sabe?

— É, — eu disse em uma silenciosa voz. — Eu sei.

— Ele está olhando para você nesse momento.

Eu não me virei e olhei para o Espartano. Eu não estava completamente pronta para encará-lo. Não ainda. Ninguém falou por um momento. Tudo a nossa volta, o estalo e ruído de pratos soaram, misturados com a conversa dos outros alunos.

— Então vocês dois estão juntos agora ou o que? — Morgan perguntou.

Eu olhei para a Valquíria, e Talia a repreendeu na lateral com o cotovelo.

— O que? — Morgan perguntou, estremecendo. — Vocês sabem que eu não consigo resistir a uma boa fofoca.

— Eu não sei o que nós somos, — eu disse, respondendo Morgan. — Mas eu gosto dele. Eu nunca pensei que eu seria o tipo de garota que rouba o namorado de outra, mas eu imagino que eu me transformei nessa pessoa, afinal de contas. Justo como você disse que eu era no coliseu.

Morgan olhou para mim, depois sorriu de novo, faíscas verdes de magia piscando ao seu redor. — Não, Cigana. Você tem um longo caminho a percorrer até me alcançar.

Eu sorri de volta para ela.

— Além disso, — Morgan disse. — Eu disse a Savannah e Talia sobre como você me salvou naquela noite na Biblioteca de Antiguidades. Então elas sabem que você não é de todo ruim, embora Talia não admitirá isso.

Talia olhou para a outra garota, e Morgan rapidamente arrastou a sua cadeira para trás para que ela estivesse fora do alcance do cotovelo rápido e agudo da Amazona.

— Você se lembra? — eu perguntei. — O que aconteceu naquela

noite?

Um olhar assombrado encheu os olhos amendoados de Morgan. — Eu podia ver e sentir tudo que estava acontecendo. Eu só não podia fazer nada sobre isso.

As outras garotas olharam para ela com simpatia, mas Morgan fingiu que ela não tinha percebido seus olhares. Todos nós estávamos ficando boas em ignorar as coisas que nós não queríamos ver.

— Enfim, — eu disse. — Eu só queria que você soubesse que eu sinto muito. Eu vejo você por aí.

— Gwen? — Savannah chamou enquanto eu começava a me afastar.

Eu me virei para olhar para ela.

— Seja boa com o Logan, tá? — ela disse. — Ele merece.

Eu pensei sobre contar a ela que eu não sabia se Logan e eu estaríamos alguma vez juntos, que eu não sabia se o Espartano algum dia iria querer estar comigo de novo. Ao invés disso, eu apenas assenti.

— Não pense que isso signifique que eu não estarei chutando seu traseiro na aula de educação física toda a chance que eu conseguir, — Talia rosnou.

Eu sorri para ela.

— Eu não esperaria nada menos.

Na manhã seguinte, eu fui para o ginásio pela primeira vez desde que Vivian me forçou a libertar Loki. Oh, eu fui ao ginásio para as minhas aulas habituais, mas eu não tinha aparecido de manhã cedo para o treinamento de armas com Logan, Kenzie, e Oliver – até agora.

Eu também estava com o colar de floco de neve pela primeira vez

desde quando Loki escapou. Vovó Frost o limpou, e nenhuma partícula de sangue restou na corrente prateada. Ainda assim, sempre que eu tocava o colar, todos os horrores daquela noite voltavam correndo para mim, uma vez que todas as minhas sensações e emoções tinham encharcado o liso metal. Mas o delicado colar saiu ileso daquela longa noite quando ele não deveria, apenas como eu. Era um sinal da minha sobrevivência – e da esperança que eu tinha que Logan e eu pudéssemos superar nossos problemas também.

Eu era a primeira no ginásio, e eu puxei meu cabelo para trás em um rabo de cavalo. Eu caminhei para frente e para trás na frente da arquibancada onde Vic estava escorado e ensaiei o que eu ia dizer ao Espartano.

— Oh, apenas declare ao garoto o seu sangrento amor e acabe com isso, — Vic rosnou. — Essas coisas afetuosas me dão azia. Não concorda, bola de fiapos?

Nyx latiu, mas eu não sei se ela estava concordando com Vic ou zangada pelo apelido que a espada deu a ela. Os olhos da cor do crepúsculo do filhote estavam finalmente abertos, então eu a coloquei dentro da minha bolsa carteiro essa manhã e dei a ela uma volta pelo campus. Eu esperava que Nyx fosse ficar dentro da minha bolsa durante o treinamento com armas, mas o filhote já tinha saído. Agora, ela estava tentando pular em cima de um dos bancos. Sorrindo, eu me inclinei, a peguei, e a coloquei onde ela queria ir. Nyx lambeu minha mão e começou a correr para cima e para baixo, como um pirata correndo sobre uma prancha de madeira.

— Ela é bonitinha, — uma baixa voz chamou atrás de mim. — Apenas como Oliver disse que ela era.

Eu rodopiei. Logan estava em pé atrás de mim, usando jeans e uma T-shirt azul de manga longa que realçava seus olhos azuis gelo.

— Oi, — eu disse em uma voz suave.

— Oi, — Logan disse em um tom cauteloso.

Nós ficamos ali. Logan não se aproximou de mim; ele não me

provocou; ele não fez nada que me diria o que ele estava pensando. Finalmente, eu limpei minha garganta.

— Então onde está a sua comitiva? — eu perguntei.

Logan encolheu de ombros. — Eles pararam de vir alguns dias atrás. Todos têm coisas mais importantes para pensar agora que Loki está livre.

Eu assenti.

— O que você está fazendo aqui, garota Cigana? — Logan perguntou, seu olhar no meu rosto. — Eu liguei e mandei mensagens de texto para você dezenas de vezes, e você nunca respondeu uma única vez.

— Eu sei, — Eu disse. — E eu sinto muito sobre isso. Eu vim até aqui essa manhã para me desculpar por, bem, tudo. Mas especialmente por como eu agi fora da casa da Vovó Frost. Você veio me resgatar, você arriscou sua vida para me salvar, e eu não queria ter nada a ver com você. Eu sinto muito por isso. Sinto mais do que você jamais saberá.

Eu não dei desculpas, e não trouxe à tona o que eu passei no círculo de pedra, tudo que eu perdi e quanto isso me magoou. Carson me disse mais do que uma vez que todos os jovens tinham perdido alguém para os Ceifadores. Agora, eu tinha perdido, também. Primeiro, minha mãe e agora Nott. Sem mencionar os pedacinhos de mim mesma que eu sacrifiquei ao longo do caminho apenas para permanecer viva. E havia mais perda, sofrimento, e dor no caminho – para todos nós. Eu podia senti-los lá no fundo dos meus ossos.

Logan suspirou. — Eu sinto muito, também, garota Cigana. Por aquela noite na biblioteca quando eu acusei você de explorar o meu cérebro. Eu sei que você não pode evitar, que sua magia faz você ver coisas quer você queira ou não. A verdade era que eu estava com medo – medo que você me visse pelo covarde que eu realmente fui. Mas então quando eu descobri que você tinha sido levada pelos Ceifadores, tudo o que eu queria era ter você de volta – e não ser aquele covarde novamente.

— Você não é um covarde, — eu disse. — Eu nunca por um minuto pensei que você fosse um covarde. Eu sou uma covarde.

— Por que você diria isso?

— Porque eu quero você, mas tenho medo de estar com você.

Logan avançou na minha direção, mas eu estendi minha mão, impedindo-o.

— Eu não quero machucar você, — eu sussurrei. — Com minha — minha magia. Você não sabe como foi, arrancar a vida de Preston. E se eu me descuidasse e fizesse novamente? E se eu tocasse você e fizesse isso com você? Eu *nunca* me perdoaria. Eu não sei se eu posso me perdoar por fazer isso à Preston, mesmo se fosse a única maneira de me salvar. O pensamento de alguma vez machucar você, só — só me deixa *doente*.

Eu fechei meus braços ao meu redor e olhei para longe.

Logan estendeu a mão e segurou minha mão em concha na sua bochecha, erguendo meu rosto para o dele. Meus olhos se ampliaram com o seu suave toque e todas as emoções que eu senti derramando dentro de mim. Seu carinho, sua preocupação, seu entendimento. O quente, calor pulsante dos seus sentimentos me deixaram sem fôlego porque eram exatamente da mesma forma que eu sentia sobre ele. A mesma maneira que eu sempre senti sobre ele.

Logan me deu um sorriso torto. — Você não vai me machucar. Eu sei que não vai.

— Como você pode ter tanta certeza? — eu sussurrei.

Seu sorriso se ampliou. — Porque você é aquela garota Cigana, e eu sou o Espartano bad-boy. E eu acho que chegou a hora de nós finalmente ficarmos juntos, não acha?

Eu olhei para ele, todas aquelas emoções derramando em mim, queimando e queimando, mais brilhante e mais brilhante, mais quente e mais quente, até que elas não podiam mais ser contidas e houvesse apenas uma coisa que eu poderia fazer. Eu fiquei nas pontas dos pés, fechei meus braços ao redor do seu pescoço, e pressionei meus lábios nos dele.

Por um momento, o mundo apenas — parou — e tudo o que eu tomei conhecimento foi da sensação dos lábios de Logan nos meus, do firme

aperto dos seus braços ao meu redor, da dura força do seu corpo pressionando o meu. Era a sensação mais maravilhosa do mundo, e o beijo foi tudo que eu sabia que seria, tudo sobre o qual eu sempre sonhei – quente, doce, sexy, intenso.

Mas foi mais do que apenas um beijo. Pela primeira vez, Logan se abriu completamente para mim. Eu vi e senti tantas coisas, tantas memórias, tantas emoções. Todas as dúvidas de Logan e medos, todas as suas inseguranças, todas as preocupações que ele tentava tanto esconder de todo mundo. Eu senti sua força também – sua determinação em lutar contra os Ceifadores sem importar o que.

E o mais importante de tudo, eu percebi apenas o quanto ele se importava por *mim*.

Eu só senti – *tudo*. O quente, efervescente, vertiginoso ímpeto que Logan tinha no seu peito toda vez que eu sorria para ele. A satisfação acanhada sempre que eu ria de uma das suas piadas. A leveza sempre que nós estávamos provocando um ao outro. Até mesmo o orgulho que ele tinha em quanto longe eu tinha ido como guerreira.

Tudo isso me deixou mais feliz do que eu jamais pensei que eu poderia ficar.

Quando o beijo finalmente terminou, o Espartano abriu seus olhos.

— Wow, — ele suspirou. — Eu sei que eu beijo bem, mas você é tão boa quanto eu aqui, garota Cigana.

Eu rolei meus olhos, recuei, e o soquei no ombro.

O Espartano apenas riu.

Eu comecei a lutar com ele novamente, mas Logan agarrou minhas mãos, e me puxou para perto, e me beijou novamente. O resto do mundo apenas caiu...

— Woo! — alguém gritou, nos interrompendo.

Surpreendidos, nós dois recuamos, sem fôlego, e nos viramos para ver Oliver e Kenzie em pé na porta do ginásio, junto com Daphne e Carson. Todos os nossos amigos tinham sorrisos em seus rostos, e Daphne soltou um

alto grito e começou a bater palmas, faíscas rosadas dançando no ar ao redor dela.

— Eu imagino que o segredo foi revelado, — Logan disse.

— Eu imagino que sim, — eu respondi.

— Bem, já não era sem o sangrento tempo, — Vic murmurou do seu lugar na arquibancada. — Eu estava me perguntando se vocês dois algum dia iam cair na real.

Nyx latiu, concordando com a espada.

— Cala a boca, Vic, — eu disse com um sorriso.

Logan colocou suas mãos na minha cintura e inclinou-se para que sua testa estivesse tocando a minha.

Eu me maravilhei com a sensação da sua pele, com o forte círculo dos seus braços, e especialmente pelo fato de que não havia mais segredos entre nós.

Tá, as coisas estavam completamente arruinadas agora.

Loki estava lá fora em algum lugar, conspirando contra o Panteão, junto com Vivian, e os Ceifadores do Caos estavam se aprontando para se erguer mais uma vez.

Mas nesse momento, eu estava na academia, salva, com Logan e meus amigos.

Haveria bastante tempo para se preocupar amanhã. Sobre os Ceifadores, sobre Loki, e mais especialmente sobre como eu deveria matar o deus para sempre. Mas hoje – hoje era sobre eu e Logan e nossos sentimentos um pelo outro.

— Vamos lá, Logan! — Carson chamou do outro lado do ginásio. — Você pode fazer melhor do que isso! Ou eu tenho que ir até aí e mostrar a você como isso é feito!

Logan se virou e olhou para Carson, que estava rindo. Depois, o Espartano me encarou novamente.

— O que você me diz de nós darmos algo para eles realmente fofocarem, garota Cigana? — Logan sussurrou.

Eu arqueei minha sobrancelha. — Manda ver, Espartano.

— Jovens, — Vic murmurou em uma voz amorosa.

E foi a última coisa que eu ouvi antes de Logan abaixar seus lábios aos meus mais uma vez.

Continua...

Papyrus

“Qui sait beaucoup ne craint rien.”

“Do muito saber vem o nada a temer.”